

Paul B. Preciado

TESTO JUNKIE

Sexo, drogas e biopolítica na
era farmacopornográfica

M-1
edições

TESTO JUNKIE

Sexo, drogas e biopolítica na
era farmacopornográfica

Paul B. Preciado

© n-1 edições, 2018

Embora adote a maioria dos usos editoriais do âmbito brasileiro, a n-1 edições não segue necessariamente as convenções das instituições normativas, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e a especificidade de cada obra publicada.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart
e Ricardo Muniz Fernandes

ASSISTENTE EDITORIAL Inês Mendonça

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

TRADUÇÃO Maria Paula Gurgel Ribeiro

Com a contribuição de Verônica Daminelli Fernandes

PREPARAÇÃO Tadeu Breda e Fernanda Mello

REVISÃO Ana Godoy e Renata Monken

A reprodução parcial sem fins lucrativos deste livro, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

Paul B. Preciado

TESTO JUNKIE

Sexo, drogas e biopolítica na
era farmacopornográfica

*trabalho em curso do barão
Flaviano potig - SE
5 de junho de 2018*

*N-1
edições*

A nossos mortos: A. T. E. I. K. S. T.

A William

A Virginie, Pepa e Swann



- 13 **INTRODUÇÃO**
- 17 **1. SUA MORTE**
Videopenetração
- 25 **2. A ERA FARMACOPORNOGRÁFICA**
Cooperação masturbatória / *Potentia gaudendi*
/ Excitar e controlar
- 59 **3. TESTOGEL**
Pico / Encontro com T.
- 75 **4. HISTÓRIA DA TECNOSSEXUALIDADE**
- 91 **5. O CORPO DE V. D. COMEÇA A FAZER
PARTE DO CONTEXTO EXPERIMENTAL**
Primeiro contrato sexual / Fêmeas alfa /
Vício
- 109 **6. TECNOGÊNERO**
O crepúsculo da heterossexualidade
- 141 **7. DEVIR T.**
Estado-sofá-corpo-molécula / Devir molecular
/ O diabo em forma de gel

157

8. FARMACOPODER

Feitiçaria narcossexual / Ficções somáticas:
a invenção dos hormônios sexuais /
Controle pop: modos de subjetivação
farmacopornográfica / O panóptico ingerível
/ Embalando arquitetura disciplinar: a
embalagem *dialpak* e a invenção do panóptico
ingerível / Controle microprotético /
O hormônio inimigo: testosterona e terrorismo
de gênero / O futuro super-homem T. /
A pílula e o feminismo de Estado / Testo-tráfico

253

9. TESTOMANIA

Seu esperma e meus óvulos / Últimas brigas
/ Perdas / Frustração viciante / Testomania
/ Trans ou *junkie* / *Voucher* / *Baby carcass* /
Sarah

281

10. PORNOPODER

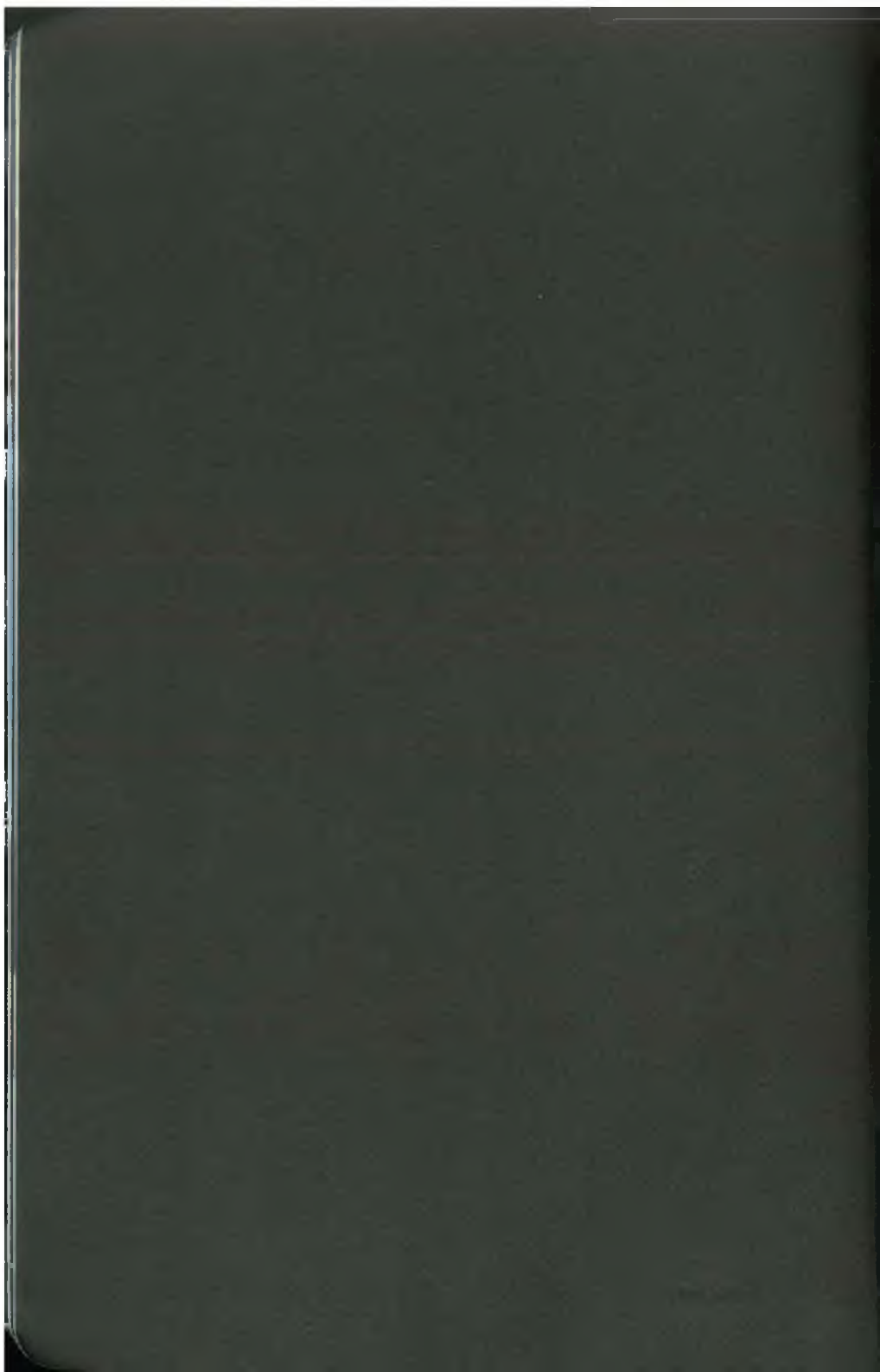
O imperativo pornográfico: Fode-te a ti mesmo
/ Pornificação do trabalho / *Sex copyright*:
tecnossignificantes lascivos / Paris Hilton
na cama com Max Weber / Sexódromos
urbanos / O trabalhador farmacopornográfico
/ Trabalho *übermaterial* / Divisão pornográfica
do trabalho / O que explode rapidamente,
extingue-se logo / Orifícios penetráveis e
extremidades penetrantes / *General sex* /
Devir ciborgue do trabalhador do sexo

335 **11. JIMI E EU**
Virginologia / Sobre a perfeição *queer* e sobre
como v. d. faz tudo da melhor maneira possível
/ Políticas do cuidado / A estrela da sorte
protética / Que se foda Beauvoir

351 **12. MICROPOLÍTICAS DE GÊNERO
NA ERA FARMACOPORNOGRÁFICA:
EXPERIMENTAÇÃO, INTOXICAÇÃO
VOLUNTÁRIA, MUTAÇÃO**
Micropolíticas pós-*queer* / Política *snuff* /
O princípio da autocobaia / Narcoanálise:
as origens psicotrópicas da crítica em Freud
e Benjamin / O dispositivo *drag king* /
Bioterrorismo de gênero / *Hackers* de gênero
e sexuais

417 **13. A VIDA ETERNA**
Braço peludo / 27 centímetros / Tamanhos /
Sex pictures / Mortes muito vergonhosas para
compartilhar / Gênio farmacopornográfico
/ Pico canino / Chapado de T. / Filosofia da
decapitação / Vida eterna

445 **AGRADECIMENTOS**



*Vivo em um mundo onde muitas coisas
que pensava impossíveis são possíveis.*

GUILLAUME DUSTAN. 1996

*E vós, que muitos beijos (aos milhares!)
já lestes, me julgais não ser viril?
Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos.*

CATULO



INTRODUÇÃO

Este livro não é uma autobiografia, mas um protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona a respeito do corpo e dos afetos de B. P. Um ensaio corporal. Uma ficção, na verdade. Se for preciso levar as coisas ao extremo, é uma ficção autopolítica ou uma autoteoria. Durante a escrita deste ensaio, ocorreram duas transformações externas no contexto do corpo experimental cujo impacto não pôde ser calculado e não pode ser considerado como parte deste estudo, no entanto, essas transformações criaram limites em torno dos quais se adere a escrita. Primeiro, a morte de G. D., a destilação humana de uma época que se esvai, ícone e derradeiro representante francês de uma forma de insurreição sexual por meio da escrita; quase que simultaneamente, o tropismo do corpo de B. P. para o corpo de V. D., uma oportunidade de perfeição — e de ruína. Registram-se, aqui, tanto as micromutações fisiológicas e políticas provocadas pela testosterona no corpo de B. P. quanto as modificações teóricas suscitadas nesse corpo pela perda, pelo desejo, pela exaltação, pelo fracasso ou pela renúncia. Meus sentimentos, pelo fato de serem exclusivamente meus, não me interessam: pertencem a mim e a mais ninguém. Não me interessa sua dimensão individual, mas sim como são atravessados pelo que não é meu. Ou seja, por aquilo que emana da história de nosso planeta, da evolução das espécies, dos fluxos econômicos, dos resíduos das inovações tecnológicas, da preparação para as guerras, do tráfico de escravos e de mercadorias, da criação de hierarquias, das instituições penitenciárias e de repressão, das redes de comunicação e vigilância, da

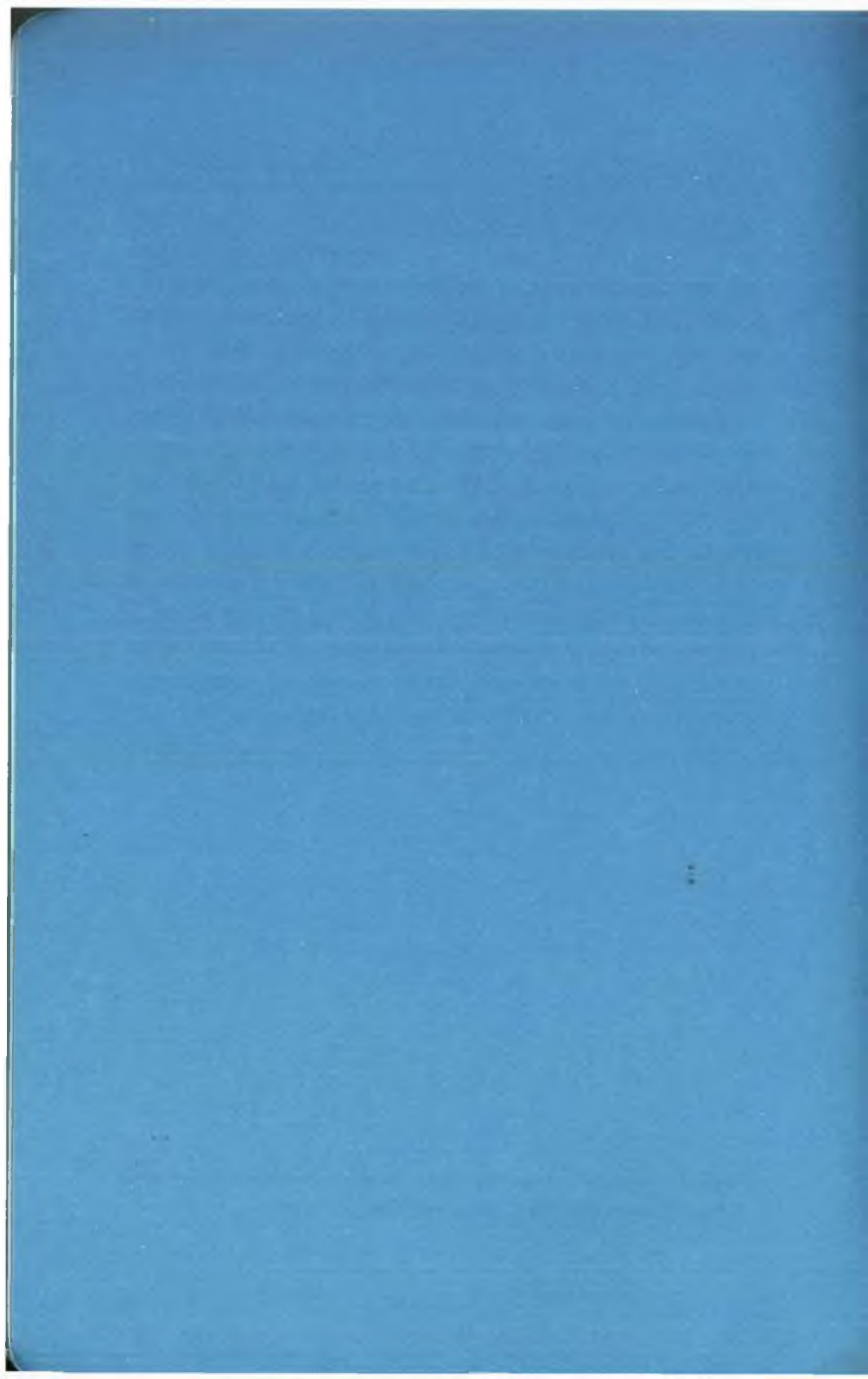
sobreposição aleatória de técnicas e de grupos de pesquisa de mercado e de blocos de opinião, da transformação bioquímica da sensibilidade, da produção e distribuição de imagens pornográficas.

Para alguns, este texto poderá representar um manual de bioterrorismo de gênero em escala molecular. Para outros, será apenas um ponto em uma cartografia da extinção. Neste texto, o leitor não chegará a uma conclusão definitiva sobre a verdade do meu sexo ou a profecias sobre o mundo que virá. Apresento estas páginas — que relatam o cruzamento de teorias, moléculas e afetos — para deixar uma marca de um experimento político que durou 236 dias e noites, e que hoje continua sob outras formas. Se o leitor percebe no presente texto uma série de reflexões filosóficas, relatos de aplicações de hormônios e detalhamentos de práticas sexuais, sem as devidas soluções que a continuidade fornece, é simplesmente porque é deste modo que se constrói e se desconstrói a subjetividade.

Pergunta: Se o senhor pudesse
ver um documentário sobre um filósofo,
sobre Heidegger, Kant ou Hegel,
o que gostaria de ver nele?

Resposta de Jacques Derrida:
Que falem de sua vida sexual.
Você queria uma resposta rápida, não?
A vida sexual deles.¹

¹ Jacques Derrida, in *Derrida*, filme dirigido por Kirby Dick e Amy Ziering Kofman. Nova York: Zeitgeist Video, 2003, DVD.



1. SUA MORTE

No dia 5 de outubro, Tim me anuncia sua morte chorando. Tim gosta de você, embora você nem o tenha tratado com generosidade em seus últimos livros. Ele me diz: “É o William”. Chora e repete: “É o William, é o William. Encontraram-no morto em seu novo apartamento de Paris. Não se sabe. Foi há dois dias, no dia 3. Não se sabe”.

Até agora ninguém sabia de sua morte. Você apodreceu dois dias na mesma posição em que caiu morto. Melhor assim. Ninguém veio lhe incomodar. Eles o deixaram sozinho com o seu corpo por tempo suficiente para abandonar toda esta miséria com calma. Choro com Tim. Não pode ser. Desligo o telefone e a primeira coisa que faço é ligar para V. D. Não sei por quê. Nós nos vimos duas vezes. Uma a sós. É você que me impele a discar o número dela. Você escuta nossa conversa. Seu espírito se espalha, formando uma névoa eletromagnética pela qual correm nossas palavras. Seu fantasma é um cabo que transmite nossas vozes. Enquanto falamos da sua morte, a voz dela desperta a vida que há em mim. “O mais forte é sua voz, eu acho”,¹ você dizia. Não me atrevo a chorar enquanto falo com ela. Desligo e então choro, porque você não quis continuar vivendo e porque, como dizia seu padraсто, “um poeta morto não escreve mais”.²

Nesse mesmo dia, umas horas mais tarde, aplico na pele uma dose de 50mg de Testogel para começar a escrever este livro. Não é a primeira vez. Essa é minha dose regular.

1 Guillaume Dustan, *Nicolas Pages*. Paris: Balland, 1999, p. 17.

2 Michel Houellebecq, *Rester vivant et autres texts*. Paris: Librio, 1997, p. 19.

As cadeias de carbono O-H3 C-H3 C-OH penetram gradualmente a epiderme até as camadas internas, até os vasos sanguíneos, as glândulas, as terminações nervosas. Não tomo testosterona para me transformar em um homem, nem sequer para transexualizar meu corpo. Tomo simplesmente para frustrar o que a sociedade quis fazer de mim, para escrever, para trepar, para sentir uma forma pós-pornográfica de prazer, acrescentar uma prótese molecular à minha identidade transgênero *low-tech* feita de dildos, textos e imagens em movimento, para vingar sua morte.

VIDEOPENETRAÇÃO

*Prefiro ficar cego a te ver partir*³

ETTA JAMES

20h35. Seu espírito entra pela janela e obscurece o quarto. Acendo todas as luzes. Coloco uma fita virgem na câmera de vídeo e a posiciono sobre o tripé. Acerto o enquadramento. A imagem é lisa, o quadro simétrico, o sofá de couro preto desenha uma linha horizontal na parte baixa da cena. A parede branca avança ligeiramente sobre essa linha, mas sem criar relevo. REC. Dirijo-me ao sofá. A câmera não capta o que deixei em uma mesa baixa: uma máquina de cortar cabelo, um espelhinho, uma folha branca, um saco plástico, uma cola hipoalergênica para uso facial, uma dose de 50mg de testosterona em gel, um lubrificante, um gel de dilatador anal, uma cinta peniana com um dildo realista de borracha de 24x6cm, um dildo realista preto de borracha de 25x6cm, outro dildo ergonômico preto de

³ Etta James, 1967.

silicone de 14x2cm, um barbeador e um creme de barbear, uma bacia plástica com água, uma toalha branca e um livro seu, seu primeiro livro, o sublime, o princípio e o fim de tudo. Entro no quadro. Eu me dispo, mas não completamente. Uso só uma regata preta. Como em uma cirurgia, exponho apenas os órgãos que serão afetados pelo instrumento. Puxo o espelho com o pé e o coloco sobre a mesa. Ligo a máquina de cortar cabelo. Ouço o barulho agudo, estridente — uma voz de criança cibernética que quer escapar do motor cospe na cara do passado. Ajusto as lâminas para que possam cortar a um centímetro. Seu espírito me dá um discreto sinal de aprovação. Sento no sofá, olho como metade da minha cara entra no espelho: tenho o cabelo curto e escuro, as lentes de contato desenharam uma fina auréola em volta da íris, minha pele é irregular, às vezes muito branca, às vezes salpicada de brilhos rosados. O espelho recorta um pedaço do meu rosto, impassível, sem centro. Fui definida como mulher, mas esse fato não pode ser percebido na imagem parcial do espelho. Começo a raspar a cabeça, da frente para trás, do centro para a esquerda, depois para a direita. Inclino-me sobre a mesa que recolhe o cabelo enquanto cai. Abro o saco plástico junto à mesa e faço com que o cabelo cortado deslize para dentro. Desligo a máquina e volto a regular as lâminas, desta vez no zero. Coloco uma folha branca sobre a mesa. Volto a ligar a máquina e a passo de novo por toda a cabeça. Sobre o papel cai uma chuva de cabelos curtos muito finos. Quando a cabeça fica lisa, desligo a máquina. Dobro a folha em duas para que os cabelos se precipitem para o centro, formando uma linha uniforme. Uma linha de cocaína preta. Faço uma linha de cabelo. É quase a mesma onda. Abro a cola e desenho, com o pincel úmido, um traço sobre meu lábio superior. Pego um

fio de cabelo entre os dedos e o sobreponho ao traço até que fique perfeitamente colado na minha cara. Bigode de bicha. Eu me olho no espelho. Meu olho de sempre, com a mesma auréola em volta da íris, agora está emoldurado por um bigode. O mesmo rosto, a mesma pele. Idêntico e irreconhecível. Olho para a câmera, levanto o lábio deixando os dentes à mostra, como você fazia. Este é seu gesto.

O envelope prateado que contém a dose de 50mg de testosterona em gel é do tamanho de um desses envelopinhos compridos de açúcar que lhe dão nos cafés. Rasgo o papel-alumínio: emerge um gel fino, transparente e frio que, ao tocar a pele do meu ombro esquerdo, desaparece imediatamente. Fica um vapor fresco sobre a pele, como a lembrança de um hálito glacial, o beijo de uma dama de gelo no ombro.

Agito o creme de barbear, deixo crescer uma bola de espuma branca sobre a mão esquerda e com ela cubro todos os pelos da pelve, os lábios da vulva, a pele em torno do ânus. Molho a lâmina do barbeador e começo a me raspar. Pelos e creme flutuam sobre a água. Algumas porções caem no sofá ou no chão. Desta vez não me corto. Quando toda a pele entre as minhas pernas está raspada, eu me enxáguo e me seco. Coloco a cinta, prendendo as fivelas nas laterais dos quadris. O dildo fica superereto na minha frente, formando um ângulo de noventa graus perfeito com a linha desenhada pela coluna vertebral. A cinta peniana está suficientemente alta para, se eu me inclinar, deixar à mostra dois orifícios bem diferentes. Cubro as mãos com lubrificante transparente e seguro um dildo em cada mão. Esfrego-os, lubrifico-os, aqueço-os, um em cada mão, e depois um contra o outro, dois paus gigantes que se enrolam um sobre o outro como em um filme pornô gay. Sei que a câmera continua filmando porque vejo a luz

vermelha piscando. Suspendo meu pau de plástico sobre os parágrafos tatuados para sempre nas páginas de *Dans ma chambre*.⁴ Este gesto é seu. O dildo esconde uma parte da página criando um limite que permite ler certas palavras e que esconde outras: "Nós rimos. Você foi comigo no carro. Olhei para você... Você me fez um sinal com a mão... havia anoitecido. Sei que deveria ter... nunca me apaixonei por ele. Mas era tão bom que me amasse. Era bom".⁵

Então, enfito cada um dos dildos nas aberturas da parte inferior do meu corpo. Primeiro o preto realista, depois o ergonômico no ânus. Para mim, é sempre mais fácil enfiar qualquer coisa no ânus, um espaço multidimensional, sem limites ósseos. Desta vez não é diferente. Estou de costas para a câmera, com os joelhos, as pontas dos pés e a cabeça apoiados no chão, os braços esticados sobre as costas segurando os dildos em meus orifícios.

Você é o único que poderia ler este livro. Diante desta câmera mais do que visível, "sinto pela primeira vez a tentação de fazer um autorretrato meu para você".⁶ Desenhar uma imagem de mim mesmo como se fosse você. Drag you. Travestir-me em você. Fazer você voltar à vida por meio dessa imagem.

Agora já estão todos mortos: Amelia, Hervé, Michel, Karen, Jackie, Téo e Você. Pertencem mais ao mundo de vocês do que ao dos vivos? Por acaso minha política não

4 *In my room*, primeira novela do escritor francês gay Guillaume Dustan.

5 "On a ri. Il m'a raccompagné en voiture. Je l'ai regardé. Il m'a fait un signe de la main avant/la nuit était tombée. Je sais que j'aurais dû / je ne serais jamais amoureux de lui. Mais c'était tellement bon qu'il m'aime. C'était bon." Guillaume Dustan, *Dans ma chambre*. Paris: POL, 1996, p. 155.

6 "J'ai pour la première fois la tentation d'un autoportrait pour toi." Hervé Guibert, *L'image fantôme*. Paris: Minuit, 1981, p. 5.

é a de vocês, minha casa não é a de vocês, meu corpo não é o de vocês? Reencarnados em mim, tomem meu corpo como os extraterrestres tomavam os norte-americanos para transformá-los em trastes viventes. Reencarna em mim, possui minha língua, meus braços, meus sexos, meus dildos, meu sangue, minhas moléculas, possui minha garota, minha cadela, habita-me, vive em mim. Vem. Vem. Por favor, não vá embora. Volte à vida. Segure-se em meu sexo. Baixo, sujo. Fique comigo.

Este livro não tem razão de ser fora da margem de incerteza entre mim e meus sexos, todos imaginários, entre três línguas que não me pertencem, entre você-vivo e você-morto, entre o meu desejo de carregar sua estirpe e a impossibilidade de ressuscitar seu esperma, entre seus livros eternos e silenciosos e o fluxo de palavras que se amontoam para sair através dos meus dedos, entre a testosterona e o meu corpo, entre V. e o meu amor por V.

De novo diante da câmera: "Esta testosterona é para você, este prazer é para você".

Não assisto ao que acabo de filmar na mini-DV. Nem sequer a digitalizo. Guardo-a na caixa vermelha transparente e escrevo na etiqueta: "3 de outubro, 2006. DIA DA SUA MORTE".

Os dias que antecedem e sucedem a sua morte estão marcados pelos meus rituais de aplicação de testosterona. O protocolo é doméstico; mais ainda, seria secreto, privado, a não ser pelo fato de que cada uma dessas aplicações são filmadas e enviadas, de forma anônima, a uma página da internet em que centenas de corpos transgênicos, corpos em mutação de todo o planeta, trocam técnicas e saberes. Nessa rede audiovisual, meu rosto é indiferente, meu nome, insignificante. Apenas a estrita

relação entre meu corpo e a substância é objeto de culto e vigilância. Espalho o gel sobre os ombros. Primeiro instante: sensação de um toque sobre a pele. Esta sensação se transforma em frio e depois desaparece. Então, nada acontece durante um ou dois dias. Nada. À espera. Depois se instala aos poucos uma lucidez extraordinária da mente, acompanhada de uma explosão de vontade de trepar, caminhar, sair, atravessar a cidade inteira. Este é o ponto culminante em que se manifesta a força espiritual da testosterona misturada ao meu sangue. Todas as sensações desagradáveis desvanecem. Diferentemente do *speed*, o movimento interior não é agitação nem ruído, mas o sentimento de estar em adequação ao ritmo da cidade. Diferentemente da cocaína, não há distorção da percepção de si, nem logorreia, nem sentimento de superioridade. Só uma impressão de força que reflete a capacidade expandida dos meus músculos, do meu cérebro. Meu corpo está em si. Diferentemente do *speed* e da coca, não há queda imediata. Depois de alguns dias, o movimento interior se acalma, mas a sensação de força, como uma pirâmide desvelada por uma tempestade de areia, permanece.

Como explicar o que me acontece? O que fazer com meu desejo de transformação? O que fazer com todos os anos em que me defini como feminista? Que tipo de feminista serei agora: uma feminista viciada em testosterona, ou melhor, um transgênero viciado em feminismo? Não me resta alternativa além de rever meus clássicos, submeter as teorias ao sobressalto provocado pela prática de tomar testosterona. Aceitar que a mudança que acontece em mim é a mutação de uma época.



2. A ERA FARMACOPORNOGRÁFICA

Nasci em 1970. A indústria automobilística, depois de alcançar o auge, começava a declinar. Meu pai tinha a primeira e mais importante garagem de Burgos, uma vila gótica de padres e membros do Exército onde Franco havia instalado a nova capital simbólica da Espanha fascista. Se Hitler tivesse ganhado a guerra, a nova Europa teria se assentado em torno de dois polos obviamente desiguais: Burgos e Berlim. Ou pelo menos era com o que sonhava o pequeno general galego.

A Garagem Central, como era chamado o florescente negócio do meu pai, estava situada à rue du General Mola, homenagem ao soldado que liderou o levante contra o regime republicano em 1936. Lá eram guardados os carros mais caros da cidade, os dos ricos e dos dignitários do regime de Franco. Na minha casa não havia livros, apenas carros. Chryslers Slant-6; vários Renaults Gordini, Dauphin e Ondine (apelidados de “carros das viúvas”, porque tinham fama de derrapar nas curvas e matar os maridos ao volante); Citroën D-S (que os espanhóis chamavam de “tubarões”); alguns Standards trazidos da Inglaterra e reservados aos médicos. Devo acrescentar a coleção de carros antigos que o meu pai comprou aos poucos: um Mercedes “Lola Flores” preto, um Citroën cinza Traction Avant dos anos 1930, um Ford 17 cavalos, um Dodge Dart Swinger, um Citroën “bunda de rã” de 1928 e um Cadillac 8 cilindros. Naquela época, meu pai investia na indústria de fabricação de tijolos, que desmoronou em 1975 (coincidentalmente, como a ditadura) com a crise do petróleo. No fim, acabou vendendo a coleção de carros para compensar a

ruína do negócio. Chorei por aqueles carros enquanto meu pai, me vendo crescer como um *tomboy*, choraria por isso.

Durante aqueles tempos idos, porém-não-tão-distantes, que hoje conhecemos como “fordismo”, a indústria automobilística sintetizou e definiu um modo específico de produção de consumo, uma organização temporal taylorista da vida caracterizada por uma estética policromada e lisa do objeto inanimado, uma forma de pensar o espaço interior e a vida urbana, um conflituoso arranjo do corpo e da máquina, um modo descontínuo de desejar e resistir. Nos anos que se seguiram à crise energética e ao declínio da linha de montagem, buscaram identificar outros setores em crescimento em uma nova economia global. É nessa época que os “experts” começam, então, a falar das indústrias bioquímicas, eletrônicas, informáticas ou de comunicação como novos suportes industriais do capitalismo... Mas estes discursos não eram o bastante para explicar a produção de valor agregado e a metamorfose da vida na sociedade contemporânea.

No entanto, é possível esboçar um novo mapeamento das transformações da produção industrial durante o último século, usando como eixo a gestão política e técnica do corpo, do sexo e da sexualidade. Em outras palavras, hoje é filosoficamente relevante realizar uma análise somatopolítica¹ da economia mundial.²

1 Refiro-me aqui à noção foucaultina de *somatopoder e tecnologia política do corpo*. Ver Michel Foucault, *Surveiller et punir: Naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975, pp. 33-36. [Ed.bras.: *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2016]. Ver também Michel Foucault, “Les rapports de pouvoir passent à l’intérieur du corps,” *La Quinzaine Littéraire*, n. 247, 1977, pp. 4-6.

2 Aqui eu utilizo a bem-conhecida expressão “economia-mundo” da forma como foi desenvolvida por Immanuel Wallerstein em *World-Systems Analysis: An Introduction*. Durham, NC: Duke University Press, 2004.

De uma perspectiva econômica, a transição para um terceiro tipo de capitalismo, depois dos regimes escravista e industrial, está geralmente situada em torno dos anos 1970; mas o estabelecimento de um novo tipo de “governo do ser vivo”³ emerge das ruínas urbanas, psíquicas, fisiológicas e ecológicas da Segunda Guerra Mundial – ou, no caso da Espanha, da Guerra Civil.

Mas vocês se perguntarão: como o sexo e a sexualidade chegam a se transformar no centro da atividade política e econômica?

Sigam-me: As mudanças do capitalismo a que vamos testemunhar se caracterizarão não só pela transformação do “sexo”, do “gênero”, da “sexualidade”, da “identidade sexual” e do “prazer” em objetos de gestão política da vida (como Foucault já havia intuído em sua descrição biopolítica dos novos sistemas de controle social), mas também pelo fato de que esta gestão em si mesma será levada adiante por meio das novas dinâmicas do tecnocapitalismo avançado, da mídia global e das biotecnologias. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos investiram mais dólares na pesquisa científica sobre sexo e sexualidade do que qualquer outro país ao longo da história. A aplicação de vigilância e biotecnologias para governar a sociedade civil começou no final da década de 1930: a guerra era o melhor laboratório para moldar o corpo, o sexo e a sexualidade. As técnicas necropolíticas da guerra progressivamente se tornarão indústrias biopolíticas para produção e controle de subjetividades sexuais. Pensemos simplesmente que o período entre o começo da Segunda Guerra Mundial e os primeiros anos da Guerra Fria constitui um

3 Michel Foucault, *Du Gouvernement des vivants. Cours au Collège de France (1979-1980)*. Paris: Gallimard/Seuil, 2012.

momento sem precedentes de visibilidade das mulheres no espaço público, assim como de emergência de formas visíveis e politizadas da homossexualidade em lugares tão inesperados como, por exemplo, o exército norte-americano.⁴ Ao lado desse desenvolvimento social, o macarthismo dos anos 1950 adiciona à luta patriótica contra o comunismo a perseguição da homossexualidade como uma forma de antinacionalismo, ao mesmo tempo que exalta os valores familiares do trabalho masculino e da maternidade doméstica.⁵ Inauguram-se no Ocidente, então, dezenas de centros de pesquisa sobre sexualidade como parte de um amplo programa de saúde pública. Enquanto isso, os arquitetos norte-americanos Ray e Charles Eames colaboram com o exército norte-americano na fabricação de pequenas talas de madeira compensada para sustentar braços e pernas mutilados em combate. Poucos anos depois, utilizarão o mesmo material para construir os móveis que caracterizarão o design leve da arquitetura norte-americana descartável.⁶ Durante o século XX, a “invenção” da noção bioquímica do hormônio e o desenvolvimento farmacêutico de moléculas sintéticas para uso comercial modificaram radicalmente as noções arraigadas de identidades sexuais tradicionais e patológicas. Em 1941, as primeiras moléculas naturais de progesterona e estrogênio foram obtidas a partir da urina de éguas grávidas

4 Alan Berube, *Coming out under fire: the history of gay man and woman in World War Two*. New York: The Free Press, 1990.

5 John D'Emilio, *Sexual Politics. Sexual Communities: The Making of a Homosexual Minority in the United States, 1940-1970*. Chicago: Chicago University Press, 1983.

6 Ver Beatriz Colomina, *Domesticity at War*. Cambridge, MA MIT Press, 2007.

(Premarin), e logo depois hormônios sintéticos (noretindrona) passaram a ser comercializados. No mesmo ano, George Henry realizou o primeiro estudo demográfico sobre “desvio sexual”, um estudo quantitativo de massa conhecido como *Sex Variant*.⁷ O caminho da adequação sexológica continuou com os Relatórios Kinsey acerca do comportamento sexual humano, em 1948 e 1953, e, em 1968, com os protocolos de Robert Stoller sobre as noções de “feminilidade” e “masculinidade”. Em 1957, o pedopsiquiatra norte-americano John Money cunha o termo “gênero”, diferenciando-o do tradicional termo “sexo”, para denominar o pertencimento de um indivíduo a um grupo de comportamento e expressão corporal culturalmente reconhecido como “masculino” ou “feminino”. É famosa a afirmação de Money de que é possível (usando técnicas cirúrgicas, endocrinológicas e culturais) “mudar o gênero de qualquer bebê até os dezoito meses”.⁸ Entre 1946 e 1949, o médico Harold Gillies realiza a primeira cirurgia de faloplastia no Reino Unido em Michael Dillon, primeiro transexual a tomar testosterona como parte do protocolo de masculinização.⁹ Em 1952, o soldado norte-americano

7 Jennifer Terry, *An american obsession: Science, Medicine and homosexuality in Modern Society*. Chicago: Chicago University Press, 1999, p. 178-218.

8 John Money, John Hampson e Joan Hampson, “Imprinting and the establishment of the gender role”. *Archives of Neurology and Psychiatry*, v. 77, 1957, pp. 333-336.

9 Harold Gillies e Raph Millard J., *The Principles and Art of Plastic Surgery*. Boston: Little Brown, 1957, pp. 385-388; Michael Dillon, *Self: A Study in Ethics and Endocrinology*. Londres: Heinemann, 1946; para uma maior pesquisa histórica, ver também: Berenice L. Hausman, *Changing Sex, Transsexualism, Technology, and the Idea of Gender*. Durham, CN: Duke University Press, 1995, p. 67.

George W. Jorgensen foi transformado em Christine, primeira transexual cujo caso foi amplamente discutido na imprensa. Entre o começo dos anos 1950 e os anos 1960, o médico Harry Benjamin sistematizou o uso clínico de moléculas hormonais no tratamento de “mudança de sexo” e definiu “transexualismo” – termo introduzido pela primeira vez em 1954 – como uma condição curável.¹⁰

A invenção da pílula anticoncepcional, primeira técnica bioquímica capaz de separar a prática heterossexual da reprodução, foi resultado direto do crescimento da experimentação endocrinológica e provocou o desenvolvimento do que poderia ser chamado, brincando com o termo de Eisenhower, de “complexo industrial sexo-gênero”.¹¹ Em 1957, a Searle & Co. passou a comercializar a Enovid, primeira pílula anticoncepcional (“a Pílula”) produzida a partir da combinação de mestranol e noretinodrel. Inicialmente indicada para o tratamento de disfunções menstruais, “a Pílula” foi aprovada para uso contraceptivo quatro anos mais tarde. Seus componentes químicos logo se tornariam as moléculas farmacêuticas mais usadas na história da humanidade.¹²

10 Enquanto a homossexualidade foi retirada do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) em 1973, o transtorno de identidade de gênero (nome clínico para transexualidade) foi incluído no DSM em 1983 com critérios de diagnósticos específicos para esta nova patologia.

11 O presidente norte-americano Eisenhower utilizou o termo “complexo industrial-militar” em seu discurso de despedida da presidência à nação em 1961.

12 Andrea Tone, *Devices and Desires. A History of Contraceptives in America*. New York: Hill and Wang, 2001, pp. 203–231; Lara V. Marks, *Sexual Chemistry: A History of the Contraceptive Pill*. New Haven: Yale University Press, 2001.

A Guerra Fria foi também um período de transformação das regulações econômicas e governamentais no que diz respeito à pornografia e à prostituição. Em 1946, a prostituta e espiã Marthe Richard, então com quase sessenta anos, convenceu o governo francês a declarar ilegais as *maisons closes*¹³, o que acabou com a rede estatal de bordéis criada na França no século XIX. Em 1953, Hugh Hefner fundou a *Playboy*, primeira revista pornô norte-americana vendida em bancas de jornal. Na capa, uma fotografia de Marilyn Monroe, a grande atração da edição inaugural. Em 1959, Hefner transformou uma antiga casa de Chicago na Mansão Playboy. O lugar foi promovido pela própria revista e em anúncios de televisão como um "palácio de amor" com 32 quartos, tornando-se rapidamente a mais popular utopia erótica norte-americana. Em 1972, Gerard Damiano produz *Garganta profunda*. Estrelado por Linda Lovelace, o longa-metragem foi amplamente comercializado nos Estados Unidos e se tornou um dos filmes mais vistos de todos os tempos, arrecadando mais de 600 milhões de dólares. A partir desse momento, a produção de filmes pornôs explodiu: de trinta lançamentos clandestinos em todo o país em 1950 para mais de 2.500 novos títulos em 1970.

Se por anos a pornografia era a tecnologia visual dominante dirigida ao corpo masculino de forma a controlar sua reação sexual, durante os anos 1950 a indústria farmacêutica procurou formas de desencadear ereção e resposta sexual usando próteses cirúrgicas e químicas. Em 1974, o soviético Victor Konstantinovich Kalnberz patenteou o

13 *Maisons closes* eram os bordéis e casas de prostituição francesas que tinham existência legalizada e fiscalização sanitária por parte do governo desde 1804. [N.T.]

primeiro implante peniano à base de varetas de plástico de polietileno como tratamento contra a falta de ereção, criando um pênis permanentemente ereto. Entretanto, estes implantes foram abandonados em benefício de alternativas químicas por serem considerados “fisicamente desconfortáveis” e “emocionalmente desconcertantes”. Em 1984, Tom F. Lue, Emil A. Tanagho e Richard A. Schmidt implantaram um “marca-passo sexual” no pênis de um paciente. A engenhoca era um sistema de eletrodos que, inserido próximo à próstata, permitia desencadear uma ereção por controle remoto. Mais tarde, a molécula de sildenafil (comercializada pelos laboratórios Pfizer como Viagra em 1988) se tornará o tratamento químico para “disfunção erétil”.

Durante a Guerra Fria, técnicas psicotrópicas desenvolvidas pelas forças armadas foram estendidas à população civil para uso médico e recreativo. Na década de 1950, a Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA) realizou uma série de experimentos com eletrochoque e drogas psicodélicas e alucinógenas como parte de um programa de “lavagem cerebral”, interrogatório militar e tortura psicológica. O objetivo era identificar técnicas químicas capazes de modificar diretamente a subjetividade de prisioneiros, incidindo sobre os níveis de ansiedade, tontura, agitação, irritabilidade, excitação sexual ou medo.¹⁴ Ao mesmo tempo, os laboratórios Eli Lilly (em Indiana, nos Estados Unidos) comercializaram a molécula de metadona (o mais simples dos opiáceos) como analgésico e secobarbital, um barbitúrico com propriedades anestésicas, sedativas e hipnóticas concebido para o tratamento

¹⁴ Sobre o uso de produtos químicos para fins militares durante os anos da Guerra Fria, ver Naomi Klein, “The Torture Lab”, in *The Shock Doctrine*. New York: Penguin, 2007, pp. 25-48.

de epilepsia e insônia e como anestesia de curta duração. Mais conhecido como “a pílula vermelha” ou simplesmente *doll*, o secobarbital transformou-se em uma das drogas da cultura *underground* nos anos 1960.¹⁵ Em 1977, o estado norte-americano de Oklahoma introduz a primeira injeção letal à base de um composto de barbitúricos parecido com a “pílula vermelha” a fim de aplicar a pena de morte.¹⁶

A corrida espacial militar da Guerra Fria também foi ocasião para a produção de uma nova forma de corporalização tecnológica. No início da década de 1960, Manfred E. Clynes e Nathan S. Kline utilizaram pela primeira vez o termo *ciborgue* para se referir a um organismo tecnologicamente suplementado para viver em um meio ambiente extraterrestre e operar como um “sistema homeostático integrado inconsciente”.¹⁷ Eles fizeram experimentos com um rato de laboratório, implantando no animal uma prótese osmótica que se arrastava — um rabo cibernético. Para além do rato, o termo *ciborgue* nomeou uma condição tecno-orgânica, uma espécie de *soft machine*¹⁸ (para usar o termo de Burroughs) ou organismo com “pele elétrica” (para utilizar os termos de Haus-Rucker & Co.) submetida

15 A metadona transformou-se, nos anos 1970, no tratamento básico de substituição à dependência da heroína. Sobre isso, ver: Tom Carnwath e Ian Smith, *Heroin Century*. New York: Routledge, 2002, pp. 40-42.

16 Um método similar já havia sido utilizado no chamado programa Action T4 para “higiene racial” da Alemanha nazista, que submeteu à eutanásia entre 75 mil e 100 mil pessoas com deficiências físicas ou psíquicas. Tal programa foi abandonado mais tarde devido ao alto custo farmacológico, sendo substituído pela câmara de gás ou pela morte por inanição.

17 Martin E. Clynes e Nathan S. Kline, “Cyborgs and space”, *Astronautics*. Setembro de 1960.

18 William S. Burroughs, *The Soft Machine*, New York: Olympia Press, 1961.

a novas formas de controle político, mas também capaz de desenvolver novas formas de resistência. Na mesma época, como parte de um programa de pesquisas militares, é criada a Arpanet, antecessora da internet global, a primeira “rede das redes” de computadores interligados capazes de transmitir informação uns aos outros.

Por outro lado, os procedimentos cirúrgicos desenvolvidos para o tratamento das *gueules cassées* da Primeira Guerra Mundial e as técnicas de reconstrução de pele especialmente inventadas para o tratamento das vítimas da bomba nuclear serão transformadas, nas décadas de 1950 e 1960, em cirurgias cosméticas e sexuais.¹⁹ Em resposta à ameaça induzida pelo nazismo e pela retórica racista segundo a qual diferenças religiosas ou raciais podem ser detectadas por meio de características anatômicas, a “descircuncisão”, ou seja, a reconstrução artificial do prepúcio do pênis, transforma-se em uma das cirurgias estéticas mais praticadas nos Estados Unidos.²⁰ Ao mesmo tempo, o *lifting* facial e diversas intervenções de cirurgia plástica se transformam em técnicas de consumo de massa para uma nova classe média. Andy Warhol se fotografa durante uma operação de *lifting* facial, fazendo do próprio corpo um dos objetos biopop da sociedade de consumo.

Enquanto isso, o plástico — material viscoso e semirígido, impermeável, térmica e eletricamente resistente, produzido por uma propagação artificial de átomos de carbono em longas cadeias de moléculas de compostos

19 Martin Monestier, *Les gueules cassées. Les medecins de l'impossible 1914-18*. Paris: Cherche Midi, 2009.

20 Sander L. Gilman, “Decircumcision: The First Aesthetic Surgery”, in *Modern Judaism* 17, 3 (1997): 201-210. Maxell Matz, *Evolution of Plastic Surgery*. New York: Froben Press, 1946. pp. 287-289.

orgânicos derivados do petróleo, cuja queima é altamente poluente — teve sua utilização generalizada na fabricação de objetos da vida cotidiana. DuPont, pioneiro no desenvolvimento de plásticos a partir da década de 1930, também estava implicado na pesquisa nuclear do projeto Manhattan.²¹ Juntamente com o plástico, vemos a exponencial multiplicação da produção de elementos transurânicos (com número atômico de toxicidade maior que 92 — o número atômico do urânio), que se transformam em material utilizado pelo setor civil, incluindo o plutônio, que havia sido utilizado como combustível nuclear em operações militares durante a Segunda Guerra Mundial.²² O nível de toxicidade dos elementos transurânicos ultrapassa o de qualquer outro elemento terrestre, gerando uma nova forma de vulnerabilidade da vida. Celulose, poliamida, poliéster, acrílico, propileno, spandex etc., todos esses materiais passaram a ser utilizados igualmente no corpo e na arquitetura. O consumo em massa do plástico define as condições materiais de uma transformação ecológica em larga escala e que resulta na destruição de recursos energéticos, no consumo rápido e em grande poluição. O *Trash Vortex*, uma massa flutuante de lixo plástico do tamanho do estado do Texas, localizada ao norte do oceano Pacífico, tornou-se a maior obra de arquitetura marinha do século XXI.²³

21 Pap A. Ndiaye, *Nylon and Bombs: DuPont and the March of Modern America*. Baltimore: John Hopkins University, 2006.

22 Donna J. Haraway, *Modest_Witness@Second_Millennium. FemaleMan@Meets_OncoMouse™: Feminism and Technoscience*. New York: Routledge, 1997. p. 54.

23 Susan Freinkel, *Plastic: A Toxic Love Story*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2011.

Somos confrontados com um novo tipo de capitalismo: quente, psicotrópico e punk. Essas transformações recentes impõem um conjunto de dispositivos microprotéticos de controle da subjetividade por meio de novos protocolos técnicos biomoleculares e multimídia. Nossa economia mundial depende da produção e circulação interconectada de centenas de toneladas de esteroides sintéticos e órgãos, fluidos e células (tecnossangue, tecnoesperma, tecno-óvulo etc.) tecnicamente modificados; depende da difusão global de um fluxo de imagens pornográficas; depende da elaboração e distribuição de novas variedades de psicotrópicos sintéticos legais e ilegais (bromazepam, Special K, Viagra, speed, cristal, Prozac, ecstasy, poppers, heroína); depende do fluxo de sinais e circuitos digitais de informação; depende de que todo o planeta se renda a uma forma de arquitetura urbana em que megacidades miseráveis convivem com altas concentrações de capital sexual.²⁴

Esses são só alguns indicadores do surgimento de um regime pós-industrial, global e midiático que a partir de agora chamarei *farmacopornográfico*. O termo se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a *Playboy* são dois resultados paradigmáticos. Embora finque raízes na sociedade científica e colonial do século XIX, os vetores econômicos do regime farmacopornográfico permanecerão invisíveis até o final da Segunda Guerra Mundial. Inicialmente escondidos sob a aparência da economia fordista, eles se revelarão

²⁴ Ver Mike Davis, "Planet of Slums", *New Left Review* 26, Abril-Março de 2004. [Ed. bras.: "Planeta de favelas", in *Contragolpes: seleção de artigos da New Left Review*, org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2006].

na década de 1970 com o colapso gradual do sistema de produção criado por Henry Ford.


Durante a segunda metade do século XX, os mecanismos do regime farmacopornográfico serão materializados nos campos da psicologia, da sexologia e da endocrinologia. Se a ciência alcançou o lugar hegemônico como discurso e prática na nossa cultura, isso se deve, como notaram Ian Hacking,²⁵ Steve Woolgar e Bruno Latour,²⁶ a seu funcionamento como aparato discursivo-material da produção físico-corpórea. A tecnociência estabeleceu sua autoridade material transformando os conceitos de psiquismo, libido, consciência, feminilidade, masculinidade, heterossexualidade, homossexualidade, intersexualidade e transexualidade em realidades tangíveis, que se manifestam em substâncias químicas e moléculas comercializáveis em corpos, em biótipos humanos, em bens tecnológicos geridos pelas multinacionais farmacêuticas. O sucesso da indústria tecnocientífica contemporânea consiste em transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em Viagra, nossa fertilidade ou esterilidade em Pílula, nossa aids em triterapia, sem que seja possível saber quem vem primeiro: a depressão ou o Prozac, o Viagra ou a ereção, a testosterona ou a masculinidade, a Pílula ou a maternidade, a triterapia ou a aids. Este *feedback* performativo é um dos mecanismos do regime farmacopornográfico.

A sociedade contemporânea é habitada por subjetividades toxicopornográficas que se definem pela substância

25 Ian Hacking, *Representing and intervening. Introductory Topics in the philosophy of natural science*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

26 Bruno Latour e Steve Woolgar, *La vie de laboratoire. La construction des faits scientifiques*. Paris: La Découverte, 1979.

(ou substâncias) que abastece seu metabolismo, pelas próteses cibernéticas e vários tipos de desejos farmacopornográficos que orientam as ações dos sujeitos e por meio dos quais eles se transformam em agentes. Assim, falaremos de sujeitos-Prozac, sujeitos-cannabis, sujeitos-cocaína, sujeitos-álcool, sujeitos-ritalina, sujeitos-cortisona, sujeitos-silicone, sujeitos-heterovaginais, sujeitos-dupla-penetração, sujeitos-Viagra, sujeitos-dinheiro...



Não há nada a ser descoberto na natureza, não há segredo escondido. Vivemos na hipermodernidade *punk*: já não se trata de revelar a verdade oculta na natureza, e sim da necessidade de explicitar os processos culturais, políticos e tecnológicos por meio dos quais o corpo, enquanto artefato, adquire um *status natural*. O *oncomouse*,²⁷ um rato de laboratório desenhado biotecnologicamente para portar um gene cancerígeno, devora Heidegger. Buffy, a vampira televisiva mutante, mata a vampira de Simone de Beauvoir. O dildo, uma extensão sintética do sexo para produzir prazer e identidade, come o pau de Rocco Siffredi. Não há nada a descobrir no sexo ou na identidade sexual; não há segredos escondidos; não há *interior*. A verdade sobre o sexo não é uma revelação; é *sexdesign*. O biocapitalismo farmacopornográfico não produz coisas, e sim ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e condições de alma. Em biotecnologia e pornocomunicação não há objeto a ser produzido. O negócio farmacopornográfico é a *invenção de um sujeito* e, em seguida, sua reprodução global.

27 Donna J. Haraway, "When Man is on the menu" in Jonathan Crary e Sanford K. Winter (eds.), *Incorporations (Zone 6)*. New York: Zone Books, 1992, pp. 38-43.

COOPERAÇÃO MASTURBATÓRIA

Os teóricos do pós-fordismo (Virno, Hardt, Negri, Corsani, Marazzi, Moulier-Boutang etc.) sugeriram que o processo produtivo do capitalismo atual tem como matéria-prima o saber, a informação, a comunicação e as relações sociais.²⁸ Para a teoria econômica mais recente, o motor da produção já não está nas empresas, e sim “na sociedade em seu conjunto, na qualidade da população, na cooperação, nas convenções, nos treinamentos, nas formas de organização que hibridizam o mercado, a empresa e a sociedade”.²⁹ Negri e Hardt falam em “produção biopolítica” – para utilizar a noção *cult* de Foucault – ou “capitalismo cognitivo” para enumerar as complexas modalidades atuais de produção capitalista que ocultam tanto a “produção de símbolos, de linguagem, de informação” quanto a “produção de afetos”.³⁰ Eles denominam “trabalho biopolítico” as formas de produção ligadas à assistência e ao cuidado corporal,

28 Algumas das análises mais influentes sobre as transformações atuais da sociedade industrial e do capitalismo relevantes para o meu próprio trabalho são as seguintes: Maurizio Lazzarato, “Le concept de travail immatériel: la grande entreprise”, *Futur Antérieur* 10, 1992; Antonella Corsani, “Vers un renouveau de l'économie politique: anciens concepts et innovation théorique”, *Multitudes* 2, Primavera de 2000; Antonio Negri e Michael Hardt, *Multitude: guerre et démocratie à l'âge de l'empire*. Paris: La Découverte, 2006; Yann Moulier-Boutang, *Le capitalisme cognitive: La nouvelle grande transformation*. Paris: Amsterdam, 2007.

29 Yann Moulier-Boutang, “Eclats d'économie et bruits des luttes” in *Multitudes* 2, Maio de 2000, p. 7. Ver também, neste mesmo número, o artigo de Antonella Corsani “Vers un renouveau de l'économie politique”.

30 Michael Hardt e Antonio Negri, *Multitude: guerre et démocratie à l'âge de l'empire*. [Ed. bras. Multidão: guerra e democracia na era do Império, trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005]. Paris: 10-18, DL, 2006, p. 135.

à proteção do outro e à criação das relações humanas, ao trabalho “feminino” de reprodução,³¹ às relações de comunicação e ao intercâmbio de saberes e afetos. Mas a maioria das análises e descrições desta nova forma de produção são biopoliticamente interrompidas quando chegam à cintura.³²

E se, na realidade, os corpos insaciáveis da multidão, seus paus, clítoris, ânus, hormônios e sinapses neurosexuais; e se o desejo, a excitação, a sexualidade, a sedução e o prazer da multidão fossem os motores de criação de valor agregado na economia contemporânea? E se a cooperação fosse uma “cooperação masturbatória” e não a simples cooperação de cérebros?

A indústria pornográfica é hoje a grande propulsora da cibereconomia: há mais de 1,5 milhão de sites adultos que podem ser acessados em qualquer ponto do planeta. Dos 16 bilhões de dólares anuais gerados pela indústria do sexo, boa parte provém dos portais pornô. A cada dia,

31 Toni Negri e Michael Hardt, *Multitude: guerre et démocratie à l'âge de l'empire*, op. cit., p.137; Cristian Marazzi, *The Violence of Financial Capitalism*, trad. Kristina Lebedeva e Jason Francis McGimsey. New York: Semiotext(e), 2011, op. cit.

32 Algumas pistas neste sentido vieram a partir de reflexões como *Precarias a la Deriva*, Anne Querien e Antonella Corsani. Ver também *Precarias a la Deriva, A la deriva por los circuitos de la precariedad feminina*. Madri: Traficantes de Sueños, 2004; Antonella Corsani, “Quelles sont les conditions nécessaires pour l'émergence de multiples récits du monde? Penser le revenu garanti à travers l'histoire des luttes des femmes et de la théorie féministe”, *Multitudes* 27, Inverno 2007; Antonella Corsani, “Beyond the Myth of Woman: The Becoming Transfeminist of (Post-) Marxism”, trad. Timothy s. Murphy, *SubStance #112: Italian Post-Workerist Thought* 36, n. 1, 2007, pp. 106-138; e Linda McDowell, “Life without Father and Ford: The New Gender Order of Post-Fordism”, *Transactions of the Institute of British Geographers* 16, n. 4, 1991, pp. 400-419.

350 novos portais se abrem a um número exponencialmente crescente de usuários. Se for verdade que a maioria desses sites pertence a multinacionais (Playboy, Hotvideo, Dorcel, Hustler etc.), as páginas amadoras constituem o verdadeiro mercado emergente do pornô na rede. O modelo do emissor único foi ultrapassado em 1996, quando Jennifer Kaye Ringley teve a iniciativa de instalar em sua casa várias webcams que transmitiam em tempo real, via internet, vídeos de sua vida cotidiana. Em estilo documental, as *JenniCams* produzem uma crônica audiovisual de suas vivências sexuais e cobram uma assinatura parecida com a de um canal de TV. Hoje em dia, qualquer internauta que possui um corpo, um computador, uma câmera de vídeo ou webcam, uma conexão de internet e uma conta bancária pode criar a própria página pornô e acessar o cibermercado da indústria do sexo. O corpo autopornográfico emergiu inesperadamente como uma nova força da economia mundial. O recente acesso de populações relativamente empobrecidas aos meios técnicos de produção de ciberpornografia sabotou, pela primeira vez, um monopólio até então controlado pelas grandes multinacionais pornô. Depois da queda do muro de Berlim, os primeiros a usar este mercado foram os trabalhadores do sexo do antigo bloco soviético; então vieram os da China, da África e da Índia. Confrontadas com as estratégias autônomas dos trabalhadores do sexo, as multinacionais pornô se aliaram progressivamente a companhias publicitárias, esperando atrair cibervisitantes ao oferecer acesso gratuito a suas páginas.

A indústria do sexo não só é o mercado mais rentável da internet: é também o modelo de rentabilidade máxima do mercado cibernético global — só comparável à especulação financeira: investimento mínimo, venda direta do

produto em tempo real e formato único, satisfação imediata para o consumidor. Cada portal da internet se configura e se organiza de acordo com esta lógica masturbatória de consumo pornográfico. Se os analistas financeiros que dirigem Google, eBay ou Facebook acompanham com atenção as flutuações do mercado ciberpornô é porque sabem que a indústria do sexo provê um modelo econômico do mercado cibernético como um todo.

Se considerarmos que a indústria farmacêutica — que inclui a extensão legal das indústrias científicas, médicas e cosméticas, bem como o tráfico de drogas consideradas ilegais —, a indústria pornográfica e a indústria da guerra são os pilares do capitalismo pós-fordista, devemos ser capazes de dar um nome mais cru a este *trabalho imaterial*. Vamos ousar, então, e elaborar as seguintes hipóteses: as matérias-primas do processo produtivo atual são a excitação, a ereção, a ejaculação, o prazer e o sentimento de autossatisfação, controle onipotente e total destruição. O verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade, cujos produtos são a serotonina, o tecnossangue e os hemoderivados, a testosterona, os antiácidos, a cortisona, o tecnoesperma, os antibióticos, o estradiol, o tecnoleite, o álcool e o tabaco, a morfina, a insulina, a cocaína, os óvulos vivos, o citrato de sildenafil (Viagra) e todo complexo material e virtual que participa da indução de estados mentais e psicossomáticos de excitação, relaxamento e descarga, e também no controle total e onipotente. Nessas condições, o dinheiro se torna uma substância psicotrópica significativa e abstrata. O sexo é o corolário do capitalismo e da guerra, o espelho da produção. O corpo sexual e viciado e o sexo e todas as suas derivações semiótico-técnicas são, daqui em diante, o principal recurso do capitalismo pós-fordista.

Se a era dominada pela economia automobilística denominou-se “fordismo”, chamaremos *farmacopornismo* a esta nova economia dominada pela indústria da pílula, pela lógica masturbatória da pornografia e pela cadeia de excitação-frustração em que se baseia. A indústria farmacopornográfica é o ouro branco e viscoso, o pó cristalino do capitalismo biopolítico.

Hardt e Negri, relendo Marx, mostraram que “durante os séculos XIX e XX a economia global se caracteriza pela hegemonia do trabalho industrial, mesmo se, em termos quantitativos, o trabalho industrial continua a ser menor em comparação com outras formas de produção, como a agricultura”.³³ O trabalho industrial torna-se hegemônico em virtude do seu poder de transformação sobre qualquer outra forma de produção.

Da mesma forma, a produção farmacopornográfica define hoje uma nova era da economia política mundial, não por sua supremacia quantitativa, mas porque o controle, a produção e a intensificação dos afetos narcossexuais tornaram-se o modelo para todas as outras formas de produção. Assim, o controle farmacopornográfico infiltra e domina todo o fluxo de capitais, desde a biotecnologia agrária até a indústria *high-tech* da comunicação.

Neste período de gestão técnica do corpo, a indústria farmacopornográfica sintetiza e define um modo específico de produção e consumo, uma temporalização masturbatória da vida, uma estética virtual e alucinógena do objeto vivo, uma arquitetura que transforma o espaço interior em exterioridade e a cidade em interioridade e

33 Michael Hardt e Antonio Negri, *Multitude*, op. cit., pp. 133-134.

junkspace³⁴ por meio de dispositivos de autovigilância imediata e difusão ultrarrápida de informação, um modo contínuo de desejar e resistir, de consumir e destruir, de evoluir e se extinguir.

POTENTIA GAUDENDI

Para compreender como e por que a sexualidade e o corpo, o corpo excitável, irrompem no coração da ação política e se tornam objetos de uma minuciosa gestão estatal e industrial no final do século XIX, precisamos elaborar inicialmente um novo conceito filosófico no domínio farmacopornográfico que seja equivalente ao conceito de força de trabalho no domínio da economia clássica. Defino a noção de *potentia gaudendi*, ou “força orgásmica”, como a potência (presencial ou virtual) de excitação (total) de um corpo.³⁵ Esta potência é uma capacidade indeterminada; não tem gênero, não é nem feminina nem masculina, nem humana nem animal, nem viva nem inanimada. Sua orientação não se dirige ao feminino nem ao masculino nem conhece diferenças ou fronteiras entre heterossexualidade e homossexualidade ou entre objeto e sujeito; esta

34 Ver a elaboração desta noção em Rem Koolhaas, “Junkspace”, *October* 100, Primavera de 2002, pp. 175-190.

35 Trabalho aqui a partir da noção de “poder de agir ou força de existir” elaborada por Spinoza e derivada da noção grega de *dynamis* e de seu correlato metafísico escolástico. Ver Baruch Spinoza, *Éthique*, trad. Bernard Pautrat. Paris: Le Seuil, 1988 [Ed. bras. *Ética*, trad. GEE, coord. Marilena Chauí. São Paulo: Edusp, 2015]; Gilles Deleuze, “Spinoza”, leitura, Université de Vincennes à Saint Denis, Université Paris 8, Paris, 2 de fevereiro, 1980 [Ed. bras. *Espinosa: Filosofia prática*, trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002].

potência também não sabe a diferença entre ser excitado, excitar ou excitar-se com. Esta potência não privilegia um órgão sobre outro, de modo que o pênis não possui mais força orgásmica do que a vagina, do que o olho ou dedo do pé. A força orgásmica é a soma da potencialidade de excitação inerente a cada molécula material. A força orgásmica não busca nenhuma resolução imediata, aspira apenas à própria extensão no espaço e no tempo, a tudo e a todos, em todo lugar e a todo momento. É uma força de transformação do mundo em prazer — “prazer com”. A *potentia gaudendi* reúne ao mesmo tempo todas as forças somáticas e psíquicas, e reivindica todos os recursos bioquímicos e estruturas da mente.

No capitalismo farmacopornográfico, a força de trabalho revelou seu verdadeiro substrato: a força orgásmica, ou *potentia gaudendi*. O que o capitalismo atual tenta colocar para trabalhar é a *potentia gaudendi*, seja qual for a forma em que exista: seja na forma farmacológica (uma molécula consumível e um agente material que vai operar dentro do corpo da pessoa que a está absorvendo), na forma de representação pornográfica (um signo semiótico-técnico que pode ser convertido em dado numérico ou transferido para mídia digital, televisiva ou telefônica) ou na forma de serviço sexual (uma entidade farmacopornográfica viva, com sua força orgásmica e seu volume afetivo colocados a serviço de um consumidor por determinado tempo, de acordo com um contrato mais ou menos formal de venda de serviços sexuais).

O que caracteriza a *potentia gaudendi* não é apenas a grande e impermanente maleabilidade, mas também, e, sobretudo, a impossibilidade de ser possuída ou armazenada. A *potentia gaudendi*, como fundamento energético do farmacopornismo, não se deixa materializar ou

transformar em propriedade privada. Não só não consigo possuir ou reter a *potentia gaudendi* de outrem, como também não consigo possuir ou reter aquela que aparece como minha. A *potentia gaudendi* existe unicamente como um evento, uma relação, uma prática ou um processo evolucionário.

A força orgásmica é, ao mesmo tempo, a mais abstrata e a mais material das forças de trabalho. É inextricavelmente carnal e digital, viscosa e ainda representável em valores numéricos, uma maravilha fantasmagórica ou molecular que pode ser transformada em capital.

O corpo pansexual vivo é o *bioporto* da força orgásmica. Assim, não pode ser reduzido a um corpo pré-discursivo, nem tem seus limites na envoltura carnal margeada pela pele. Esta vida não pode ser entendida como um dado biológico, já que não existe fora das redes de produção e cultura que pertencem à tecnociência. Este corpo é uma entidade tecnoviva multiconectada que incorpora tecnologia.³⁶ Nem organismo, nem máquina, mas "sistema fluido, disperso, rede tecno-orgânica-textual-mítica".³⁷ Esta nova condição do corpo borra a distinção moderna entre arte tradicional, performance, mídia, design e arquitetura. As novas técnicas cirúrgicas e farmacológicas colócam em ação processos de construções tectônicas que combinam representações figurativas derivadas do cinema e da arquitetura (edição, modelagem 3D, impressão 3D etc.), de acordo com os órgãos, as veias e os fluidos (tecno-sangue, tecnoesperma etc.), e as moléculas que são convertidas em matéria-prima com que nossa corporeidade

³⁶ Donna J. Haraway, *Modest Witness*, op. cit.

³⁷ *Ibid.*, *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1990, p. 219.

farmacopornográfica é manufaturada. Os corpos tecnológicos não estão nem-ainda-vivos ou já-mortos: somos metade fetos, metade zumbis. Assim, cada política de resistência é uma política de monstro. Marshall McLuhan, Buckminster Fuller e Norbert Wiener tinham uma intuição sobre isso na década de 1950: as tecnologias da comunicação funcionavam como uma extensão do corpo. Hoje a situação parece muito mais complexa: o corpo individual funciona como uma extensão das tecnologias globais de comunicação. “Incorporação é uma prótese de significante.”³⁸ Dito com os termos da feminista norte-americana Donna J. Haraway, o corpo do século XXI é um sistema tecnovivo, o resultado de uma implosão irreversível de binários modernos (feminino/masculino, animal/humano, natureza/cultura). Daí que o próprio termo vida tenha se tomado arcaico para identificar os atores desta nova tecnoecologia. Daí Donna J. Haraway preferir a noção de “tecnobiopoder” à noção foucaultiana “biopoder”. Já não se trata de poder sobre a vida, do poder de administrar e maximizar a vida, como dizia Foucault, mas de poder e controle exercido sobre um todo tecnovivo conectado.³⁹

No circuito em que a excitação é tecnoproduzida, não há corpos vivos nem corpos mortos, mas presentes ou ausentes, presenciais ou virtuais. As imagens, os vírus, os programas de computação, os fluídos tecno-orgânicos, os internautas, as vozes que respondem às linhas de sexo, as drogas e os animais mortos-vivos de laboratório em que estas substâncias são testadas, os embriões congelados, as células-mãe, as moléculas de alcaloides ativos... não apresentam, na atual economia global, um valor enquanto

38 Donna J. Haraway, *Simians, Cyborgs, and Women*, op. cit., p. 195.

39 *Ibid.*, pp. 204-230.

→ golem ← → cyborg →

“vivos” ou “mortos”, mas apenas enquanto integráveis ou não na bioeletrônica da excitação global. Haraway nos lembra de que “as figuras do ciborgue — assim como a semente do fim-do-milênio, o chip, o gene, a base de dados, a bomba, o feto, a raça, o cérebro e o ecossistema — descendem de implosões dos sujeitos e objetos, do natural e do artificial”.⁴⁰ Neste sentido, cada tecnocorpo, inclusive um tecnocorpo morto, pode suscitar força orgásmica e, portanto, ser portador de potência de produção de capital sexual. Esta força que se deixa transformar em capital não reside no *bios* ou na *soma*, tal como se entende de Aristóteles até Darwin, mas sim em *tecnoeros*, no corpo tecnovivo encantado e sua *potentia gaudendi*. Daí a conclusão: tanto a biopolítica (política de controle e produção da vida) como a necropolítica (política de controle e produção da morte) funcionam como farmacopornopolíticas, gestões planetárias da *potentia gaudendi*.

O sexo, os assim chamados órgãos sexuais, o prazer, a impotência, a alegria e o horror são deslocados para o centro da gestão tecnopolítica assim que a possibilidade de lucro da força orgásmica entra em jogo. Se os teóricos do pós-fordismo estavam interessados no trabalho imaterial, no trabalho cognitivo, no “trabalho não objetivável”,⁴¹ no “trabalho afetivo”,⁴² nós, os teóricos do capitalismo farmacopornográfico, estamos interessados no trabalho sexual como um processo de subjetivação, na possibilidade de fazer do sujeito uma reserva interminável de ejaculação

40 Donna J. Haraway, *Modest_Witness*, op. cit., p.12.

41 Paolo Virno, “La multitude comme subjectivité”, in *Grammaire de la multitude: pour une analyse des formes de vie contemporaines*. Paris: L'éclat, 2002, pp. 78-121.

42 Michael Hardt e Antonio Negri, *Multitudes*, op. cit., p. 134.

planetária que pode ser transformada em abstração e dados digitais – em capital.

Esta teoria da “força orgásmica” não deve ser lida através de um prisma hegeliano paranoico ou de um prisma utópico/distópico rousseauiano: o mercado não é um poder externo que vem para expropriar, reprimir ou controlar os instintos sexuais do indivíduo. Ao contrário, somos confrontados com a mais depravada das situações políticas: o corpo não conhece sua *potentia gaudendi* até que não a coloquem para trabalhar.

A força orgásmica, enquanto força de trabalho, se viu progressivamente regulada por um estrito controle tecnobiopolítico. O corpo sexual é produto de uma divisão sexual da carne de acordo com a qual cada órgão é definido pela sua função. Uma sexualidade sempre implica um governo preciso da boca, mão, ânus, vagina. Até recentemente, a relação entre compra/venda e dependência que unia o capitalista ao trabalhador também governava a relação entre gêneros, concebida como relação entre o ejaculador e o facilitador da ejaculação. A feminilidade, longe de ser uma natureza, é a qualidade da força orgásmica quando pode ser transformada em mercadoria, em objeto de troca econômica, em trabalho. Obviamente, um corpo masculino pode ocupar (e, de fato, já ocupa) uma posição de gênero feminina no mercado de trabalho sexual e, como resultado, ver a sua potência orgásmica reduzida a uma capacidade de trabalho.

O controle da potência orgásmica (*puissance*) não apenas define a diferença entre gêneros, a dicotomia feminino/masculino, mas também governa, de modo mais geral, a diferença tecnobiopolítica entre heterossexualidade e homossexualidade. A restrição técnica da masturbação e a invenção da homossexualidade como patologia

acompanham a constituição de um regime disciplinar no cerne do qual a força orgásmica coletiva é posta para trabalhar em função da reprodução heterossexual da espécie. A heterossexualidade deve ser entendida como tecnologia de procriação politicamente assistida. No entanto, depois dos anos 1940, o corpo sexual molecularizado foi introduzido na maquinaria do capital e forçado a modificar suas formas de produção. As condições biopolíticas mudam drasticamente quando se torna possível obter benefícios da masturbação por meio do dispositivo pornográfico, e quando passa a ser possível o emprego de técnicas para o controle da reprodução sexual por métodos contraceptivos e de inseminação artificial.

Se concordarmos com Marx que “a força de trabalho não é o trabalho realmente realizado, e sim o simples potencial e habilidade para trabalhar”, então será preciso dizer que qualquer humano ou animal, real ou virtual, feminino ou masculino, possui esta potencialidade masturbatória, a *potentia gaudendi*, o poder de produzir prazer molecular, e, portanto, possui poder produtivo sem ser consumido e esgotado no próprio processo. Até agora conhecemos uma relação direta entre a pornificação do corpo e o grau de opressão. Na história, os corpos mais pornificados têm sido os dos animais não humanos, os das mulheres e os das crianças, o corpo racializado do escravo, o corpo do jovem trabalhador, o corpo homossexual. Mas não há relação ontológica entre anatomia e *potentia gaudendi*. É do escritor francês Michel Houellebecq o mérito por ter compreendido como construir uma fabulação distópica sobre este novo poder do capitalismo global, que fabricou a megavadia e o megatarado. O novo sujeito hegemônico é um corpo (frequentemente codificado como masculino, branco e heterossexual) farmacopornograficamente

suplementado (pelo Viagra, pela cocaína, pela pornografia etc.) e consumidor de serviços sexuais pauperizados (frequentemente exercidos por corpos codificados como femininos, infantis ou racializados):

Quando pode, o ocidental trabalha; seu trabalho costuma entediá-lo ou exasperá-lo, mas ele finge que se interessa: isso é óbvio. Aos cinquenta anos, cansado do ensino, da matemática e de tudo o mais, decidi descobrir o mundo. Tinha acabado de me divorciar pela terceira vez; no que se refere ao sexo, não esperava nada em particular. Minha primeira viagem foi para a Tailândia; imediatamente depois fui para Madagascar. Desde então, não voltei a transar com uma branca; nem sequer voltei a ter vontade de fazê-lo. "Acredite", disse ele, colocando uma mão firme no antebraço de Lionel, "você já não encontrará em uma branca uma boceta suave, dócil, flexível e musculosa. Tudo isso desapareceu por completo".⁴³

O poder não se localiza apenas no corpo ("feminino", "infantil" ou "não branco") enquanto espaço tradicionalmente imaginado como pré-discursivo e natural, mas também em um conjunto de representações que o transformam em sexual e desejável. Trata-se, em todo caso, de um corpo sempre farmacopornográfico, um sistema tecnovivo que é efeito de um mecanismo de representação e produção cultural muito difundido.

O objetivo da teoria crítica contemporânea devia ser a possibilidade de revelar nossa condição de trabalhadores/

43 Michel Houellebecq, *Plataforma*. Barcelona: Anagrama, 2004, p. 104. [Ed. bras.: *Plataforma*, trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2002].

consumidores farmacopornográficos. Se a teoria atual da *feminização do trabalho* esconde o *cum-shot*, ou seja, a ejaculação videográfica atrás da tela da comunicação cooperativa, é porque os filósofos da biopolítica, diferentemente de Houellebecq, preferem não revelar suas posições de clientes do farmacopornomercado global.

No primeiro volume de *Homo Sacer*, Giorgio Agamben retoma o conceito de “vida nua” de Walter Benjamin com o objetivo de definir a condição biopolítica do sujeito depois de Auschwitz, um sujeito cujo paradigma seria o prisioneiro do campo de concentração ou o imigrante ilegal retido em um centro de detenção temporária, ambos reduzidos à existência física, despojados de todo *status* jurídico ou cidadania. A esta noção de “vida nua” poderíamos acrescentar a de vida farmacopornográfica, ou tecnovida nua; a característica de um corpo despojado de todo status legal ou político é servir como fonte de produção de *potentia gaudendi*. A característica de um corpo reduzido à tecnovida nua, tanto nas sociedades democráticas como nos regimes fascistas, é exatamente poder ser objeto de uma exploração farmacopornográfica máxima. Códigos idênticos de representação pornográfica funcionam nas imagens dos prisioneiros de Abu Ghraib,⁴⁴ nas imagens erotizadas das adolescentes tailandesas, nas propagandas para L'Oréal e para o McDonald's, nas páginas da *Hot Magazine*. Todos estes corpos já funcionam, e de maneira inesgotável, como fontes carnis e digitais de capital ejaculatório. A distinção aristotélica entre *zoe* e *bios*, entre vida animal desprovida de toda intencionalidade e a

⁴⁴ Ver Judith Butler, “Torture and Ethics of Photography”, *Environment and Planning D: Society and Space*. v. 25, nº 6, 19 de abril de 2007, pp. 951-966.

“exaltada” vida livre, ou seja, vida dotada de sentido e de autodeterminação que é substrato do governo biopolítico, hoje teria que ser substituída pela distinção entre vida *crua* e *biotecnológica* (entre vida crua e biotecnoculturalmente-produzida), esta última referindo-se à condição da vida na era farmacopornográfica. A realidade biotecnológica desprovida de toda condição cívica (o corpo do migrante, do deportado, do colonizado, da atriz ou do ator pornô, do trabalhador do sexo, do animal de laboratório etc.) se torna a do *corpus* (já não *homo*) *pornograficus* cuja vida (condição técnica mais do que puramente biológica), carente de direitos de cidadania, autoria e ao trabalho, é construída por e sujeita a midiatização global e autovigilância. E tudo isso no centro das nossas democracias pós-industriais, em que não há necessidade alguma de recorrer ao modelo distópico do campo de concentração ou de extermínio — facilmente denunciável como dispositivo de controle — para descobrir a tecnovida nua, parte de um “bordel-laboratório global integrado multimídia” em que o controle dos fluxos e dos afetos se realiza sob a forma *pop* da excitação-frustração.

EXCITAR E CONTROLAR

A transformação progressiva da cooperação sexual em principal força produtiva não poderia ocorrer sem o controle técnico da reprodução. Não há pornô sem Pílula ou Viagra. Ou, inversamente, não há Viagra ou Pílula sem pornô. O novo tipo de produção sexual implica um controle detalhado e estrito das forças de reprodução das espécies. Não há pornografia sem vigilância e controle paralelos dos fluidos e afetos do corpo. Agindo sobre

este corpo farmacopornô estão as forças da indústria da reprodução, ocasionando o controle da produção de óvulos, técnicas de relações programadas, coletas de esperma, fertilização *in vitro*, inseminação artificial, monitoramento da gravidez, planejamento técnico do parto etc. Consequentemente, desintegra-se pouco a pouco a tradicional divisão sexual do trabalho. O capitalismo farmacopornográfico inaugura uma nova era, em que o melhor tipo de negócio é a produção da própria espécie como espécie, a produção da sua mente e corpo, dos seus desejos e afetos. O biocapitalismo contemporâneo ao mesmo tempo produz e destrói as espécies. Apesar de estarmos acostumados a falar de sociedade de consumo, os objetos que consumimos são apenas uma centelha da produção virtual psicotóxica. Consumimos ar, sonhos, identidade, relação, coisas da mente. O novo capitalismo farmacopornográfico funciona, na realidade, graças à gestão biomidiática da subjetividade, por meio de seu controle molecular e da produção de conexões virtuais audiovisuais.

A indústria farmacêutica e a indústria audiovisual são os dois pilares sobre os quais se apoia o biocapitalismo contemporâneo; dois tentáculos de um gigantesco e viscoso circuito integrado. O programa farmacopornô da segunda metade do século XX é controlar a sexualidade dos corpos codificados como mulheres e causar a ejaculação dos corpos codificados como homens; “a Pílula”, o Prozac e o Viagra são para a indústria farmacêutica o que a pornografia, com sua gramática de boquetes, penetrações e *cum-shots*, é para a indústria cultural: o prêmio acumulado do biocapitalismo pós-industrial.

No contexto do biocapitalismo, uma doença advém ao domínio da realidade como consequência de um modelo médico e farmacêutico, como resultado de um suporte

técnico e institucional capaz de explicá-la discursivamente, de materializá-la e tratá-la de forma mais ou menos operacional. Do ponto de vista farmacopolítico, a grande quantidade de africanos afetada pela aids não está *realmente doente*. Os milhares de soropositivos que morrem a cada dia na África são corpos precários cuja sobrevivência ainda não foi capitalizada como consumidora/ produtora pela indústria farmacêutica ocidental. Para o sistema farmacopornográfico, estes corpos não estão mortos *nem vivos*, existem em um estado pré-farmacopornográfico — ou, o que é a mesma coisa, suas vidas não são suscetíveis de produzir benefício ejaculatório. Eles são corpos excluídos do regime tecnobiopolítico. As indústrias farmacêuticas emergentes da Índia, do Brasil ou da Tailândia lutam ferozmente pelo direito de distribuir suas terapias antirretrovirais. Da mesma forma, ainda esperamos pela comercialização de uma vacina contra a malária (uma doença que causa 5 milhões de mortes por ano no continente africano), em parte porque os países que precisam da vacina não podem pagar por ela. As mesmas companhias multinacionais ocidentais que embarcam em custosos programas para a produção de Viagra ou de novos tratamentos contra o câncer de próstata jamais investiriam na malária. Se não levarmos em conta os cálculos sobre a lucratividade farmacopornográfica, fica óbvio que a disfunção erétil e o câncer de próstata não são prioridades em países onde a expectativa de vida para os corpos humanos atingidos pela tuberculose, malária e aids não ultrapassa os 55 anos.⁴⁵

45 Michael Kremer e Christopher M. Snyder, "Why Is There No Aids Vaccine?", *CID Faculty Working Paper* n. 111, Harvard Kennedy School, Cambridge, MA, 2004.

No contexto do capitalismo farmacopornográfico, o desejo sexual e a doença compartilham a mesma plataforma de produção e cultivo: sem os suportes técnicos, farmacêuticos e midiáticos capazes de materializá-los, eles não existem.

Estamos vivendo uma era toxicopornográfica. O corpo pós-moderno se torna coletivamente desejável graças à sua gestão farmacológica e sua promoção audiovisual: dois setores nos quais os Estados Unidos detêm — no momento e talvez não por muito tempo — a hegemonia mundial. Estas duas forças de criação de capital não dependem de uma economia da produção, e sim de uma *economia da invenção*. Como mostra Philippe Pignarre, “a indústria farmacêutica é um dos setores econômicos nos quais os custos de pesquisa e desenvolvimento são muito elevados, enquanto os custos de fabricação são extremamente baixos. Diferentemente da indústria automobilística, não há nada mais fácil do que reproduzir um medicamento e assegurar sua síntese química em grande escala, enquanto não há nada mais difícil e custoso do que inventá-lo”.⁴⁶ Do mesmo modo, nada custa menos, materialmente falando, do que filmar um boquete ou uma penetração anal ou vaginal com uma câmera de vídeo. As drogas, como os orgasmos e os livros, são relativamente fáceis e baratas de fabricar. Difícil é sua concepção e sua disseminação política.⁴⁷ O biocapitalismo farmacopornográfico não produz coisas, mas ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas

⁴⁶ Philippe Pignarre, *Le grand secret de l'industrie pharmaceutique*. Paris: La Découverte, 2004, p. 18.

⁴⁷ Maurizio Lazzarato, *Puissance del'invention. La psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique*. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond, 2002.

e afetos. Nos campos da biotecnologia e da pornocomunicação, não há objetos a produzir, trata-se de inventar um sujeito e produzi-lo em escala global.



3. TESTOGEL



Na escritura, sou sempre ao mesmo tempo o cientista e o rato que ele destripa para estudar.

HERVÉ GUIBERT

Vários meses antes de sua morte, Del, meu professor *hacker de gênero*, me presenteia com uma caixa com trinta envelopes de 50mg de testosterona em gel. Guardo os envelopes por muito tempo em um pote de vidro como se fossem escaravelhos dissecados, balas envenenadas extraídas de um cadáver, fetos de uma espécie desconhecida, dentes de vampiro que podem pular no pescoço só de olhar para eles. Nessa época, passo os dias rodeada de amigos trans. Alguns tomam hormônios seguindo um protocolo de mudança de sexo, outros traficam, outros se automedicam sem tentar mudar de gênero legalmente e sem passar por um protocolo psiquiátrico. Eles não se identificam com o termo *disfóricos de gênero*, e chamam a si mesmos de *piratas de gênero*, ou *hackers de gênero*. Eu pertencço a este grupo de usuários de testosterona. Somos usuários *copy-left*¹ isto é, consideramos os hormônios sexuais como bio-códigos livres e abertos cujo uso não deve estar regulado nem pelo Estado nem confiscado pelas companhias farmacêuticas. Quando decido tomar minha primeira dose de testosterona, não conto para ninguém. Como se se tratasse de uma droga pesada, espero ficar sozinha em casa para

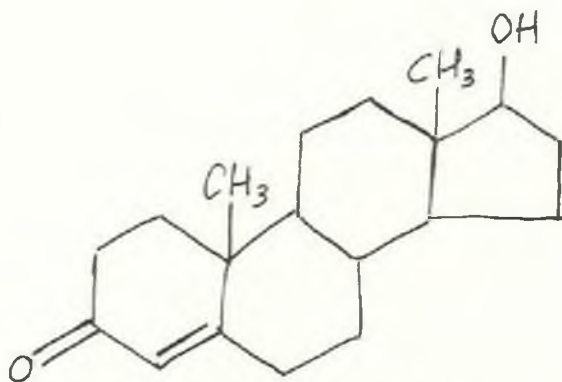
¹ Termo usado como uma brincadeira com a palavra *copyright* que, em português, significa permissão/autorização para reprodução legal de determinado material. [N.T.]



experimentá-la. Espero que anoiteça. Tiro um dos envelopes do pote de vidro e volto a fechá-lo para me assegurar de que hoje, e pela primeira vez, consumirei uma única dose. Mal comecei e já me comporto como alguém viciado em uma substância ilícita. Eu me escondo, me vigio, me censuro, me contendo. No dia seguinte, quase na mesma hora da noite, uso a segunda dose de 50mg. No terceiro dia, a terceira dose. Durante esses dias e noites, escrevo o texto que acompanhará o último livro de fotografias de Del. Não falo com ninguém, só escrevo. Como se a escrita pudesse ser a única testemunha confiável desse processo. Todos os outros vão me trair. Sei que vão me julgar por tomar testosterona. Uns dirão que me tornarei um homem entre os homens, porque eu estava bem quando era mulher. Outros vão me julgar por tomar testosterona fora de um protocolo médico, por não querer tomar testosterona para me tornar um homem, por fazer da testosterona uma droga pesada como outra qualquer, por queimar o filme da testosterona justo agora que a legislação começava a integrar os transexuais, a garantir que as doses e as cirurgias sejam pagas pela Previdência Social.

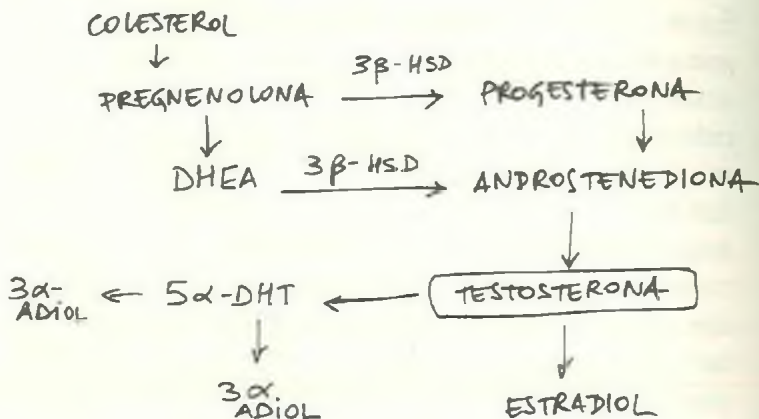
A escrita é o lugar em que habita meu vício secreto e, ao mesmo tempo, o cenário em que meu vício sela um pacto com a multidão. Na quarta noite, não durmo. Estou lúcida, enérgica, desperta como na primeira noite em que transei com uma garota quando eu era menina. Às quatro da manhã, continuo escrevendo sem um pinga de cansaço. Sentada em frente ao computador, sinto os músculos das costas inervados por um cabo cibernético que cresce a partir do chão da cidade e sai pela minha cabeça até se enganchar nos planetas mais distantes da Terra. Às seis da manhã, depois de ter passado dez horas quase sem me mexer na cadeira, só bebendo água,

levanto-me e saio para dar uma volta pela cidade com Justine, a cadela. Acho que é a primeira vez que saio de casa às seis da manhã sem ter qualquer motivo específico em um dia de outono. A buldogue está confusa, não gosta de sair tão cedo, mas me segue. Preciso respirar o ar da cidade, sair do espaço doméstico, caminhar pelas ruas como se andasse pela sala da minha casa. Desço a rue de Belleville até o mercado chinês, os lixeiros africanos constroem diques com tapetes de pano para desviar a água dos bueiros. Espero que abram o bar Les Folies, tomo um café, devoro dois croissants e volto a subir a rua. Chego em casa suando. Noto, pela primeira vez, que meu suor mudou. Eu me jogo no sofá, ligo a tevê, i-Télé, só notícias, e, pela primeira vez em três dias, durmo profundamente inundada nesse suor testosteronado junto com Justine.



ESTRUTURA QUÍMICA
DA TESTOSTERONA

METABOLISMO DA TESTOSTERONA



PICO

A testosterona que me aplico tem o nome farmacológico de Testogel. Foi produzida pelos laboratórios Besins, em Montrouge, França. Esta é a descrição técnica do fármaco:

TESTOGEL 50mg é um gel transparente ou ligeiramente opalescente e incolor que se apresenta em envelopes de 5mg. Contém testosterona, um hormônio masculino produzido de forma natural pelo organismo. Este medicamento é um tratamento hormonal indicado para transtornos relacionados a deficit de testosterona. Antes de iniciar o tratamento com TESTOGEL, o deficit de testosterona deve ser claramente demonstrado por indicadores clínicos (regressão das características sexuais

secundárias, modificação da constituição corporal, astenia, diminuição da libido, disfunção erétil etc.). Este medicamento foi prescrito para seu uso pessoal e não deve ser repassado a outras pessoas.

Atenção: TESTOGEL não deve ser utilizado por mulheres.

Instruções de segurança para o uso de TESTOGEL 50mg gel em envelopes:

Possível transferência de testosterona.

Se não forem tomadas precauções, pode-se produzir uma transferência de testosterona de uma pessoa a outra mediante o contato cutâneo estreito e relativamente prolongado com a zona de aplicação do gel. Esta transferência pode ser evitada cobrindo-se a zona de aplicação com a roupa ou tomando banho antes do contato.

Portanto, recomenda-se tomar as seguintes precauções: Lavar as mãos com água e sabão depois da aplicação do gel. Cobrir a zona de aplicação com roupa, uma vez que o gel tenha secado.

Tomar banho antes de contato íntimo com outrem.

Para as pessoas não tratadas com TESTOGEL 50mg:

Em caso de contato com a região de aplicação não lavada nem coberta com roupa, lavar imediatamente com água e sabão a superfície cutânea sobre a qual houve possibilidade de se produzir transferência de testosterona.

Consulte seu médico se aparecerem sinais como acne ou qualquer alteração do pelo corporal.

É preferível que se respeite um intervalo de pelo menos seis horas entre a aplicação do gel e a ducha ou o banho. No entanto, um banho ou uma ducha ocasional entre uma e seis horas depois da aplicação do gel não deve influir de maneira significativa no tratamento.

Para garantir a segurança do parceiro feminino, aconselha-se ao paciente, por exemplo, deixar um intervalo prolongado entre a aplicação e o período de contato, usar uma camiseta que cubra os lugares de aplicação durante o período de contato ou tomar banho antes de manter relações sexuais.

Leio a bula do Testogel consciente de estar diante de um manual de microfascismo e, ao mesmo tempo, inquieta pelos efeitos diretos ou secundários da molécula sobre meu corpo. O laboratório pressupõe que o usuário de testosterona é um “homem” que não produz naturalmente uma quantidade suficiente de andrógenos e, claro, que é heterossexual (as advertências da transferência da testosterona através da pele são dirigidas à sua suposta parceira feminina). Mas, me pergunto, esta noção de homem faz referência a uma definição cromossômica (XY), genital (possuir pênis e testículos bem diferenciados) ou legal (a menção “homem” consta da sua carteira de identidade)? Se a administração de testosterona sintética é indicada para casos de deficiência de testosterona, quando e de acordo com quais critérios é possível afirmar que um corpo é deficitário? Um exame dos meus sinais clínicos indica falta de testosterona? Por acaso não é verdade que minha barba não se desenvolveu e que meu clitóris não passa de um centímetro e meio? E qual seria o tamanho ideal de um clitóris e seu grau de eretildade? E os sinais políticos? Como podemos medi-los? Seja como for, é preciso deixar de afirmar-se como mulher para obter legalmente uma dose de testosterona sintética. Mesmo antes que os efeitos da testosterona se manifestem no meu corpo, a condição para poder administrar-me esta molécula é haver renunciado à minha identidade feminina.

Uma tautologia política excelente. Como a depressão ou a esquizofrenia, a masculinidade e a feminilidade são ficções farmacopornográficas definidas retroativamente segundo a molécula com a qual são tratadas. Não há categoria da depressão sem a molécula sintética de serotonina, assim como não masculinidade clínica sem a testosterona sintética.

Decido conservar minha identidade jurídica de mulher e tomar testosterona sem entrar em um protocolo de mudança de sexo. Isto é um pouco como morder o pau que o estupra, o pau do regime farmacopornográfico. Obviamente, esta posição é um luxo político. Se neste momento posso me permitir isso, é porque não preciso sair para procurar trabalho, porque sou branca e porque não tenho qualquer intenção de manter um relacionamento burocrático com o Estado. Minha decisão não entra em conflito com a posição de todos aqueles transexuais que decidiram assinar um contrato de mudança de sexo com o Estado para ter acesso simultaneamente à molécula e à identidade legal masculina.² Na realidade, meu gesto careceria de força se não fosse pelo exército de transexuais silenciosos para os quais a molécula, o protocolo e a mudança de identidade jurídica não são um luxo. Eles e eu estamos unidos por litros invisíveis de gel: sem eles, isso tudo não faria sentido.

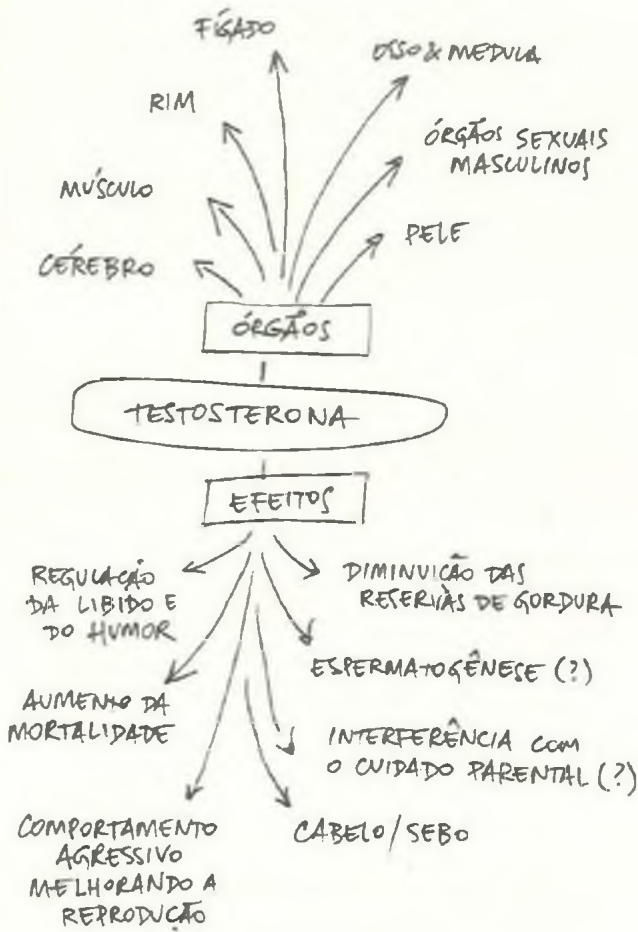
2 No dia 1º de março de 2007, o governo espanhol aceitou a petição dos grupos transexuais de poder ter acesso a uma mudança de sexo legal (mudança de nome na carteira de identidade) sem ter que passar por uma cirurgia. No entanto, esta lei exige a transformação hormonal e social da pessoa durante pelo menos dois anos como condição de mudança de sexo legal (na realidade, mudança de nome ou de gênero seria o termo mais preciso). Atualmente, esta medida é criticada por diversos movimentos transexuais e transgêneros no país.

Este medicamento é reservado para o homem adulto

A dose recomendada é de 5g de gel (equivalente a 50mg de testosterona) aplicado uma vez ao dia, aproximadamente no mesmo horário e preferencialmente pela manhã. O médico ajustará a dose diária em função de cada paciente, sem ultrapassar os 10g de gel ao dia. O produto deve ser espalhado com suavidade sobre a pele limpa, seca e saudável, formando uma fina camada sobre ambos os ombros, ambos os braços e o abdômen. Depois de abrir o envelope, deve-se extrair todo o seu conteúdo e aplicá-lo de imediato sobre a pele. Deixar secar por pelo menos três a cinco minutos antes de se vestir. Lavar as mãos com água e sabão depois da aplicação. Não se deve aplicar sobre a zona genital (pênis e testículos). Devido à alta concentração de álcool, o gel pode produzir irritação nos locais de aplicação.

Para a aplicação, siga corretamente as instruções de seu médico.

Se você acidentalmente usar mais TESTOGEL 50mg gel em envelopes do que deveria, consulte seu médico.



DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE A TESTOSTERONA

A bula não menciona a prescrição para terapia hormonal em caso de mudança de sexo. Sem dúvida, nesse caso as doses seriam diferentes. A única menção ao possível vício em testosterona é essa discreta referência "consulte seu médico se você usar mais Testogel do que deveria". Enumero na minha cabeça todos os amigos que consomem mais de 50mg por dia: H. J., P. P., R. Z., F. U., K. B., B. S., a lista poderia ser interminável. Não poderei dizer que não sabia disso.

Se você se esqueceu de usar TESTOGEL 50mg gel em envelopes:

Não use uma dose dupla para compensar a dose esquecida.

Possíveis efeitos colaterais com TESTOGEL 50mg gel em envelopes:

Assim como todos os medicamentos, TESTOGEL 50mg gel em envelopes pode ter efeitos colaterais: às vezes podem ser observadas na região de aplicação reações cutâneas como irritação, acne e pele seca. TESTOGEL pode provocar dor de cabeça, queda de cabelo, aparecimento de tensão na região mamária com ou sem dor, alterações da próstata, diarreia, vertigem, hipertensão arterial, alterações do estado de ânimo, alterações de exames laboratoriais (aumento do número de glóbulos vermelhos do sangue e lipídios), hipersensibilidade cutânea e coceira. Foram observadas outras reações adversas durante o tratamento com testosterona por via oral ou injetável: hipertrofia prostática (aumento benigno da glândula prostática) e progressão de um câncer de próstata subclínico, prurido (coceira) em todo o corpo, vermelhidão no rosto e pescoço, náuseas, icterícia (coloração amarela da pele e das mucosas), aumento da libido

(desejo sexual), depressão, nervosismo, dor muscular, alterações do equilíbrio eletrolítico (conteúdo de sais no sangue), oligospermia (diminuição do número de espermatozoides) e ereções frequentes ou prolongadas.

Certos sinais clínicos como irritabilidade, nervosismo, aumento de peso, ereções muito frequentes ou persistentes, podem indicar um efeito forte demais do produto. Comunique seu médico. Ele ajustará a dose diária de TESTOGEL.

Esportistas e mulheres devem ser advertidos de que este medicamento contém um princípio ativo (testosterona) suscetível de produzir um resultado positivo em exames antidoping.

Esportistas e mulheres? Devo perceber aqui um silogismo oculto segundo o qual todos os esportistas são homens? Ou, então, devo entender que as mulheres, também se são esportistas, permanecem sempre mais mulheres do que esportistas? Este é um modo de traçar uma fronteira política quando se trata do consumo de testosterona. Na verdade, é uma advertência para esportistas e mulheres que o uso de testosterona pode ser considerado como administração ilegal de uma substância estimulante. Fora da lei. Para as mulheres, esportistas ou não, tomar testosterona é uma forma de doping.

Guarde esta bula. É possível que precise voltar a lê-la.

A lista de efeitos colaterais pode ser longa, mas ponho um limite à paranoia cultural e guardo a bula na pasta destinada à "Pesquisa T". Com certeza precisarei voltar a lê-la.

O Testogel, diz a bula, não deve ser repassado a quem não tenha recebido uma receita médica, ou seja, como Del

passou para mim, como eu passei para King E., como King E. passou para v. King. É uma recomendação comum à maioria das drogas: antibióticos, antivirais, corticoides etc. Mas, no caso da testosterona, o controle da “passagem da substância” parece mais complicado, não só porque pode ser vendida no mercado negro e consumida sem prescrição médica, mas sobretudo porque a testosterona aplicada em um corpo pode “passar” imperceptivelmente para outro corpo através da pele. A testosterona é uma das poucas drogas que se difunde pelo suor, de pele para pele, de corpo para corpo.

Como esse tráfego — a microdifusão de finíssimas gotas de suor, a exportação e a importação de vapores, o contrabando de exalações — pode ser controlado, inspecionado? Como prevenir o contato entre névoas cristalinas, como controlar o diabo transparente que desliza de outra pele para a minha pele?

ENCONTRO COM T.

Paris, 25 de novembro de 2005. Espero que seja novamente dez da noite para me aplicar uma nova dose de Testogel. Tomei um banho para não ter que me lavar depois da aplicação. Preparei uma camisa azul, uma gravata e uma calça preta para sair e caminhar com Justine. Não senti nenhuma mudança desde ontem. Espero os efeitos de T. sem saber exatamente quais serão nem como ou quando se manifestarão. Passo as duas últimas horas no Skype falando com Del; estamos escolhendo as fotografias que serão publicadas em seu novo livro, *Sex Works*. Minhas imagens preferidas são as que retratam lugares públicos, como a série de fotografias da festa sadomasô no Scott's

Bar no começo dos anos 1980. Em um banheiro, com as paredes revestidas, encontram-se três corpos: duas lésbicas vestidas se ocupam de um terceiro corpo meio nu. Com um chicote preto de couro, açoitam uma bunda entregue a elas, uma bunda de alguém encostado em uma das portas das cabines do banheiro com a camisa xadrez enrolada em volta do pescoço e uma Levis 501 na altura dos joelhos. Nesta série de fotografias, as lentes variam o foco, aproximando-se ou afastando-se da pele, dos objetos, buscando ou fugindo de olhares, mostrando ou escondendo afetos produzidos. Uma das imagens deixa de lado a cena principal e se volta para o chão: as pastilhas desenham figuras geométricas, como se o Scott's Bar fosse uma catedral lésbica e o arranjo dos seus desenhos secretos esboçasse o labirinto de um Chartres sáfico que indica o caminho para um prazer nunca antes experimentado. Depois, a câmera focaliza os corpos. Em segundo plano, uma *butch*³ e uma *femme* vasculham entre as camisas penduradas de um guarda-roupas improvisado. Bill, a perfeita encarnação da *butch*, está em primeiro plano: cabelo curto, um *look* roqueiro estilo anos 1950, rosto liso, um cigarro ligeiramente inclinado para o lado esquerdo da boca, uma pequena etiqueta com nome ao redor do pescoço (a densa granulação da fotografia em preto e branco não deixa reconhecer os detalhes); uma jaqueta de couro preta sobre o torso nu, nada por baixo exceto um *jockstrap* branco em que se destaca o volume de um *packing* e um cinturão preto com tachas metálicas do qual pende um molho de chaves múltiplas e brilhantes. À sua esquerda, uma *butch*

3 Termo em inglês para designar uma mulher com aparência muito masculinizada. Na linguagem popular, poderia ser traduzida como "sapatão". [N.T.]

franzina apoia a cabeça raspada em um extintor de incêndio. Falamos só das fotos. Embora tenha sido Del quem me deu os envelopes de Testogel, não lhe digo que vou desligar para aplicar uma dose. Digo apenas que tenho que desligar. Ele me prende por mais alguns minutos, me faz elogios, e acabo me atrasando para o encontro das dez com T. Um minuto depois, lá vou eu: abro o envelope prateado, e o gel frio e transparente já desapareceu sob a pele dos meus braços. O que sobra é um frescor de menta que sai dos meus ombros em direção ao céu.

Não há droga tão pura como a testosterona em gel. Não tem cheiro. No entanto, um dia depois da aplicação, meu suor se torna mais ácido e mais adocicado. Emanava de mim um cheiro de boneco de plástico aquecido ao sol ou de licor de maçã esquecido no fundo do copo. É o meu corpo reagindo à molécula. A testosterona não tem sabor. Não tem cor. Não deixa marca. A molécula de testosterona se dissolve na pele como um fantasma que atravessa a parede. Entra sem aviso, penetra sem deixar marcas. Não é necessário fumá-la nem cheirá-la nem injetá-la, nem sequer engoli-la. Basta colocá-la perto da minha pele, e, assim, pela simples proximidade com o corpo, ela desaparece para se diluir no meu sangue.



4. HISTÓRIA DA TECNOSSEXUALIDADE

A descontinuidade da história, do corpo, do poder: Foucault descreve as transformações da sociedade europeia do final do século XVIII a partir do que ele chama de uma “sociedade soberana” para uma “sociedade disciplinadora”, o que vê como o deslocamento de uma forma de poder que decide e ritualiza a morte para uma nova forma de poder que planeja tecnicamente a vida em termos de população, saúde e interesse nacional. *Biopouvoir* (biopoder) é o termo com que se refere a essa nova forma de poder produtivo, difuso e em expansão. Ultrapassando o domínio jurídico e da esfera punitiva, o poder torna-se uma força de “soma-topoder” que penetra e constitui o corpo do indivíduo moderno. Este poder já não se comporta como uma lei coercitiva, um mandato negativo: é mais versátil e acolhedor, adquirindo a forma de “uma arte de governar a vida”, uma tecnologia política geral transformada em arquiteturas disciplinadoras (prisões, quartéis, escolas, hospitais etc.), textos científicos, tabelas estatísticas, cálculos demográficos, manuais, recomendações de uso, calendários de regulação reprodutiva e projetos de saúde pública. Foucault sublinha a centralidade do sexo e da sexualidade nessa moderna arte de governar a vida. Os processos de biopoder da histerização do corpo feminino, a pedagogia sexual das crianças, a regulação das condutas de procriação e a psiquiatrização de prazeres perversos serão, para Foucault, os eixos deste projeto que ele caracteriza, não sem ironia, como um processo de modernização sexual.¹

1 Michel Foucault, *Histoire de la sexualité: La volonté de savoir*. Paris:

Seguindo as intuições de Michel Foucault, Monique Wittig e Judith Butler, denomino uma das formas dominantes desta ação biopolítica, que emerge com o capitalismo disciplinar, como *sexopolítica*.² O sexo, sua verdade, sua visibilidade, suas formas de exteriorização; a *sexualidade* e as formas de prazer normais e patológicas; e a *raça*, em sua pureza ou degeneração, são três ficções somáticas poderosas que obcecaram o mundo ocidental desde o século XVIII, chegando a definir o escopo de toda atividade teórica, científica e política contemporânea. São ficções somáticas não porque lhes falte realidade material, mas porque sua existência depende do que Judith Butler denominou *repetição performativa de processos de construção política*.³

O sexo se tornou parte tão importante dos planos de poder que o discurso sobre a masculinidade e a feminilidade e as técnicas de normatização das identidades sexuais transformaram-se em agentes de controle e padronização da vida. Em 1868, as identidades hetero e homossexual foram inventadas em uma esfera de empirismo, classificação taxonômica e psicopatologia. Da

Gallimard, 1976, pp. 136-139 [Ed. bras.: *História da sexualidade: a vontade de saber*, trad. Maria Thereza Albuquerque da Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014]; ver também Michel Foucault, *Naissance de la biopolitique: Cours au collège de France, 1978-1979*. Paris: Seuil, 2004 [Ed. bras.: *Nascimento da biopolítica*, trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008].

2 Beatriz Preciado, "Multitudes queer". *Multitudes*, Primavera de 2003, pp. 17-25.

3 Ver Judith Butler, *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990 [Ed. bras.: *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*, trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003].

mesma forma, Krafft-Ebing cria uma enciclopédia das sexualidades normais e perversas em que identidades sexuais se tornam objetos de conhecimento, vigilância e repressão jurídica.⁴ No final do século XIX, leis de criminalização da sodomia espalham-se pela Europa. Codifica-se visualmente a “diferença sexual” como verdade anatômica. Concebem-se como entidades anatômicas as trompas de Falópio, as glândulas de Bartholin e o clitóris. Uma das diferenças políticas elementares do Ocidente (ser homem ou mulher) poderia ser resumida a uma equação banal: ter ou não ter um pênis de um centímetro e meio no momento do nascimento. Os primeiros experimentos de inseminação artificial foram realizados em animais. Com a ajuda de instrumentos mecânicos, realizaram-se intervenções no domínio da produção do prazer feminino; enquanto, por um lado, se proibiu e se controlou a masturbação, por outro, o orgasmo feminino foi medicalizado e entendido como crise de histeria.⁵ O orgasmo masculino foi mecanizado e domesticado por meio de uma incipiente codificação pornográfica... A maquinaria estava pronta. O corpo, dócil ou raivoso, estava preparado.

Poderíamos denominar de “império sexual” (se pudermos nos permitir sexualizar a casta expressão de Hardt

4 Richard Von Krafft-Ebing, *Psychopathia Sexualis: The Classic Study of Deviant Sex*. New York: Arcade, 1998.

5 Para uma história visual da histeria, ver Georges Didi-Huberman, *Invention of Hysteria: Charcot and the Photographic Iconography of the Salpêtrière*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004 [Ed. bras.: *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*, trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015]. Para uma história das tecnologias do corpo histórico, ver Rachel P. Maines, *The Technology of Orgasm: “Hysteria,” Vibrators and Women’s Sexual Satisfaction*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2001.

Seguindo as intuições de Michel Foucault, Monique Wittig e Judith Butler, denomino uma das formas dominantes desta ação biopolítica, que emerge com o capitalismo disciplinar, como *sexopolítica*.² O sexo, sua verdade, sua visibilidade, suas formas de exteriorização; a sexualidade e as formas de prazer normais e patológicas; e a raça, em sua pureza ou degeneração, são três ficções somáticas poderosas que obcecaram o mundo ocidental desde o século XVIII, chegando a definir o escopo de toda atividade teórica, científica e política contemporânea. São ficções somáticas não porque lhes falte realidade material, mas porque sua existência depende do que Judith Butler denominou repetição performativa de processos de construção política.³

O sexo se tornou parte tão importante dos planos de poder que o discurso sobre a masculinidade e a feminilidade e as técnicas de normatização das identidades sexuais transformaram-se em agentes de controle e padronização da vida. Em 1868, as identidades hetero e homossexual foram inventadas em uma esfera de empirismo, classificação taxonômica e psicopatologia. Da

Gallimard, 1976, pp. 136-139 [Ed. bras.: *História da sexualidade: a vontade de saber*, trad. Maria Thereza Albuquerque da Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014]; ver também Michel Foucault, *Naissance de la biopolitique: Cours au collège de France, 1978-1979*. Paris: Seuil, 2004 [Ed. bras.: *Nascimento da biopolítica*, trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008].

2 Beatriz Preciado, "Multitudes queer". *Multitudes*, Primavera de 2003, pp. 17-25.

3 Ver Judith Butler, *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990 [Ed. bras.: *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*, trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003].

mesma forma, Krafft-Ebing cria uma enciclopédia das sexualidades normais e perversas em que identidades sexuais se tornam objetos de conhecimento, vigilância e repressão jurídica.⁴ No final do século XIX, leis de criminalização da sodomia espalham-se pela Europa. Codifica-se visualmente a “diferença sexual” como verdade anatômica. Concebem-se como entidades anatômicas as trompas de Falópio, as glândulas de Bartholin e o clitóris. Uma das diferenças políticas elementares do Ocidente (ser homem ou mulher) poderia ser resumida a uma equação banal: ter ou não ter um pênis de um centímetro e meio no momento do nascimento. Os primeiros experimentos de inseminação artificial foram realizados em animais. Com a ajuda de instrumentos mecânicos, realizaram-se intervenções no domínio da produção do prazer feminino; enquanto, por um lado, se proibiu e se controlou a masturbação, por outro, o orgasmo feminino foi medicalizado e entendido como crise de histeria.⁵ O orgasmo masculino foi mecanizado e domesticado por meio de uma incipiente codificação pornográfica... A maquinaria estava pronta. O corpo, dócil ou raivoso, estava preparado.

Poderíamos denominar de “império sexual” (se pudermos nos permitir sexualizar a casta expressão de Hardt

4 Richard Von Krafft-Ebing, *Psychopathia Sexualis: The Classic Study of Deviant Sex*. New York: Arcade, 1998.

5 Para uma história visual da histeria, ver Georges Didi-Huberman, *Invention of Hysteria: Charcot and the Photographic Iconography of the Salpêtrière*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004 [Ed. bras.: *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*, trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015]. Para uma história das tecnologias do corpo histórico, ver Rachel P. Maines, *The Technology of Orgasm: “Hysteria,” Vibrators and Women’s Sexual Satisfaction*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2001.

e Negri)⁶ esse regime biopolítico que usa o sexo, a sexualidade e a identidade sexual como centro somático-político para produção e governo da subjetividade. A sexopolítica disciplinadora ocidental do final do século XIX e durante boa parte do século XX resume-se a uma regulação das condições de reprodução da vida ou aos processos biológicos que “dizem respeito à população”. Para a sexopolítica do século XIX, o corpo heterossexual é o artefato que vai alicerçar o maior sucesso do governo. A mentalidade heterossexual (*straight mind*), para retomar a expressão que Monique Wittig elaborou nos anos 1980 para designar a heterossexualidade não como uma prática sexual, mas como um regime político,⁷ assegura a relação estrutural entre a produção da identidade sexual e a produção de certas partes do corpo (em detrimento de outras) como órgãos reprodutivos. Uma importante tarefa desse trabalho disciplinador consiste em extrair o ânus dos circuitos de produção e prazer. Nas palavras de Deleuze e Guattari, “o ânus foi o primeiro órgão privatizado, colocado fora do campo social. O ânus serviu como modelo de toda privatização posterior, ao mesmo tempo em que o dinheiro veio para expressar o novo estado de abstração de fluxos”.⁸ O ânus como centro de produção de prazer (e, neste sentido, intimamente relacionado à boca ou à mão, órgãos que serão também fortemente controlados pela regulação sexopolítica do século XIX

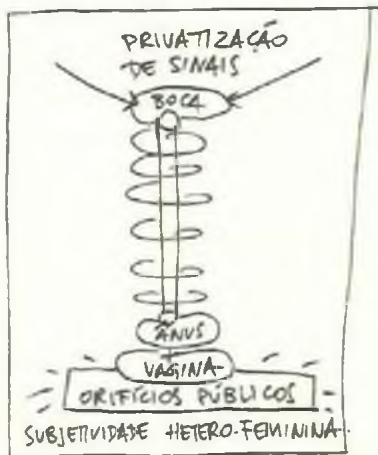
6 Michael Hardt e Antonio Negri, *Empire*. Paris: Exils, 2000 [Ed. bras: *Império*, trad. Benito Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2001].

7 Monique Wittig, *La Pensée straight*. Paris: Balland, 2001, pp. 65-76.

8 Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Anti-Oedipus*. Londres: Continuum, 2004, p. 157 [Ed. bras.: *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, trad. Luis B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010].

contra a masturbação e a homossexualidade) não tem gênero. Nem feminino nem masculino, o ânus produz um curto-circuito na divisão dos sexos. Como centro da passividade primordial e abjeto por excelência, posicionado perto do detrito e da merda, serve como o buraco negro universal pelo qual avançam os gêneros, os sexos, as identidades e o capital. O Ocidente é desenhado como um tubo com dois orifícios: uma boca emissora de sinais públicos e um ânus impenetrável ao redor do qual gira a subjetividade masculina e heterossexual que adquire *status* de corpo socialmente privilegiado.

2 FICÇÕES SOMÁTICAS HETEROSSEXUAIS



e Negri)⁶ esse regime biopolítico que usa o sexo, a sexualidade e a identidade sexual como centro somático-político para produção e governo da subjetividade. A sexopolítica disciplinadora ocidental do final do século XIX e durante boa parte do século XX resume-se a uma regulação das condições de reprodução da vida ou aos processos biológicos que “dizem respeito à população”. Para a sexopolítica do século XIX, o corpo heterossexual é o artefato que vai alicerçar o maior sucesso do governo. A mentalidade heterossexual (*straight mind*), para retomar a expressão que Monique Wittig elaborou nos anos 1980 para designar a heterossexualidade não como uma prática sexual, mas como um regime político,⁷ assegura a relação estrutural entre a produção da identidade sexual e a produção de certas partes do corpo (em detrimento de outras) como órgãos reprodutivos. Uma importante tarefa desse trabalho disciplinador consiste em extrair o ânus dos circuitos de produção e prazer. Nas palavras de Deleuze e Guattari, “o ânus foi o primeiro órgão privatizado, colocado fora do campo social. O ânus serviu como modelo de toda privatização posterior, ao mesmo tempo em que o dinheiro veio para expressar o novo estado de abstração de fluxos”.⁸ O ânus como centro de produção de prazer (e, neste sentido, intimamente relacionado à boca ou à mão, órgãos que serão também fortemente controlados pela regulação sexopolítica do século XIX

6 Michael Hardt e Antonio Negri, *Empire*. Paris: Exils, 2000 [Ed. bras: *Império*, trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2001].

7 Monique Wittig, *La Pensée straight*. Paris: Balland, 2001, pp. 65-76.

8 Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Anti-Oedipus*. Londres: Continuum, 2004, p. 157 [Ed. bras.: *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, trad. Luis B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010].

contra a masturbação e a homossexualidade) não tem gênero. Nem feminino nem masculino, o ânus produz um curto-circuito na divisão dos sexos. Como centro da passividade primordial e abjeto por excelência, posicionado perto do detrito e da merda, serve como o buraco negro universal pelo qual avançam os gêneros, os sexos, as identidades e o capital. O Ocidente é desenhado como um tubo com dois orifícios: uma boca emissora de sinais públicos e um ânus impenetrável ao redor do qual gira a subjetividade masculina e heterossexual que adquire *status* de corpo socialmente privilegiado.

2 FICÇÕES SOMÁTICAS HETEROSSEXUAIS



Até o século XVII, a epistemologia sexual do regime soberano era dominada pelo que o historiador Thomas Laqueur denomina de “um sistema de similaridades”; a anatomia sexual feminina foi estabelecida como uma variação frágil, interiorizada e degenerada do único sexo que possuía uma existência ontológica, o masculino.⁹ Os ovários eram considerados os testículos internos, e a vagina seria um pênis invertido que serve de receptáculo para os órgãos sexuais masculinos. O aborto e o infanticídio, práticas correntes daquele tempo, não eram regulados pelo aparato legal do Estado, mas por diferentes micropoderes econômico-políticos aos quais os corpos gestantes se encontravam ligados em cada caso — a tribo, a casa feudal, o *pater familias* etc. Duas expressões sociais e políticas diferenciadas hierarquicamente dividem a superfície do modelo “monossexual”: o “homem”, o modelo perfeito do humano, e a “mulher”, o receptáculo reprodutivo. No regime soberano, a masculinidade é a única ficção somática com poder político. A masculinidade (incorporada pelas figuras do rei e do pai) é definida por técnicas necropolíticas: o rei e o pai são aqueles que têm o direito de tirar a vida. A atribuição do sexo depende não só da morfologia exterior dos órgãos sexuais, mas, e sobretudo, da capacidade reprodutiva e do papel social. Assim, por exemplo, uma mulher barbuda capaz de engravidar, colocando uma criança no mundo e cuidando dela, é considerada uma mulher, independentemente da forma e do tamanho de sua vulva. Nessas configurações somatopolíticas, o sexo e a sexualidade (observe

⁹ Thomas Laqueur, *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992, pp. 63-108 [Ed. bras.: *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*, trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001].

que o próprio termo *sexualidade* não será inventado até 1880) ainda não equivalem a categorias de conhecimento ou técnicas de subjetivação suscetíveis de ultrapassar as segmentações políticas que separam o escravo do homem livre, o cidadão do imigrante ou o senhor do servo. Isso não quer dizer que não houvesse diferenças entre masculinidade e feminilidade, ou entre diferentes modos de produzir prazer sexual, e sim que estes ainda não determinavam as cristalizações da subjetividade sexopolítica.

No começo do século XVIII, ganha forma um regime sexopolítico novo e visual, dependente de um "sistema de oposições" — e já não de "similaridades". Ele mapeia uma nova anatomia sexual em que o sexo feminino não é mais uma inversão ou uma interiorização do sexo masculino, mas sim um sexo inteiramente diferente, cujas formas e funções respondem à própria lógica anatômica. De acordo com Thomas Laqueur, a invenção do que poderia ser chamado de estética da diferença sexual (e racial) é necessária para estabelecer uma hierarquia político-anatômica entre os sexos (masculino e feminino) e as raças (brancos e não brancos) em caso de agitações resultantes dos movimentos de revolução e liberação que clamam pela ampliação da esfera pública para mulheres e estrangeiros. É aqui que a verdade anatômica passa a funcionar como a legitimação de uma nova organização política do campo social.¹⁰

A mudança que vai dar à luz o regime disciplinar começa com a gestão política da sífilis, o advento da diferença sexual, a repressão técnica da masturbação e a invenção das identidades sexuais.¹¹ O auge dessas

10 Thomas Laqueur, *Making Sex*, op. cit., pp. 149-192.

11 Ver Thomas Laqueur, *Solitary sex. A cultural history of masturbation*. New York: Zone Books, 2003.

Até o século XVII, a epistemologia sexual do regime soberano era dominada pelo que o historiador Thomas Laqueur denomina de “um sistema de similaridades”; a anatomia sexual feminina foi estabelecida como uma variação frágil, interiorizada e degenerada do único sexo que possuía uma existência ontológica, o masculino.⁹ Os ovários eram considerados os testículos internos, e a vagina seria um pênis invertido que serve de receptáculo para os órgãos sexuais masculinos. O aborto e o infanticídio, práticas correntes daquele tempo, não eram regulados pelo aparato legal do Estado, mas por diferentes micropoderes econômico-políticos aos quais os corpos gestantes se encontravam ligados em cada caso — a tribo, a casa feudal, o *pater familias* etc. Duas expressões sociais e políticas diferenciadas hierarquicamente dividem a superfície do modelo “monossexual”: o “homem”, o modelo perfeito do humano, e a “mulher”, o receptáculo reprodutivo. No regime soberano, a masculinidade é a única ficção somática com poder político. A masculinidade (incorporada pelas figuras do rei e do pai) é definida por técnicas necropolíticas: o rei e o pai são aqueles que têm o direito de tirar a vida. A atribuição do sexo depende não só da morfologia exterior dos órgãos sexuais, mas, e sobretudo, da capacidade reprodutiva e do papel social. Assim, por exemplo, uma mulher barbuda capaz de engravidar, colocando uma criança no mundo e cuidando dela, é considerada uma mulher, independentemente da forma e do tamanho de sua vulva. Nessas configurações somatopolíticas, o sexo e a sexualidade (observe

⁹ Thomas Laqueur, *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992, pp. 63-108 [Ed. bras.: *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*, trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001].

que o próprio termo *sexualidade* não será inventado até 1880) ainda não equivalem a categorias de conhecimento ou técnicas de subjetivação suscetíveis de ultrapassar as segmentações políticas que separam o escravo do homem livre, o cidadão do imigrante ou o senhor do servo. Isso não quer dizer que não houvesse diferenças entre masculinidade e feminilidade, ou entre diferentes modos de produzir prazer sexual, e sim que estes ainda não determinavam as cristalizações da subjetividade sexopolítica.

No começo do século XVIII, ganha forma um regime sexopolítico novo e visual, dependente de um "sistema de oposições" — e já não de "similaridades". Ele mapeia uma nova anatomia sexual em que o sexo feminino não é mais uma inversão ou uma interiorização do sexo masculino, mas sim um sexo inteiramente diferente, cujas formas e funções respondem à própria lógica anatômica. De acordo com Thomas Laqueur, a invenção do que poderia ser chamado de estética da diferença sexual (e racial) é necessária para estabelecer uma hierarquia político-anatômica entre os sexos (masculino e feminino) e as raças (brancos e não brancos) em caso de agitações resultantes dos movimentos de revolução e liberação que clamam pela ampliação da esfera pública para mulheres e estrangeiros. É aqui que a verdade anatômica passa a funcionar como a legitimação de uma nova organização política do campo social.¹⁰

A mudança que vai dar à luz o regime disciplinar começa com a gestão política da sífilis, o advento da diferença sexual, a repressão técnica da masturbação e a invenção das identidades sexuais.¹¹ O auge dessas

10 Thomas Laqueur, *Making Sex*, op. cit., pp. 149-192.

11 Ver Thomas Laqueur, *Solitary sex. A cultural history of masturbation*. New York: Zone Books, 2003.

tecnologias rígidas e pesadas de produção de identidade sexual será alcançado em 1868, com a patologização da homossexualidade e a normatização burguesa da heterossexualidade. A partir de então, o aborto e o infanticídio pós-parto estarão sujeitos à vigilância e à punição da lei. O corpo e seus produtos se tornarão propriedade do masculino/marido/pai e, por extensão, do Estado e de Deus.

Nesse sistema de reconhecimento, qualquer divergência corporal da norma (como tamanho e forma dos órgãos sexuais, pilosidade facial e forma e tamanho dos seios) é considerada uma monstruosidade, uma violação das leis da natureza ou uma perversão, uma violação das leis morais. Da mesma forma que a diferença sexual é elevada a uma categoria não apenas natural, mas também transcendental (superando os contextos históricos e culturais), as diferenças entre homossexualidade e heterossexualidade aparecem como anatômicas e psicológicas, e o mesmo acontece com o sadismo, o masoquismo e a pedofilia; entre normalidade e perversão. Aquelas que até então eram consideradas simples práticas sexuais se transformam em identidades e condições que devem ser estudadas, registradas, perseguidas e caçadas, castigadas e curadas. Cada corpo, como nos diz Foucault, torna-se “um indivíduo que é preciso corrigir”.¹² Inventam-se, assim, a criança masturbadora e o monstro sexual. Sob este novo olhar epistemológico, a mulher barbada se transforma ou em objeto de observação científica ou em atração circense no novo aglomerado urbano. Este duplo movimento em direção à vigilância médico-jurídica e à espetacularização

¹² Michel Foucault, *Les anormaux. Cours au Collège de France, 1974-1975*. Paris: Gallimard, 1999, p. 53 [Ed. bras.: *Os anormais*, trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010].

mediática, intensificado pelas técnicas digitais e de processamento de dados e pelas redes de comunicação, será uma das características do regime farmacopornográfico que começa sua expansão em meados do século XX.

Os dispositivos sexopolíticos que se desenvolvem com a estética da diferença sexual e das identidades sexuais no século XIX são técnicas mecânicas, semióticas e arquitetônicas de naturalização do sexo. E aqui podemos listar uma longa coleção de fenômenos resultantes: o atlas de anatomia sexual, os tratados de otimização dos recursos naturais proporcional ao crescimento da população, os textos jurídicos sobre a criminalização do travestismo ou da sodomia, a amarração das mãos da menina masturbadora à cama, ferros que separam as pernas das jovens históricas, filmes fotográficos de nitrato de prata sobre os quais se gravam as imagens do ânus dilatado de homossexuais passivos, as camisas de força que prendem o corpo indomável da mulher masculinizada... Estes dispositivos para a produção da subjetividade sexual tomam a forma de arquiteturas políticas *exteriores* ao corpo. Seus sistemas têm um comando firme das políticas ortopédicas e dos exoesqueletos disciplinares. O modelo para estas técnicas de subjetivação, de acordo com Foucault, poderia ser a arquitetura de Jeremy Bentham para a fábrica-prisão (o panóptico, em particular), o asilo ou os quartéis militares. Se pensarmos os dispositivos de subjetivação sexopolítica, precisamos falar também da expansão de uma rede de "arquitetura doméstica". Estas extensivas, intensivas e, sobretudo, íntimas formas arquitetônicas incluem uma redefinição dos espaços privados e públicos, a administração do comércio sexual, mas também dispositivos ginecológicos e invenções da ortopedia sexual, assim como novas técnicas midiáticas

tecnologias rígidas e pesadas de produção de identidade sexual será alcançado em 1868, com a patologização da homossexualidade e a normatização burguesa da heterossexualidade. A partir de então, o aborto e o infanticídio pós-parto estarão sujeitos à vigilância e à punição da lei. O corpo e seus produtos se tornarão propriedade do masculino/marido/pai e, por extensão, do Estado e de Deus.

Nesse sistema de reconhecimento, qualquer divergência corporal da norma (como tamanho e forma dos órgãos sexuais, pilosidade facial e forma e tamanho dos seios) é considerada uma monstruosidade, uma violação das leis da natureza ou uma perversão, uma violação das leis morais. Da mesma forma que a diferença sexual é elevada a uma categoria não apenas natural, mas também transcendental (superando os contextos históricos e culturais), as diferenças entre homossexualidade e heterossexualidade aparecem como anatômicas e psicológicas, e o mesmo acontece com o sadismo, o masoquismo e a pedofilia; entre normalidade e perversão. Aquelas que até então eram consideradas simples práticas sexuais se transformam em identidades e condições que devem ser estudadas, registradas, perseguidas e caçadas, castigadas e curadas. Cada corpo, como nos diz Foucault, torna-se “um indivíduo que é preciso corrigir”.¹² Inventam-se, assim, a criança masturbadora e o monstro sexual. Sob este novo olhar epistemológico, a mulher barbada se transforma ou em objeto de observação científica ou em atração circense no novo aglomerado urbano. Este duplo movimento em direção à vigilância médico-jurídica e à espetacularização

¹² Michel Foucault, *Les anormaux. Cours au Collège de France, 1974-1975*. Paris: Gallimard, 1999, p. 53 [Ed. bras.: *Os anormais*, trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010].

mediática, intensificado pelas técnicas digitais e de processamento de dados e pelas redes de comunicação, será uma das características do regime farmacopornográfico que começa sua expansão em meados do século XX.

Os dispositivos sexopolíticos que se desenvolvem com a estética da diferença sexual e das identidades sexuais no século XIX são técnicas mecânicas, semióticas e arquitetônicas de naturalização do sexo. E aqui podemos listar uma longa coleção de fenômenos resultantes: o atlas de anatomia sexual, os tratados de otimização dos recursos naturais proporcional ao crescimento da população, os textos jurídicos sobre a criminalização do travestismo ou da sodomia, a amarração das mãos da menina masturbadora à cama, ferros que separam as pernas das jovens históricas, filmes fotográficos de nitrato de prata sobre os quais se gravam as imagens do ânus dilatado de homossexuais passivos, as camisas de força que prendem o corpo indomável da mulher masculinizada... Estes dispositivos para a produção da subjetividade sexual tomam a forma de arquiteturas políticas *exteriores* ao corpo. Seus sistemas têm um comando firme das políticas ortopédicas e dos exoesqueletos disciplinares. O modelo para estas técnicas de subjetivação, de acordo com Foucault, poderia ser a arquitetura de Jeremy Bentham para a fábrica-prisão (o panóptico, em particular), o asilo ou os quartéis militares. Se pensarmos os dispositivos de subjetivação sexopolítica, precisamos falar também da expansão de uma rede de "arquitetura doméstica". Estas extensivas, intensivas e, sobretudo, íntimas formas arquitetônicas incluem uma redefinição dos espaços privados e públicos, a administração do comércio sexual, mas também dispositivos ginecológicos e invenções da ortopedia sexual, assim como novas técnicas midiáticas

de controle e representação (fotografia, cinema, pornografia incipiente) e desenvolvimento em massa das técnicas psicológicas de introspecção e confissão.

Se é verdade que a análise de Foucault até este ponto, embora nem sempre cronologicamente exata, parece ter grande acuidade crítica, não é menos verdade que ela perde intensidade à medida que se aproxima da sociedade contemporânea. Foucault negligencia a emergência de um conjunto de profundas transformações das tecnologias de produção do corpo e da subjetividade que apareceram progressivamente com o começo da Segunda Guerra Mundial. Essas transformações nos obrigam a conceitualizar um terceiro regime de subjetivação, um terceiro sistema de saber-poder, que não é soberano nem disciplinar, nem pré-moderno nem moderno. No epílogo de *Mil platôs*, Deleuze e Guattari, inspirando-se em Williams S. Burroughs, usam o termo “sociedade de controle”¹³ para nomear este “novo monstro” da organização social que é um subproduto do controle biopolítico. Acrescentando noções inspiradas pela leitura de Burroughs e de Charles Bukowski, prefiro denominá-la de “sociedade farmacopornográfica”. A ejaculação politicamente programada é a moeda desse novo controle molecular-informático.

Após a Segunda Guerra Mundial, o contexto somatopolítico da produção tecnopolítica do corpo parece dominado por uma série de novas tecnologias do corpo (biotecnologia, cirurgia, endocrinologia, engenharia genética etc.) e da representação (fotografia, cinema, televisão, internet,

13 Gilles Deleuze, “Post-scriptum sur les sociétés de contrôle”, in *Pourparlers*. Paris: Minuit, 1990, p. 241 [Ed. bras.: “Post-scriptum sobre a sociedade de controle”, in *Conversações*, trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2013].

videogame etc.) que se infiltram e penetram como nunca a vida cotidiana. Trata-se de tecnologias biomoleculares, digitais e de transmissão de informação em alta velocidade. Esta é a era das tecnologias suaves, ligeiras, viscosas e gelatinosas que podem ser injetadas, inaladas — “incorporadas”. A testosterona que eu utilizo é uma das novas tecnologias gelatinosas.

Esses três regimes de produção de corpos e subjetividades sexuais não deveriam ser entendidos como meros períodos históricos. O regime disciplinar não apaga as técnicas de soberania necropolítica. Da mesma forma, o regime farmacopornográfico não oblitera totalmente as técnicas biopolíticas disciplinares. Três técnicas diferentes e conflitantes de regime de poder estão justapostas e atuam no corpo produzindo nosso sujeito contemporâneo e nossa ficção somática.

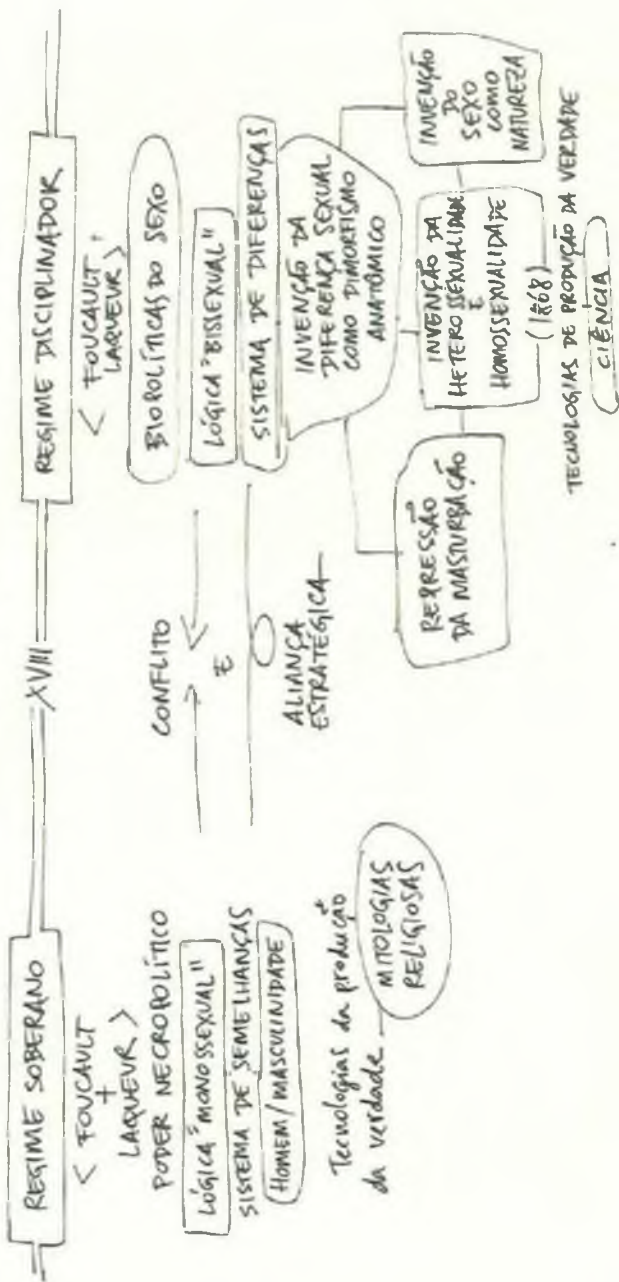
Na sociedade disciplinar, as tecnologias de subjetivação controlavam o corpo a partir do exterior como um aparato ortoarquitectônico, mas na sociedade farmacopornográfica as tecnologias se tornam parte do corpo: diluem-se nele, tornando-se *somatécnicas*.¹⁴ Como resultado, a relação corpo-poder torna-se tautológica: a tecnopolítica assume a forma do corpo, é incorporada. Um dos primeiros sinais de transformação do regime do somatopoder em meados do século **xx** foi a eletrificação, a digitalização e a molecularização desses dispositivos de controle e produção da diferença sexual e das identidades sexuais. Pouco a pouco,

¹⁴ No começo dos anos 2000, um grupo de acadêmicos da Universidade Macquarie, incluindo Susan Stryker, criou o termo *somatechnics* para destacar a complexa relação entre corpo e tecnologia. A tecnologia não acrescenta algo a determinado corpo, e sim é o próprio meio pela qual a corporeidade é fabricada.

os mecanismos ortopédico-sexuais e arquitetônicos disciplinadores foram absorvidos por técnicas microinformáticas leves e de rápida transmissão, bem como por técnicas audiovisuais e farmacológicas. Se a arquitetura e a ortopedia servem como modelos para entender a relação corpo-poder na sociedade disciplinadora, na sociedade farmacopornográfica os modelos de controle do corpo são microprotéticos: agora, o poder atua por meio de moléculas incorporadas ao nosso sistema imunológico; o silicone toma a forma de seios, neurotransmissores alteram nossas percepções e comportamento; hormônios produzem seus efeitos sistêmicos sobre a fome, o sono, a excitação sexual, a agressividade e a decodificação social da nossa feminilidade e masculinidade.

Testemunhamos progressivamente a miniaturização, internalização e introversão reflexiva (movimento de torção para o interior, para o espaço considerado como íntimo e privado) dos mecanismos de controle e vigilância do regime sexopolítico disciplinador. Essas novas tecnologias suaves de microcontrole adotam a forma do corpo que controlam, transformam-se em corpo, até se tornarem inseparáveis e indistinguíveis dele, acabando como soma-tecno-subjetividades. O corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles. A estrutura orgânica e biomolecular do corpo é o último esconderijo desses sistemas biopolíticos de controle. Esse momento contém todo o horror e a exaltação da potência política do corpo.

EPISTEMOLOGIA SEXUAL DO OCIDENTE



TECNOLOGIAS DA GUERRA

1950
ENERGIA NUCLEAR
TEMPOS PLÁSTICOS
MEIO AMBIENTE TOXICO

REGIME FARMACOPORNOGRÁFICO

Foucault + Deleuze + Guattari + Butler + Rubin

ERA PÓS-SEXUAL

CORPO VULNERÁVEL → PROTESES POLÍTICAS

MODELO SEXO-GÊNERO

SISTEMA DE SIMILARIDADES SINTÉTICAS E DIFERENÇAS

SEPARAÇÃO TÉCNICA DA HETEROSEXUALIDADE E REPRODUÇÃO

ADMINISTRAÇÃO ENDOCRINOLOGICA DAS IDENTIDADES SEXUAIS

HORMÔNIOS

PÍLULA

INVENÇÃO DA NOÇÃO DE GÊNERO COMO FERRAMENTA CLÍNICA

↓ MONEY

INTERSEXUALIDADE TRANSEXUALIDADE

TRANSFORMAÇÃO DA PORNOGRAFIA EM CULTURA POPULAR

CIRCUITO DE INFORMAÇÃO PORNO-DIGITAL

PRODUÇÃO FARMACOPORNOGRÁFICA DA SUBJETIVIDADE



5. O CORPO DE V. D. COMEÇA A FAZER PARTE DO CONTEXTO EXPERIMENTAL

Eu a vi duas vezes antes da tua morte, mas nunca com você. A primeira, na estreia de *Baise-Moi* (Foda-me); a segunda, cinco anos depois, cinco dias antes da tua morte, em 27 de setembro de 2005, no show de Lydia Lunch no Le Divan du Monde, em Paris. E foi o meu corpo, uma prótese do biopoder, uma plataforma microexcitável de resistência, que se apaixonou. Foi assim que aconteceu.

Primavera de 2000. Sob a pressão de uma associação de extrema direita, o Conselho de Estado do governo socialista decide revogar a autorização de distribuição que permitia a exibição do filme *Baise-Moi* nos cinemas. Aterrorizados por seu próprio vício pornográfico e pela possível visibilidade de seus paus flácidos, uma associação de censores ataca o filme como uma forma de dizer “não à pornografia”. Filhos da puta de merda, impedem a distribuição do filme, proibem-no em todos os cinemas e reduzem sua distribuição ao DVD, tirando-o do âmbito público para trancá-lo no consumo doméstico.

Na verdade, estão dizendo “não” ao único feminismo que poderia nos salvar, um tipo de feminismo com potencial para colocar a hegemonia farmacopornográfica de ponta-cabeça. Vou ao cinema MK2 Odéon, em Paris, onde um pequeno grupo de apoio, criado por Catherine Breillat, espera pelas diretoras. Nessa época, trabalho com diferentes grupos *queer* que incluem lésbicas rebeldes, bichas que estão de saco cheio do gueto gay e do

“dólar rosa”,¹ trans que não aguentam mais os protocolos médicos. Este é o princípio das políticas *queer* na Europa e, como todo princípio, está acompanhado de uma euforia alegre e inocente. Durante meses eu me dedico em tempo integral a organizar o que então acredito que será uma revolução pansexual iminente: a dissolução da identidade sexual em uma multiplicidade de desejos, práticas e estéticas, a invenção de novas sensibilidades, novas formas de vida coletiva... Tudo isso me parece então possível, real, inevitável. Alguns ativistas *queer* se reúnem na minha casa, na rue Jean-Pierre Timbaud, e fazemos duzentas fotocópias de um folheto; não há dinheiro para mais. A ideia é canalizar a força pornopolítica do filme para a facção *queer*, não porque as duas protagonistas de *Baise-Moi* sejam lésbicas ou alguma banalidade desse tipo, mas sim porque destroem tudo o que veem pela frente e são duas franco-árabes que liquidam uma tropa de homens brancos ao mesmo tempo que comem todos os garotos bonitos que encontram. Certamente, o fato de as duas serem gostosas é um trunfo para a causa *queer*.

Eu me sinto meio ridícula quando vejo v. D. pela primeira vez, bem na saída do cinema. Minhas mãos estão cheias de folhetos, de modo que não posso nem mesmo oferecer-lhe um ao cumprimentá-la. Seus braços de lavradora nórdica e seus passos definitivamente guerrilheiros me impressionam. Suponho que v. saiba tudo de álcool, cocaína, *speed*. Coralie também, mas vê-se que estão muito seguras do assunto, capazes de calar a boca de qualquer ideólogo de extrema direita. São duas cadelas sem

¹ O chamado dinheiro rosa se refere ao poder aquisitivo da comunidade LGBT, bem como aos negócios em diversos setores de entretenimento que se dirigem à comunidade marginal e discriminada. [N.T.]

dono, latindo para as massas de intelectuais liberais que denunciam a violência sexual das protagonistas do filme. Quando digo a elas que Nadine e Manu são as heroínas de uma possível revolução *queer*, elas olham para mim impassíveis. Ninguém sabe o significado da palavra *queer* na França dessa época. Terrorismo de gênero, de classe e de raça — isso sim lhes diz algo. Ao vê-la, entre outras pessoas que conheço e desconheço, sinto imediatamente que quero comê-la. Querer comer V. D. deve ser um sentimento comum. Estou atraída por ela, para além de toda referência concreta ao fato de que, ao que parece, ela é heterossexual. Ou talvez seja por isso, pelo prazer de saber que um dia ela deixará de ser para se transformar na minha puta. Na puta das lésbicas e dos trans, na chefe dos homens-menina. Penso que tem a ver com o título de seu livro, com as atrizes do filme, com o modo como se lançam sobre tudo que encontram. Não me impressiona esse sentimento, o que me dá é um pouco de vergonha, porque tem algo de resposta inconsciente a um mecanismo publicitário, como se o poder performativo de suas palavras *B-a-i-s-e-M-o-ï*² atacasse diretamente meu pau de plástico, meu desejo sintético de comê-la. Contudo, não entendo exatamente por que gosto justo *dela*. Não me atraio por Coralie, com sua beleza de grande dama de bordel asiático meio nazista; nem por Raffaella, raivosa e saltitante como um pitbull lésbico; e muito menos por Karen, que se deixa acariciar por esse turbilhão quente da multidão como uma deusa de areia

2 Esta é uma referência a *Baise-Moi*, o romance inovador e controverso escrito por Virginie Despentes. Na verdade, “Baise-moi” traduz-se literalmente como *Fuck Me* (Foda-me, em inglês), mas a edição norte-americana (trad. Bruce Benderson. New York: Grove Press, 2003) foi reintitulada pelo editor como *Rape Me* (Estupre-me, em inglês) para evitar problemas de censura nos Estados Unidos.

desmanchando-se pouco a pouco pelas ondas de um mar agitado. Todas as suas vadias me levam até ela. Elas são seu harém, suas amazonas, suas lobas *calientes* irascíveis, suas damas de companhia assassinas, suas guarda-costas tatuadas, suas putas revolucionárias — mas é ela que eu quero. O que me surpreende é a certeza com que sua presença me impacta. Mas não faço nada para alcançá-la, estou ocupada demais com a política *queer*. Acabei de publicar o *Manifesto* e, apesar de sua peculiaridade editorial, ele vai bem. Sou convidada para todos os cantos da França, principalmente pelas associações gays e lésbicas, e viajo para mais de vinte cidades do país, onde sou recebida pelas presidentas e pelos presidentes das associações com nome de Club Med homossexual ou transexual — como *femme-entre-elles*, *la-voie-des-femmes*, *trans-formation*, *lafleurbleu*, *amazones*, *le chemin de Sapho*, *les violettes*... Também faço apresentações em grandes livrarias, mas só no dia do orgulho gay. A dose justa de discriminação positiva. Não ganho um centavo com todas essas viagens; as associações demoram meses para me reembolsar as passagens de trem, e, na verdade, acabo sempre gastando dinheiro do meu bolso. Ruína. Mas aprendo a pensar em público, aprendo a amar as massas, a receber seu amor extenso e impessoal. Na época, foi assim que comecei a me envolver com a organização de oficinas *drag king*; com conferências sobre o feminismo norte-americano e a teoria *queer*; com oficinas de leitura sobre Butler, Foucault e Derrida; com seminários sobre a história da sexualidade na era eletrônica. Estou muito ocupada para ter uma vida sexualmente ativa.

O problema é que quando volto a encontrá-la já se passaram cinco anos. Durante esse tempo, enquanto me afastei das políticas *queer*, ela embarcou em uma empresa heterossexual falida e acabou perdendo tudo. Depois da

ruptura com R. S., depois da morte de K., V. D. “teria realmente gostado de ser atingida por um raio ou que metessem uma bala na sua nuca, que a matassem como um animal”.³ Serei capaz de lhe dar o que procura?

Setembro de 2005. Cinco dias antes da tua morte. Eu entro no Le Divan du Monde e a vejo. Ela agora está loira. Parece muito mais jovem do que da primeira vez, como se nesses anos tivesse caminhado de volta à adolescência. Está perto do palco com uma câmera. Seu olhar chega a mim antes do corpo. O efeito de formigueiro criado pelo movimento de seus fãs transforma a sala inteira em um redemoinho que avança na minha direção. Meu cabelo está comprido. Escondi boa parte da cabeça em um gorro preto de inverno, como para evitar que minhas ideias se dispersem ou sejam vistas. Estou abominável, mas masculina, e isso me dá confiança. Nós nos aproximamos para trocar um beijo tímido na bochecha: seu cheiro é intenso, animal. Trocamos também algumas palavras. Não é possível lembrar os detalhes dessa conversa. Alguns segundos desse momento permanecem em minha mente como fragmentos do cinema mudo. Sei que foram pronunciadas as frases: “agora sou lésbica” e “queria trepar com você desde a primeira vez que te vi”.

Nós nos encontramos em um momento fractal, à beira de uma tragédia tecnogrega: ela acaba de começar a sair com garotas, eu acabo de começar a tomar testosterona. Ela está se tornando lésbica, e eu estou me tornando alguma coisa diferente de uma garota. Ela gosta de seios, e eu amo paus. Mas ela é o que procuro. E eu sou o que ela procura. Ela tem o pau que procuro, e eu tenho os seios que ela procura. Qualquer dessas linhas de vida poderiam ter avançado em

3 Virginie Despentes, *Bye, Bye, Blondie*. Paris: Grasset & Fasquelle. 2004.

outra direção, mas vieram todas diretamente até nós e se cruzaram exatamente aqui, sob a pele dela e a minha.

Nós nos vemos de novo dois dias depois do show de Lydia Lunch. Você ainda está vivo. Não sei então que o chão sobre o qual nos apoiamos se prepara para girar bruscamente. O futuro: a tua morte, o meu vício em testosterona, o amor de V. D.

PRIMEIRO CONTRATO SEXUAL

Nosso primeiro contrato é explícito: ela é a puta; eu sou o transexual. Ela me leva a um hotel em Pigalle. Não é nem dia nem noite. Uma tarde translúcida de inverno. Ao entrar no quarto, ela me paga para que eu seja seu escravo essa noite. Ela liga a televisão como se quisesse testemunhas para o que está prestes a acontecer. Sem perder tempo, ela diz: "Amanhã você vai embora antes de eu acordar". Ela deixa a bolsa sobre a cadeira, despe-se e deita-se sobre a cama. Estica os braços, dispõe o corpo em S. Olho para ela sem saber se também devo tirar a roupa. Não tiro nada. Eu me deito junto dela. É sábado, a *Star Academy*⁴ vai se desfazer hoje de outra de suas vítimas. Como se ainda estivesse vestida, ela comenta a oportunidade dos participantes. Ela prefere o candidato mais velho de todos, com óculos de lentes alaranjadas, o mais rock and roll de todos; ela está apostando nele. Enquanto isso, observo cada detalhe do quarto. Olho para ela de relance. Sob os

⁴ Versão francesa de um *reality show* em que os competidores são cantores ou outro tipo de artistas. Obrigados a viver em uma escola chamada Academia, os participantes recebem treinamento para competir uns contra os outros com o objetivo final de serem escolhidos para uma turnê nacional.

feixes aleatórios de luz da televisão, posso ver a forma das auréolas de seus mamilos; uma alergia ou um eczema sobre o plexo solar; sua pele muito branca, o pelo do púbis curto e ligeiramente loiro. A seguir, imagino meus próprios mamilos sob o suéter, meu púbis completamente raspado, um corte de lâmina de barbear na parte direita, a alquimia da testosterona percorrendo meu sangue. Eu me imagino com e sem pau alternadamente e as imagens se sucedem como em uma gangorra. Mas sei que quando eu ficar nua ela só verá um desses corpos. Ser reduzida a uma imagem fixa me assusta. Continuo vestida por alguns minutos, de modo a desfrutar um pouco mais da dupla possibilidade. Quando eu me despir, ela não vai saber se tenho ou não uma ereção. Para mim, uma ereção é uma evidência óbvia, tanto no corpo sem pau como no corpo com pau.

Então, ela se inclina sobre mim, manuseia minhas pernas sem tocar em meu quadril, sobe montada em minha cintura sem perder tempo nos meus seios. Coloco a língua para fora. Ela toma essa língua com a boca. Quando nossos lábios estão quase se tocando, minha língua se afila como uma flecha. Sua boca fode com minha língua subindo e descendo rapidamente. Ela encontrou minha ereção. Às vezes uma mecha do seu cabelo loiro cai sobre essa mecânica. Ela o retira delicadamente com a mão, aproveitando para foder a ponta da minha língua ao subir a cabeça. Ela muda de ritmo. Quando minha língua sai de sua boca, ela prende esse músculo fazendo um anel com sua mão. Suas unhas estão impecavelmente vermelhas; seus movimentos são precisos, *cheios de classe*. Os nossos corpos giram juntos, nossos quadris se aproximam magneticamente, ao mesmo tempo unidos e separados pelo tecido da calça. Depois, sou eu que pego a sua boca com a língua. Uma e outra vez até que a saliva cai em jatos sobre seu peito.

Os corpos giram de novo e se levantam ligeiramente. Sigo com a boca esse circuito de saliva e desço até sua vulva. Ela geme como uma puta: "*Chérie, chéri*". Chupo seu sexo enquanto lhe digo, puxando sua cabeça para trás: "Amanhã vou embora quando eu quiser, sua piranha". A luz violeta da televisão inunda o quarto. Digo isso, mas na realidade tenho medo dela. Medo que me jogue na rua no meio da noite. Medo de que se levante e comece a gritar comigo. Medo de que arranque as tomadas do quarto com as unhas. Durante esse tempo, ela esticou os dois braços e se agarra à cabeceira acolchoada da cama. Está pronta para gozar. Eu me levanto, deixando-a assim, como um animal esquartejado. Penso em ir embora nesse momento para aumentar minha cota de masculinidade. Mas, em vez de ir embora, coloco uma cinta com um dildo 22x4cm. Então, volto sobre ela para comê-la. E a como — por um período de tempo indeterminado, nem longo nem curto, até que nós gozamos, primeiro eu e depois ela, minha puta. Ela dorme depois. Eu mexo os braços, sentindo-me totalmente impotente. Eu me levanto, lavo o dildo no banheiro, tiro a cinta e o ensaboó. A espuma flui através dos meus dedos. Eu o enxáguo com água e o grudo pela ventosa nos azulejos, deixando-o como um órgão ereto que cresce na parede ao encontro de um possível visitante. Eu o guardarei quando estiver totalmente seco. Volto para o quarto. Ela dorme, não mudou de posição; suas pálpebras se agitam, mas seu rosto está inerte. Acabam de eliminar um adolescente loiro da *Star Academy*, e metade do público grita desconsolada. Eu me deito ao seu lado. Não posso dormir. Desejo que amanheça para poder ir embora. Mas, inesperadamente, durmo: no meu sonho, sei que sou eu a puta. Quando acordo na manhã seguinte, ela já não está. Arranco o dildo da parede do banheiro, me visto e abandono o hotel.

FÊMEAS ALFA

Até aqui, não posso afirmar que minha rebelião de gênero tenha me situado em uma posição de vítima. Na realidade, meu caso amoroso com V. D. é o ápice de uma carreira sexual como conquistador sem pau que se iniciou na minha mais tenra infância. Desde a quinta série, saio unicamente com as meninas mais *sexies* da classe, e não estou disposto a abandonar esse *status*. Quando eu tinha catorze anos, minha primeira psicanalista me explicou que, fundamentalmente, o que eu quero é fazer uma queda de braço com Deus. Eu não entendo por que, em nome da minha saúde mental, ela insistia em que eu renunciasse ao meu desejo de trepar apenas com o topo da pirâmide da feminilidade, as fêmeas alfa, as superputinhas — um desejo que ela chama de “megalomaniaco”. Ela considera esse desejo como algo excessivo porque não sou um homem cis, que poderia chamar o mesmo desejo simplesmente de “autoestima”.

Desde menina, possuo um pau fantasmagórico de operário. Reajo a quase qualquer bunda que se mova. Para mim, dá na mesma que sejam bundas de meninas ou de mães, de burguesas ou camponesas, de bichas, de freiras, de lésbicas ou de piranhas. A reação do meu órgão sexual mental é imediata. Todas as garotas, as mais bonitas, as mais heterossexuais, aquelas que esperam um príncipe encantado naturalmente testosteronado, estão na realidade destinadas, ainda sem saber, a se tornarem vadias penetradas pelos meus dildos. Até os doze anos eu estive em um colégio católico só para meninas. Um verdadeiro paraíso lésbico. As melhores meninas eram para mim. Antes de terem tido a ocasião de cruzar a rua e se encontrar com os meninos do colégio da frente, já tinham enfiado

suas línguas dentro da minha boca. Elas são minhas. Eu deveria deixar claro, entretanto, que essa gravitação do sexo feminino ao meu redor não é devida de forma alguma à minha beleza. Aos quatro anos, fui diagnosticada com uma deformação maxilofacial que se tornaria radicalmente mais acentuada durante a adolescência, até chegar ao grotesco. Com os anos, eu me transformo em um monstro míope dramaticamente magra, com uma mandíbula pronunciada e braços e pernas muito compridos. Mas durante boa parte da minha infância e adolescência, sem dúvida graças a algum segredo que desconheço, as garotas se sentem atraídas por mim. Elas dizem que não são lésbicas, lamentam-se e choram depois de se deixarem ser acariciadas nos seios e de terem tirado as calcinhas no meu quarto para, em seguida, pararem de falar comigo. Elas me denunciam para os professores depois de terem se trancado comigo nos banheiros femininos pedindo-me que eu lhes conte histórias sujas. Mas guardam as cartas que lhes envio, colecionam os fragmentos de pastilhas com seus nomes escritos a caneta hidrográfica rosa que faço para elas. Lutam umas com as outras como guerreiras possuídas para chamar minha atenção no pátio durante os recreios. Elas são minhas. Estão marcadas para sempre com o fogo da revolução. Um dia, quando tenho dez anos, alguém liga para minha casa, diz para minha mãe "Sua filha é sapatão" e desliga. A partir desse momento, minha mãe lê todos os meus cadernos, vasculha todos os meus bolsos, olha todos os dias minha carteira para ter certeza de que não estou escondendo nada esquisito. Ela se transforma em um detetive privado contratado pelo regime heteropatriarcal para desativar minhas atividades nocivas de terrorismo: vigilância e inspeção doméstica, interrogatórios, proibições, reclusão, censura... Estes são

os sofisticados métodos que o sistema põe à disposição de uma simples dona de casa espanhola do período pós-franquista para extirpar o desejo masculino que habita meu corpo de menina.

Minha mãe e eu discutimos com frequência. Ela me pergunta se uso drogas, se me deito com garotos, se tomo a Pílula, se roubo o dinheiro que ela esconde no guarda-roupas entre os lençóis. Eu respondo "não" a todas as suas perguntas. Ela insiste. Diz que garotas como eu acabam fazendo abortos. Que se meu pai ficar sabendo, ele me mata. Digo não a cada coisa que ela sugere. Ela está tomada pelas próprias mentiras. Acho que me acusa de ser uma puta para evitar encarar o que já sabe. Ela me avisa que, se eu sair com rapazes do ETA,⁵ vai me amarrar e não vai me deixar mais sair de casa. Ela me tortura até que finalmente lhe digo. Simplesmente. Como uma afirmação aos seus medos mais profundos. Muito pior do que ser uma puta qualquer, do que me deitar com todos, do que abortar. Eu também estou aterrorizada. Mas, depois de ter resistido ao seu implacável sistema de vigilância heterossexual, desfruto desse momento de verdade. Com uma crueldade glacial, digo a ela a verdade: gosto de meninas. E imediatamente depois, sem lhe deixar espaço para resposta, continuo: Sou lésbica, sapatona, mulher-macho; sou um garoto, e você nem percebeu. E não quero me vestir com as saias que você compra para mim. Não quero esses sapatos. Não quero essas camisetas com laços. Não quero esses grampos de cabelo. Não quero essas camisolas. Não quero ter cabelo comprido. Não quero usar sutiã. Não quero falar como menina. Não quero me apaixonar e não quero me casar. Não quero pentear as bonecas. Não quero

⁵ ETA é a organização nacionalista e separatista basca da Espanha.

ser bonita. Não quero ficar em casa à noite. Não quero que você me trate como uma menina. Eu digo: Sou um menino, sacou? — levanto a blusa, mostro-lhe meus mamilos eretos em seios ainda inexistentes —, e mereço o mesmo respeito que o meu pai recebe.

Nasci durante a ditadura em uma pequena cidade espanhola dominada pelo franquismo católico; me atribuíram o gênero feminino; fizeram do espanhol minha língua materna; fui educada para ser uma menina modelo; me pagaram colégios caros e aulas particulares de latim. Nas palavras de Judith Butler, essas são “as reiteraões forçadas da norma”⁶ que me constituíram.

Hoje moro em diferentes metrópoles (em geral, entre quatro e oito milhões de habitantes, levando em conta as cidades do entorno) nas quais sobrevivo sexual e politicamente graças a uma rede *underground* microcomunitária. Minha vida consiste em circular entre diferentes lugares que são ao mesmo tempo centros de produção de discursos dominantes e periferias culturais. Transito entre três línguas que já não considero nem minhas nem estrangeiras. Incorporo uma condição sapatona-transgênero feita de múltiplos biocódigos, alguns dos quais são normativos, outros são espaços de resistência e alguns são possíveis lugares para invenção de subjetividade. Em cada caso, trata-se de ambientes artificiais, ilhas sintéticas de subjetivação que recobrem o tecido sexo-urbano dominante.

Vinte anos depois, quando volto à cidade em que nasci para visitar meus pais, às vezes me encontro com algumas das meninas que eu amava na infância. Elas estão

⁶ Judith Butler, *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex*. New York: Routledge, 1993, p. 232 [Ed. bras.: *Corpos que importam*, trad. Verônica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições, no prelo]

casadas, têm filhos, tingem o cabelo com cores realmente naturais, usam casacos de pele e lutam ativamente contra a flacidez dos músculos do pescoço. Elas me cumprimentam com surpresa aterrorizada. Dizem: "Você não mudou". Continuo sendo o menino que frequentava com elas o colégio de meninas. Por outro lado, e isso vale tanto para as mais burguesas quanto para as mais proletárias, elas já viveram os melhores anos de suas vidas heterossexuais e se preparam para chegar aos quarenta apoiadas apenas pela esperança de uma técnica de rejuvenescimento. Algumas estão contentes com os filhos, outras se justificam por não tê-los tido; outras parecem indiferentes; algumas ainda são apaixonadas pelos maridos, ou fingem ser.. Mas em algum lugar, em um recorte temporal, continuam sendo minhas meninas, minhas putas. Elas ainda têm tempo para a revolução.

VÍCIO

Não a vejo faz alguns dias. Ela me escreve dizendo que não podemos continuar, que não vai ser possível, que depois de P. não pode entrar de novo em uma relação assim, com tantos níveis de conexão, em que tudo flui como água. No quinto dia sem ela, volto a me aplicar uma dose de 50mg de testosterona. Nessa noite, não durmo. Levanto várias vezes para reler seus e-mails. Eu os filtro e examino, os leio como os monges medievais liam a Bíblia. Acho graça em decifrá-los. *Quis potest fallere amantem?* Fico sentada no sofá por horas, na escuridão, e entro em um estado próximo à auto-hipnose. Noto que as quatro últimas doses de 50mg interagem pela primeira vez até formarem um bloco químico que me deixa chapada. Sinto que a pele

do interior da minha boca se tornou mais grossa. Minha língua é como um músculo erétil. Sinto que poderia atravessar o vidro da janela com o punho. Sinto que poderia pular até a varanda da frente e comer a vizinha se ela me esperasse com as pernas abertas. Mas, desta vez, a testosterona, como biossuplemento energético ativado em um programa cultural feminino, me leva a arrumar e a limpar freneticamente meu apartamento durante toda a noite. Para começar, uma classificação profunda e eficaz. Quase não faço barulho. Os movimentos são precisos. Olhos, braços e pernas avançam e recuam de forma sucessiva: direita, esquerda, para a frente, para trás. Na minha biblioteca, desloco todas as pilhas de Foucault para as prateleiras de ciberpolíticas e as arrumo sob a letra F; recoloco no lugar o Tomatis, os dois Elias, os dois Bourdieu, o Jo Spence, um Ragan, três Haraway, um Virno, uma pilha de Butler em três idiomas, dois Davis, o Nina Roberts; organizo os Lemebel na primeira fileira, a foto de Pedro e Paco vestidos de Frida Kahlo com os corações feridos unidos por sondas transparentes; jogo no lixo a tradução de Flaubert para o inglês, pego o *Rester Vivant*, de Houellebecq, que está no outro quarto, para colocá-lo sobre minha mesa de trabalho. Levanto todas as cadeiras, afasto o sofá, a cama, o móvel da televisão e o baú para poder varrer e passar um esfregão com sabão antibacteriano. Eu me envolvo em um processo de desinfecção. Justine, a buldogue, não me acompanha nesse meu delírio testosterônico. Ela não se move da cama nem sequer quando levanto o móvel trinta centímetros acima do chão para tirar tudo o que está debaixo dele. Em menos de 25 minutos, terminei todo o apartamento. São 5h35min. Abro todas as janelas. O ar da noite entra como um vampiro que exala o hálito diretamente nos corredores do neocórtex. E, como das outras

vezes, volto a sentir esse desejo irrefreável de sair, de sentir a cidade acordar sob os meus pés. E saio.

Essa é a maneira de passar vários dias com T.

E finalmente a resposta dela chega: "Venha".

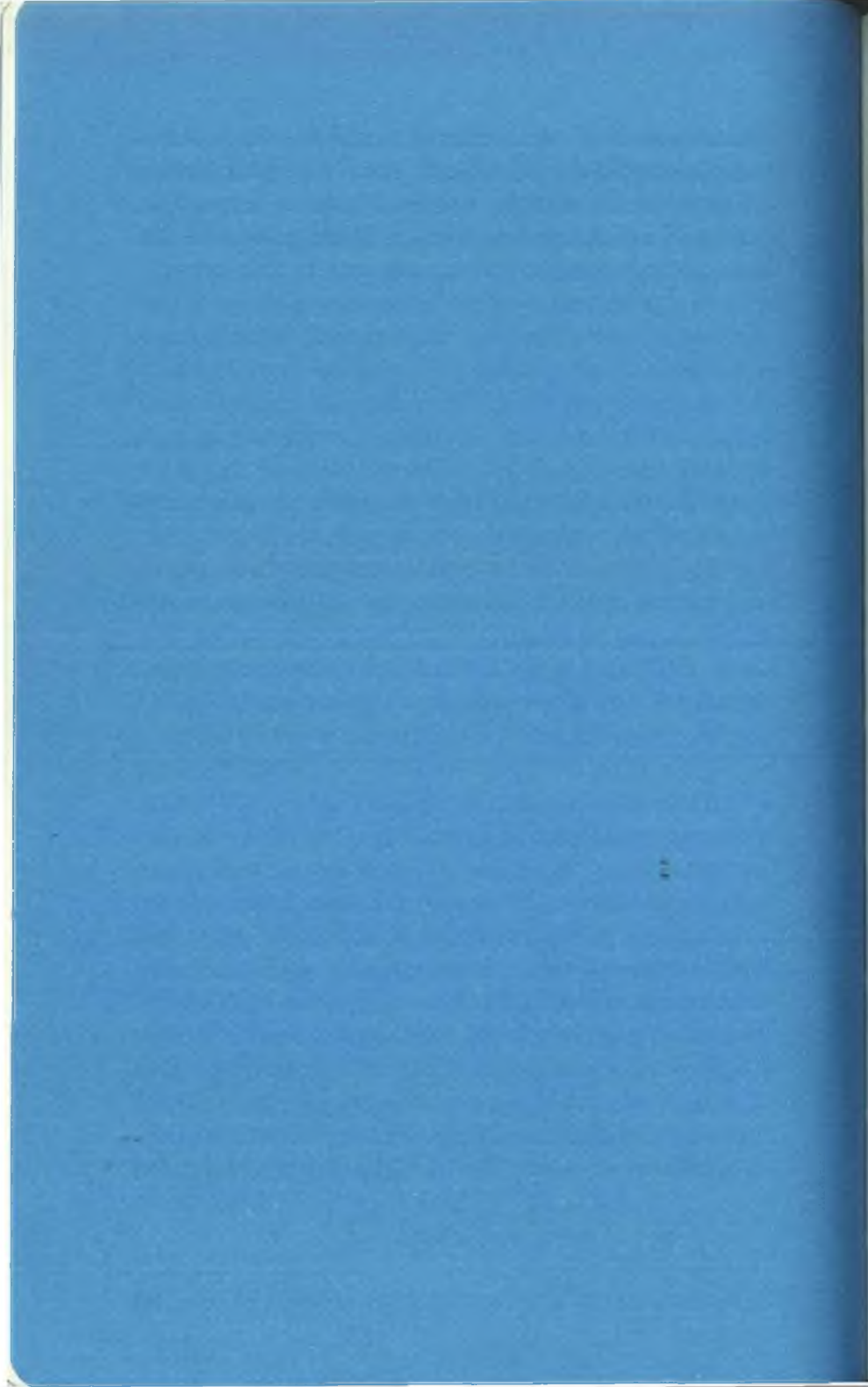
Ela me leva ao Terrace Hotel para fazer de mim a sua puta. Estou completamente chapado de testosterona. Experimento, como espectador do meu próprio corpo, a abertura de novos centros celulares de recepção e excitação, agressividade, força. Mas esse estado não é permanente. A fraqueza pode me atacar a qualquer momento: mais uma vez, posso voltar a me sentir apaixonada, frágil, e tudo simplesmente como uma certeza somática, sem necessidade de mentir para mim mesmo. Mal entramos no hotel, ela se dirige à recepção, diz seu pseudônimo, abre a bolsa Chanel de grande dama, tira o cartão de crédito e paga tudo adiantado, inclusive duas Coca-Colas e dois Toblerones do frigobar que serão mais tarde consumidos. Não faço um só gesto que possa indicar meu desejo de pagar. Esse é o nosso contrato. Ela paga e eu a como.

Subimos a pé até o quarto andar. Na escada, ela me diz: "Eu quero te comer aqui, imediatamente". Abre a porta do quarto. Despe-se sem falar comigo. Toca os próprios mamilos, gemendo. Suas tatuagens parecem baixos-relevos em sua pele de alabastro. Vem, vem. Estamos no Terrasse Hotel, no 18º arrondissement, onde ela e C. T. T. filmaram a cena de *Baise-Moi* em que Karen e Raffaella dançam juntas. Antes disso, na praia, com o mar ao fundo e o carro na areia, Manu diz a Nadine: "Acho que devíamos continuar juntas". Enquanto dançam, a música repete: "*It's to see what I want to see, it's to feel I want to feel*". Esse prazer não se parece a qualquer outro, nem sequer ao prazer de se masturbar na frente da televisão

ou ao prazer de fumar; é o prazer de saber que estarão juntas aconteça o que acontecer. Depois disso, elas saem para roubar cartões de crédito e atacam uma mulher em um caixa eletrônico. No caminho de volta, escolhem dois rapazes, sobem com eles para o quarto — o mesmo em que v. e eu trepamos agora — e se olham, de uma cama a outra, compartilhando o prazer de se fazerem penetrar ao mesmo tempo. Nesse dia, no mesmo quarto de Karen e Raff, trepamos nuas pela primeira vez. Seu quadril se cola no meu, sua vulva se engancha na minha, nossos órgãos roçam um no outro como focinhos de dois cachorros que se reconhecem. Enquanto trepamos, sinto que toda minha história política, que todos os meus anos de feminismo avançam diretamente para o centro de seu corpo, deramam-se sobre ela como que encontrando em sua pele seu verdadeiro e único nicho. Quando eu gozo, Wittig e Davis, Woolf e Solanas, La Pasionaria e Kate Bornstein borbulham comigo. Ela está coberta pelo meu feminismo como se fosse uma ejaculação fina, um oceano de purpurina política.

Quando acordo, mais tarde, sua mão está dentro da minha vagina. Seu corpo inteiro se tornou meu pau, está emergindo da minha pelve. Mas as veias dos seus braços têm muito mais classe do que as veias de um biopau. Agarro seu braço com as duas mãos, esfrego-os de cima a baixo, como que fazendo uma masturbação contrassexual. Depois subo as mãos até seu ombro direito, seu pescoço, enfio dois dedos na sua boca. Ela chupa meus dedos sem tirar a mão do meu corpo. O prazer resulta dessa organização de forças, dessa hierarquia de funções cuja estabilidade é necessariamente precária. Continuamos assim até que eu gozo na sua mão, até que a minha mão goze na sua boca.

Sáimos do hotel. Meus cotovelos estão doendo de trepar com ela. Trepar com ela é mais árduo do que trabalhar em uma fábrica, mais duro do que dirigir um caminhão carregado de nitroglicerina em um filme de faroeste. Ela arranca minha pele, todas as vezes.



6. TECNOGÊNERO

A invenção da categoria de “gênero” (*gender*) sinalizou uma cisão e tornou-se o ponto de origem para o surgimento do regime farmacopornográfico de produção e governo da sexualidade. Longe de ser a criação de uma agenda feminista, a noção de gênero pertence ao discurso biotecnológico que apareceu nas indústrias médicas e terapêuticas dos Estados Unidos no final da década de 1940. O gênero e a masculinidade e a feminilidade farmacopornográficas são artefatos originados do capitalismo industrial e atingirão picos comerciais durante a Guerra Fria, assim como a comida enlatada, o computador, as cadeiras de plástico, a energia nuclear, a televisão, o cartão de crédito, a caneta esferográfica descartável, o código de barras, os colchões infláveis ou os satélites de telecomunicações.

Em 1955, o psicólogo infantil John Money, que tratava “hermafroditas” e “bebês intersexuais”, tornou-se a primeira pessoa a fazer uso da categoria gramatical de *gênero* como uma ferramenta clínica e de diagnóstico. Junto com Anke Ehrhardt e Joan e John Hampson, ele iria desenvolvê-la como parte de um conjunto de hormônios potenciais ou técnicas cirúrgicas para modificar os corpos de bebês nascidos com órgãos genitais ou cromossomos que a medicina — com seus critérios visuais e discursivos — não conseguia classificar como estritamente femininos ou masculinos.¹ Às

¹ John Money, Joan G. Hampson e John L. Hampson, “Imprinting and the Establishment of Gender Role”, *Archives of Neurology and Psychiatry*, v. 7, n. 3, 1957, pp. 333-336.

rígidas classificações sexuais no século XIX, John Money opôs a maleabilidade do gênero, utilizando técnicas bioquímicas e sociais. Quando usou a palavra gênero para definir um “papel social” ou “identidade psicológica”, pensava essencialmente na possibilidade da utilização de tecnologias (de hormônios a técnicas sociais, como aquelas empregadas em instituições administrativas e pedagógicas) para modificar o corpo ou produzir intencionalmente subjetividade a fim de conformá-lo a uma ordem visual e biopolítica preexistente, que foi prescritiva para o que se supunha ser um corpo humano feminino ou masculino.² A fim de garantir que seu desenvolvimento “sexual” externo pudesse ser identificado como feminino, recém-nascidos declarados como “intersexuais” por possuírem um “micropênis” (de acordo com critérios visuais somatopolíticos) foram amputados, tendo os genitais reconstruídos em forma de vagina. Depois disso, passaram a receber terapia hormonal de substituição.³ Ativistas intersexuais têm apontado uma similaridade entre as técnicas tradicionais de extração do clitóris fora do Ocidente e as práticas industrializadas de mutilação genital nos corpos intersexuais do Ocidente.⁴ Distantes das técnicas rígidas e exteriores de normatização dos corpos nos sistemas

2 Joanne Meyerowitz, *How sex changed: a history of transsexuality in the United States*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002, pp. 98-129.

3 Suzanne Kessler, “The Medical Construction of Gender: Case Management of Intersex Infants”, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 1, n. 1, 1990. Suzanne Kessler e Wendy McKenna, *Gender: An Ethnomethodological Approach*. New York: John Wiley, 1978.

4 Cheryl Chase, “Hermaphrodites with Attitude: Mapping the Emergence of Intersex Political Activism”, in Susan Stryker e Stephen Whittle (eds.), *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006, pp. 300-314.

disciplinares e arquitetônicos no final do século XIX e início do século XX, as novas técnicas farmacopornográficas do biocapitalismo de produção de gênero foram simultaneamente invasivas e mínimas, penetrantes e invisíveis, íntimas e tóxicas, de alta tecnologia e mutiladoras.

Como a Pílula ou o *oncomouse*, o gênero é um artefato industrial biotécnico. As tecnologias de gênero, do sexo, da sexualidade e da raça são os verdadeiros fatores econômicos e políticos do farmacopornismo. São tecnologias de produção de ficções somáticas. *Masculino* e *feminino* são termos sem conteúdo empírico para além das tecnologias que os produzem. Assim, a recente história da sexualidade aparece como uma gigantesca Disneylândia farmacopornográfica, em que as metáforas do naturalismo sexual são fabricadas em escala global como produtos de indústrias midiáticas, endocrinológicas, cirúrgicas e do agronegócio.

Enquanto Money adultera o corpo de bebês para encaixá-los à força em categorias de “gênero masculino” ou “gênero feminino”, o dr. Henry Benjamin administra estrogênios e progesterona a um novo tipo de paciente do sistema público de saúde: um adulto que diz não se identificar com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Curiosamente, o critério para atribuição de gênero, assim como os critérios para sua reatribuição, em casos de transexualidade, colocam em funcionamento dois modelos metafísicos do corpo quase irreconciliáveis. Por um lado, os critérios de atribuição de sexo que permitem decidir se um corpo é “feminino” ou “masculino” na hora do nascimento (ou ainda dentro do útero, utilizando a ultrassonografia) dependem de um modelo de reconhecimento visual que se pretende empírico e em que os significantes (cromossomos, tamanho dos genitais etc.) se apresentam como verdades científicas. Neste caso, dar visibilidade a

um corpo implica atribuí-lo única e definitivamente a um gênero masculino ou feminino. Estamos aqui diante de uma ontologia ótica: o real é o visível. No entanto, a ideia segundo a qual há um verdadeiro “sexo psicológico” diferente daquele que foi atribuído no nascimento — ou seja, uma convicção subjetiva de ser um “homem” ou uma “mulher” — pertence a um modelo de radical invisibilidade, não representável, e esse paradigma se aproxima ao do inconsciente freudiano: isto é, a uma ontologia imaterial. Neste caso, o real não se oferece aos sentidos e é, por definição, aquilo que escapa aos meios empíricos. Se estes dois modelos podem funcionar juntos, isso se deve a um único eixo metafísico que os aproxima da mesma forma que os opõe. É necessário imaginar os ideais biopolíticos da masculinidade e da feminilidade como essências transcendentais das quais pendem, em suspensão, estéticas de gênero, códigos normativos de reconhecimento visual, convicções psicológicas invisíveis que levam o sujeito a se afirmar como masculino ou feminino, como homem ou mulher, como heterossexual ou homossexual, como cis ou trans. Contudo, os critérios visuais que regem a atribuição de um sexo no nascimento não são um evento biológico mais real do que os critérios psicológicos que fazem com que alguém se considere “interiormente” como homem ou mulher: “Genitais físicos são uma construção de formas de vida biológicas e científicas”.⁵ Pênis e vaginas são biocódigos de regimes de poder e conhecimento; reguladores ideais, ficções biopolíticas que encontram seu suporte somático

⁵ Suzanne Kessler e Wendy McKenna, “Toward a Theory of Gender”, in Susan Stryker e Stephen Whittle (eds.), *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006, p. 173.

na subjetividade individual.⁶ O regime sexo-gênero farmacopornográfico é o resultado da aliança inesperada entre a metafísica naturalista do século XIX do dimorfismo sexual, com foco na reprodução heterossexual, e a ascensão da indústria médica e biotécnica hiperconstrutivista, em que os papéis e as identidades de gênero podem ser artificialmente concebidos.⁷ Platão encontra Money na garagem de gênero *high-tech*.

A produção hiperbólica do discurso médico pós-guerra sobre gênero é o sinal de uma crise epistêmica: os intermináveis debates “natureza versus criação” que ocorreram entre 1950 e 1970 envolvendo John Money, David O. Cauldwell, Robert Stoller, Henry Benjamin, Richard Green ou Milton Diamond lembram-nos os truques do século XVI aplicados às esferas e aos epiciclos com o objetivo de manter a hegemonia do modelo astronômico geocêntrico. A proliferação do discurso clínico sobre “hermafroditismo verdadeiro”, “pseudo-hermafroditismo”, “intersexualidade”, “incongruências sexuais” e “*psychopathia transexualis*”,⁸ bem como a normatização médica das técnicas de reatribuição de sexo, mutilação genital de bebês intersexuais e reconstrução cirúrgica do gênero, tudo isso constitui nada mais do que medidas desesperadas (e violentas) para reforçar uma epistemologia abalada. Nos anos 1950, época que foi confrontada com a ascensão política do feminismo e com a homossexualidade, bem

6 Judith Butler. “Doing Justice to Someone: Sex Reassignment and Allegories of Transsexuality”, in *Undoing Gender*. New York: Routledge, 2004, pp. 57-74.

7 Id., *ibid.*

8 Ver David O. Cauldwell, “Psychopathia Transexualis”, in Susan Stryker e Stephen Whittle (eds.), *op. cit.*, pp. 57-74.

como com o desejo de “travestis”, “desviantes” e “transsexuais” de evitar ou transformar a designação do sexo de nascimento, a epistemologia do dimorfismo e da diferença sexual estava simplesmente em ruínas. A epistemologia disciplinar do século XIX era baseada no imperativo biopolítico da reprodução heterossexual da população de um país. Como explicam Suzanne J. Kessler e Wendy McKenna, os corpos humanos eram “diagnosticados” masculinos ou femininos no nascimento como potenciais “portadores de espermatozoides e óvulos”.⁹ Mas “portadores de espermatozoides e óvulos” ganharam novo agenciamento político sobre seu poder reprodutivo. Além disso, técnicas desenvolvidas nos anos 1950 para a leitura de diferenças genéticas e cromossômicas e para a medição dos níveis endocrinológicos introduziram variáveis que não podiam ser reduzidas ao quadro epistemológico do dimorfismo sexual. Discursos médicos, biológicos e políticos foram confrontados com uma variabilidade infinita de corpos e desejos (variáveis cromossômicas múltiplas, gonadal, hormonal, genital externa, psicológica e política) que não pode ser incluída no imperativo disciplinar da reprodução heterossexual. John Money coloca desta forma:

Em seres humanos, as diferenças sexuais irredutíveis são que os homens engravidam uma mulher e as mulheres menstruam, gestam e produzem leite. De outra forma, o dimorfismo sexual, programado no cérebro sob a influência de hormônios pré-natais, parece não ser irredutível sexualmente, mas compartilhado sexualmente e limitado dimorficamente. Uma teoria

⁹ Suzanne Kessler e McKenna, “Toward a Theory of Gender”, op. cit., p. 180.

completa da diferenciação de todos os componentes de masculinidade ou feminilidade no papel da identidade de gênero precisa ser tanto do tipo multivariada quanto sequencial. Isso deve ser aplicável a todas as síndromes de hermafroditismo e à gênese dos fenômenos do papel da identidade de gênero, incluindo o travestismo e a transexualidade, bem como a gênese da identidade heterossexual de gênero.¹⁰

No entanto, no fim dos anos 1950 os homens não têm mais garantias de que podem engravidar mulheres, que param de menstruar e engravidar sob os efeitos da pílula anticoncepcional, além disso, o leite é fornecido pela indústria alimentícia — em vez de por seios femininos. O regime heterossexual dimórfico de “portadores de espermatozoides e óvulos” se torna sem sentido.

Entretanto, em vez de produzir coletivamente uma epistemologia alternativa (multimórfica) para compreensão dos corpos e desejos, os discursos políticos, biológicos e médicos dos anos 1950 decidem intervir diretamente nas estruturas dos seres vivos para construir artificialmente dimorfismo sexual, utilizando técnicas cirúrgicas, hormonais e protéticas com apoio das indústrias farmacológica, médica e alimentícia.¹¹ Quando a possibilidade da construção técnica da diferença sexual é reconhecida como um ponto de partida, natureza e identidade são levadas

10 John Money, “Pediatric Sexology and Hermaphroditism”, *Journal of Sex and Marital Therapy*, v. 11, n. 3, 1985, p. 139.

11 Ver Anne Fausto-Sterling, “The Five Sexes, Revisited.” *Sciences*, v. 40, n. 4, julho/agosto 2000, pp. 18-23. Vários biólogos têm recentemente pedido uma alteração da epistemologia não dimórfica na atribuição de sexo-gênero.

ao nível de uma paródia somática. Enquanto o regime disciplinar do século XIX considerou o sexo natural, definitivo, imutável e transcendental, o gênero farmacopornográfico parece ser sintético, maleável, variável, aberto à transformação e imitável, assim como possível de ser tecnicamente produzido e reproduzido.

Estranhamente, as dimensões médicas e biotecnológicas da produção de gênero foram ignoradas pela versão "cultural" do construtivismo feminista branco, que reapropriou a noção de "gênero" a fim de reformá-la como um instrumento de análise crítica da opressão das mulheres. O gênero aparece de forma progressiva nos textos sociológicos e antropológicos de Margaret Mead ou Ann Oakley como a construção social e cultural da diferença sexual.¹² As definições culturalistas feministas de gênero têm sido a fonte de dois obstáculos residuais cujos efeitos desastrosos continuam presentes nas atuais "políticas de gênero" que sustentam que o sexo, entendido como uma verdade anatômica, é um dado biológico e, portanto, não está sujeito à construção cultural, enquanto o gênero enuncia, especialmente, a diferença social, cultural e política das *mulheres* em uma sociedade e em um momento histórico determinado. Nesse contexto, não surpreende que o feminismo se encontre no beco sem saída dos debates essencialismo/construtivismo ou esteja relacionado a políticas estatais capazes de recuperar a retórica feminista como parte de um programa mais amplo de normatização sexual e

12 Um dos primeiros textos nos quais esta diferença aparece tematizada claramente é: Ann Oakley, *Sex, gender and society*. London: Temple Smith, 1972. Ver também Christine Delphy, "Penser le genre: problèmes et résistances" in *L'ennemi principal*. Paris: Nouvelles Questions Féministes, 2001.

controle social. Por que as feministas culturalistas e construtivistas dos anos 1970 não lutaram contra diagnósticos clínicos, protocolos de reatribuição para corpos intersexuais, tecnologias cirúrgicas e bioquímicas normatizantes e o regime binário nos sistemas administrativos? A ativista intersexual Cheryl Chase responde: “Intersexuais têm tido muita dificuldade em conseguir o apoio do feminismo dominante não apenas pelas estruturas racistas e coloniais que situam a clitoridectomia [circuncisão feminina] como uma prática estrangeira a sujeitos adequados dentro do primeiro mundo,¹³ mas também porque a intersexualidade mina a estabilidade da categoria ‘mulher’”.¹⁴

Além das reivindicações dos movimentos intersexuais e transexuais, a teoria *queer* do final dos anos 1980 representou a primeira crítica à utilização da noção de gênero dentro do próprio feminismo. Na década de 1980, Teresa de Lauretis e Judith Butler começaram a mostrar que a segunda onda de feministas compartilhava acriticamente a própria estrutura epistemológica sexo-gênero que tinha como objetivo questionar. Lauretis afirma que só é possível falar em “teoria” feminista quando esta questiona os próprios fundamentos e interpretações críticas, seus termos políticos, suas práticas linguísticas e de produção de visibilidade. Lauretis pergunta-se qual é o sujeito político que o feminismo — como discurso e prática de

13 A remoção de partes externas da genitália feminina é realizada em muitos países do sudoeste da Ásia e da África Central ou Ocidental entre comunidades ditas tribais. Nessas regiões, a circuncisão feminina ocorre quase sempre sem acompanhamento médico, estando associada à cultura e ao simbolismo das sociedades. [N.T.]

14 Cheryl Chase, “Hermaphrodites” in Susan Stryker e Stephen Whittle (eds.), op. cit., p. 132.

representação — produz. Longe de qualquer autoindulgência, sua conclusão assume a forma de uma advertência extremamente lúcida: o feminismo funciona, ou pode funcionar, como um instrumento de normatização e de controle político se reduzir seu sujeito às “mulheres”. Sob a aparente neutralidade e universalidade do termo “mulher”, esconde-se uma multiplicidade de vetores de produção de subjetividade: sexo, raça, classe, sexualidade, idade, capacidade, diferenças geopolíticas e corporais etc. Em termos lauretianos, o sujeito do feminismo é inevitavelmente excêntrico, não coincide com “as mulheres”, mas se apresenta como uma força de deslocamento, uma prática de transformação da subjetividade.¹⁵

Com o objetivo de questionar a fusão de gênero e mulher, Teresa de Lauretis desenvolveu a ideia de “tecnologias de gênero”.¹⁶ Para Lauretis, os dispositivos de filmagem — modos específicos de gravação, projeção, montagem, significação e decodificação — servem como um paradigma para conceber a produção de gênero e de subjetividade sexual. Equivale a dizer que o sistema farmacopornográfico funciona como uma máquina de representação somática onde texto, imagem e corporalidade espalham-se no interior de um circuito cibernético expansivo. Na interpretação semiótico-política de De Lauretis, o gênero é efeito de um sistema de significação que inclui modos de produção e decodificação de signos visuais e textuais politicamente regulados. O sujeito, simultaneamente o produtor e o intérprete desses signos, está constantemente

¹⁵ Teresa de Lauretis, “Eccentric subjects: feminist theory and historical consciousness”, in *Feminist Studies*, v. 16, nº 1, Primavera 1990, pp. 115-150.

¹⁶ Ver Teresa de Lauretis, *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film, and Fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

implicado em um processo corporal de significação, representação e autorrepresentação. Levando ao feminismo a crítica do poder disciplinador de Foucault e a semiótica cinematográfica de Metz, De Lauretis escreve:

Parece-me que o gênero não é um simples derivado do sexo anatômico ou biológico, mas uma construção socio-cultural, uma representação ou, melhor ainda, o efeito do cruzamento das representações discursivas e visuais que emanam das diferentes instituições — a família, a religião, o sistema educativo, os meios de comunicação, a medicina ou a legislação —, mas também de fontes menos evidentes, como a linguagem, a arte, a literatura, o cinema etc. Contudo, a construtividade ou a natureza discursiva do gênero não o impediram de ter implicações reais, ou efeitos concretos, tanto sociais quanto subjetivos, na vida material dos indivíduos. Ao contrário, a realidade do gênero está precisamente nos efeitos da sua representação; o gênero é realizado, se torna “real”, quando essa representação se torna autorrepresentação, é individualmente assumida como uma forma da própria identidade social e subjetiva.¹⁷

De Lauretis substitui a noção naturalizada de “mulher” pela de “gênero” ao traduzir a questão das “dialéticas da opressão” como uma multiplicidade de “tecnologias”. O problema dessa diferença conceitual entre gênero e mulher, entre “tecnologias de poder” e “dialéticas da

17 Teresa de Lauretis, “Gender Identities and Bad Habits”, in *Actas del IV Congreso Estatal Insomnía sobre Identidad de Género vs. Identidad Sexual*. Castelló de la Plana, ESP: Publicacions de la Universitat Jaume I, 2008, pp. 13-23.

opressão", não se limita a questões nominais de tradução ou semântica, mas também se refere diretamente a tecnologias do corpo e dispositivos de subjetivação. Esta distinção tem o potencial para desfazer toda a gramática do feminismo e até mesmo toda a história política da produção da diferença entre os sexos. Ali onde o feminismo dos anos 1970 via opressão de mulheres, De Lauretis nos convida a identificar o funcionamento de um conjunto de tecnologias de gênero, operando sobre os corpos que produzem não apenas diferenças de gênero, mas também diferenças sexuais, raciais, somáticas, de classe, de idade, de capacidade etc.

Como resultado, um novo campo de estudo se estabelece para o feminismo: a análise das diferentes *tecnologias de gênero* que produzem (de forma precária e instável) corpos, sujeitos de enunciação e de ação. É desnecessário dizer que a pesquisa dessas tecnologias de gênero não pode, de forma alguma, reduzir-se a um estudo estatístico ou sociológico da situação das mulheres nos diferentes domínios da produção dos corpos, discursos e representações.¹⁸ Também não se trata de que o gênero seja uma força cultural que venha a modificar uma base biologicamente dada (o sexo). Em vez disso, é a subjetividade em seu conjunto que se produz nos circuitos técnico-orgânicos codificados em termos de gênero, de sexo, de raça e de sexualidade através dos quais circula o capital farmacopornográfico.

Com De Lauretis, Judith Butler introduziu a maior e mais aguda crítica tanto à epistemologia gênero-sexo quanto à gramática do feminismo. Para Butler, o gênero

¹⁸ Teresa de Lauretis, *Technologies of gender, essays on theory, film and fiction*, op. cit.

é um sistema de regras, convenções, normas sociais e práticas institucionais que produz *performativamente* o sujeito que pretende descrever. Através de uma leitura cruzada de Austin, Derrida e Foucault, Butler identificou uma consideração do gênero não mais como uma essência ou uma verdade psicológica, mas como uma prática discursiva, corporal e performativa por meio da qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político.¹⁹ Atualmente, esta análise butleriana acompanha as lições de Donna J. Haraway para o exame da dimensão semiótico-técnica dessa produção performativa: levando a hipótese performativa para ainda mais fundo no corpo, tanto quanto seus órgãos e fluidos; colocando-a em células, cromossomos e genes.

A noção clínica de gênero inventada por Money é, antes de tudo, um instrumento de racionalização do ser vivo em que o corpo visível é tão somente um dos parâmetros. A invenção do gênero como princípio organizador foi necessária para o surgimento e o desenvolvimento de uma série de técnicas farmacopornográficas de normatização e transformação do ser vivo — como a fotografia dos “desviados”, o diagnóstico celular, a análise e a terapia hormonais, a leitura cromossômica e a cirurgia transexual e intersexual.

A invenção da fotografia no começo do século XIX, antes do surgimento e aperfeiçoamento das técnicas hormonais e cirúrgicas, assinala uma etapa crucial para a produção do novo sujeito sexual e de sua verdade visual. Obviamente, este processo de representação do corpo já havia começado no século XVII com o desenho anatômico

19 Ver Judith Butler, *Gender Trouble*, op. cit.; *Bodies That Matter*, op. cit. e *Undoing Gender*, op. cit.

e pornográfico,²⁰ mas é a fotografia que vai conferir a essa produção técnica da materialidade do corpo o valor de realismo visual. Tomemos, por exemplo, uma das imagens clássicas de Félix Nadar²¹ representando “hermafroditas” e “invertidos”: um corpo, denominado “x” nos históricos médicos, aparece deitado com as pernas abertas, coberto apenas com uma combinação branca até o peito, deixando a pelve à mostra. Os órgãos genitais são expostos ao olhar da câmera por uma mão externa ao enquadramento. A imagem revela o próprio processo de produção discursiva. Ela compartilha os códigos da representação pornográfica que aparecem nesta mesma época; a mão do médico esconde e mostra os órgãos genitais, estabelecendo assim uma relação de poder entre o sujeito e o objeto da representação. O rosto e, sobretudo, os olhos do paciente foram apagados; o/a paciente anormal não pode ser agente da própria representação. A verdade do sexo adquire aqui o caráter de uma revelação visual, processo em que a fotografia participa como catalisador ontológico, explicitando uma realidade que não poderia surgir de outro modo.

Um século depois, em 1980, a antropóloga Susan Kessler denunciará os códigos estéticos (apoiados no tamanho e na forma do pênis ou do clitóris) que dominam os protocolos médicos para a atribuição do sexo dos bebês no momento do nascimento. Embora os critérios visuais para a atribuição do sexo pareçam não ter mudado muito desde o final do século XIX, as atuais possibilidades técnicas de modificação do corpo introduzem diferenças substanciais no processo de atribuição e produção

20 Thomas Laqueur, *Making Sex*, op. cit., pp. 154-163.

21 Nadar fotografou um paciente “hermafrodita” por volta de 1860 a mando do médico francês Armand Trousseau.

da feminilidade e da masculinidade na era farmacopornográfica. O processo de normatização (atribuição, reatribuição), que só podia ser levado adiante por meio da representação discursiva ou fotográfica, inscreve-se agora na própria estrutura do ser vivo com técnicas cirúrgicas, endocrinológicas e mesmo genéticas.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a cartografia sexual do Ocidente, caracterizada pelo dimorfismo sexual e sua classificação de sexualidades normais e desviantes, saudáveis ou deficientes, torna-se dependente da gestão legal e comercial das moléculas essenciais para produção dos fenótipos (sinais externos) que culturalmente reconhecemos como femininos ou masculinos (pelo facial, tamanho e forma dos genitais, o tom de voz etc.), assim como da gestão tecnopolítica da reprodução da espécie e do controle farmacológico de nosso sistema imunológico e de sua resistência à agressão, à doença e à morte.

Houve sempre vários regimes de produção corporal — regimes políticos para produção e reprodução da vida humana no planeta, dependendo do momento histórico e do contexto político, econômico e cultural. Alguns perderam o potencial de subjetivação (os sistemas matriarcais ou a pedofilia grega, por exemplo) com o desaparecimento das tecnoecologias políticas que os ativavam. Outros se encontram em plena transformação. Este é o caso do nosso próprio modelo.

Se o conceito de gênero introduz uma ruptura, é exatamente porque constitui o primeiro momento autorreflexivo dentro da epistemologia da diferença sexual. A partir daqui, não há caminho de volta. Money é para a história da sexualidade o que Hegel é para a história da filosofia e Einstein é para a concepção do espaço-tempo. É o começo do fim, a explosão do sexo-natureza, da natureza-história.

do tempo e do espaço como linearidade e extensão. Com a noção de gênero, o discurso médico deixa à mostra suas fundações arbitrárias e seu caráter construtivista, ao mesmo tempo abrindo caminho para novas formas de resistência e de ação política. Quando falo de uma ruptura introduzida pela noção de gênero, não pretendo designar a passagem de um paradigma político a outro extremamente diferente nem uma ruptura epistemológica que provocaria uma forma de descontinuidade radical. Na verdade, me refiro a uma superposição de camadas por meio da qual diferentes técnicas de produção e gestão da vida são interligadas e sobrepostas. O corpo farmacopornográfico não é uma matéria viva passiva, mas uma interface tecno-orgânica, um sistema tecnovivo segmentado e territorializado por diferentes tecnologias políticas (textuais, informáticas, bioquímicas).

Vamos examinar, por exemplo, o deslocamento da produção de pelos no corpo a partir da visão do regime sexual disciplinador até a visão do regime farmacopornográfico de gênero. No sistema sexual disciplinador do século XIX, a “mulher barbada” era considerada uma anomalia monstruosa, e seu corpo se tornara visível no enquadramento espetacular de circos e shows de horrores. No regime farmacopornográfico, o “hirsutismo” é transformado em quadro clínico, tornando as mulheres clientes em potencial do sistema médico e consumidoras de moléculas manufaturadas (especificamente Androcur, remédio usado para neutralizar a produção de testosterona, mas que também funciona como regulador de insulina), finalidade que não é hormonal, mas política, normatizante. Depois de 1961, o hirsutismo foi medido pela escala Ferriman-Gallwey, que examina dezenove partes do corpo (das costeletas aos

dedos dos pés) a fim de avaliar o crescimento normal de pelos.²² A pontuação Ferriman-Gallwey estabelece uma correlação entre gênero, etnia e pelo; por exemplo, em uma mulher caucasiana, uma pontuação de oito é considerada um indicativo de excesso de androgênio, enquanto que nas mulheres do Leste Asiático e nas nativas norte-americanas, o hirsutismo é diagnosticado por uma pontuação muito menor. De acordo com o mesmo método, judeus asquenazes e mulheres hispânicas são “grupos étnicos de alto risco”.²³ O hirsutismo torna-se aqui um método para avaliar clinicamente tanto raça quanto gênero. Acrobacia biopolítica: feminilidade-corpo-cabelo-visibilidade, circo-hirsutismo-Androcur-raça-cosmética-tratamento-invisibilidade-feminilidade. Diferentes “técnicas do corpo”²⁴ e enquadramentos visuais produzem diferentes ficções vivas somatopolíticas: anteriormente exibido no circo, o corpo hirsuto farmacopornográfico racializado torna-se objeto da clínica de cirurgia plástica e do salão de beleza e suas técnicas de regulação hormonal e eletrólise.

Nas definições mutantes de gênero, não há sucessão de modelos (soberanos, disciplinares e farmacopornográficos) prestes a serem suplantados historicamente por outros, ou quaisquer rupturas ou descontinuidades

22 David Ferriman e John D. Gallwey, “Clinical Assessment of Body Hair Growth in Women”, *Journal of Clinical Endocrinology*, v. 21, n. 11, Novembro 1961, pp. 1440-1447.

23 Daniel A. Dumesic e Lauri A. Pasch, “Hirsutism: Bother or Burden? Developing a patient-centered management approach”, *Sexuality, Reproduction & Menopause*, v. 9, n. 3, Agosto 2011, p. 14.

24 Marcel Mauss, “Techniques du corps,” in *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 2001. Esse artigo foi originalmente publicado no *Journal de Psychologie* (v. 32, n. 3-4, março-abril 1936). Ensaio apresentado na Société de Psychologie em 17 de maio 1934.

radicais, mas sim uma simultaneidade interligada, um efeito transversal de múltiplos modelos somatopolíticos que compõem e implementam subjetividade de acordo com várias intensidades, diferentes índices de penetração e diferentes graus de eficiência.

Se este não for o caso, então como explicar o fato de que, no início do século XXI, a rinoplastia (operação de nariz) seja considerada cirurgia estética enquanto a vaginoplastia (construção cirúrgica de uma vagina) e a faloplastia (construção cirúrgica de um pênis) sejam consideradas cirurgias de mudança de sexo?²⁵ Poderíamos dizer que dois regimes claramente distintos de poder-saber atravessam o corpo, e que constroem o nariz e os genitais de acordo com tecnologias somatopolíticas diferentes. Enquanto o nariz está regulado por um poder farmacopornográfico em que um órgão se considera como propriedade individual e objeto do mercado, os genitais continuam encerrados em um regime pré-moderno, soberano e quase teocrático de poder que os considera propriedades do Estado e dependentes de uma lei transcendental e imutável. Mas, na sociedade farmacopornográfica, uma conflitante multiplicidade dos regimes de poder-conhecimento opera em simultâneo em diferentes órgãos, rasgando o corpo separadamente. Não somos corpos sem órgãos, mas sim um conjunto de órgãos heterogêneos incapazes de serem reunidos sob a mesma pele. Aqueles que sobreviverem à mutação que está ocorrendo verão seus corpos mudarem para um novo sistema semiótico-técnico e testemunharão a proliferação de novos órgãos; em outras palavras, deixarão de ser os corpos que foram anteriormente.

25 Dean Spader, "Mutilating gender" in Susan Stryker e Stephen Whittle (eds.), op. cit., pp. 315-332.

Quando se trata dessas transformações no corpo vivo, os contornos do problema se tornam mais claros. O gênero farmacopornográfico não é metáfora nem ideologia; não pode ser reduzido a uma performance: é uma forma de tecnocologia política. A certeza de ser homem ou mulher é uma bioficção somatopolítica produzida por um conjunto de tecnologias do corpo, técnicas farmacológicas e audiovisuais que determinam e definem o alcance das nossas potencialidades somáticas e funcionam como próteses de subjetivação. O gênero é um programa operacional capaz de desencadear uma proliferação de percepções sensoriais sob a forma de afetos, desejos, ações, crenças e identidades. Um dos resultados característicos desta tecnologia de gênero é a produção de um saber interior sobre si mesmo, de um sentido do eu sexual que aparece como uma realidade emocional para a consciência. “Sou homem”, “Sou mulher”, “Sou heterossexual”, “Sou homossexual”, “Sou transexual”: estas são algumas das formulações que condensam saberes específicos sobre si mesmo, agindo como núcleos biopolíticos e simbólicos rígidos em torno dos quais é possível aglutinar todo um conjunto de discursos e práticas performativas.

Podemos chamar de “programação de gênero” um modelo neoliberal psicopolítico da subjetividade que potencializa a produção de sujeitos que pensam a si mesmos e agem como corpos individuais, que se auto-compreendem como espaços e propriedades biológicas privadas com uma identidade de gênero e uma sexualidade fixas. A programação predominante de gênero opera com a seguinte premissa: um indivíduo = um corpo saudável = um sexo = um gênero = uma sexualidade = uma propriedade privada. Mas construir gênero, como argumentou Butler, sempre equivale a correr o risco de

desmantelá-lo. Produzir gênero implica um conjunto de estratégias de naturalização/desnaturalização e identificação/desidentificação. O dispositivo *drag king* e a autoexperimentação hormonal são apenas duas destas estratégias de descarrilamento.

No regime farmacopornográfico, o gênero se constrói nessas redes de materialização biopolítica; ele se reproduz e se consolida socialmente ao transformar-se em espetáculo, em imagem em movimento, em dados digitais, em moléculas farmacológicas, em cibercódigos. Os gêneros masculino e feminino farmacopornográficos existem diante de um público, como uma construção somatodiscursiva de caráter coletivo, frente à comunidade científica ou a uma rede. O tecnogênero é biocódigo público, científico e da comunidade em rede.

Ocitocina, serotonina, codeína, cortisona, estrogênios, omeprazol, testosterona, e assim por diante, correspondem ao grupo de moléculas atualmente disponível para a fabricação da subjetividade e seus afetos. Estamos equipados tecnobiopoliticamente para trepar, reproduzir o Corpo Nacional e consumir. Vivemos sob o controle das tecnologias moleculares, camisas de força hormonais que pretendem manter o biopoder: corpos hiperestrogênicos-estupro-testosterona-amor-gravidez-impulsos sexuais-abjeção-ejaculação. E o Estado extrai prazer da produção e do controle da nossa subjetividade pornocoagulada.

O objetivo dessas tecnologias farmacopornográficas é a produção de uma prótese política viva: um corpo que seja compatível o suficiente para colocar sua *potentia gaudendi*, sua capacidade total e abstrata para criação de prazer, a serviço da produção de capital e da reprodução das espécies. Fora dessa ecologia somatopolítica do

“portadores de esperma e de óvulos”, não há homem ou mulher, assim como não há heterossexualidade e homossexualidade, nem capacidade e deficiência.

Nossas sociedades contemporâneas são gigantescos laboratórios sexopolíticos onde os gêneros são produzidos. O corpo — todos e cada um dos nossos corpos — é o enclave valioso em que transações de poder são incessantemente realizadas. Meu corpo = a multiplicidade de corpos. Homens e mulheres brancos do pós-guerra são seres biotecnológicos pertencentes ao regime sexopolítico cujo objetivo é a produção, reprodução e expansão colonial da vida humana heterossexual no planeta.

A partir dos anos 1940, os novos ideais biopolíticos de masculinidade e feminilidade foram criados em laboratório. Esses artefatos (nós) não podem existir em estado puro, mas apenas em nossos *tecnoecossistemas* fechados. Em nosso papel de sujeitos sexuais, habitamos parques de diversão biocapitalistas. Somos homens e mulheres de laboratório, efeitos de uma espécie de bioplatonismo político-científico. Somos estranhas ficções biopolíticas porque estamos vivos: somos simultaneamente o efeito do regime de poder farmacopornográfico (*biopoder*) e o potencial para seu fracasso (*bioempoderamento*).

Alguns códigos semiótico-técnicos da feminilidade heterossexual branca pertencentes à ecologia política farmacopornográfica do pós-guerra:

Adoráveis mulheres, a coragem das mães, a Pílula, o coquetel hipercarregado de estrogênios e progesterona, a honra das virgens, *A bela adormecida*, a bulimia, o desejo

de um filho, a vergonha da defloração, *A pequena sereia*, o silêncio diante do estupro, *A gata borralheira*, a imoralidade última do aborto, os biscoitos e bolos, saber fazer um belo boquete, o bromazepam, a vergonha de ainda não ter feito, *E o vento levou*, dizer não quando você quer dizer sim, ficar em casa, ter as mãos pequenas, as sapatilhas de Audrey Hepburn, a codeína, o cuidado com os cabelos, a moda, dizer sim quando você quer dizer não, a anorexia, saber em segredo que sua melhor amiga é quem realmente te atrai, o medo de envelhecer, a necessidade constante de estar de dieta, o imperativo da beleza, a cleptomania, a compaixão, cozinhar, a sensualidade desesperada de Marilyn Monroe, a manicure, não fazer barulho ao andar, não fazer barulho ao comer, não fazer barulho, o algodão imaculado e cancerígeno do Tampax, a certeza da maternidade como laço natural, não saber chorar, não saber lutar, não saber matar, não saber muito de quase nada ou saber muito de tudo mas não poder afirmá-lo, saber esperar, a elegância discreta de Lady Di, o Prozac, o medo de ser uma vadia safada, o Valium, a necessidade do biquíni e da calcinha fio dental, saber se conter, deixar-se dar o cu quando preciso, resignar-se, a depilação precisa do púbis, a depressão, a sede, os sachês de lavanda que cheiram bem, o sorriso, a mumificação em vida do rosto liso da juventude, o amor antes do sexo, o câncer de mama, ser sustentada financeiramente, ser deixada pelo seu marido por uma mulher mais jovem...

Alguns códigos semiótico-técnicos da masculinidade heterossexual branca pertencentes à ecologia política farmacopornográfica pós-guerra:

James Bond, futebol, usar calças compridas, saber levantar a voz, *Platoon*, saber matar, saber sair na porrada, os meios de comunicação de massa, a úlcera estomacal, a precariedade da paternidade como laço natural, o jaleco, o suor, a guerra (incluindo a versão televisiva), Bruce Willis, a operação *Tempestade no Deserto*, a velocidade, o terrorismo, o sexo pelo sexo, ficar de pau duro como Ron Jeremy, saber beber, ganhar dinheiro, *Rocky*, *Prilosec*, a cidade, o bar, as putas, o boxe, a garagem, a vergonha de não ficar de pau duro como Ron Jeremy, *Viagra*, câncer de próstata, o nariz quebrado, a filosofia, a gastronomia, *Scarface*, ter as mãos sujas, Bruce Lee, pagar uma pensão para a ex-mulher, violência doméstica, filmes de terror, pornô, jogatina, apostas, o governo, o Estado, a corporação, alimentos embutidos, caça e pesca, botas, a gravata, a barba de três dias por fazer, álcool, infarto, calvície, a Fórmula 1, viagem à Lua, a bebedeira, enforcar-se, relógios grandes, calos nas mãos, manter o ânus bem fechado, camaradagem, gargalhadas, inteligência, saber enciclopédico, obsessões sexuais, ser um conquistador, misoginia, ser um skinhead, *serial killers*, heavy metal, deixar a esposa por uma mulher mais jovem, o medo de tomar no cu, não ver os filhos depois do divórcio, vontade de dar o cu...

Por um longo período, acreditei que as pessoas como eu eram as únicas que estavam fodidas. Porque não somos nem nunca seremos como as mulherzinhas de *Adoráveis mulheres* ou como os heróis de James Bond. Agora sei que, na realidade, estamos todos bem fodidos, toda essa merda diz respeito a nós todos, especialmente a *Adoráveis mulheres* e a heróis como James Bond.

O CREPÚSCULO DA HETEROSSEXUALIDADE

Monique Wittig com Michel Foucault. Judith Butler com Antonio Negri. Angela Davis com Félix Guattari. Kate Bornstein com Franz Fanon. Podemos dizer que a heterossexualidade feminina branca é, antes de tudo, um conceito econômico que designa uma posição específica no centro das relações biopolíticas de produção e de troca baseada na transformação do trabalho sexual, do trabalho de gestação, do cuidado dos corpos e outras atividades não remuneradas no capitalismo industrial.²⁶ É próprio desse sistema econômico sexual funcionar por meio do que Judith Butler chamou de coerção performativa:²⁷ processos semiótico-técnicos, linguísticos e corporais de repetição regulada que são impostos por convenções culturais. É impossível imaginar a rápida expansão do capitalismo industrial sem o comércio de escravos, a expropriação colonial e a institucionalização do dispositivo heterossexual como modo de transformação em mais-valia dos serviços sexuais não remunerados historicamente realizados pelas mulheres. É razoável falar de uma dívida de trabalho sexual que os homens heterossexuais teriam historicamente contraído com as mulheres da mesma forma que países ocidentais deveriam, de acordo com Franz Fanon, ser forçados a ressarcir os povos colonizados com uma dívida colonial.²⁸ Se houvesse interesse em pagar a dívida por serviços sexuais e saques coloniais, todas as mulheres e povos colonizados

26 Monique Wittig, op. cit., pp. 58-59.

27 Judith Butler, *Gender Trouble*, op. cit.

28 Frantz Fanon, "De la violence", in *Les Damnés de la terre*, in *Oeuvres*. Paris: La Découverte, 2011, p. 503.

do planeta receberiam uma renda vital que os permitiria viver sem trabalhar durante o resto de suas vidas.

A heterossexualidade não existiu sempre. A transformação do capitalismo contemporâneo implica uma mutação da ordem sexo-gênero. Se prestarmos atenção aos sinais de tecnificação e de informatização do gênero que emergem a partir da Segunda Guerra Mundial, podemos afirmar que a heterossexualidade está fadada a desaparecer. De fato, já está desaparecendo. A era pós-sexual será então iniciada como um efeito secundário da indústria farmacopornô. Isto não quer dizer que não haverá, a partir de agora, relações sexuais entre homens cis e mulheres cis, mas sim que as condições da produção sexual (de corpos e de prazeres) estão mudando drasticamente, e que se tornarão cada vez mais similares à produção de corpos e de prazeres desviantes, submetidas ao controle das mesmas regulações farmacopornográficas, estando todos os corpos submetidos aos mesmos processos de produção tecnobiopolítica. Em outras palavras, todas as formas de sexualidade e de produção de prazer e todas as economias libidinais e biopolíticas estão agora sujeitas às mesmas tecnologias moleculares e digitais de produção do sexo, do gênero e da sexualidade.

As premissas normativas do regime sexual disciplinar do século XIX (continuidade entre sexualidade, reprodução e patologização de práticas não reprodutivas, incluindo a masturbação e a homossexualidade) foram radicalmente deslocadas com a invenção da Pílula e a transformação da pornografia em um ramo da indústria midiática popular que transformou a masturbação em fonte de produção de capital. Mas o maquinário tecnovivo do qual somos parte não é um todo completamente

coerente e integrado. Os dois polos da indústria farmacopornográfica (fármaco e pornô) funcionam mais em oposição do que em convergência. Embora a indústria pornográfica de modo geral trabalhe como propaganda cultural para o regime de gênero dimórfico (produzindo representações normativas e idealizadas das práticas heterossexual e homossexual, em que sexualidade equivale à penetração com biopênis) e a assimetria política entre homens cis e mulheres cis seja legitimada com base nas diferenças anatômicas (homem cis = biopênis; mulher cis = biovagina), as indústrias farmacêuticas e biotécnicas e as novas técnicas de reprodução assistida — também se elas continuam a funcionar dentro de uma estrutura legal heteronormativa — redesenham incessantemente as fronteiras entre os gêneros e, como um todo, transformando o sistema econômico, heterossexual e político em um meio obsoleto de gestão da subjetividade.

* A dialética entre fármaco e pornô já se manifesta nas contradições entre diversos biocódigos (*low-tech* ou *high-tech*) da subjetividade que procedem de regimes diferentes de produção do corpo. Assim, por exemplo, famílias (heterossexuais, homossexuais ou monoparentais) em que a reprodução ocorreu por meio de fertilização *in vitro* com sêmen de doador anônimo continuam funcionando em um sistema político-legal em que os ideais performativos da masculinidade e da filiação não foram questionados. Além disso, os biocódigos de produção de subjetividade (tanto semióticos quanto farmacêuticos, do Viagra à testosterona, passando pela estética do corpo gay ou pelas práticas sexuais que usam órgãos sintéticos) circulam no mercado farmacopornográfico sem que seja possível controlar os processos de produção de subjetividade que desencadeiam. Portanto, biocódigos (linguagem, formas

de se vestir, hormônios, próteses) que anteriormente pertenciam às categorias feminina, masculina, heterossexual, homossexual, transexual, ou mesmo configurações de gênero *queer*, podem alcançar formas de expressão que são desnaturalizadas, excêntricas e livres de uma identidade sexual ou subjetividade biopolítica precisa. Um modo de vida ou um projeto-identidade. Os códigos visuais que regem a transformação do rosto de Courtney Love, ícone do rock *underground*, não diferem daqueles utilizados para dar forma ao rosto rejuvenescido da rainha da Espanha, da atriz Pamela Anderson, de Chen Lili (a transexual que participou do concurso Miss Universo em 2004), da estrela lésbica Ellen DeGeneres ou daqueles usados para a remodelação do rosto de uma mulher cis anônima da classe trabalhadora que ganha o direito de participar do programa de televisão norte-americano *Extreme Makeover*. Como resultado, testemunhamos uma horizontalização do consumo das técnicas de produção do corpo que redistribuem as diferenças entre identidades de classe, raça ou sexuais, entre a cultura musical do rock, a alta sociedade e a indústria pornô. Essa inconstância farmacopornográfica é um sinal de que a heterossexualidade branca será brevemente apenas mais uma estética corporal entre muitas outras, um estilo reprodutivo retrô que várias futuras gerações poderão negar ou exaltar, uma máquina de reprodução de baixa tecnologia exportável para outras partes do mundo (até mesmo uma desculpa para entrar em guerra contra países muçulmanos), mas completamente antiquada e decadente nas sociedades democráticas pós-judaico-cristãs ocidentais. ✱

Cinquenta anos depois da invenção da Pílula, todos os corpos sexuais são produzidos e se tornam inteligíveis de acordo com uma epistemologia farmacopornográfica

comum. Não há biotecnologias do corpo diferentes, mas sistemas administrativos que, como argumenta Dean Spade, organizam e administram o acesso e o uso dessas tecnologias, distribuindo oportunidade de vida de acordo com classe, raça, competência, gênero ou sexualidade.²⁹ Hoje, um homem cis pode se autoadministrar um complemento hormonal à base de testosterona para aumentar seu rendimento esportivo, uma adolescente pode ter um implante subcutâneo que libere um composto de estrogênios e de progesterona como método contraceptivo; uma mulher cis que se define como homem poderá assinar um protocolo de mudança de sexo e ter acesso a uma terapia endocrinológica à base de testosterona que lhe permitirá desenvolver barba e bigode e aumentar a musculatura; uma mulher cis de sessenta anos pode descobrir que a ingestão durante mais de vinte anos de vida de uma alta dose de estrogênios e progesterona em suas pílulas anticoncepcionais produziu uma insuficiência renal ou um câncer de mama que terá que ser tratado com uma quimioterapia semelhante à administrada às vítimas de Tchernóbil; um casal heterossexual pode recorrer à inseminação artificial depois de descobrir que o homem do casal não pode produzir espermatozoides que se desloquem o bastante para fecundar o óvulo da companheira devido a um alto consumo de tabaco e álcool. A mesma testosterona que ajuda a girar a roda das bicicletas do Tour de France serve para transformar os corpos dos transexuais femininos em masculinos... A questão é: quem tem acesso aos tratamentos hormonais? E de acordo com quais diagnósticos clínicos? De que maneira classe e raça

²⁹ Ver Dean Spade, *Normal Life: Administrative Violence, Critical Trans Politics and the Limits of the Law*. Nova York: South End Press, 2011.

modificam a distribuição e o acesso às tecnologias de produção de gênero?

Tudo isso sugere que um regime normativo de distribuição segregada de raça, classe, gênero, sexualidade e competência coexiste com o processo de “devir-comum”³⁰ das tecnologias da produção do corpo, do gênero, do sexo, da raça e da sexualidade. A partir de agora, será impossível frear a mutação.

Em meio à Guerra Fria, aparece uma nova distinção ontológico-política entre “cis” (um corpo que conserva o gênero que lhe foi atribuído no nascimento) e “trans” (um corpo que se utiliza de tecnologias hormonais, cirúrgicas, protéticas ou jurídicas para modificar essa atribuição). Daqui em diante, utilizarei a nomenclatura *cis* e *trans*, sabendo que esses dois *status* de gênero biopolítico são tecnicamente produzidos. Ambos dependem de métodos de reconhecimento visual, de produção performativa e de controle morfológico comuns. A diferença entre “cis” e “trans” depende da resistência à norma, da consciência desses processos técnicos (farmacopornográficos) que produzem ficções somáticas de masculinidade e feminilidade e das técnicas científicas e do reconhecimento social no espaço público. Isso significa não haver juízo de valor implícito: o gênero “trans” não é melhor nem mais político que o gênero “cis”. Em termos ontopolíticos, isso se resume a dizer que há apenas tecnogêneros. Técnicas fotográficas, biotecnológicas, cirúrgicas, farmacológicas, cinematográficas ou cibernéticas constroem a materialidade dos sexos *performativamente*. Há transexuais que afirmam ter nascido “prisioneiros em um corpo do sexo

³⁰ Ver a noção de “devir-comum” in Michael Hardt e Antonio Negri, *Multitudes*, op. cit., p. 142.

oposto” e que os dispositivos técnicos colocados à sua disposição pela medicina contemporânea são apenas um meio de revelar seu *autêntico e verdadeiro* sexo. Outros transexuais, como Kate Bornstein, Del LaGrace Volcano ou Susan Stryker,³¹ afirmam sua condição *gender queer*, de desviados de gênero, e recusam as atribuições de homem ou mulher, declarando-as como imposições normativas. Del LaGrace Volcano explica assim:

Como um artista visual variante de gênero, utilizo as “tecnologias de gênero” a fim de ampliar, em vez de apagar, os traços hermafroditas do meu corpo. *Eu mesmo me nomeio*. Um abolicionista do gênero. Um terrorista de gênero em meio período. Uma mutação intencional e intersexual por design (contrário ao diagnóstico) a fim de distinguir minha jornada entre os outros milhares de indivíduos intersexuais que tiveram seus corpos “ambíguos” mutilados e desfigurados em uma tentativa equivocada de “normatização”.³²

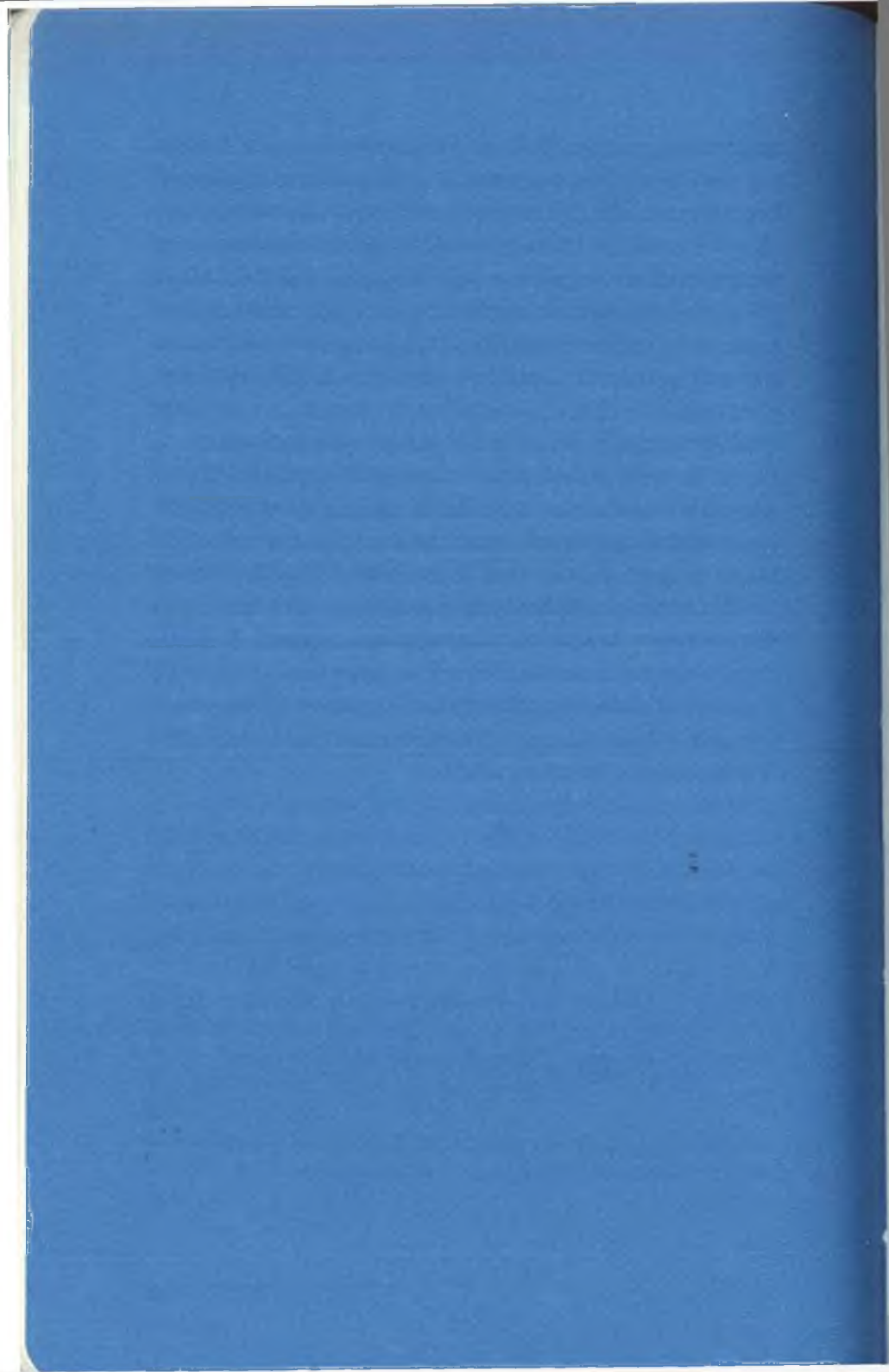
Nunca é demais lembrar que o regime farmacopornográfico da sexualidade não pode funcionar sem a circulação de um intenso fluxo semiótico-técnico: fluxo de hormônios, fluxo de silicone, fluxos digitais, textuais e de conteúdo representacional... Em outras palavras, o regime

31 Kate Bornstein, *Gender Outlaw: On Men, Women, and the Rest of Us*. Nova York: Routledge, 1994; Susan Stryker, “My Words to Victor Frankenstein Above the Village of Chamounix: Performing Transgender Rage”, *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 1, n. 3, 1994, pp. 227-254.

32 Del LaGrace Volcano, “Artist Statement”, modificado pela última vez em Setembro 2005, <<http://www.dellagracevolcano.com/statement.html>>.

farmacopornográfico da sexualidade não pode funcionar sem um tráfego constante de biocódigos de gênero. O gênero no século XXI funciona como um mecanismo abstrato para a subjetivação técnica; ele é conectado, cortado, deslocado, citado, imitado, engolido, injetado, transplantado, digitalizado, copiado, concebido como design, comprado, vendido, modificado, hipotecado, transferido, baixado na internet, aplicado, traduzido, falsificado, fabricado, trocado, dosado, administrado, extraído, contraído, ocultado, negado, renunciado, traído... Ele transmuta.

Em termos de agenciamento político, sujeição ou empoderamento não depende da rejeição de tecnologias em nome da natureza, e sim do uso diferenciado e da reapropriação das técnicas de produção da subjetividade. Nenhum poder político existe sem controle sobre a produção e distribuição de biocódigos de gênero. A emancipação farmacopornográfica dos corpos subalternos só pode ser medida segundo estes critérios essenciais: envolvimento e acesso à produção, circulação e interpretação dos biocódigos somatopolíticos.



7. DEVIR T.

Durante seis meses, Victor, o amante que abandonei para ficar com V. D., trabalhou em uma empresa de telessexo. Todo dia, ele sai de casa às sete da noite e volta à uma da manhã. Nós nos levantamos por volta das onze, tomamos café da manhã, lemos o jornal com a MTV ao fundo, levamos a Justine ao parque para dar uma volta; quando voltamos para casa, trepamos até às cinco da tarde. Vamos até o limite possível para dois rapazes. Dois homens gays, com a única diferença de que não temos nem um centavo, nem trabalho fixo, nem casa. Não temos nada, nem quarto dos fundos nem pau; mas há mais dildos onde vivemos do que paus nas saunas de Paris. Durante esses três meses de 2004, a questão da falta estrutural de espaços de sexo livre para as lésbicas, *drag kings* e meninos trans em Paris não nos aborrece, embora seja um problema real. Trepamos o tempo todo. Basta ter um minuto livre. O processo de adaptação ao silicone pode ser longo. No começo, sou eu quem mete. Victor tem a beleza de um contrabandista árabe, a elegância de um mentiroso que lê Artaud e a calma de um cão de faraó. Com olhos pretos e um rosto sardento, ele é a melhor coisa desde o pão fatiado. Sua vagina *drag king* engole tudo. Tudo de qualquer tamanho. Não preciso começar com o tamanho médio; por que não ir diretamente ao extragrande?

Victor é um submisso insuperável. Posso confiar nele tudo o que encontro. Ele sorri quando goza e não se cansa. Todo dia, às cinco e meia da tarde, pega o ônibus que o leva ao trabalho de masturbador linguístico. Quando sai de casa, sua pele está hiperoxigenada, mas suas pernas

estão trêmulas. Cochila no ônibus antes de chegar ao trabalho, e então passa seis horas na sua rotina de puta por telefone. Ele tem se saído especialmente bem desde que passou a atender os clientes sadomasoquistas. Tudo o que faz em casa comigo acaba por acalmar a depravação sexual de um bando de pobres-diabos que passam o dia pendurados no telefone. Isso é o que os seguidores de Negri na esquerda radical chamam de “trabalho biopolítico” — ou, em outras palavras, masturbar o pau planetário. Trata-se da transformação de nossos recursos sexuais em trabalho, de nossa sensibilidade em matéria comercializável, de nossa memória erótica em texto que será vendido pela quantidade de caracteres, dos nossos arranjos sexuais em cenários anônimos que poderão ser repetidos performativamente por atores indiferentes.

Durante essas seis horas em que Victor “trabalha biopoliticamente”, eu escrevo. Já acumulei quase mil páginas sobre o impacto do feminismo no discurso estético e político contemporâneo, atividade pela qual o governo francês me paga o suficiente para comer e pagar minhas contas. O salário mínimo da filosofia. Eu me tranco no escritório, coloco um Enrique Morente no máximo, me sento à mesa como um piloto em uma nave espacial e leio Foucault, Sloterdijk, Buckminster Fuller ou escrevo um artigo voluntário sobre a segregação sexual do espaço público. Eu me acalmo quando sexo e filosofia se aproximam um do outro. Essas são horas preciosas, envolvidas em silêncio translúcido, a paz do isolamento. Um balanço composto de duas massas igualmente à deriva atinge o equilíbrio no meu cérebro; a leitura flui em escrita e vice-versa. Sem ansiedade. Estou a ponto de concluir as primeiras seiscentas páginas de *Anus Public: An Interview with Nobody*, uma conversa em que ninguém

me pergunta sobre as razões que me levaram a abandonar as políticas *queer*. Não tenho intenção de publicar o texto. Considero-o ainda inadequado, muito terno para a brutalidade do século, ostensivamente egoísta para fazer frente ao sofrimento coletivo e ao desaparecimento progressivo de tudo o que é vivo. Saio da ilha de leitura-escritura com ajuda da televisão. As notícias do mundo heterossexual: i-Télé. P. com uma camisa de leopardo e uns óculos escuros e B. B. com visual de jesuíta pop discutem sobre a vida de Janis Joplin. Evidentemente ela era lésbica. Nesse momento, ainda não sei que o Sr. Camisa de Leopardo é a pessoa que destroçou o coração do futuro amor da minha vida. Isso me permite seguir a vida normal de uma forma automática e despreocupada. Quando Victor volta, eu o espero com o jantar pronto. Às vezes, nos resta energia suficiente para trepar por trinta ou quarenta minutos. Outras vezes fodemos só com nossas bocas, fodas intermináveis que emitem sinais elétricos recebidos em qualquer parte do corpo. Às vezes nós dormimos imediatamente depois de jantar com Justine. Esses meses formam um túnel longo de sexo, dias de *drag king*, de rituais tântricos, de fazer *soft-packing*,¹ dias de incesto e de sonho vampiresco que atravesso em um estado semiconsciente com a segurança de que algo ou alguém acabará me tirando desse paraíso infernal. Jamais teria imaginado que V. D., a tua morte e a testosterona eram o fim do túnel. Nesse caso — e quem sabe se só nesse caso ou de forma geral — o total desconhecimento do futuro

¹ Diferentemente do *packing hard*, dispositivo que pode ser utilizado na performance da relação sexual (como o dildo, por exemplo), o *soft-packing* refere-se a simuladores dos órgãos sexuais masculinos, volumosos, mas que não servem para penetração sexual. [N.T.]

foi a condição que proporcionou a possibilidade de continuar vivendo no presente. Do mesmo modo que é preciso esquecer para continuar vivendo, é preciso também desconhecer o futuro para poder esperar candidamente que o tempo passe. No auge da carreira, o arquiteto Adolf Loos queimou todos os seus desenhos, escritos, cartas, diários e objetos-fetiches. Queimou tudo. Com fogo, construiu um arquivo de fumaça, uma densa massa de esquecimento a partir da qual será possível recomeçar a viver. Se houvesse uma memória psicossomática precisa do término dos relacionamentos anteriores, ninguém voltaria a se apaixonar; nem se soubéssemos com antecedência as circunstâncias exatas do final de cada amor que nos dispomos a começar. Se tivesse sabido que a tua morte, o amor de V. D. e o vício em T. eram o fim do túnel, então a excitação, o medo e o desejo irreprimíveis teriam me impedido de viver. Parece que não ter certeza, não saber, pode ser confirmado como uma condição da sobrevivência biopolítica.

Nesse meio-tempo, aproveito o que tenho. O prazer único de escrever em inglês, em francês, em espanhol, de caminhar de uma língua para outra como em um trânsito entre masculinidade, feminilidade e transexualidade. O prazer da multiplicidade. Três linguagens artificiais que crescem emaranhadas, que lutam para se transformar e não se transformar em uma só língua. Misturando-se. Só encontrando sentido nessa mistura. Produzindo entre espécies. Escrevo sobre o que mais me importa em uma língua que não me pertence. Isso é o que Derrida chamava de monolinguismo do outro;² nenhuma das línguas

² Jacques Derrida, *Le Monolinguisme de l'autre, ou la prothèse de l'origine*. Paris: Galilée, 1996.

que falo me pertence e, no entanto, não há outro modo de falar, não há outro modo de amar. Nenhum dos sexos que incorporo possui qualquer densidade ontológica e, no entanto, não há outro modo de ser corpo. Despossuídos desde o começo.

TESE

ESTADO-SOFÁ-CORPO-MOLÉCULA

Durante os dois meses que precedem tua morte, acordo sistematicamente, toda noite, às quatro da manhã. Na hora em que as vacas parem, em que as corujas caçam. A história da vida me é revelada noite após noite com uma lentidão insone. Me acalma pensar que já fui uma bactéria e que voltarei a sê-lo um dia. Meu eu bacteriano me ajuda a dormir. Durante mais de dois mil anos choveu sobre a Terra até que as bacias vazias — onde antes havia oceanos que se evaporaram com a explosão de um meteorito gigante — encheram-se de água novamente. Digo a mim mesma que, se os oceanos secaram e voltaram a encher, meu coração também pode se esvaziar de política e voltar a encher. O que ainda não sei é que logo meu coração se encherá de tua morte e, quase simultaneamente, do amor de v. D.

Durante o dia, minha existência oscila entre a atividade frenética e o vazio total. Nos períodos de vazio, passo a maior parte do tempo sentado no sofá. Não procuro uma posição cômoda nem um gesto elegante; deixo meu volume disforme cair sobre a acolchoada superfície retangular — e espero. Durante essas horas horizontais, eu suou, tremo; mas raramente choro e, de vez em quando, consigo dormir. Saio de casa só para passear com Justine. Compró o jornal, mas não leio. Compró comida, mas não como.

A cadela, ela sim, come. Este sofá poderia ser a cama de um hospital psiquiátrico. Sim, é isso, um *home office* para as instituições médicas e jurídicas da República da França, da qual sequer sou cidadã. O sofá é um tentáculo do sistema de controle, uma instalação dentro do meu espaço individual em forma de móvel de sala de estar. É um aparato político, um espaço público de vigilância e desativação que tem a vantagem, em relação a outras instituições clássicas, como a prisão e o hospital, de contribuir para manter a ficção de que este apartamento, estes 47 metros quadrados trancados com chave, é meu território privado. A paranoia se estende do sofá até minha pele. Meu corpo poderia ser um centro de reclusão ao longo da vida, um mecanismo consciente do sistema de controle instalado em minha estrutura biológica, um tentáculo do farmacopoder que agora leva meu próprio nome. Meu corpo, minhas células são o aparato político por excelência, um espaço público-privado de vigilância e ativação que tem a vantagem, com relação a outras instituições clássicas, como o colégio ou o exército, de contribuir para manter a ficção de que minha subjetividade e seu suporte bioquímico, estas células, este metro e oitenta aparentemente impenetrável, são meus únicos e últimos pertences individuais. Paro com a paranoia e beijo Justine. Como posso escapar desta prisão aconchegante? O que eu sei? O que devo fazer? O que me cabe esperar?

Procuro entre os livros as chaves da sobrevivência. Agarro-me aos seminários publicados de Foucault, às *Três ecologias* de Guattari, à biografia de Benjamin, seus escritos, Violette Leduc, Genet, Haraway, de novo Wittig, Susan Stryker, Edmund White. Mas, sobretudo, estes são teus livros. Não penso em te ligar quando estou nos meus piores dias. De vez em quando, recebo uma mensagem

tua agressiva no meu telefone. "Quando você vai escrever alguma coisa que valha a pena?" "Você ou eu." "Pare de me atacar". Não te respondo. Nunca. Não sei do que está falando. Não sei o que te dizer. Se você apenas soubesse pelo que estou passando. Mas você não faz a menor ideia. Suas mensagens estúpidas me acalmam porque me permitem esquivar a questão: não te ligo para não ter que dizer que vou começar com a testosterona. Agora que vou me tornar um dos teus, nós poderemos realizar o velho sonho de nos dar o cu mutuamente. Eu não sei que estes dias são os últimos antes da tua morte e não te ligo.

Passo dias inteiros revisando arquivos do feminismo norte-americano dos anos 1970. Algumas vozes ficam para sempre gravadas na minha memória. Outras desaparecem. Faith Ringgold permanece, assim como sua maneira de dizer para o jornalista em uma entrevista de 1972 que o único modo de sobreviver ao inimigo colonial e patriarcal é rir na cara dele. Ela não está brincando; ao contrário, grita com ele, interrompe-o quando ele fala, não presta a mínima atenção nele. O riso é uma forma de resistência, de sobrevivência, um modo de ganhar força. O grito também. Quando se pertence a um grupo oprimido é preciso aprender a rir na cara do inimigo, diz Ringgold. O problema é que as coisas já não estão tão claras, já não se sabe quem é o opressor e quem é o oprimido. Ou melhor, é duro saber-se ao mesmo tempo opressor e oprimido: suponho que, nesse caso, será preciso rir de si mesmo.

Imprime-se em mim a voz de Jill Johnston: "Até que todas as mulheres não sejam lésbicas não haverá revolução política". Nancy Angelo e Candance Compton: "Escutem bem. Vocês não pensam que vou deixar minha vida entre essas quatro paredes, pensam? Ninguém vai me obrigar a isso. Me escuta. Já vivi até aqui trancada dentro

do meu corpo. Estou cansada disso". Minha mente é uma coberta sexual em que meu corpo foi enrolado, um cofre trancado, um túmulo, uma armadilha. Sou uma mensagem política fascista à deriva. Meu corpo é a mensagem, minha mente é a garrafa. Explodir. É minha única alternativa.

A cada dia tento cortar um dos fios que me ligam ao programa cultural de feminização em que cresci, mas a feminilidade se gruda em mim como uma mão gordurosa. É como a mão quente da minha mãe, como o oceânico som do idioma espanhol nos meus sonhos. Como Faith Wilding na performance do projeto *Womanhouse*, continuo esperando que alguém me abrace, esperando que a vida comece, esperando que alguém me ame, esperando que o prazer chegue, esperando... Mas eu também sou um homem trans. Com ou sem T. À lista de espera feminina é preciso acrescentar a interminável lista de maneiras de esperar a chegada da masculinidade: esperando que minha barba cresça, esperando ser capaz de me barbear, esperando que cresça um pau no meu baixo ventre, esperando que as garotas me olhem como se eu fosse um homem, esperando que os homens falem comigo como se eu fosse um deles, esperando me atirar em todas as gatinhas, esperando o poder, esperando o reconhecimento, esperando o prazer, esperando... eu me pergunto em que momento já é tarde demais para voltar atrás nesse processo de produção de gênero. Talvez, por acaso, passado determinado limiar, esse processo se torne irreversível. Qual é a temporalidade própria dessa produção do gênero? Qual é sua linha de construção própria, sua direção?

Valerie Solanas, em seu *SCUM Manifesto* de 1967, viu as coisas com certa precisão.³ Mais de quarenta anos depois,

³ Valerie Solanas, *SCUM Manifesto*. New York: Verso, 2004.

só um elemento parece ter mudado: todas as características grotescas que Solanas atribui aos homens na sociedade capitalista de meados do século xx hoje parecem estender-se às mulheres. Homens e mulheres são, hoje, bioprodutos de um sistema sexual bifurcado com tendência paradoxal à reprodução ou à autodestruição. "Ser homem é ser deficiente, emocionalmente limitado... egocêntrico, encerrado em si mesmo, incapaz de empatia, identificação com os outros, amor, amizade, afeição ou ternura." Homens e mulheres são unidades isoladas, criaturas condenadas a uma autovigilância e a um autocontrole constantes por um rígido sistema de classe-sexo-gênero-raça. O tempo que devotam à disposição política das suas subjetividades é comparável à extensão total de suas vidas. Uma vez que toda sua vitalidade foi utilizada no trabalho de redução da própria multiplicidade somática, tornaram-se seres fisicamente fragilizados, incapazes de encontrar qualquer satisfação na vida, politicamente mortos antes de terem deixado de respirar. Não quero o gênero feminino que me foi atribuído no nascimento. Também não quero o gênero masculino que a medicina transexual me promete e que o Estado acabará me outorgando se eu me comportar de forma correta. Não quero nada disso.

DEVIR MOLECULAR

Quando me aplico uma dose de gel de testosterona ou me injeto uma dose líquida, estou, na realidade, dando-me uma cadeia de significantes políticos que se materializam até adquirir a forma de uma molécula assimilável pelo meu corpo. O que tomo não é simplesmente o hormônio, a molécula, mas também o conceito de hormônio, uma

série de signos, textos e discursos, o processo por meio do qual o hormônio foi sintetizado, a sequência técnica por meio da qual o hormônio foi produzido em laboratório. Eu me injeto uma cadeia de moléculas cristalina, de carbono esteroide solúvel em óleo, e com ela um pedaço de história da modernidade. Eu me aplico uma série de transações econômicas, um conjunto de decisões farmacêuticas, de testes clínicos, de grupos de opinião e técnicas de gestão empresarial; conecto-me a uma rede barroca de intercâmbio e de fluxos econômicos e políticos que patenteiam a vida. Estou ligada pela π à eletricidade, aos projetos de pesquisa genética, à hiperurbanização, à destruição dos bosques da biosfera, à exploração farmacêutica de espécies vivas, à ovelha clonada Dolly, ao avanço do vírus Ebola, à mutação do HIV, às minas terrestres e à transmissão de informação via banda larga. Dessa forma, eu me transformo em um dos conectores somáticos através dos quais circula o poder, o desejo, a liberação, a submissão, o capital, o lixo e a rebelião.

Como corpo — e esse é o único ponto interessante sobre ser um sujeito-corpo, um sistema tecnovivo —, sou a plataforma que torna possível a materialização da imaginação política. Sou minha própria cobaia em um experimento sobre os efeitos do aumento intencional do nível de testosterona no corpo de uma mulher cis. Instantaneamente, a testosterona me transforma em algo radicalmente diferente de uma mulher cis. Inclusive quando as mudanças provocadas por essa molécula são socialmente imperceptíveis. O rato de laboratório está se tornando humano. O ser humano está se tornando um roedor. E quanto a mim: nem garota-testo nem tecnogaroto. Sou um porto de inserção de $C_{19}H_{28}O_2$. Sou, ao mesmo tempo, um terminal de um dos aparatos de governamentalidade neoliberal e um

ponto de fuga pelo qual escapa o poder controlador do sistema. Sou a molécula e o Estado, sou o rato de laboratório e o sujeito científico que leva a pesquisa adiante; sou o resíduo de um processo bioquímico. Sou o futuro ancestral artificial comum para a elaboração de novas espécies em processos perpetuamente aleatórios de mutação e desvios genéticos. Eu sou T.

O DIABO EM FORMA DE GEL

Depois da quinta aplicação de Testogel, comecei a distinguir variações de amplitude na excitação, na tensão muscular, na tendência do meu corpo a se exteriorizar. Todas as substâncias são venenos. A única diferença entre um veneno e um medicamento é a dose. Mas qual é a dose justa de testosterona? A que meu corpo produz? Ou outra? O que seria justiça hormonal? E se há justiça hormonal, eu deveria administrar essa justiça a mim mesmo?

A testosterona é o diabo em gel transparente. A aplicação por via cutânea de 50mg de testosterona em gel duas vezes por semana por três meses não é facilmente detectável à primeira vista no corpo de uma mulher cis, no meu corpo. No entanto, essa administração modifica a composição hormonal do organismo de forma substantiva. *Modus molecularis*. Trata-se de uma transformação potencial da minha ontologia endócrina. As mudanças não são puramente artificiais. A testosterona externa se insere em um campo molecular de possibilidades existentes dentro do meu próprio corpo. Não há rejeição, e sim assimilação, incorporação. *Mit-sein*. Ser-com-testosterona.

A testosterona não modifica radicalmente a percepção da realidade nem o sentido da identidade. Essa dose de

testosterona não é forte o bastante para produzir em um corpo de mulher cis mudanças externas reconhecíveis, rotuladas como “masculinização” pela medicina tradicional dominante: barba e bigode, aumento da massa muscular aparente, mudança de voz... A testosterona não modifica o modo como os outros decodificam meu gênero. Eu sempre fui um corpo andrógino, e as microdoses de testosterona que me aplico não alteram essa situação. No entanto, produzem mudanças sutis, porém determinantes, em meus afetos, na percepção interna do meu próprio corpo, na minha excitação sexual, no meu cheiro corporal, na minha resistência ao cansaço.

Mas a testosterona não é masculinidade. Nada nos permite concluir que os efeitos produzidos pela testosterona são masculinos. A única coisa que podemos dizer é que, até agora, em sua maioria, esses efeitos foram propriedade exclusiva dos homens cis. A masculinidade é apenas um dos possíveis subprodutos políticos (não biológicos) da administração de testosterona: não é o único nem o que será socialmente dominante a longo prazo.

O consumo de testosterona — como o consumo de estrogênio ou de progesterona, no caso da Pílula — não depende de construções culturais ideais de gênero que influenciarão o modo como agimos ou pensamos. Nós nos confrontamos aqui diretamente com a produção da *materialidade* do gênero. Tudo é uma questão de doses, de pontos de fusão e de cristalização do poder rotativo da molécula, de regularidade, de miligramas, da forma e do modo de administração, do hábito, da práxis. O que está acontecendo comigo poderia ser descrito em termos de “revolução molecular”. Ao detalhar este conceito a fim de referir-se à revolta de Maio de 1968, Félix Guattari com certeza não pensava em mulheres cis que se

aplicam testosterona. Por outro lado, estava atento, sim, às modificações estruturais ocasionadas por mudanças micropolíticas, como o consumo de drogas, as alterações na percepção, a transformação das condutas sexuais e a invenção de novas linguagens.⁴ É uma questão de devires, de se tornar, de multiplicidades. Neste contexto, *revolução molecular* poderia apontar para um tipo de homeopatia política de gênero. Não se trata de passar de mulher para homem ou de homem para mulher, mas de contaminar as bases moleculares da produção da diferença sexual, entendendo que estes dois estados do ser, homem e mulher, existem apenas como “ficções políticas”, como efeitos somáticos dos processos técnicos de normatização. Trata-se de uma questão de intervenção intencional neste processo de produção a fim de acabar com as formas viáveis de incorporação de gênero, de produzir uma nova plataforma sexual e afetiva que não é masculina nem feminina no sentido farmacopornográfico do termo, que seria capaz de tornar possível a transformação da espécie. T. é apenas um limiar, uma porta molecular, um devir entre multiplicidades.

Para um corpo acostumado a regular o metabolismo hormonal em torno da produção de estrogênio, o aumento intencional do nível de testosterona no sangue constitui uma reprogramação endócrina. A mínima alteração

4 Félix Guattari, *La Révolution moléculaire*. Paris: Recherches, 1988. Ver também Félix Guattari, “Plan sur la planète. Capitalisme mondial intégré et révolutions moléculaires”, in Jean-Pierre Faye, Marc Rombaut e Jean-Pierre Verheggen (eds.), *Minorités dans la pensée*. Paris: Payot, 1979; Gilles Deleuze e Félix Guattari, *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*, trans. Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987, pp. 232-309 [Ed. bras.: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3, São Paulo: Ed. 34, 2002].

hormonal afeta todas as funções do corpo: a vontade de comer e de trepar, a circulação e a absorção de minerais, os ritmos biológicos que regulam o sono, a capacidade de esforço físico, o tônus muscular, o metabolismo, o sentido do olfato e do gosto — de fato, toda a fisiologia bioquímica do organismo. Nenhuma dessas modificações pode ser classificada como masculina. Mas, entre todos os efeitos físicos e mentais causados pela autointoxicação à base de testosterona em gel, o sentimento de transgressão dos limites do gênero que me foi imposto socialmente é, sem dúvida, o mais intenso. O novo metabolismo da testosterona em meu corpo não seria efetivo em termos de masculinização sem a existência de um programa político prévio que interpreta estas variações como parte integral de um desejo — controlado pelo regime farmacopornográfico — de mudança de sexo. Sem este desejo, sem o projeto de transitar de uma ficção de sexo a outra, aplicar testosterona seria nada além de um devir molecular.



8. FARMACOPODER¹

Pharmacia (*Pharmakeia*) é também um substantivo comum que significa a administração do *pharmakon*, a droga: o medicamento e/ou veneno... Sócrates compara a uma droga os textos escritos trazidos por Fedro. O fármaco, esse “remédio”, esse filtro, que ao mesmo tempo atua como remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda sua ambivalência... O fármaco seria uma substância — com todas as conotações da palavra em termos de matéria de virtudes ocultas, de profundidade críptica, negando submeter sua ambivalência à análise, já abrindo caminho para a alquimia —, se não tivéssemos que vir a reconhecê-lo como a própria antissubstância: aquilo que resiste a todo filosofema, o que excede indefinidamente como não identidade, não essência, não substância; concedendo à filosofia, exatamente por isso, a inesgotável adversidade que a consolida e sua total ausência de fundamentos... O *pharmakon* consiste propriamente em certa inconsistência, em certa impropriedade, essa não-identidade-consigo que sempre lhe permite voltar-se contra si mesmo. O que está em jogo nessa virada é nada menos do que a ciência e a morte, que são consignadas em um único e mesmo tipo na estrutura do fármaco, o nome único dessa poção que é preciso esperar. E ainda, como no caso de Sócrates, é preciso merecer.²

1 Este capítulo foi modificado e desenvolvido pelo autor especialmente para a edição em inglês, e reproduzido na edição brasileira.

2 Jacques Derrida, “La pharmacie de Platon”, in *La Dissémination*. Paris: Seuil, 1972, pp. 86, 87 e 148 [Ed. bras.: *A farmácia de Platão*, trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005]. Ver também Derrida,

FEITIÇARIA NARCOSSEXUAL

A hegemonia farmacopornográfica, que só se tornou explícita no final do século xx, tem suas raízes na origem do capitalismo moderno, nas transformações dos sistemas medievais de produção do final do século xv que dariam lugar às economias industriais e coloniais, à ficção biopolítica dos Estados-nação e aos regimes de saber científico e técnico.

A fim de compreender como as novas relações de corpo-poder, prazer-conhecimento e *pharmakon*-subjetividades foram estabelecidas no Ocidente, devemos agora fazer um desvio indispensável às relações entre o capitalismo e a destruição das nossas tradições enteogênicas.³

Para conseguir acesso à questão do *pharmakon*, temos que seguir o caminho das bruxas. Os agricultores, os responsáveis pelas colheitas e os preparadores de plantas medicinais foram condenados durante a Inquisição. Bruxas, alquimistas e parteiras foram declarados hereges e desviantes satânicos. Ao mesmo tempo, a Europa colonizava as Américas. “Caça(s) às bruxas ocorreram simultaneamente com a colonização e o extermínio das populações do Novo Mundo, com os cercamentos na

Dissemination, trans. Barbara Johnson. Chicago: University of Chicago Press. 1983, pp. 70 e 119.

3 Denis Richard, Jean-Louis Senon e Marc Valleur, *Dictionnaire des drogues et des dépendances*. Paris: Larousse, 2004, p. 267. “Enteogênico” vem da palavra grega *entheos*, que significa estado de transe, possessão. Neologismo sugerido em 1979 pelo helenista Carl Ruck, pelo etnobotânico Gordon Wasson e pelo filósofo Jonathan Ott, “enteogênico” fala de substâncias psicoativas capazes de induzir estados de transe extáticos ou de posse xamânica. Este termo não abrange o mesmo território que a palavra “psicodélico”, relacionada com a cultura ocidental dos anos 1960.

Inglaterra [ou] com o início do tráfico de escravos.”⁴ A historiadora feminista Silvia Federici mostrou que a caça às bruxas foi uma dupla tentativa de apropriar-se do corpo das mulheres como força reprodutiva e de acabar com o uso comum dos recursos naturais — prados, florestas, rios, lagos, pastos selvagens. O processo de delimitar terra, expropriar saberes populares, criminalizar práticas de “intoxicação voluntária” e privatizar germoplasmas vegetais estava apenas começando. Ele atingiu o ápice no período moderno com a expropriação colonial de plantas, animais, corpos e saberes; a perseguição dos produtores, consumidores e traficantes de “drogas”; a transformação gradual dos recursos naturais em patentes farmacêuticas; e o confisco por parte das instituições jurídico-médicas de todos os experimentos que envolveram autoaplicação.⁵

Muito dos preparados medievais de caráter alucinógeno eram assimilados por via tópica, dissolvidos em uma pomada feita à base de gordura e besuntados no pescoço, axilas ou estômago. A forma como essas pomadas eram aplicadas se assemelha bastante à forma de usar testosterona em gel pelas pessoas transgêneros hoje em dia. Historiadores contemporâneos das tradições farmacológicas medievais e da Inquisição acreditam que boa parte das visões e dos atos mágicos condenados pelos tribunais religiosos como satânicos foi o resultado da ingestão acidental ou intencional de substâncias psicoativas. Baseando-se

4 Silvia Federici. *Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation*. New York: Autonomedia, 2004, p. 164. [Ed. bras.: *Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*, trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017].

5 Richard Stallman, “Biopiracy or bioprivateering?”, *Multitudes*, n. 1, Março 2000, pp. 114-117.

nos registros de inquisidores, assim como em tratados ancestrais de herboristas, os pesquisadores atuais puderam identificar as diferentes substâncias alucinógenas e narcóticas de extração vegetal e animal usadas na época.

Certa quantidade dessas receitas para pomadas e misturas menciona substâncias solanáceas psicoativas, como meimendro (da família da beladona), estramônio (espinho de maçã), beladona e mandrágora. Todas incluem extratos de plantas como a papoula (fonte de ópio, heroína e morfina) e cânhamo (maconha, haxixe); sapos cuja pele, agora sabemos, contém uma potente substância psicotrópica; e certo tipo de “farinha salpicada de cereal” provavelmente feita com espigas de trigo parasitadas pelo fungo do qual se extraiu, pela primeira vez, o LSD. As visões alucinógenas dignas das retóricas de Deleuze e Guattari (devir animal, devir planta, ter relações sexuais com animais, falar com árvores, projeção astral etc.) podem ter sido causadas por efeitos psicotrópicos no organismo após a ingestão ou aplicação cutânea dessas plantas com poderes alucinógenos e afrodisíacos. Em 1960, Walter Pahnke seguiu passo a passo as instruções para o preparo de uma pomada que aparecia em um livro do século XV e, então, junto com outros colegas, untou o pescoço e as axilas. Todos os pesquisadores reportaram haver submergido em “um torpor de 24 horas, durante o qual sonharam com voos audazes, danças frenéticas e outras estranhas aventuras similares àquelas que ocorrem durante orgias medievais”.⁶

Ao longo de períodos de seca e grave escassez de alimentos, para aumentar a produção de pão, eram usados grãos alternativos ao trigo, como o centeio, e estes

⁶ Antonio Escototado, *Historia General de las Drogas*. Madri: Espasa-Calpe, 2008, p. 169.

poderiam ter contido micotoxinas, metabólitos produzidos pelos mofos do pão e que atuam sobre o organismo dos mamíferos, causando alucinações e vômitos. Hoje sabemos que as vítimas do *Ignis Sacer* (fogo sagrado de Santo Antônio) sofriam os efeitos alucinógenos da dietilamida do ácido lisérgico (depois de 1938 abreviada em inglês para LSD) — uma micotoxina que aparece durante o cozimento do pão contaminado com a cravagem do centeio —, assim como de outras micotoxinas, por exemplo, os alcaloides da beladona procedentes do fruto da raiz da mandrágora. Vários outros séculos foram necessários antes que algumas destas micotoxinas começassem a aparecer novamente, mas na base de fabricação dos antibióticos.⁷

A transcrição do julgamento de uma mulher acusada de praticar bruxaria durante a Inquisição em Carcassonne, de 1330 a 1340 (período em que o termo *sabá das bruxas* apareceu pela primeira vez), registra: “Ela encontrou e cumprimentou um bode gigantesco ao qual ela se deu. Em troca, o bode ensinou-a sobre plantas venenosas cozinhadas em caldeirões sobre fogo maldito, e ervas envenenadas... Desde então, ela se ocupa da preparação de certos ingredientes e poções nocivos.”⁸ O tratado de 1580, *De la démonomanie des sorciers*, de Bodino, estabeleceu uma relação criminal entre o domínio das plantas e a bruxaria.⁹

7 Antonio Escohotado, *A Brief History of Drugs*, pp. 164-69. Ver a versão curta em inglês de Antonio Escohotado, *A Brief History of Drugs from the Stone Age to the Stoned Age*, trans. Kent Symington. Rochester, VT: Park Street Press, 1999. Ver também Dale Pendel, *Pharmako/Dynamis: Stimulating Plants, Potions & Herbcraft*. São Francisco: Mercury House, 2002.

8 Escohotado, *A Brief History of Drugs*, op. cit., p. 277.

9 *Ibid.*, p. 358

Foi assim que herboristas, feiticeiras, bardos, druidas, sacerdotes e sacerdotisas de outros cultos, incluindo todos aqueles que ousavam práticas com plantas (fosse com fins terapêuticos, ritualísticos ou simplesmente recreativos), acabaram confinados à categoria de "infames" e foram perseguidos, sem distinção alguma, sob a acusação de "bruxaria". A Inquisição atua aqui como uma autoridade de controle e repressão tanto do saber farmacológico das mulheres das classes populares como da *potentia gaudendi* gerada pela metabolização corporal da composição química dessas plantas, bem como pelo discurso e conhecimento compartilhado ligados a rituais sociais.

A ativista feminista e bruxa pagã Starhawk entende que a perseguição às bruxas que ocorre na Europa (e que se estende eventualmente às colônias norte-americanas) entre 1430 e 1740 era parte de um processo maior de erradicação de saberes e poderes populares, enquanto simultaneamente trabalhavam para consolidar o conhecimento hegemônico do especialista, algo imprescindível para a implantação progressiva do capitalismo em escala global.¹⁰

O *Malleus Maleficarum*, gramática da Inquisição e de suas técnicas de extração de conhecimento, condena a sexualidade feminina, o intercâmbio sexual não reprodutivo (a sodomia, a masturbação) e toda experimentação com substâncias psicoativas.¹¹ Como aponta Starhawk, a Inquisição castiga a agressividade sexual e o gozo das mulheres e lhes impõe passividade, submissão e silêncio no

10 Starhawk, *Dreaming the Dark: Magic, Sex, and Politics*. Boston: Beacon Press, 1997, pp. 200-204.

11 Arthur Evans, *Witchcraft and the gay counter-culture*. Boston: Fag Rag Books, 1981.

domínio das práticas sexuais.¹² Tudo isso estava conectado: a emergência do capitalismo protoindustrial e suas formas científicas de produção e transmissão de conhecimento; o extermínio de uma parte da população que possuía saberes farmacológicos; o uso dos discursos raciais como argumentos religiosos e biológicos para justificar a escravidão e a opressão; o surgimento de novos modos de segmentar, demarcar e cercar a terra; a criação de gado que vai sustentar a futura indústria têxtil; a expansão colonial na América, África, Índia e Extremo Oriente; e a invenção, na Europa, de modelos de trabalho servis e pró-escravistas.

Ao contrário do que se acredita, as mulheres não esperaram até o século XX para entrar no mercado de trabalho. Suas práticas de saber e produção de riqueza foram cuidadosamente expropriadas dos circuitos da economia medieval, e sobre essa exclusão pôde consolidar-se o capitalismo nascente. Como destacou Angela Davis, a condição das “mulheres brancas” como mães e donas de casa é uma invenção do capitalismo moderno: a criação dos ideais burgueses da esposa e da mãe que dá à luz é acompanhada pela degradação econômica da figura da dona de casa e pela exclusão do trabalho doméstico da esfera produtiva.¹³

Starhawk encontra uma correlação entre essa análise econômica e a criminalização da bruxaria:

A perseguição às bruxas está relacionada a outras mudanças de consciência importantes que ocorreram durante os séculos XVI e XVII. A ascensão do profissionalismo em inúmeras esferas da vida implicava que aqueles serviços e atividades que as pessoas sempre praticavam

12 Starhawk, *Dreaming*, op. cit., p. 215.

13 Angela Y. Davis, *Women, Race, & Class*. New York: Vintage, 1983, pp. 8-12.

para elas mesmas, para seus vizinhos ou suas famílias fossem agora realizados por corporações de especialistas pagos que tinham uma licença ou outro meio de reconhecimento de sua qualidade como guardiões de um *corpus* de saber aprovado e restrito oficialmente...

A Igreja Católica havia servido durante séculos como um modelo de corporação que dispensava as graças necessárias. Muitas das queixas contra bruxas e hereges podem ser vistas como queixas de dar ou receber graças de uma origem sem classificação, que carecia do selo de garantia oficial; de transmissão de um saber sem aprovação. Os poderes das bruxas, fossem utilizados para prejudicar ou para curar, eram considerados demoníacos porque emanavam de uma fonte não instituída.¹⁴

No período medieval, as mulheres eram encarregadas do cuidado e da cura do corpo pela utilização de formas de conhecimento tradicional baseadas na utilização de ervas no contexto da prática ritualística. Essas cuidadoras, fossem sábias ou parteiras, representavam uma ameaça às novas sociedades profissionais em torno das quais se encontravam os novos peritos da informação, que rapidamente seriam legitimados como científicos e incluíam aqueles que atuavam no campo da medicina. Os membros dessas ordens se organizariam como um grêmio no início do século XVI. Criam-se assim licenças para regular o exercício da profissão médica que excluem os saberes farmacológicos das mulheres brancas e de todos os tipos de povos não brancos.

No final da Idade Média, a drenagem dos lagos e pântanos, a redução das florestas, as cercas, a instituição da

¹⁴ Starhawk, *Dreaming*, op.cit., p. 199.

propriedade privada para a agricultura e a pecuária trabalharam simultaneamente para reprimir a comunidade pagã — na qual se localizavam as forças míticas da imaginação popular e o ecossistema, e na qual cresciam plantas e substâncias usadas na “arte da feitiçaria”. Dessa perspectiva, a perseguição às bruxas pode ser entendida como uma guerra dos saberes especializados contra os saberes não profissionalizados de uma multidão, uma guerra do poder patriarcal branco ante os saberes narcossexuais tradicionalmente exercidos pelas mulheres, pelos povos colonizados e por feiticeiros não autorizados. A questão era exterminar ou confiscar certa ecologia do corpo e da alma, tratamentos alucinógenos e formas de prazer ou excitação. O conhecimento capitalista colonial moderno patologizou essas tecnologias de subjetivação produzidas pela experiência coletiva e corporal dos rituais, o processo de transmissão de símbolos e a assimilação de qualquer substância alucinógena e sexualmente excitante. Sob as acusações de heresia e apostasia (negação de Deus), a caça às bruxas nada mais fez do que ocultar a criminalização das práticas de “intoxicação voluntária” e autoexperimentação sexual e alucinógena. Sobre esse esquecimento forçado a modernidade elétrica e hormonal seria erguida.

FICÇÕES SOMÁTICAS: A INVENÇÃO DOS HORMÔNIOS SEXUAIS

O doce fermento da subjetividade corroendo a si próprio¹⁵

PETER SLOTERDIJK

15 Peter Sloterdijk, *Sphères III - Ecumes, sphérologie plurielle*, trad. Olivier Mannoni. Paris: Hachette Littératures, 2003, p. 26.

Tudo o que somos hoje, nosso modo de compreender a nós mesmos como corpos livres, individuais e desejantes, começa com a imprensa, a Revolução Industrial, o magnetismo e sua transformação em eletricidade, o transporte rápido, a comunicação à longa distância, a organização da cidade moderna e sua grade territorial. Também começa com o deslocamento de milhões de corpos humanos não brancos da África até a Europa e a América como força de trabalho e de reprodução do capitalismo, e como corpos usados para produzir prazer e riqueza — o que inclui a comercialização de corpos masculinos brancos como próteses do trabalho industrial assalariado; a transformação do corpo feminino branco em corpo reprodutivo, em ser doméstico; e a conversão da superfície do planeta em uma única e interminável ferrovia... Nesse contexto dominado pela comunicação, pela viagem, pelo comércio, pela conexão e distribuição, não é de surpreender o surgimento de um interesse crescente pela circulação de fluidos e pela transmissão de informação dentro do corpo a fim de criar condições para a invenção de hormônios como secreções comunicantes.

Desde o início do século XX até hoje, o processo de imaginação e conceitualização dos hormônios, bem como suas técnicas de produção, começa com a utilização de animais e, depois, com cobaias humanas procedentes, em geral, das instituições de reclusão disciplinar (exército, prisão, hospital psiquiátrico, escola etc.) ou de populações de territórios colonizados regulados por uma nova articulação de soberania (necropolítica) e por técnicas biopolíticas.¹⁶

16 Para saber mais sobre a articulação de regimes de soberania e biopolítica, ver Roberto Esposito, *Bios: Biopolitics and Philosophy*, trad. Timothy Campbell. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008, pp. 33-34.

Corpos de ratos, coelhos, galinhas, touros, porcos; os corpos “infra-humanos” de “negros”, de “loucos”, de “bichas”, de “criminosos”... Nossos modelos de gênero — não apenas categorias conceituais, mas também ficções somatopolíticas incorporadas — foram fabricados na encruzilhada em que se encontram o humano, o supostamente não humano e o animal. Esse processo obviamente sugere uma relação complexa de retroalimentação: como afirmou Donna J. Haraway, humano e animal são os resultados tecnobioculturais destas práticas de materialização discursiva que, em um mesmo movimento, os unem e os separam. Mais uma vez, esse fluxo começa nos laboratórios biológicos.

Em 1767, o cirurgião John Hunter, irmão do famoso anatomista William Hunter, realizou um transplante de testículos em ratos castrados e experimentou o transplante heterólogo de testículos de galos dentro da cavidade abdominal de galinhas, o que o levou a estabelecer pela primeira vez uma relação entre testículos e masculinidade.¹⁷ Um século depois, Arnold Adolf Berthold, um fisiologista da Universidade de Göttingen, desenvolveu uma série de experimentos em galos, removendo seus testículos e transplantando-os para outros locais no corpo. Seu tratado, publicado em um período em que as noções de “heterossexualidade” e “homossexualidade” eram inventadas como conceitos clínicos, seria um dos primeiros a recorrer à retórica heterossexual da superioridade masculina e à natureza complementar dos sexos como uma explicação para as variações das secreções internas.¹⁸ Mas o que me interessa aqui — à margem da

17 Jan Bondeson, *A Cabinet of Medical Curiosities*. Londres: I. B. Tauris, 1997, p. 187.

18 Este tratado de anatomia e fisiologia de Berthold foi abundantemente

caricatura heterocientífica criada por Berthold, que vê nos galos com testículos “guerreiros perseguidores de galinhas” e os capões castrados como “lânguidos e pacíficos” — é a maneira como uma secreção interna é interpretada pela primeira vez como informação difusa. Seu tratado conclui que deve haver uma transmissão química, em vez de neuronal, da informação contida nos testículos, uma vez que estas secreções parecem circular por todo o corpo por meio da corrente sanguínea e são independentes do lugar em que os testículos foram reimplantados.

Perto do fim do século XIX, parece plausível que “as secreções internas” de certos órgãos eram a origem dos processos fisiológicos em diferentes lugares do corpo.¹⁹ Charles-Edouard Brown-Séquard, o fundador da organoterapia, se dedicou às glândulas sexuais e decidiu empregar “extratos de órgãos animais” para fins terapêuticos. Segundo Brown-Séquard, extratos testiculares poderiam garantir juventude e vigor eternos aos homens. Do mesmo modo, porções contendo extratos ovarianos de cobaias foram usadas para tratar várias formas de doenças

analisado por leitoras feministas contemporâneas, como Nelly Oudshoorn e Anne Fausto-Sterling, que sublinharam o uso das metáforas de gênero dentro das narrativas biológicas. Numerosas considerações e críticas da história cultural das práticas científico-técnicas que levaram à invenção dos hormônios como artefatos farmacológicos também estão disponíveis. Ver Anne Fausto-Sterling, *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. New York: Routledge, 1994. Ver também Chandak Sengoopta, *The Most Secret Quintessence of Life, Sex, Glands and Hormones 1850-1950*. Chicago: University of Chicago Press, 2006, pp. 33-36.

¹⁹ Nelly Oudshoorn, “Hormones Technique et corps: L’archéologie des hormones sexuelles 1923-1940”, *Annales hss*, n. 4-5, julho-outubro 1998, pp. 775-793.

uterinas, assim como casos de histeria.²⁰ Contudo, o mais interessante sobre Brown-Séguar, aquilo que irá situá-lo no limite das convenções científicas de seu tempo, é sua inclinação para a autoexperimentação e as reivindicações públicas desses processos, o modo pelo qual ele se torna fascinado pela expectativa de melhora com o uso desses extratos e utiliza o próprio corpo como um campo para experimentação clínica.

O historiador da ciência Chandak Sengoopta relata que, em 1889, Brown-Séguar “quase arruinou sua reputação duramente conquistada ao declarar diante de uma assembleia de cientistas em Paris que tinha ‘rejuvenescido’ a si mesmo com injeções de extratos testiculares de cães e outras cobaias”.²¹ Os resultados, ele proclamou, foram “espetaculares”: um ganho acentuado em vigor e lucidez mental. Além disso, afirmou que as pacientes às quais havia administrado extratos ovarianos de cobaia também experimentaram melhorias físicas e mentais. Embora muitos médicos reagissem às afirmações de Brown-Séguar com ceticismo, a organoterapia adquiriu uma enorme popularidade. “Depois de uma década, no entanto, os novos tratamentos ficaram desacreditados. Brown-Séguar admitiu que os efeitos das injeções testiculares eram de curta duração e, provavelmente, resultado de sugestionamento.”²²

Este experimento fracassado de Brown-Séguar servirá, no entanto, para elaborar uma teoria inicial da transmissão de informação à distância em que as secreções são

20 Ibid., p. 779.

21 Chandak Sengoopta, op. cit., pp. 36-37. Ver também Anne Fausto-Sterling, *Sexing the Body*, op. cit., p. 182.

22 Fausto-Sterlin, *Sexing the Body*, op. cit., p. 149.

entendidas pela primeira vez como “mensagens químicas”.²³ Alguns anos mais tarde, Edward Schäfer, um professor de fisiologia da London University College, mediu os efeitos da injeção de extratos adrenais, da tireoide, do pâncreas e do fígado na corrente sanguínea. Schäfer registrou que “cada parte do corpo, de fato, leva materiais a partir do sangue e transforma estes em outros materiais. Depois de serem transformados, eles finalmente são recolocados dentro dos fluidos que circulam e, nesse sentido, cada tecido e órgão do corpo fornece uma secreção interna.”²⁴

O ano é 1905. Freud escreve seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e o dr. Ernest Henry Starling e William Bayliss inventam o conceito de hormônio. Enquanto Freud imagina uma nova geografia invisível, à qual denomina “o inconsciente” — um espaço virtual ao mesmo tempo subterrâneo e paralelo ao corpo no qual o desejo, os afetos e a identidade sexual do sujeito estão em jogo —, a ciência, a biotecnologia emergente e as instituições disciplinares avançam sobre a subjetividade e a sexualidade, transformando-as em nós bioquímicos de gestão técnica. Enquanto Freud inventa a sexualidade como uma entidade independente do sexo anatômico, Starling e Bayliss estudam as reações humanas como se elas fossem os efeitos de substâncias emitidas em diferentes partes do corpo. A inovação, aqui, foi a identificação do que eles chamaram “secretina”, uma substância produzida pelo duodeno que estimula a secreção pancreática.²⁵ A secretina se tornará o paradigma

23 Ibid., p. 150.

24 Edward A. Schäfer, “On Internal Secretions”, *Lancet*, Agosto 1895, pp. 321-324.

25 Icon Group International, *Hormones: Western Timeline History, 1656-1972*. San Diego: ICON Group International, 2009, p. 6.

de um novo tipo de funcionamento físico que eles denominam de *hormônio*, palavra que vem do grego *horman*, que significa excitar ou ativar, e que funciona como *mensageiro químico* independentemente do sistema nervoso. Como observou um historiador da medicina, “em meados do século XIX adquire-se um grande conhecimento sobre glândulas que não tinham canais, glândulas que se comunicam apenas com os vasos sanguíneos”.²⁶ O paradigma do sexo sem fio tinha sido estabelecido.

Em um contexto colonial europeu e capitalista industrial definido pelas práticas de telecomunicação, viagens, tráfego e comércio, Starling e Bayliss conceituam hormônios de acordo com uma forma inicial da teoria da informação: “Estas mensagens químicas, ou hormônios, como poderíamos chamá-las, devem ser transportadas do órgão em que são produzidas ao órgão que afetam por meio da corrente sanguínea, e as necessidades continuamente fisiológicas do organismo devem determinar sua produção e circulação repetidas ao longo do corpo”.²⁷ A invenção da noção de “hormônio” representa uma quebra epistemológica não só em relação ao modelo moderno do corpo mecânico, mas também em relação ao emergente modelo psicológico do inconsciente sexual. Enquanto Freud contempla o sujeito como um terreno arqueológico de sinais invisíveis que devem ser revelados por meio de uma paciente escavação linguística, Starling e Bayliss desenham um novo diagrama do indivíduo moderno como uma rede

26 John Henderson, “Ernest Starling and ‘Hormones’: an historical commentary”, *Journal of Endocrinology*, v. 184, Janeiro 2005, pp. 5-10.

27 Ernest Starling, “The Croonian Lectures on the Chemical Correlations of the Functions of the Body” (lecture, the Royal College of Physicians of London), Junho 20, 22, 27 e 29, 1905, p. 6.

de comunicação bioquímica silenciosa, um entrelaçamento complexo de circuitos densamente conectados que emitem, recebem e decodificam informação bioquímica. Em oposição ao corpo mecânico tanto de Descartes como de La Mettrie e à arqueologia freudiana do ego, surge um novo sujeito, hormonal, eletroquímico, relacionado com a mídia e ultraconectado. O corpo moderno biopolítico, como sugere Foucault, não é mais uma superfície unidimensional em que o poder, a lei e a punição serão inscritos, e sim uma interioridade densa em que a vida, e também o controle político, ocorre sob a forma de troca, tráfego e comunicação.²⁸ Se o biopoder tem que ir para dentro e através do corpo (*passer à l'intérieur du corps*), o espaço do corpo tem que ser estendido, inflado, aberto e ampliado para se tornar um sistema de comunicação. Em 1904, Maurice Adolphe Limon deu o nome de *endocrinologia* à ciência das secreções internas, definindo *interioridade* (*endo* significa “dentro” ou “dentro de”, em grego) como um espaço intenso, embora invisível, de circulação química.



28 Michel Foucault, "Les rapports de pouvoir passent à l'intérieur du corps" [1977] in *Dits et Ecrits II*. Paris: Gallimard, 1994, pp. 228-236.

Entre 1860 e 1910, período de cinquenta anos durante o qual é elaborado o conceito de hormônio, James Clerk Maxwell anuncia a existência das ondas de rádio e Heinrich Rudolf Hertz demonstra que as variações rápidas das correntes elétricas podem ser projetadas no espaço em forma de ondas similares à luz ou ao calor, e essas descobertas permitem a invenção do telégrafo e do rádio. A imprensa e o sistema postal estão agora disponíveis para as massas. A teoria hormonal representa outra forma de comunicação de massa, uma tentativa de pensar o corpo como um sistema de biocomunicação. A endocrinologia pode ser lida como a biologização da teoria da difusão, distribuição e tratamento da informação — em um mundo que se torna progressivamente global. Para Starling e Bayliss, os hormônios são caracterizados pela capacidade de ação invisível à distância: “uma substância que tem que ser colocada no sangue a intervalos repetidos para produzir em algum órgão ou órgãos distantes uma resposta fisiológica proporcional à dose tomada”.²⁹ Starling descreve os hormônios como “portadores” de “mensagens químicas transportadas pelo sangue a partir do órgão em que são produzidos para o órgão em que devem agir”.³⁰ O hormônio, então, opera de acordo com a lógica de teleação: a capacidade de modificar um órgão por meio da emissão de informação biocodificada a partir de certa distância. Pensado como teletransmissor, o hormônio implica transporte, difusão, exportação, disponibilidade para uso extradoméstico, fluxo, escape, fuga, êxodo e troca; mas também leitura, decodificação e tradução. Semelhante ao processo de escrever na teoria

29 John Henderson, “Ernest Starling and ‘Hormones’”, op. cit., p. 9.

30 Ernst Starling, “The Croonian Lectures on the Chemical Correlations of the Functions of the Body”, op. cit., p. 6.

da desconstrução de Derrida, o hormônio de Starling e Bayliss é um cartão-postal biológico, uma mensagem telefônica química, uma biochamada de longa distância.³¹ Isso nos confronta com uma nova maneira de entender a produção de poder e do sujeito, distinta daquela sugerida por Foucault na descrição dos mecanismos disciplinares ortopédicos e arquitetônicos da prisão ou do panóptico.

A teoria hormonal telecinemática é uma teoria de biomedicina, uma teoria sobre a forma da comunicação na qual o corpo já não é só um meio de transmissão, distribuição e coleta de informação, e sim o *efeito material* desses intercâmbios semiótico-técnicos. Estamos diante de uma nova compreensão do espaço e do corpo, mas também da produção do poder e do sujeito (tanto da sujeição quanto da subjetivação) que, devo argumentar, exige uma nova teoria da biopolítica que ultrapasse a teoria desenvolvida por Foucault em *Vigiar e punir* e na *História da sexualidade*. Quais são as práticas específicas por meio das quais o poder é espacializado de acordo com o conhecimento e as técnicas endocrinológicas? Como essas práticas diferem das arquiteturas disciplinares institucionais do hospital e da prisão que definem, de acordo com Foucault, a biopolítica do século XIX?

O dispositivo de subjetivação que podemos reconstruir a partir da teoria hormonal do início do século XX é um conjunto de redes institucionais e técnicas em que se produzem artefatos vivos e que adquirem

31 Para uma teoria desconstrutiva do telefone, que poderia responder a essa genealogia dos hormônios, ver Avital Ronell, *The Telephone Book, Technology, Schizophrenia, Electric Speech*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1991.

reconhecimento político em determinado contexto cultural.³² O sujeito farmacopornográfico emergirá de um dispositivo pop-técnico-científico que conecta elementos tão heterogêneos quanto navios negreiros, testículos de baleia, soldados impotentes, instituições penais, escravas grávidas, textos bioquímicos e dinheiro. Como enfatizou Nelly Oudshoorn, o surgimento da endocrinologia sexual foi caracterizado por uma mudança de abordagem descritiva e morfológica para uma abordagem experimental, o que criou a necessidade de obtenção de novos materiais de pesquisa.³³ Alegando que os hormônios sexuais são produzidos e armazenados nas gônadas, os endocrinologistas e as indústrias farmacêuticas lutaram para obter grandes quantidades de ovários e testículos, tanto de origem animal quanto de origem humana.

Em uma tentativa de acabar com a escassez de extratos glandulares, Alan Parkes, um fisiologista inglês, obteve ovários de baleia-azul com a ajuda do Museu Britânico.³⁴

Porque as baleias não costumam nadar perto de laboratórios no mundo ocidental, esta fonte não era uma solução estrutural para o problema da escassez. Para ter acesso às enormes quantidades de material necessário, os cientistas tiveram que criar novos arranjos de infraestrutura

32 No regime farmacopornográfico, a diferença entre "dispositivo" e ser vivo, como descrita por Giorgio Agamben, é posta em questão. Ao contrário, o ser tecnovivo emerge como dispositivo de um processo de construção tecnopolítica. Ver Giorgio Agamben, *"What Is an Apparatus?" and Other Essays*, trad. David Kishik e Stefan Pedatella. Stanford, CA: Stanford University Press, 2009 [Ed. bras.: *O amigo & o que é um dispositivo?*, trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2014].

33 Nelly Oudshoorn, *Beyond*, op. cit., pp. 67-68.

34 *Ibid.*, p. 68.

que garantissem um fornecimento estável de matéria orgânica. Os acordos anteriores nos laboratórios e nas clínicas já não eram suficientes. Para ter acesso a materiais de pesquisa, cientistas e ginecologistas tiveram que deixar seus laboratórios e clínicas. Os locais mais prováveis onde grandes quantidades de ovários e testículos poderiam ser obtidas foram os matadouros.³⁵

Um processo similar de expropriação glandular e industrialização acontecia com os animais humanos. Laboratórios aguardavam a execução de homens que tinham recebido a pena de morte a fim de recolher os seus testículos.³⁶

Essas novas práticas científicas e comerciais estabeleceram as primeiras redes regulares de tráfico de materiais biológicos entre ginecologistas, pesquisadores de laboratório, indústrias farmacêuticas, prisões e matadouros. Os hormônios sexuais são resultado desse tráfico. Eles são esse tráfico. Cada vez que me aplico uma dose de testosterona, aceito esse pacto. Eu mato a baleia-azul; degolo o touro no matadouro; apanho os testículos do prisioneiro condenado à morte. Eu me torno a baleia-azul, o touro, o prisioneiro. Estabeleço um contrato no qual todo o meu desejo é alimentado pelas — e retroativamente as alimenta — cadeias globais que transformam células vivas em capital.

Em 1926, esse tráfico intenso de fluidos corporais, tecidos e órgãos utilizados para detectar as matérias-primas que permitiriam a “manufatura” dos hormônios levou dois

35 Nelly Oudshoorn. *Beyond*, op. cit.

36 Sobre o tráfico de órgãos e glândulas de animais e humanos, ver David Hamilton, *The Monkey Gland Affair*. Londres: Chatto & Windus, 1986, e David Hamilton, *A History of Organ Transplantation*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2012.

TESTE: é que não se aplica
TESTE: fazendo o mesmo teste
TESTE: é que não se aplica

ginecologistas alemães a afirmar que os índices mais elevados de hormônios poderiam ser encontrados na urina humana.³⁷ Como em um passe de mágica, desprezou-se a ideia das gônadas como suporte orgânico e modificaram-se radicalmente os espaços institucionais que até então detinham o poder sobre a pesquisa dos hormônios sexuais. Os grupos farmacêuticos, que assinaram contratos com os matadouros para obter testículos ou ovários de animais sacrificados com este propósito, perdem sua posição dominante. A descoberta de que a urina é uma reserva de hormônios modifica as relações de poder entre os grupos de produção. A partir de então, serão as clínicas ginecológicas que estarão na linha de frente da produção experimental, porque é lá que se obtém mais facilmente urina de mulheres grávidas. Para a urina masculina, os laboratórios farmacêuticos terão que se dirigir às instituições não médicas, lugares em que grandes concentrações de corpos bioprodutores estão disponíveis: o exército, os colégios, as fábricas, as prisões, as delegacias... “Em 1931, o químico alemão Adolf Butenandt coletou 25 mil litros de urina nas delegacias de Berlim. Com este método, conseguiu isolar 50mg de uma substância cristalina que chamou de ‘androsterona’, pensando se tratar do hormônio masculino por excelência. Essa foi a primeira vez que esse termo viria a ser usado.”³⁸ O campo de concentração (um híbrido de matadouro de animais e laboratório colonial) reduziria os corpos humanos a biomateriais para pesquisa,

37 Hans O. Haterius, “The female sex hormones”, *The Ohio Journal of Science*, v. 37, n. 6, novembro de 1937, pp. 397-407.

38 Adolf Butenandt receberá o Prêmio Nobel de Química em 1939. Ver Jie Jack Li, *Laughing Gas, Viagra, and Lipitor: The Human Stories behind the Drugs We Use*. New York: Oxford University Press, 2006, p. 114.

revelando as ligações internas entre o aparato biopolítico e as técnicas necropolíticas.³⁹

O processo de isolamento de hormônios permite-nos estabelecer uma cartografia dos espaços sexopolíticos disciplinadores e localizar, dentro deles, as diferentes instituições onde fluidos e órgãos são coletados e tratados como enclaves técnicos da produção de gênero. O tráfico de fluidos humanos desenvolvido entre as diferentes instituições disciplinares de reclusão veio compartilhar um sistema comum de produção de corpo-capital: a clínica ginecológica, o hospital, a fábrica, a prisão, o laboratório, a indústria farmacêutica, os campos de concentração...

Uma rede de poder, conhecimento e capital determinaria onde e como diferentes fluidos, tecidos, órgãos e corpos circulam, criando diferenças juntamente com gênero, sexo, raça, deficiência e posições de classe. Os fluidos dos corpos das mulheres deveriam transitar de um espaço disciplinador que era difícil alcançar (o espaço da domesticidade) para espaços onde os mecanismos de gestão pública têm mais fácil penetração (o hospital, o centro ginecológico) apenas para voltar mais tarde à aparente privacidade do lar, aonde os hormônios logo chegarão em massa na forma de pílulas. Os corpos racializados nas rotas da escravidão ou do extermínio e os corpos estigmatizados como "deficientes" ou sexualmente anormais serão inseridos rapidamente nesse sistema industrial da capitalização da vida. Uma grande parte dos testes clínicos com hormônios, consequentemente, seria realizada em enclaves coloniais (a Pílula, por

39 Ver Robert Jay Lifton, *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide*. New York: Basic Books, 2000.

exemplo, foi testada principalmente na população não branca de Porto Rico) e psiquiátricos (os homossexuais e os transexuais seriam considerados doentes mentais e submetidos a violentos procedimentos cirúrgicos e hormonais, ao passo que corpos “incapacitados” deveriam ser esterilizados⁴⁰), bem como entre mulheres grávidas em penitenciárias e outros estabelecimentos correccionais, até que as técnicas hormonais pudessem ser absorvidas pelas massas anônimas nos espaços domésticos e nas escolas.

O modelo epistemológico para o estudo e a produção de hormônios é construído sobre “a mudança de sexo” animal, embora a noção de “transexualidade” não apareça senão mais tarde, com os trabalhos de Magnus Hirschfeld, D. O. Cauldwell e Harry Benjamin: “No final do século XIX, os pesquisadores começam a estudar ativamente as substâncias químicas contidas nas glândulas sexuais usando técnicas de castração e de transplante. Nesta abordagem cirúrgica, cientistas removeram ovários e testículos de animais, como coelhos e porquinhos-da-índia, cortando-os em pedaços e reimplantando-os”.⁴¹ Paradoxalmente, o conceito psicológico de transexualidade que Benjamin popularizara em 1966 surge desses jogos de corta e cola no corpo de animais não humanos, ainda que a noção de “sexo psicológico” entre em conflito com a ideia científica de “animalidade”.

A partir dos anos 1930, a classificação hormonal torna-se mais complexa; parece claro pela primeira vez que não há hormônios específicos de cada sexo, e sim que todos os corpos produzem tanto estrogênios quanto testosterona

40 Sobre deficiência e esterilização, ver Marsha Saxton “Disability Rights and Selective Abortion”, in Lennard J. Davis (ed.), *The Disability Studies Reader*. New York: Routledge, 2006, pp. 105-116.

41 Oudshoorn, *Beyond*, op. cit., p. 19.

— a diferença está na quantidade variável dessa produção. No entanto, a terminologia e utilização técnica de hormônios masculinos e femininos permanecem as mesmas: hormônios sexuais são definidos como *agentes químicos* de masculinidade e feminilidade, trabalhando como “o *link* perdido entre a genética e os modelos fisiológicos de determinação do sexo”.⁴²

Os hormônios, começando pelo estrogênio e pela progesterona, e seguidos pela testosterona, deixam de ter o status de moléculas para ganhar o de *pharmakon*, passando de silenciosas cadeias de carbono para se tornarem entidades biopolíticas que podem ser legalmente inseridas em um corpo humano de forma intencional e deliberada. Hormônios são bioartefatos feitos de cadeias de carbono, linguagem, imagens, capital e desejos coletivos. É assim que me alcançarão.

CONTROLE POP: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO FARMACOPORNOGRÁFICA

O estrogênio e a progesterona foram inventados no final da década de 1940. Desde então, seu consumo passou por mudanças graduais. Hoje, estas duas substâncias sintéticas, bases moleculares para a produção da pílula anti-concepcional, são as mais produzidas em toda a indústria farmacêutica mundial; elas também são as moléculas mais usadas em toda a história da medicina. O mais surpreendente, porém, não é a produção industrial em massa de hormônios colocados sob a categoria de *sexuais*, e sim o fato de que essas moléculas foram utilizadas prioritária e

42 Oudshoorn, *Beyond*, op. cit., p. 21.

quase exclusivamente sobre o corpo das mulheres pelo menos até o início do século XXI.⁴³ A ficção da biofemilidade, como é atualmente "produzida" no Ocidente, não existe sem toda uma série de meios midiáticos e tecnologias biomoleculares: "Processos de diagnósticos e terapias, tais como fertilização in vitro (FIV), terapia de reposição hormonal (TRH), programas de rastreamento do câncer de mama e do colo do útero, pílula anticoncepcional e uma grande variedade de contraceptivos para mulheres, têm acentuado o distinto papel reprodutivo das mulheres e, portanto, designado o corpo feminino como um objeto natural de intervenção".⁴⁴ Mulheres cis, como hormônios, são artefatos industriais modernos, tecno-organismos do laboratório do capitalismo colonial. Este desequilíbrio farmacológico na produção do gênero começa a se modificar, em 1998, com a descoberta dos efeitos colaterais da molécula de sildenafil sobre o pênis.⁴⁵ Em 1969, quando a ativista feminista francesa Françoise d'Eaubonne cunhou o termo *falocracia* para se referir à dominação simbólica e política do falo na cultura ocidental, não poderia ter imaginado que esse mesmo falo seria objeto de uma intensa vigilância e que se transformaria rapidamente no centro de uma crescente normatização farmacopornográfica. Entre meados do século XX, quando David O. Cauldwell,

43 Sobre a gestão farmacêutica dos corpos das mulheres, ver Anita Harden, Janita Janssen e Ivan Wolfers, *Marketing Fertility. Women, Menstruation and the Pharmaceutical Industry*. Amsterdã: WEMOS, 1989.

44 Nelly Oudshoorn, *The Male Pill: A Biography of a Technology in the Making*. Durham, NC: Duke University Press, 2003, p. 4.

45 Sobre o uso farmacológico de sildenafil, ver Meika Loe, *The Rise of Viagra: How the Little Blue Pill Changed Sex in America*. New York: New York University Press, 2006.

Harry Benjamin e John Money experimentaram os efeitos dos hormônios sexuais sobre a resposta genital à excitação, e o começo do século XXI, quando os laboratórios Pfizer, Bayer e Lilly, com os nomes de Viagra, Levitra ou Cialis, disputam a comercialização de uma molécula vasodilatadora capaz de provocar e manter a ereção, a masculinidade deixa de ser um reduto fechado de privilégios naturais para se transformar em um domínio de capitalização e engenharia biopolítica. Ao mesmo tempo, a impotência masculina deixou de ser um assunto privado vergonhoso para se tornar uma condição de saúde. Como produto farmacêutico, a molécula sildenafil teve a utilização mais rápida já registrada para um novo medicamento.⁴⁶ A ansiedade social e a especulação econômica que surgiram em torno do pênis durante a primeira década do novo milênio são inéditas. Hoje, mais do que usar o termo *falocracia*, faria mais sentido falar de *falocontrole* — referindo-se a esse conjunto de mecanismos farmacopornográficos que lutam por desenhar os limites da nova tecnomasculinidade. O tempo da complacente vitimização feminina está prestes a acabar; estamos entrando em uma época em que o controle tecnomolecular do sexo, do gênero e da sexualidade se estenderá a tudo e a todos. O século XXI será o século da produção e do controle farmacopornográfico da masculinidade. O Viagra e a testosterona são as moedas desta nova produção molecular.

A pesquisa hormonal é historicamente caracterizada por um segundo desequilíbrio biopolítico: enquanto o interesse farmacológico pelos testículos e hormônios masculinos apoia a representação normativa do corpo dos homens, associando-se desde o princípio a testosterona à

46 Bruce Handy, "The Viagra Craze", *Time*, v. 151, 4 de maio de 1998, p. 39.

juventude, à força, ao desejo sexual, ao vigor e à energia vital; os projetos de pesquisa sobre hormônios considerados femininos buscam apenas controlar a sexualidade das mulheres e sua capacidade de reprodução. A masculinidade é ainda produzida de acordo com um modelo de poder patriarcal soberano, ao passo que a feminilidade é regulada de acordo com um conjunto de técnicas biopolíticas destinado a controlar a reprodução da população nacional em termos higiênicos e eugênicos, impondo a redução do "desviante" a partir de noções de classe, raça, sexualidade, doença e incapacidade.⁴⁷

Ambos os casos têm como objetivo a capitalização do ser vivo. De um lado, o Viagra trabalha como uma prótese molecular normativa que vem reparar a impotência do corpo masculino considerado como produtor de esperma. Do outro lado, os corpos das mulheres são ainda construídos pelo regime farmacopornográfico como um sistema público reprodutivo (útero, células reprodutivas, vagina, placenta... tudo entendido como "bens públicos" e materiais de pesquisa) a serviço do interesse nacional.

Não há corpo humano universal, mas uma multiplicidade de seres vivos e tecidos orgânicos generizados, racializados e sexualizados. No capitalismo moderno, hormônios e órgãos masculinos e femininos não têm o mesmo valor biopolítico. Como Nelly Oudshoorn observa:

Com a introdução do conceito de hormônios sexuais, os cientistas relacionaram explicitamente as funções

47 Para uma leitura crítica dos regulamentos biopolíticos, ver Lennard J. Davis, "Constructing Normalcy: The Bell Curve, the Novel, and the Invention of the Disabled Body in the Nineteenth Century", in Lennard J. Davis (ed.), *The Disability Studies Reader*. New York: Routledge, 1997, pp. 9-28.

reprodutivas das mulheres com práticas de laboratório. O estudo das mulheres como o Outro foi, assim, estendido da clínica para o laboratório e, então, firmemente enraizado no coração das ciências da vida... Esta assimetria na institucionalização de corpos reprodutivos femininos e masculinos na medicina prevaleceu até a segunda metade do século XX. Foi apenas no final dos anos 1970 que os cientistas e os clínicos estabeleceram a andrologia como especialidade médica dedicada ao estudo e ao tratamento médico dos corpos reprodutores masculinos.⁴⁸

Uma breve genealogia das práticas cirúrgicas revela essa assimetria política. Iniciada em 1870, a remoção dos ovários tornou-se uma cirurgia padrão para cura de certos “distúrbios menstruais e várias doenças mentais atribuídas aos ovários”.⁴⁹ Por outro lado, a extração dos testículos era uma técnica reservada a castrações penais (praticadas nos Estados Unidos, por exemplo, em sujeitos negros condenados pelo estupro de mulheres brancas),⁵⁰ usada para tratamento eugênico (cirúrgico e químico) dos “loucos” ou “retardados mentais” e para terapia dos “psicopatas sexuais”. As técnicas biopolíticas de castração permanecerão distantes do homem branco, heterossexual e de classe média; sua masculinidade e seus enclaves orgânicos — os

48 Oudshoorn, *Male Pill*, op. cit., p. 6.

49 Harold Speert, *Obstetrics and Gynecology: A History and Iconography*. New York: Informa Healthcare, 2004, p. 407.

50 Os fundamentos da castração peniana para crimes sexuais estão ligados tanto à produção da raça como à de gênero. Ver Angela Davis, “Rape, Racism, and the Myth of the Black Rapist”, in *Women, Race & Class*, op. cit.

testículos e o pênis — são a corporalização do poder soberano e não podem ser simplesmente extirpados.⁵¹

No início do século xx, a indústria farmacêutica se interessa pela produção de preparações à base de extratos de ovários no tratamento da histeria e da infertilidade em mulheres cis e extratos de testículos de origem animal para o tratamento de impotência ou de fadiga sexual. Durante a Primeira Guerra Mundial, os laboratórios alemães são os primeiros a experimentar derivados de testosterona animal em cachorros — e também em humanos. Na década de 1930, o laboratório Schering AG realiza um processo de coleta e transformação da urina; depois dos anos 1960, esse mesmo laboratório se tornará líder de produção e venda da pílula anticoncepcional Yasmin.

A partir da Segunda Guerra Mundial, as doenças infecciosas nos países ricos perdem importância diante das doenças ligadas ao envelhecimento, à gestão da sexualidade, à modificação dos afetos e ao controle do psiquismo e à regulação da reprodução e do sistema imunológico em ambientes altamente tóxicos. Eis o ponto em que a produção e a comercialização dos hormônios sintéticos encontram suas verdadeiras funções farmacopornográficas.

A partir de 1950, irrompe a utilização esportiva da testosterona. Os laboratórios John Ziegler, na Alemanha, produzem Dianabol (uma variante oral de esteroides anabolizantes pouco eficaz, uma vez que as moléculas de testosterona podem ser destruídas pelas enzimas estomacais) e metandienona (uma variante injetável mais eficiente) para suprir a equipe olímpica de levantamento de peso norte-americana.

51 Ver Piotr O. Scholz, *Eunuchs and castrati: a cultural history*. Princeton: Marcus Weiner, 2001; Gary Taylor, *Castration: a abbreviated history of western manhood*. New York: Routledge, 2002.

Depois dos anos 1960, os esteroides anabolizantes entram no mercado farmacêutico — junto com o hormônio do crescimento — e se tornam o hardware molecular de usuários famosos, como Arnold Schwarzenegger e Sergio Oliva. A partir de então, todos os esteroides, testosterona, anabolizantes etc. estão à venda no mercado farmacêutico médico, assim como em outros mercados, legais ou ilegais. O homem contemporâneo vive em uma época tecnotesto.

O PANÓPTICO INGERÍVEL

Durante o período em que a noção de gênero, a bomba atômica, os implantes mamários de silicone, as próteses elétricas, o computador e os móveis de fórmica começam a circular nas sociedades ocidentais, uma nanotecnologia de modificação hormonal pioneira, doméstica, portátil e consumível é produzida. Em 1951, um erro cometido por Gregory Pincus nos laboratórios GD Searle & Co. leva à invenção da primeira pílula anticoncepcional sob a forma da molécula de noretindrona, uma variante sintética e assimilável por via oral da molécula ativa da progesterona. A produção de uma pílula anticoncepcional portátil e ingerível abriu as portas para a entrada dos hormônios sintéticos (e, portanto, para as técnicas de controle de natalidade governamentais e endocrinológicas) no espaço doméstico, o que cria um nó consumo/produção dentro da rede farmacológica. Isso é parte de um processo biopolítico mais amplo de medicalização e regulação farmacológica da vida privada que já estava acontecendo no início do século XX.

Na fronteira mais distante do mesmo tráfico, movendo-se do espaço doméstico para a colônia, programas endocrinológicos de controle de natalidade e produção

de gênero passaram a mirar o corpo racializado, circulando inicialmente pelo comércio de escravos e, depois, pelos espaços urbanos segregados — e também pelos corpos “deficientes” ou com “desvio sexual”. Como veremos, a maioria dos testes clínicos com hormônios sexuais são feitos em cenários coloniais, em instituições psiquiátricas (onde corpos homossexuais, intersexuais e transexuais, considerados física ou mentalmente doentes, são submetidos a procedimentos endocrinológicos e cirúrgicos) e em penitenciárias e instituições correcionais até os hormônios, produzidos e concebidos como bens de consumo, acabarem sendo absorvidos todos os dias no espaço doméstico heterossexual norte-americano.

Há uma geografia da Pílula em que os corpos, os fluídos, as moléculas e o capital são produzidos e distribuídos. Um exame das redes econômicas e técnicas que resultaram na produção da Pílula revela que, embora originária do projeto de Pincus, foi aperfeiçoada por John Rock em um inesperado quadro de pesquisa experimental para ajudar a procriação de famílias católicas brancas estéreis.⁵² Os projetos de pesquisa de Pincus e Rock, embora conflitantes em relação à função das mulheres brancas na sociedade, compartilharam uma compreensão sobre sujeitos não brancos e desviantes como corpos cujo poder reprodutivo deve ser restringido pelo Estado a fim de “reduzir a fome, a pobreza e as doenças, promovendo simultaneamente a estabilidade econômica”.⁵³ A molécula antibebês foi destinada a se transformar em um “contraceptivo simples, seguro e

52 Para a invenção da Pílula, ver Lara V. Marks, *Sexual Chemistry*, op. cit., p. 89-137. Ver também Andrea Tone, *Devices and Desires*, op. cit., pp. 203-285.

53 *Ibid.*, p. 207.

barato para ser usado em favelas miseráveis, selvas e entre as pessoas mais ignorantes".⁵⁴ No contexto de uma politização emergente das minorias raciais, étnicas e sexuais nos Estados Unidos, a molécula contraceptiva foi pensada como um dispositivo eugênico urbano e como método de controlar o crescimento da população não branca, bem como o da população de nações que ainda não tinham aderido à economia capitalista liberal do pós-guerra.

Protocolos de pesquisa e de avaliação da eficácia técnica da Pílula revelam suas raízes disciplinares e coloniais. Após o sucesso dos testes preliminares da Pílula em Boston, em 1954 e 1955, John Rock e Gregory Pincus precisavam de um grupo humano numeroso para testar a nova molécula a fim de receber a aprovação do US Food and Drug Administration (FDA) — necessária para colocá-la no mercado. Os primeiros testes clínicos de larga escala com a pílula anticoncepcional foram realizados pela Searle em diversos grupos de pacientes psiquiátricas no Hospital Estadual de Worcester e em prisioneiros de Oregon entre 1956 e 1957. Tinham como objetivo medir a eficácia do uso de hormônios orais sintéticos como método de controle da natalidade em mulheres, e de controle e diminuição das "tendências homossexuais" nos homens.⁵⁵ A relação entre os pesquisadores das funções hormonais e o Hospital Estadual de Worcester foi crucial para o desenvolvimento da Pílula. A instituição não estabeleceu parcerias apenas com a Searle. Nos anos 1940, a fundadora e ativista feminista Katherine McCormick decidiu investir na pesquisa sobre a Pílula a fim de combater a transmissão hereditária

⁵⁴ Declarações de Margaret Sanger citada por Tone, *Devices*, op. cit., p. 207.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 220.

de doenças mentais.⁵⁶ Após seu marido ter sido diagnosticado com esquizofrenia, doença considerada hereditária naquele tempo, ela tentou encontrar uma forma segura de evitar a gravidez em pessoas com o mesmo quadro. Em 1944, os McCormick ajudaram Hudson Hoagland a encontrar a Fundação Worcester para Biologia Experimental, já então dedicada ao estudo da influência dos hormônios sobre as condições mentais, o que transformou o Hospital Worcester em um grande laboratório farmacológico.

Construído em 1833, seguindo o projeto de Thomas S. Kirkbride, também conhecido como teoria do “edifício que cura”, segundo a qual a arquitetura em si é concebida para desempenhar efeitos terapêuticos, o Hospital Estadual de Worcester, em Massachusetts, foi uma das instituições mais prestigiadas de seu tempo, conhecida por ter sido visitada por Freud, em 1909, quando ele viajou para os Estados Unidos. A instituição foi a versão norte-americana da moderna *machine à guérir* (máquina de cura), para usar a expressão cunhada por Jacques-René Tenon em suas *Mémoires sur les hôpitaux de Paris* (1788), que Michel Foucault utilizou como documento-chave no estudo sobre a emergência de um novo conjunto de técnicas de “higiene pública” que espacializaram o corpo doente dentro da cidade moderna.⁵⁷ Como argumentou Foucault, depois

56 Ver Armond Fields, *Katharine Dexter McCormick: Pioneer for Women's Rights*. Westport, CT: Praeger, 2003, p. 115.

57 René Tenon, *Mémoires sur les hôpitaux de Paris*. Paris: Doin, 1998. Este texto foi originalmente publicado em Paris, em 1788. Um plano semelhante foi também trabalhado nos projetos de Bernard Poyet e C. P. Coquéau. Para uma discussão desses projetos hospitalares, ver Colin Jones e Michael Sonenscher, “The Social Functions of the Hospital in Eighteenth Century France: The Case of the Hôtel-Dieu of Nîmes”, *French Historical Studies*, v. 13, n. 2, Outono 1983.

do fim do século XVIII, o hospital moderno e a prisão tornaram-se as arquiteturas paradigmáticas da medicalização disseminada no espaço social e político. Uma maquinaria visual e espacial planejada para produzir conhecimento sobre a loucura e a razão, o Hospital Estadual de Worcester combinou arquitetura prisional com grandes espaços coletivos e numerosas oficinas para o tratamento experimental, tais como saunas e cadeiras rotativas. Enquanto a arquitetura e os tratamentos eram ainda resultados do modelo biopolítico disciplinar do século XIX na compreensão da loucura e da terapia, o hospital também introduziu novas técnicas moleculares “suaves” inventadas durante o período da Guerra Fria. Mas a prisão e as instituições mentais não foram os ambientes ideais para testar a Pílula.

Os testes em Worcester e Oregon não foram suficientes para obter a aprovação da FDA para a comercialização da Pílula nem para a realização de novos testes entre mulheres comuns, que comprovariam os efeitos da Pílula ingerida regularmente fora das instituições médicas. No entanto, fortes leis restringiam o controle de natalidade em Massachusetts e em muitos outros estados norte-americanos, o que impossibilitou a Searle de conduzir o grande estudo em seres humanos exigido pela FDA. Ele então voltou a atenção para Porto Rico, que já tinha uma longa história de programas governamentais de controle da natalidade. A ilha pseudocolonial tornou-se assim o espaço clínico mais importante para testar a Pílula fora das instituições disciplinares, dos asilos e das prisões, funcionando como uma fábrica paralela e um laboratório farmacológico biopolítico em tamanho natural entre o fim dos anos 1950 e início dos 1960. Durante o período da Guerra Fria, Porto Rico se tornaria o maior quintal farmacológico dos Estados Unidos. A ilha era a fábrica invisível

por trás da Mansão Playboy e da dona de casa norte-americana branca, livre e de classe média.

Em 1955, o médico norte-americano Edris Rice-Wray, diretor da Associação de Planejamento Familiar porto-riquenha, que então já trabalhava com a Searle, ofereceu a Pincus a possibilidade de conduzir os testes com a Pílula em Río Piedras, um subúrbio de San Juan onde um novo projeto de habitação fora construído como parte de uma campanha de remoção de favelas. No verão de 1955, Pincus visitou Porto Rico e decidiu imediatamente que Río Piedras era o local perfeito para experimentos de longo prazo com a Pílula em uma grande população.

As características gerais da experimentação farmacológica legalmente imposta em ambientes de isolamento forçado se espalharam da Europa e América do Norte para regiões coloniais e pós-coloniais, transformando suas instituições penais e médicas.⁵⁸ Porto Rico foi um caso paradigmático de transição do regime colonial para uma economia pós-colonial de controle político. No final do século XIX, o regime colonial espanhol deixou a ilha superpovoada e em condições de extrema pobreza. Após o fim da guerra anticolonial de 1898, a ilha se tornou um

58 Sobre técnicas disciplinares em contextos coloniais, ver Satadru Sen, *Disciplining Punishment: Colonialism and Convict Society in the Andaman Islands*. New York: Oxford University Press, 2000; Ian Duffield, "From Slave Colonies to Penal Colonies: The West Indians Transported to Australia", *Slavery and Abolition*, v. 7, n. 1, 1986, pp. 24-45. Autoridades imperialistas também impuseram quarentenas raciais entre colonos e indígenas. Ver Barbara Bush, *Imperialism, Race, and Resistance: Africa and Britain, 1919-1945*. New York: Routledge, 1999; David T. Goldberg, *Racist Culture: Philosophy and the Politics of Meaning*. Oxford, UK: Basil Blackwell, 1993, p. 3; Sheldon Watts, *Epidemics and History: Disease, Power, and Imperialism*. New Haven, CT: Yale University Press, 1997.

território dos Estados Unidos. Já em 1917, as classes dominantes de Porto Rico e o governo norte-americano, inspirados por ideias neomalthusianas, tinham elaborado o primeiro plano de controle populacional para a ilha. Em 1925, nas favelas superpovoadas de Ponce, o dr. José A. Lanause Rolón fundou a Liga de Controle de Nascimento, idealizada como um programa educacional.⁵⁹ Estes programas iniciais consideraram a esterilização como um meio seguro para reduzir a natalidade e “limpar” as favelas. A redução populacional devia ser um primeiro passo, seguido pela modernização urbana e pelo desenvolvimento do trabalho, que transformariam a economia agrária de Porto Rico em uma economia industrial. Na verdade, esterilizações forçadas não eram precisamente uma novidade em Porto Rico. Já em 1907, os Estados Unidos haviam instituído uma política pública que deu ao Estado o direito de “esterilizar pessoas relutantes e inconscientes”. Em 1936, havia mais de cem clínicas de controle de natalidade funcionando na ilha de acordo com a lei federal. Como argumentou Katherine Kruse, a fim de “acelerar o crescimento econômico” e responder ao “desemprego causado pela Depressão”, o “Conselho de Eugenia” aprovou em 1937 a Lei nº 136, institucionalizando os programas de controle populacional e as técnicas de esterilização. “A iniciativa foi apoiada tanto por recursos do governo dos Estados Unidos quanto por contribuições individuais dos cidadãos.”⁶⁰ Leis

59 Sobre Porto Rico como local colonial de experimentos para as técnicas de contracepção, ver Annette B. Ramirez de Arellano e Conrad Seipp, *Colonialism, Catholicism, and Contraception: A History of Birth Control in Puerto Rico*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1983.

60 Katherine Kruse, “Birth Control—Sterilization Abuse”, *Our Bodies Ourselves*, disponível em <<http://www.ourbodiesourselves.org/book/>

semelhantes à Lei nº 136 foram aprovadas em trinta estados norte-americanos. Essas políticas identificavam o “louco”, o “retardado mental”, o “dependente” e o “doente” como incapazes de regular as próprias capacidades reprodutivas, justificando, assim, a esterilização compulsória. A legitimação da esterilização em certos grupos expandiu a exploração, na medida em que se estabeleceram classificações de acordo com critérios de raça, classe e deficiência.⁶¹

Desde o início dos testes experimentais com hormônios, o desafio era passar dos ensaios com animais para a experimentação em seres humanos confinados em instituições, chegando, finalmente, à população em geral. Como McCormick vergonhosamente afirmou, enfatizando a relação entre aprisionamento e controle científico, a questão-chave era encontrar uma “jaula de fêmeas ovulando”: “As mulheres não são tão fáceis de investigar quanto os coelhos em jaulas. Estes podem ser intensamente *controlados o tempo todo*, enquanto as mulheres saem da cidade em momentos inesperados e, portanto, não podem ser examinadas em determinado período; e também se esquecem de tomar o medicamento algumas vezes — caso em que todo o experimento tem de começar novamente para que se mantenha a precisão científica e os dados resultantes não se tornem inúteis” (Ênfase no texto).⁶² Para Pincus, Porto

companion.asp?id=18&compID=55>, acesso em 3 de dezembro de 2011. Originalmente publicado in *Newsletter of the National Women's Health Network* (Janeiro/Fevereiro 1996).

61 Katherine Kruse, “Birth Control—Sterilization Abuse”, op. cit.

62 Katherine McCormick citada in Lara Mark “A ‘Cage of Ovulating Females’: The History of the Early Oral Contraceptive Pill Clinical Trials, 1950-1959”, in Soraya de Chadarevian e Harmke Kammainga (eds.), *Molecularizing Biology and Medicine: New Practices and Alliances, 1910s-1970s*. Amsterdã: Harwood Academic Publishers, 1998, p. 208.

Rico ofereceu o reservatório populacional mais acessível e mais facilmente monitorado que McCormick jamais poderia imaginar: a ilha em si já era uma gaiola hermética. As mulheres porto-riquenhas eram consideradas dóceis como animais de laboratórios, além de pobres e sem instrução: um grupo perfeito. Se podiam seguir o regime necessário para tomar a Pílula, qualquer mulher branca norte-americana conseguiria fazer o mesmo. A ilha de Porto Rico foi tratada como uma extensão não branca do corpo feminino para quem a Pílula foi administrada nos termos do que Foucault chamou de “urbanismo terapêutico”.⁶³

Como demonstraram os historiadores da medicina Jordan Goodman, Anthony McElligot e Lara Marks, os experimentos em Porto Rico não são uma exceção, mas pertencem a uma história mais extensa de experimentação científica colonial e higienista envolvendo seres humanos que ocorreu durante o século xx: “Médicos e bio-higienistas determinaram um Estado constituído biorracionalmente; viam a si mesmos como seus porteiros e guardiões, programados com a missão de garantir uma sociedade utópica saudável”.⁶⁴ No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, com os escândalos da medicina nazista e o Código de Nuremberg,⁶⁵ o papel do Estado na experimentação médica

63 Michel Foucault, “Le pouvoir psychiatrique (1974)”, in *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 2001, 1, pp. 1543-1554 [Ed. bras.: *O poder psiquiátrico*, trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006]. Aqui Foucault estuda a espacialização do poder psiquiátrico fora do hospital.

64 Jordan Goodman, Anthony McElligot e Lara Marks (eds.), *Useful Bodies: Humans in the Service of Medical Science in the Twentieth Century*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2003, p. 5.

65 Ver George J. Annas e Michael A. Grodin (eds.), *The Nazi Doctors and the Nuremberg Code: Human Rights in Human Experimentation*. New York: Oxford University Press, 1992.

e farmacológica tornou-se mais nebuloso à medida que a experimentação migrou das instituições estatais para a indústria farmacêutica. Como parte de uma mutação maior do regime disciplinar em regime farmacopornográfico, “a pesquisa tornou-se ‘descentralizada’ ao se tornar mais comercializada, e moveu-se para além da esfera imediata do Estado ou das agências estatais, transcendendo fronteiras ao ser financiada pelas corporações multinacionais”.⁶⁶ Os programas de controle de natalidade testados em Porto Rico demonstram claramente a cumplicidade entre os programas nacionais de eugenia e os interesses farmacológicos privados antes da guerra e da transição do modelo colonial e estatal para o pós-colonial multinacional e neoliberal da produção de medicamentos e de controle populacional depois dos anos 1940.

Do bordel colonial para o laboratório farmacopornográfico

Nos últimos anos, vários ensaios históricos desenvolveram uma leitura pós-colonial da relação entre espaço, prostituição, gênero e raça em Porto Rico. Radost Rangelova argumentou que, na ilha porto-riquenha, a relação entre gênero e espaço tem sido histórica e socialmente condicionada à dominação colonial, ao legado da escravidão e à purificação racial da nação.⁶⁷ A partir dos estudos de

66 Jordan Goodman, Anthony McElligot e Lara Marks (eds.), *Useful Bodies*, op.cit., p. 13.

67 Ver Radost A. Rangelova, “House, Factory, Beauty Salon, Brothel: Space, Gender and Sexuality in Puerto Rican Literature and Film”. Tese de Doutorado, University of Michigan, 2009.

Eileen Suárez Findlay, Vázquez Lazo e Laura Briggs sobre a história da prostituição em Porto Rico antes da Segunda Guerra Mundial, podemos concluir que, começando com os primeiros anos de colonização, a ilha funcionava como uma colônia pornotrópica e, mais tarde, se tornou um local pós e neocolonial de desenvolvimento farmacológico.⁶⁸ Embora colonialmente promovida desde o tempo de Carlos I, a prostituição entrou na esfera do discurso legal, médico e midiático durante o século XIX, quando a escravidão feminina se transformou em tarefa doméstica e sexual.⁶⁹ Conforme as ideias de teóricos europeus como William Acton e Parent Duchâtelet, a gestão de espaços de prostituição na ilha tornou-se uma tarefa médica, bem como colonial, que “ordenou a nítida separação geográfica entre *gente decente* e prostitutas”,⁷⁰ implementando um processo duplo de exclusão inclusiva e espacialização da diferença como técnicas de formação urbana.

Para Rangelova, a segregação europeia e norte-americana tradicional de espaços de acordo com o gênero (privado/público, doméstico/não doméstico) e com a sexualidade (lugares para a família e lugares para a prostituição) foi reorganizada em Porto Rico de acordo com uma

68 Laura Briggs, “Familiar Territory: Prostitution, Empires, and the Question of U.S. Imperialism in Puerto Rico, 1849-1916”, in Lynne Haney e Lisa Pollard (eds.), *Families of a New World: Gender, Politics, and State Development in a Global Context*. New York: Routledge, 2003, pp. 40-63; Eileen Suárez Findlay, *Imposing Decency: The Politics of Sexuality and Race in Puerto Rico, 1870-1920*. Durham, NC: Duke University Press, 2000; Nieve de los Ángeles Vázquez Lazo, *Meretrices: La prostitución en Puerto Rico de 1876 a 1917*. Hato Rey, PR: Publicaciones Puertorriqueñas, 2008.

69 Laura Briggs, “Familiar Territory”, op. cit., p. 58

70 Ibid., p. 59.

lógica colonial que separou racialmente os espaços reprodutivos e os espaços de prostituição. As mulheres negras e pobres da classe trabalhadora foram muitas vezes representadas como prostitutas, sendo excluídas da narrativa autonomista da *gran familia* de Porto Rico.⁷¹ Apartadas da figura do “branco” e da “mulher”, as mulheres pobres não brancas não eram entendidas como corpos para a reprodução da nação, e sim como corpos “desviantes” (*elementos divergentes*) a serem monitorados médica e legalmente. Mulheres pobres não brancas foram inicialmente redefinidas e geridas como potenciais trabalhadoras do sexo. Os mesmos corpos, mais tarde, seriam objeto de gerenciamento e experimentação de contraceptivos, permitindo uma transformação inesperada do bordel colonial em laboratório farmacopornográfico.

Como nas primeiras teorias de Restif de la Bretonne e Parent Duchâtelet sobre a construção de um Estado-bordel utópico na Europa, as políticas de Porto Rico associaram doença e delinquência à presença da sexualidade feminina nos espaços públicos. Mas a configuração biopolítica do espaço urbano nas principais cidades da ilha – Ponce e San Juan – foi determinada pelo cruzamento complexo de gênero, categorias de classe e construções coloniais de raça. Assim, as mulheres não brancas marginalizadas foram o objeto de uma rede de instituições disciplinares: hospitais (onde exames ginecológicos aconteciam duas vezes por semana), prisões e bordéis (em “zonas de tolerância”) criaram uma rede penal de circuito fechado cujo controle destinava-se a remover o corpo feminino sexual preto do espaço público e regular o sistema reprodutivo da mulher não branca. De acordo com Rangelova, “o espaço

71 Eileen Suárez Findlay, *Imposing Decency*, op.cit., p. 12.

foi o principal eixo ao longo do qual os corpos das mulheres e a prática da prostituição foram regulamentados, restringidos e controlados”.⁷² Vázquez Lazo fornece inúmeros exemplos desse controle espacial desenvolvido em 1890 pelo Regulamento de Higiene Pública, que dividiu as prostitutas em três categorias topopolíticas principais, dependendo do tipo de casa em que praticavam a prostituição.⁷³ A segregação, simultaneamente, foi concebida para ser uma técnica de prevenção e proteção de característica terapêutica. De acordo com esta segmentação do espaço, a residência de prostitutas não era considerada “doméstica”, uma vez que não era para ser um local de reprodução da família e da nação, mas sim um “bordel”, significando um espaço que o governo poderia inspecionar, controlar e administrar. Essa regulação de espaços sexuais desmantelou as tradicionais divisões públicas e privadas do espaço doméstico e reconstruiu a classe trabalhadora não branca e o espaço doméstico empobrecido como um lugar pronto para ser absorvido pelas empresas liberais e farmacológicas após a Segunda Guerra Mundial. Em Porto Rico, o bordel colonial e o Estado-nação foram se transformando em uma heterotopia farmacopornográfica. O zoneamento racial e sexual de espaços ocorrido anteriormente forneceria o local ideal para o teste de contraceptivos.

A industrialização farmacológica do espaço doméstico

Na década de 1930, o processo de exclusão e monitoramento da sexualidade e da reprodução femininas não

72 Radost A. Rangelova, “House, Factory, Beauty Salon”, op. cit., p. 255.

73 Ibid.

brancas em Porto Rico deixou de se restringir a técnicas de controle usadas em ambientes médicos e prisionais e se estendeu a programas de eugenia ativos, como a Lei nº 136, que, pela primeira vez, autorizava a esterilização por outros motivos que não fossem razões médicas. Entre 1933 e 1939, uma grande rede de maternidades e clínicas de esterilização e controle de natalidade foi estabelecida na ilha. Uma lei eugênica liberal, a rede de clínicas de controle de natalidade e a possibilidade de combinar testes químicos com o desenvolvimento de habitação e de oferta de trabalho barato para as empresas norte-americanas e as indústrias farmacológicas fizeram de Porto Rico o cenário ideal para os experimentos com a Pílula, tornando-os a maior série de testes clínicos já realizados.

Em 1948, o governo dos Estados Unidos, com o apoio do governo local de Luís Muñoz Marín, deu início à “Operação Bootstrap”, que teve como objetivo incentivar a rápida industrialização na ilha.⁷⁴ Porto Rico ofereceu isenções fiscais, força de trabalho barata e taxas de aluguel diferenciadas para incentivar a instalação de indústrias norte-americanas. Como resultado, em poucos anos, a economia porto-riquenha abandonou as indústrias coloniais agrárias de trabalho intenso, como as de tabaco e açúcar, em benefício da produção farmacêutica, química e eletrônica.

74 Para saber mais sobre produção de gênero, espaço e transformação do trabalho em Porto Rico, ver Alice Colón Warren, “The Feminization of Poverty among Women in Puerto Rico and Puerto Rican Women in the Middle Atlantic Region of the United States”, *Brown Journal of World Affairs*, v. 5, n. 2, 1998, pp. 262-282; Luz del Alba Acevedo, “Gênero, trabalho asalariado y desarrollo industrial en Puerto Rico: la división sexual del trabajo en la manufactura” in *Gênero y trabajo: La industria de la aguja en Puerto Rico y el Caribe Hispánico*, ed. María del Carmen Baerga. San Juan, PR: Editorial de la Universidad de PR, 1993, pp. 161-212.

Em um período de vinte anos, Porto Rico tornou-se o maior laboratório bioquímico e farmacêutico na América do Norte.

O acesso a técnicas contraceptivas foi, de fato, concebido como componente de um projeto maior envolvendo habitação, modernização urbana e industrialização na ilha. O controle da reprodução e as habitações modernas foram, de acordo com o governo norte-americano, as duas maiores forças que poderiam garantir melhorias no padrão de vida em Porto Rico. O local principal para o primeiro experimento contraceptivo, iniciado em 1955, foi uma clínica da G. D. Searle & Co. localizada em El Fanguito (frequentemente chamada em documentos norte-americanos como El Fangitto, "o pequeno buraco de lama"), a "pior favela" da ilha, localizado na periferia de San Juan. Rapidamente, ela seria demolida para dar lugar à construção de uma comunidade planejada em grandes proporções, com "edifícios residenciais funcionais de sete andares, com água corrente e varandas ensolaradas". Casas unifamiliares de fabricação em série também foram construídas por programas federais em Delano e em outras localidades: versões de baixo custo das casas da classe média branca dos subúrbios norte-americanos, mais parecidas com as unidades habitacionais militares e com os espaços e as condições de vida dos guetos residenciais do Chicago Black Belt do que com o modelo Levittown. No entanto, como argumenta Lara Marks, "muitas dessas famílias valorizavam altamente as novas acomodações e, portanto, eram contrárias a mudanças durante a realização dos experimentos. Isso as tornou fáceis de controlar".⁷⁵ Os experimentos com a Pílula foram

75 Lara Marks, "Parenting the Pill: Early Testing of the Contraceptive Pill" in Ann Rudinow Saetnan, Nelly Oudshoorn e Marta Kirejezyk (eds.), *Bodies of Technology*. Columbus, OH: Ohio State University, 2000, p. 157.

um programa biopolítico de “modernização” da vida que se estendeu à transformação da casa da família, à sexualidade e à reprodução. Com sua estrita compartimentação espacial, a casa “moderna” tornou-se não apenas o local onde se reproduz o *American way of life*, mas também um local de vigilância reprodutiva. O programa habitacional El Fanguito era a “gaiola de mulheres ovulando” com que McCormick sonhou e de que a Searle precisava para transformar sua molécula em uma droga comercial. Como parte do mesmo desenvolvimento urbano, várias empresas farmacológicas norte-americanas construíram fábricas na ilha, transformando em operárias, durante o dia, as mesmas mulheres que à noite testavam em casa os contraceptivos orais.

Em 1956, quando foram iniciados os experimentos, a pílula selecionada para o uso daquela população foi a Enovid, marca da Searle para uma progesterona oral sintética — um comprimido branco que vinha em um frasco de vidro comum e que as mulheres tomavam de acordo com a base regular de um rigoroso calendário:

Enquanto tomavam o medicamento, as mulheres deviam engolir comprimidos todos os dias (cerca de um a cada seis ou oito horas) entre o quinto e o vigésimo quinto dia do seu ciclo. Um número de mulheres também teve que injetar em si mesmas o composto ou inseri-lo como um supositório vaginal. Cada mulher teve que medir sua própria temperatura corporal basal e colher diariamente amostras da mucosa vaginal. Todos estes dados tinham que ser marcados em um gráfico. As mulheres também tiveram que recolher urina durante um período de 48 horas entre o sétimo e o oitavo dias pós-ovulatórios para análise hormonal. Muitas vezes, a

única maneira de coletar urina durante esse período era confinando as mulheres em suas casas, onde estavam próximas a um banheiro.⁷⁶

Dadas as elevadas taxas de analfabetismo das mulheres em Río Piedras, a conformidade com as instruções e com os dados de coleta teve de ser assegurada por visitas regulares de assistentes sociais, que iam diariamente de casa em casa coletando fluidos, registrando informações e incentivando a cooperação das mulheres com o regime farmacológico — uma prática que as forçou a ficarem em casa (quando não estavam nas fábricas) para que pudessem ser facilmente contatadas pelas assistentes sociais.

A diferença mais importante entre os experimentos com a Pílula realizados em Río Piedras pela Searle e os experimentos farmacológicos clínicos anteriores não estava na substância testada, mas nos espaços em que foi utilizada: os experimentos com a Pílula foram os primeiros testes clínicos a serem feitos fora das instituições médicas e farmacológicas e a terem lugar no ambiente doméstico. Foi Edris Rice-Wray, diretor médico dos testes, juntamente com Rock e Pincus, que decidiu usar o programa de habitação de El Fanguito como um ambiente doméstico para o processo. Fazer as mulheres tomarem a Pílula em casa não só reduziu o custo institucional dos testes, mas também colocou os sujeitos no contexto doméstico da vida comum, ampliando assim o âmbito das avaliações para fora das instituições médicas: cada lar privado poderia se tornar potencialmente um campo experimental. O complexo habitacional El

76 Lara Marks. "Parenting the Pill: Early Testing of the Contraceptive Pill", in *Bodies of Technology*, op. cit., p. 161.

Fanguito tornou-se um laboratório farmacêutico doméstico exteriorizado e estendido.

As elevadas doses de progesterona determinadas pela Searle para garantir que nenhuma gravidez ocorresse durante os testes não demoraram a provar que o contraceptivo hormonal oral era extremamente confiável. Por volta de 1958, devido ao grande número de porto-riquenhas que havia participado do estudo, a taxa de natalidade em Porto Rico começou a declinar. No início de 1960, outras empresas farmacológicas, como a Synthex (e sua pílula de 10 mg Orthonovum) e Wyeth Pharmaceutical (Norgestrel e Mestranol), chegaram à ilha e ampliaram os testes.⁷⁷ Enquanto isso, a Pílula também foi testada em outras localidades pseudocoloniais, como o Haiti, onde Rice-Wray iniciou um novo teste da Searle tão cedo quanto possível, em 1957; e o México, onde a Synthex lançou um novo teste para a pílula Norlutin. Na maioria dos casos, a estratégia foi a mesma: usar a modernização habitacional como uma forma de instalar um laboratório microfarmacêutico dentro do ambiente doméstico.

Uma análise transversal dos espaços geopolíticos e institucionais, bem como das implicações raciais, sexuais e de gênero, dos usos das primeiras moléculas de estrogênio e progesterona estende a nossa definição da Pílula para além de um método simples de controle de natalidade. Mais importante que isso, a Pílula era uma nova *técnica farmacodoméstica* para (re)produzir raça, uma forma de eugenia

⁷⁷ Como tem demonstrado a médica porto-riquenha e advogada contra a eugenia Helen Rodríguez-Trias, uma forte reação social e política contra os experimentos com a Pílula começaram na ilha no início de 1964. Para além dos testes, e como resultado da aplicação da Lei nº 136, em 1969, 35% das mulheres porto-riquenhas estavam esterilizadas.

biotecnológica neocolonial para controlar a reprodução das espécies.⁷⁸ A partir dessa perspectiva, a Pílula funciona como um elemento material-semiótico (em suas encarnações tanto como molécula quanto discurso, máquina e substância orgânica) na gramática racial e sexual hegemônica da cultura ocidental, obcecada, como argumentou Donna J. Haraway, pela contaminação da linhagem, pela pureza da raça, pela separação dos sexos e pelo controle do gênero.⁷⁹

Desde o tempo do Hospital Worcester e dos experimentos em Porto Rico, a Pílula tem funcionado como uma técnica não só para controlar a reprodução, mas também para a produção e controle de gênero e de raça. Embora fosse uma forma eficaz de controle de natalidade, a FDA rejeitou a primeira versão, inventada por Pincus e Rock em 1951 e testada em Porto Rico a partir de 1956, porque o comitê científico da agência sentiu que a feminilidade das mulheres norte-americanas era posta à prova ao suprimirem completamente os seus períodos menstruais. As normas da FDA levaram à produção de uma segunda Pílula pela Searle, comercializada em 1959, e igualmente eficaz, mas que poderia, ao contrário da primeira, reproduzir os ritmos de um ciclo menstrual natural, induzindo o sangramento que criava a ilusão de estar acontecendo um ciclo natural e, de alguma forma, "simulando um ciclo fisiológico normal".⁸⁰

78 Sobre a Pílula e a purificação racial, ver Dorothy Roberts, *Killing the Black Body: Race, Reproduction, and the Meaning of Liberty*. New York: Vintage, 1998.

79 Para mais sobre a "pureza" como um alvo do tecnobiopoder, ver Haraway, *Modest_Witness*, op. cit., pp. 78-82.

80 Anna Glasier, "Contraception, Past and Future", *Nature Cell Biology* 4 (outubro, 2002): S4. DOI: 10.1038/NCB-NM-FERTILITYS3.

A Pílula nos obriga a estender o conceito de Judith Butler de performatividade de gênero para além da imitação teatral e da "força performativa" linguística até a noção de *living mimicry*, a imitação técnica da própria materialidade do ser vivo. Chamarei esse processo de *biodrag*, em referência à cultura e às práticas de resistência das *drag queens* e dos *drag kings*, e o definirei como produção farmacopornográfica de ficções somáticas da feminilidade e da masculinidade. O que está sendo representado e imitado tecnicamente pela Pílula já não é um código de vestimenta ou um estilo físico, mas um processo biológico: o ciclo menstrual.

À medida que se relaciona à produção, à distribuição e ao consumo da Pílula, o processo de feminização revela que os hormônios são ficções sexopolíticas, metáforas tecnovivas que podem ser engolidas e digeridas, absorvidas e incorporadas. São artefatos farmacopornográficos que podem criar formações físicas que se tornam integradas com organizações políticas mais vastos, como as nossas instituições médico-legais, os Estados-nação ou as redes globais por meio das quais o capital circula.

TESE

EMBALANDO ARQUITETURA DISCIPLINAR: A EMBALAGEM DIALPAK E A INVENÇÃO DO PANÓPTICO INGERÍVEL

Após os testes em Porto Rico, em 1957 a FDA aprovou o uso da Enovid, produzida pela Searle, para o tratamento de irregularidades menstruais e, dois anos mais tarde, para o controle da natalidade. No entanto, a resistência das mulheres porto-riquenhas em seguir as instruções fez a Searle suspeitar que a comercialização para as

mulheres norte-americanas poderia ser difícil sem controle farmacológico. Embora altamente eficiente, a rotina de tomar pílulas hormonais parecia quase impossível de controlar fora dos programas habitacionais farmacológicos: nunca antes um produto farmacêutico tinha dependido tanto da disciplina do paciente em um ambiente doméstico. Como veremos, a invenção de um distribuidor doméstico e portátil para a pílula no início da década de 1960 iria responder a esta necessidade de autovigilância e disciplina.

Originalmente, a Enovid foi comercializada em duas doses, de 10 mg e 5 mg, e, como todas as prescrições para a pílula na época, vinha em uma pequena garrafa. Hormônios contraceptivos orais entraram no ambiente doméstico da classe média norte-americana em um recipiente de vidro marrom. No entanto, sem o regime pedagógico do complexo farmacológico-habitacional de Río Piedras, qualquer erro nas horas de ingestão da Pílula poderia causar o que a Enovid tentava evitar. As instruções para tomar a Pílula pareciam simples: a usuária deveria tomar o primeiro comprimido no quinto dia da menstruação, continuar com um comprimido diário durante vinte dias e, então, parar. A mulher começaria, assim, a menstruar em dois ou três dias. No quinto dia da menstruação, ela daria início a outro ciclo de vinte dias de comprimidos. Mas a garrafa marrom em nada ajudava a memorizar ou a controlar a rotina de ingestão.

Em 1962, David P. Wagner, um engenheiro de Illinois com experiência no desenvolvimento de novos pregadores caseiros para a empresa Illinois Tool Works, criou um protótipo de distribuidor para a pílula com três placas de plástico redondas mantidas juntas por um fecho de pressão para dividir, em doses diárias, o estoque de pílulas

mensais da esposa.⁸¹ Wagner explicou o processo de produção do distribuidor:

Com apenas uma furadeira elétrica de 1/4 polegada, um cortador giratório para ser usado na furadeira, uma folha de papel, uma serra, um grampo, um lápis, uma fita adesiva dupla face transparente, várias brocas, um fecho de pressão que retirei de um brinquedo de criança, várias placas lisas e planas de acrílico ou policarbonato, montei a primeira caixa de comprimidos para guardar as pílulas anticoncepcionais.⁸²

A placa de fundo era dividida com o padrão dos dias da semana. A média continha vinte “comprimidos” de madeira e girava correspondendo à pílula do dia em que deveria ser tomada. Um único buraco na placa superior movido sobre a pílula para dispensá-la revelava o dia da semana como um lembrete de quando a pílula foi tomada.⁸³

Wagner enviou o protótipo para a Searle e para a Ortho Pharmaceutical. A Searle rejeitou o projeto de Wagner e, em 1963, a Ortho Pharmaceutical lançou a primeira embalagem de pílula com “auxílio à memória” projetada de

81 Em 1994, David P. Wagner doou sua coleção de protótipos de embalagens para drogas e pílulas para a Divisão de Ciência, Medicina e Sociedade do Smithsonian Museum of National History, permitindo à historiadora Patricia Peck Gossel desenvolver o primeiro estudo do processo de *design*.

82 Patricia Peck Gossel, “Packaging the Pill”, in *Manifesting Medicine: Bodies and Machines*, ed. Robert Bud. Londres: Taylor & Francis, 1999, p. 107.

83 *Ibid.*, p. 106.

acordo com o modelo de Wagner.⁸⁴ Chegando ao mercado alguns meses mais tarde, as embalagens da Searle Enovid E Con-pac e da pílula Ovulen de 1 mg também foram estritamente inspiradas pela invenção de Wagner. Para se diferenciar do Con-pac da Searle, uma propaganda da Ortho-Novum de 1964 mostrou o distribuidor DialPak 21 para o contraceptivo oral pela primeira vez, destacando um calendário para a pulseira do relógio “para manter os dias sempre à mão”.

Segundo a historiadora da medicina Emilia Sanabria, os aspectos materiais da embalagem e da transformação farmacêutica são muitas vezes esquecidos quando a história das técnicas médicas é descrita:

Na manipulação que ocorre no processo farmacêutico, substâncias farmacêuticas líquidas, semissólidas e sólidas são fabricadas — ou temporariamente estabilizadas — dentro de “objetos” farmacêuticos. A possibilidade de realizar esta confecção é fundamental para definir os efeitos que esses objetos farmacêuticos podem ter, fisiologicamente falando, nos seus “pacientes”. Produtos farmacêuticos têm sido cada vez mais analisados como objetos. Isso levou os produtos farmacêuticos a assumirem um lugar especial na análise de artigos materiais, bem como os artigos materiais na análise de produtos farmacêuticos. Enquanto a análise da cultura material fornece elementos para teorizar as drogas como “coisas”, isto produz problemas quando essas coisas são drogas. Eu defendo que os aspectos consumíveis e mutáveis

⁸⁴ Nem a Searle nem a Ortho compraram a patente de Wagner. Mais tarde, o laboratório Ortho foi legalmente obrigado a pagar 10 mil dólares a Wagner para compensar o uso do seu protótipo.

dessas "coisas" permaneçam sem ser teorizados, fora da teoria. Este problema deriva de uma suposição comum em análises antropológicas da cultura material, que tende a entender o objeto como algo dado. Ou seja, o processo da fabricação do objeto é muitas vezes eclipsado pelo próprio objeto.⁸⁵ ←

Insistindo na necessidade de prestar atenção às repercussões médicas e sociais do *marketing* farmacológico, a historiadora Patricia Peck Gossel estudou as técnicas de embalagem utilizadas para a comercialização do DialPak, a primeira embalagem de auxílio para ingestão regular da Pílula, produzida em 1963.⁸⁶ De acordo com Gossel, a Pílula não foi apenas uma revolução política e de gênero, mas também uma revolução na embalagem de medicamentos. A Pílula é a primeira molécula farmacêutica a ser produzida como um objeto de *design*.

Gossel entende o *design* de Wagner para guardar a Pílula como um processo de "resolução de problemas" de um casal, em que o marido (e *designer*) ajuda a esposa na gestão de um calendário complexo de ingestão, reinterpretando o vínculo entre marido e mulher como um modelo

85 Emilia Sanabria, "The Medicine, an Evanescent Object: Test on the Manufacture and the Consumption of the Pharmaceutical Substances", *Techniques & Culture* 52-53, nº 2-3, 2009, pp. 168-189.

86 Patricia Peck Gossel, "Packaging the Pill", op. cit., pp. 105-121. Para mais informações sobre a história da embalagem, ver também Stanley Sacharow. *The Package as a Marketing Tool*. Radnor, PA: Chilton, 1982; Thomas Hine. *The Total Package: The Evolution and Secret Meaning of Boxes, Bottles, Cans, and Tubes*. Boston, MA: Back Bay Books, 1995; Steven Lubar e w. David Kingery, eds., *History from Things: Essays on Material Culture*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1993.

de relação *designer*-usuário.⁸⁷ Para Gossel, o DialPak parece ser a primeira “embalagem de auxílio” para um medicamento prescrito — uma embalagem que pretende ajudar o paciente a cumprir as ordens do médico.⁸⁸

Para Gossel, a invenção do distribuidor para a Pílula indica o surgimento de um novo modelo de *design* farmacêutico, um modelo que não depende dos objetivos das empresas de publicidade, mas sim da relação do *designer*-usuário. Seguindo a história do *design* de Gossel, poderíamos argumentar que a Pílula (tendo em conta as dificuldades do seu calendário de ingestão) não é apenas um produto químico (a molécula isolada e comercializada como cápsula ingerível), mas também um farmacomecanismo individual portátil, capaz de disciplinar a ingestão de comprimidos. A Pílula da década de 1960, como uma prática social doméstica e prótese hormonal individual, não pode existir sem sua embalagem distribuidora. Se separado da embalagem, um comprimido de um anticoncepcional oral poderia ser reconhecido apenas por um farmacêutico. Mas a embalagem diferenciada da Pílula possibilitou a prescrição de uma droga mais facilmente reconhecível no mercado durante os anos 1960. Invertendo a relação tradicional entre conteúdo e recipiente, a embalagem é a Pílula.

87 Gossel explica, como se precisasse justificar a decisão de Wagner para o controle de natalidade: “Doris Wagner começou a tomar a pílula depois que o quarto filho, Jane, nasceu, em 14 de novembro de 1961, e o casal decidiu que sua família estava completa”. P. P. Gossel, “Packaging the Pill”, *op. cit.*, p. 105.

88 *Ibid.*, p. 105.

*The important date
always to hand*

for her
the Ortho-Novum DialPak 21

There are the days she needs to know
"When did I take my last tablet?"
"When do I take my next?"
"When do I think my next is due?"

Now, Ortho-Novum DialPak 21 has the answer for you.
It's a DialPak 21 that's always to hand. It's always to hand.

for you

It's a DialPak 21 that's always to hand. It's always to hand.



COURTESY OF THE NATIONAL MUSEUM OF AMERICAN HISTORY
BETHESDA, MARYLAND

Campanha publicitária de 1964, National Museum of American History, Behring Center, Instituto Smithsonian.

new...
well-tolerated
specifically designed
oral contraceptive

Ortho-Novum
norethindrone with mestranol tablets

Specific Ratio—minimizes side effects
Finest progestin-to-estrogen ratio available
Ensures optimum effectiveness
and better tolerance side effects

Specific Indications
—virtually
100% effective
It does not prevent early or
advanced pregnancy in 99.7%
out of 1,000 women who use
Ortho-Novum.

Specifically Designed
"DialPak" helps her remember
The unique "DialPak" shows a phase when tablets
are taken and helps women change irregularities.

Ortho



O DialPak da Ortho-Novum se tornou o segundo contraceptivo oral no mercado norte-americano em fevereiro de 1963.

O *design* DialPack de Wagner é resultado de duas operações: espacialização do tempo e camuflagem. Em primeiro lugar, a embalagem espacializou o tempo, tornando as datas de ingestão visíveis dentro da caixa circular. Como o discador rotatório do telefone — o aparelho de comunicação doméstico mais popular no período da Guerra Fria —, a caixa circular estabeleceu relações abstratas entre três sistemas: buracos, números e estações de rede (para o telefone), e buracos, pílulas e as datas do ciclo menstrual (para o DialPak). A embalagem distribuidora dividiu o tempo de duração em segmentos sucessivos, cada um dos quais indicando um tempo específico. A espacialização do tempo produz o que Foucault chamou de “sistema anatômico-cronológico de ação”, que combina arquitetura, *design* e movimento corporal, transformando o usuário em uma eficiente máquina (não) reprodutora.⁸⁹ De acordo com Wagner e, mais tarde, com as campanhas publicitárias da Searle e da Ortho Pharmaceutical, o objetivo principal da embalagem distribuidora era reduzir o “esquecimento”: o distribuidor funcionaria como uma prótese para a falta de memória e de responsabilidade das mulheres. Nesse sentido, o DialPak era uma técnica para embalagem não apenas de pílulas, mas também de memória e tempo, de responsabilidade e confiança.⁹⁰

89 Michel Foucault, “Docile Bodies”, in *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*, trad. Alan Sheridan. New York: Vintage, 1995, pp. 156-166 [Ed. bras.: *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2016].

90 De acordo com a mesma lógica, o dispositivo contraceptivo DIU foi descrito pela revista *Time* como “memória em plástico”. Ver “Contraception: Freedom from Fear”, *Time*, 7 de abril de 1967. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,843551,00.html>>.

A embalagem mensal de pílulas, com seu imperativo de administração diária, com risco de esquecimento ou de gestão incorreta e seu ritual baseado no tempo e no *design pop*, evoca um calendário químico em que cada dia é indicado pela presença indispensável de uma Pílula. Sua apresentação em forma circular convida a usuária a seguir o movimento do tempo em um disco, como se fosse em um relógio, onde o alarme anuncia a hora de ingestão.⁹¹ Funciona como um dispositivo para a autovigilância doméstica da sexualidade feminina, como uma mandala molecular, endocrinológica e de alta tecnologia, um livro de horas ou os *Exercícios espirituais* de Santo Inácio de Loyola. É uma microprótese hormonal doméstica que regula a ovulação, mas que também produz o corpo e a "mente" da mulher heterossexual como sujeito reprodutivo sexual moderno.

Por outro lado, Wagner pretendia camuflar uma técnica de controle de natalidade como um objeto de uso comum "feminino". Ele projetou a embalagem distribuidora para ser do tamanho e da forma de um compacto para maquiagem, de modo que as mulheres pudessem levá-la discretamente nas bolsas: uma maneira de empregar no espaço público uma técnica originalmente concebida apenas para o espaço doméstico. Embora rapidamente usado por milhões de mulheres norte-americanas, o distribuidor foi concebido para ser totalmente "privado", a caixa perfeita para manter um segredo feminino.⁹²

91 Os primeiros pacotes de pílulas, concebidos na década de 1960, foram equipados com um alarme integrado.

92 P. P. Gossel, "Packaging the Pill", op. cit., p. 115. Gossel atenciosamente percebe que, na década de 1980, o *design* cosmético compacto foi deslocado pela "carteira" ou pela aparência de "cartão de crédito".

O caráter doméstico e desconhecido da técnica de controle da natalidade poderia explicar por que a maioria das bulas na embalagem sugeria manter o distribuidor em casa, colocando-o, por exemplo, no balcão da cozinha ou na mesa de cabeceira do quarto ou no armário de remédios do banheiro. Como recorda a historiadora Patricia Peck Gossel, “uma clínica de saúde feminina da Filadélfia recomendou que as mulheres tomassem a pílula quando ouvissem a música-tema do noticiário das onze horas, na hora de dormir”,⁹³ algo que equivale a tentar transformar uma transmissão nacional midiática em uma técnica para regular a ingestão. Em alguns casos, “o pacote de pílulas anticoncepcionais era apresentado em uma caixa com uma escova de dentes, uma pequena barra de sabão, um adesivo escrito ‘Lembre-me’ para ser colado no espelho do banheiro e o slogan ‘Escove os dentes, lave o rosto, tome a sua pílula uma vez por dia, todo dia, no mesmo horário’”.⁹⁴

93 P. P. Gossel, “Packaging the Pill”, op. cit., p. 115. O “Kit Inicial para Mulheres Esquecidas” do laboratório Organon, Inc., distribuído em 1993, incluía sugestões úteis para a usuária da Pílula que se esquecia de tomar o Desogel, contraceptivo produzido pelo próprio laboratório.

94 Organon, Inc., citado in P. P. Gossel, “Packing the Pill”, op. cit., p. 116.

QUICK! QUICK! QUICK!



Creme Puff - that's enough!

No other make-up brings you such complexion loveliness in seconds

83
56



MAX FACTOR

Creme Puff

O design compacto
estilo Creme Puff
(maquiagem compacta)
da Max Factor, 1959.
Abaixo: Primeira
campanha publicitária
da embalagem
compacta dispensadora
de pílulas da Enovid-E,
Searle & Co., 1964.



Your
Enovid-E
Compact

The doctor's important message... will reach you in a way you can't miss... designed for you... to make birth control with "the pill" even easier as well as...
...to make sure you'll be pleased with the doctor's...
...to make the doctor's job easier... Each pill is...
...of your pill days

HOW TO USE YOUR COMPACT



1. With your pills facing you, position the Compact's Refill so that the arrow points to the day your period starts.

Snap the Refill into locked position by pressing down around the bottom tabs. The Refill should be flat to the Compact. To remove it, lift up at any day and pull off.



2. Your first pill is to be taken five days after your period starts. It is marked with a circle around it.



3. To remove a pill, push the pill down through the bottom opening of the Compact. The pill pops out.



4. The pills should be taken seven weeks. The pills in the outer row are each day of the first 7 days, the middle row the second 7 days, and the inner row the last 6 days.

Em 1965, Mead Johnson inventou o regime de Pílula de 28 dias, adicionando placebos que permitiram que a usuária tomasse a pílula todos os dias. A pílula sequencial C-Queens, do laboratório Eli Lilly, continha duas formulações diferentes a serem tomadas em sequência. O pacote se assemelhava a um calendário, com quatro fileiras de cinco comprimidos. A embalagem de 28 dias fez o formato do calendário do DialPak ficar obsoleto: o segredo agora era que as pílulas fossem tomadas na sequência correta, deixando de importar quando o ciclo havia sido iniciado. Mas, com o tempo, a Pílula tornou-se um regulador da vida feminina: o regime com placebo de 28 dias de Parke e Davis incluiu um miligrama de Norlestrin Fe para “compensar a perda de mineral que ocorre durante o sangramento menstrual” e alguns outros *designs* incorporados a um indicador para lembrar a usuária de examinar os seios à procura de tumores no momento correto do ciclo.

O processo de camuflagem, miniaturização e privatização alcançou o nível mais elevado em 1964, quando o Centro da Assembleia Popular para a Pesquisa Biomédica demonstrou que os hormônios poderiam ser liberados de uma cápsula de borracha de silicone implantada no corpo. Os primeiros testes clínicos das seis cápsulas de Silastic (silicone e plástico) no sistema de administração de drogas, implantado sob a pele da parte superior do braço, foram realizados em 1975, e este sistema foi inicialmente aprovado para utilização com o anticoncepcional Norplant na Finlândia em 1983. “Neste caso”, como observou Patricia Peck Gossel, “a forma de dosagem e a embalagem, de certo modo, se fundiram.”⁹⁵ O implante permanecia no interior do corpo, invisível, durante cinco

95 Patricia Peck Gossel, “Packaging the Pill”, op. cit., p. 116.

anos, depois dos quais era cirurgicamente removido. O implante protético Norplant viria a ser seguido, mais tarde, por bombas de infusão, adesivos transdérmicos e sistemas osmóticos.

Mais adiante, ao trazer as conclusões de Gossel e Emilia Sanabria acerca da embalagem farmacêutica para um história geral da biopolítica, argumentarei que a transformação da pílula anticoncepcional oral em “A Pílula” por meio da embalagem pode ser entendida não apenas como um processo que implica efeitos sociais e médicos, mas também como a tradução de um modelo arquitetônico — um sistema disciplinar das relações de poder e de saber derivadas das arquiteturas iluministas do hospital e da prisão — para uma técnica doméstica e portátil (e mais tarde, também corporal e protética).

O historiador da arte Aby Warburg nos deu um método iconográfico para pensar sobre a transmissão e a sobrevivência das formas por meio de diferentes mutações culturais. Em seu *Der Bilderatlas Mnemosyne* (*O atlas da memória*, 1924-1929), Warburg estabelece uma história visual possível da Europa, feita de duas mil imagens, entre as quais podem ser encontradas esculturas romanas, mapas de diferentes períodos, diagramas darwinianos da evolução animal, afrescos renascentistas, pinturas a óleo cristãs e fotografias do início do século xx. Inspirado por este método de rastreabilidade visual, pode-se reconhecer, e não sem terror, um vestígio do modelo de Jeremy Bentham no *design* original para a embalagem de pílulas anticoncepcionais comercializada após a década de 1960. Em sua versão interna, o *design* arquitetônico de Bentham reivindica seu lugar em outra escala: a pílula anticoncepcional é um panóptico ingerível. A ortopedia social está se transformando em micropróteses farmacopornográficas.

O DialPak transformou o panóptico em um compacto hormonal feminino portátil e doméstico.

O panóptico, prefigurado pelos planos hospitalares de Bernard Poyet e C. P. Coquéau e pelo projeto de Louis Le Vau para um zoológico em Versalhes, na França, surgiu pela primeira vez como um modelo de arquitetura industrial (mas ainda não penal), desenvolvido em 1786 pelo filósofo Jeremy Bentham, irmão do engenheiro naval Samuel Bentham (na verdade, foi Samuel quem concebeu a arquitetura básica do edifício), em resposta a uma instrução do príncipe russo Grigory Potemkin.

Originalmente, o panóptico era uma “casa de inspeção” industrial projetada para otimizar a vigilância, o controle e a produção do trabalhador em um complexo de fábricas. A estrutura arquitetônica de Bentham era baseada em dois anéis concêntricos, com uma torre de observação no centro de toda a estrutura e uma série de celas iluminadas do lado de fora. Cada uma das celas tinha duas janelas, uma externa para deixar entrar a luz e outra interna de frente para a torre de vigilância. Os ocupantes dessas celas foram isolados uns dos outros por paredes e estavam sujeitos a escrutínio coletivo e individual (audiovisual) a partir da torre, que, como especula Foucault, poderia estar vazia ou ocupada pelo olho abstrato de Deus, que permaneceria escondido. Como observado por Christian Laval,

o panóptico não é apenas o olho do poder, uma espécie de figura imaginária suspensa sobre pessoas separadas e isoladas, mas também, no sentido inverso, o olho do povo que deve permanecer constantemente voltado para a classe dominante para que esta não traia os interesses da maioria. Este duplo significado da vigilância baseia-se no princípio da meta de transparência generalizada.

O modelo do panóptico tem a vantagem de combinar o que é geralmente pensado para ser distinto e separado: o controle social mais intrusivo, o livre mercado e a democracia mais avançada.⁹⁶

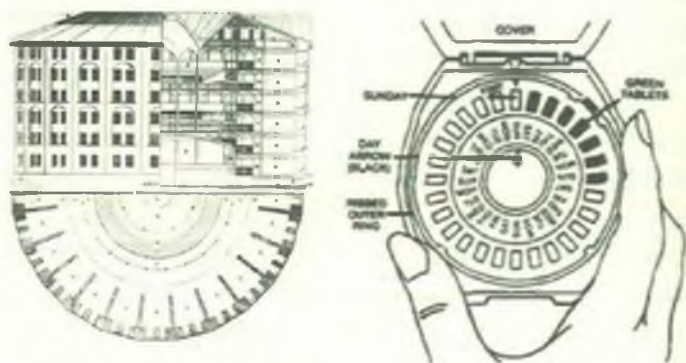
Este *design* original tornou-se o modelo para centros disciplinares e de internamento construídos no século XIX e XX, centros como a Prisão Rahway, em New Jersey; as prisões nacionais em Dublin, na Irlanda, em Bogotá, na Colômbia, e na Ilha da Juventude, em Cuba; e a prisão de Mataró, na Espanha, projetada por Elies Rogent. Para Foucault, o panóptico não é apenas um dispositivo disciplinar. É o *modelo materializado* do saber-poder disciplinar como uma forma de "ortopedia social":⁹⁷ o poder e seus modos específicos de conhecimento e vigilância se materializaram na forma de uma arquitetura física (seja de uma prisão, de uma escola, de um hospital, de um quartel ou de uma fábrica) que automatiza movimentos, controla o olhar, programa ações e ritualiza as práticas diárias do corpo. Em todos esses casos, o poder disciplinar é, de acordo com Foucault, "exercido através de sua invisibilidade... e o exame é a técnica pela qual o poder, em vez de emitir os sinais de sua potência, impor sua marca nos sujeitos, os mantém em um mecanismo de objetificação".⁹⁸ O objetivo

96 Christian Laval, *De l'utilité du panoptique*, mais tarde reintitulado *Panoptique: Mémoire sur un nouveau principe pour construire des maisons d'inspection, et nommément des maisons de force*. Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 2002, p. 64.

97 Michel Foucault, *Power: Essential Works of Foucault 1954-1984*, ed. James D. Faubion, trad. Robert Hurley. New York: The New York Press, 2000, p. 57.

98 Id., *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*, trad. Alan Sheridan. Nova York: Vintage, 1995, p. 187.

dessas formas de arquitetura não é simplesmente fornecer *habitat* ou representar o indivíduo — em vez disso, como verdadeiros dispositivos *performativos*, tendem a produzir o sujeito que elas afirmam abrigar. O condenado, o estudante, o paciente, o soldado e o trabalhador são a causa política dessas *tecnologias de subjetivação* arquitetônicas.



À esquerda: Andares, divisões e plano do panóptico de Jeremy Bentham desenhados pelo arquiteto Willey Reveley em 1791. À direita: Primeira embalagem distribuidora da pílula, 1963.

Podemos pensar a Pílula como um panóptico químico leve, portátil e individual com o potencial para mudar o comportamento, programar ações, regular a atividade sexual, controlar o crescimento da população e a pureza racial e redefinir a aparência sexual (refeminizando-a sinteticamente) de corpos que se autoadministram a substância-embalagem. A torre de vigilância foi substituída pelos olhos da (nem sempre) dócil mulher que faz uso da Pílula, que regula a própria administração do comprimido em si sem a necessidade de um controle externo, ao seguir o calendário espacial marcado na embalagem circular ou

retangular. O chicote foi substituído por um conveniente sistema de administração oral. Daí em diante, a cela de prisão tornou-se o corpo do consumidor, que se vê quimicamente modificado sem poder determinar os efeitos exatos ou saber de onde eles vêm, uma vez que o composto hormonal foi ingerido. Castigos e sermões edificantes foram substituídos por recompensas e promessas de liberdade e emancipação sexual para as mulheres. A Pílula é um laboratório farmacopornográfico miniaturizado distribuído dentro do ambiente doméstico e destinado a ser colocado dentro do corpo de cada consumidora, cumprindo, assim, a demolição das instituições de aprisionamento previstas por Deleuze e Guattari no epílogo de *Mil platôs*.⁹⁹ A Pílula funciona de acordo com o que Maurizio Lazzarato, seguindo Deleuze e Guattari, chama de a lógica da “servidão maquínica”. “Servidão maquínica”, explica Lazzarato,

consiste na mobilização e modulação de componentes pré-individuais, precognitivos e pré-verbais de subjetividade, causando afetos, percepções e sensações ainda tidas como não individuais ou não atribuídas a um sujeito, para funcionar como as engrenagens e os componentes de uma máquina. Enquanto a sujeição diz respeito a *selves* sociais ou pessoas globais, aqueles altamente manipuláveis, molares e de representações subjetivas, “a servidão maquínica conecta elementos infrapessoais e infrassociais graças a uma economia molecular do desejo que é muito mais difícil manter

99 Gilles Deleuze e Felix Guattari, *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*, trad. Brian Massumi. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1987 [Ed. bras.: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 5. São Paulo: Editora 34, 2002].

dentro das relações sociais estratificadas”, e estes são os elementos que mobilizam sujeitos individualizados. Servidão maquínica não é, portanto, a mesma coisa que sujeição social. Se a última apela para a dimensão das grandes massas, a servidão ativa a sua dimensão molecular, pré-individual, pré-verbal e pré-social.¹⁰⁰

Não é mais necessário calar indivíduos dentro das instituições do Estado para submetê-los a testes bioquímicos, pedagógicos ou penais, porque os experimentos sobre o ser humano vivo podem agora ser realizados em casa, no enclave valioso do corpo individual, sob a supervisão atenta e íntima da própria mulher. E tudo isso acontece livremente, em nome da emancipação sexual do corpo controlado. A promessa biopolítica de governar corpos livres, identificada por Foucault, é aqui plenamente realizada.

As diferenças entre o panóptico e a Pílula são significativas. No espaço de quase um século, eles salientam a transição de um regime de disciplinamento para um regime farmacopornográfico. No primeiro caso, estamos diante de uma arquitetura política externa que define a posição do corpo em um espaço coletivamente regulado, criando posições específicas de poder (monitor/monitorados, médico/paciente, professor/aluno) e permitindo a geração de uma forma de saber (visual, estatística, demográfica) relativa aos indivíduos a serem controlados. No segundo caso, estamos confrontados com um mecanismo que — sem qualquer alteração na sua eficácia — reduziu sua escala para a de uma tecnologia biomolecular que pode ser consumida

100 Maurizio Lazzarato, “The Machine,” epílogo de *Tausend Maschinen: Eine kleine Philosophie der Maschine als sozialer Bewegung*, de Gerald Raunig. Viena: Verlag Turia + Kant, 2008.

individualmente e introduzida por orifícios corporais. Na era farmacopornográfica, o corpo engole o poder. É uma forma de controle ao mesmo tempo democrática e privada, ingerível, bebível, inalável e de fácil administração, cuja propagação pelo corpo social nunca foi tão rápida ou tão indetectável. Na era farmacopornográfica, o biopoder reside em casa, dorme conosco, habita dentro. As manifestações dominantes da era farmacopornográfica (pílulas, próteses, comida, imagens, felação e dupla penetração) compartilham a mesma relação entre corpo e poder: um desejo por infiltração, absorção, ocupação total. Poderíamos ceder à tentação de representar esta relação de acordo com um modelo dialético de dominação/opressão, como se fosse um movimento unidirecional em que o poder líquido miniaturizado do lado de fora se infiltra no corpo obediente dos indivíduos. Mas não. Não é o poder infiltrando a partir do exterior, é o corpo desejando poder, procurando engoli-lo, comê-lo, administrá-lo, devorá-lo, mais, sempre mais, através de cada cavidade, por todas as rotas possíveis de aplicação. Inclinando-se para o poder. *Baise-Moi, foda-me* (Despentes), diz o corpo, ao mesmo tempo buscando formas de autocontrole e autoexterminio: "Por que as pessoas sempre desejam a própria escravidão?" (Spinoza). O biopoder não se infiltra a partir do exterior. Ele já reside dentro.

Mas a servidão maquínica também determina novas possibilidades de subversão. Definida pela necessidade de uma decisão individual de usá-la e pelos cálculos baseados no tempo da usuária, a Pílula imediatamente induz ao acidente. Ela leva o acidente em conta, o programa, o vê como uma possibilidade *sine qua non* da sexualidade feminina. A lógica heteronormativa do período da Guerra Fria que domina a utilização da Pílula parece responder a esta dupla exigência contraditória: toda mulher deve ser

simultaneamente fértil (e ser fértil por meio de inseminação heterossexual) e sempre capaz de reduzir a própria fertilidade assintomaticamente a níveis próximos de zero, mas sem reduzi-la por completo, de modo que a concepção acidental continue a ser possível. Mas o acidente é também a possibilidade de subversão e ressignificação: o fato de que a Pílula deve ser administrada em casa, pela usuária individual, de forma autônoma, também introduz a possibilidade de ação política.

A administração em massa de altas doses de estrogênio e progesterona nos órgãos de mulheres cis ocidentais após a Segunda Guerra Mundial permitiu a produção e reprodução da feminilidade como um biocódigo pronto e padronizado. Esta nova feminilidade microprotética é uma tecnologia farmacopornográfica patenteada que pode ser comercializada — ou transferida para ou implantada em — qualquer corpo vivo. Gradualmente, será revelado que os estrogênios e a progesterona administrados em altas doses durante esse período são tóxicos e cancerígenos, culpados por várias alterações cardiovasculares, embora essas descobertas nada façam para diminuir o consumo da pílula (na realidade, seu consumo aumenta exponencialmente no começo na década de 1970) ou para alterar as recomendações da Organização Mundial da Saúde.

A quantidade de estrogênio e progesterona destinada a um mês de tratamento foi alterada de 150 µg de estrogênio e 200 mg de progesterona, na década de 1970, para 10 µg de estrogênio e 15 mg de diferentes variantes da progesterona, nos tratamentos contraceptivos atuais. Como medida para melhorar a segurança, a atual micropílula (a droga mais prescrita em períodos de aleitamento materno) administra uma dose mais fraca durante um maior número de dias, reduzindo o período em que o comprimido placebo

é tomado, quando a chamada tecnomenstruação é produzida — em outras palavras, um sangramento induzido tecnologicamente que produz a ilusão de um ciclo natural. Estes são métodos tecnológicos de *biodrag* cujo objetivo é a “imitação do ciclo fisiológico normal”. Da segunda pílula de Pincus até a micropílula de hoje, essas tecnologias de invenção hormonal têm funcionado de acordo com um princípio de biocamuflagem: primeiro, interrompendo o ciclo hormonal natural e, depois, provocando tecnologicamente um ciclo artificial que recria a ilusão de natureza. A primeira destas ações é contraceptiva, a segunda é a consequência de uma produção farmacopornográfica planejada de gênero — cuidando para que os corpos das tecnomulheres do século XX perpetuem a ilusão de ser o resultado de leis naturais, imutáveis, trans-históricas e transculturais.

Um estudo realizado na Universidade de Boston revela a relação entre o consumo de pílula anticoncepcional, o declínio nos níveis de biodisponibilidade de testosterona (uma redução de 40% para 60%) e a queda na libido feminina. O estudo adverte que tomar estrogênios sintéticos pode modificar a produção hormonal em uma escala global, e recomenda a administração de gel de testosterona em microdoses para aumentar “o desejo sexual das mulheres consumidoras da Pílula”.¹⁰¹ Mas, hoje, a administração de testosterona em mulheres continua sendo um tabu hormonal com implicações políticas. A produção da

101 Katrina Woznicki, “Birth Control Pills May Produce Protracted Effects on Testosterone Levels”, *MedPage Today*, 3 de janeiro de 2006. Disponível em: <<http://www.medpagetoday.com/OBGYN/HRT/2423>>; C. Panzer, S. Wise, G. Fantini, D. Kang, R. Munarriz, A. Guay e J. Goldstein, “Impact of Oral Contraceptives on Sex Hormone-Binding Globulin and Androgen Levels: A Retrospective Study in Women with Sexual Dysfunction”, *The Journal of Sexual Medicine* 3 (janeiro, 2006), pp. 104-13.

feminilidade no regime farmacopornográfico funciona de acordo com uma lógica paradoxal: por um lado, a Pílula é autoadministrada por mulheres cis de uma maneira generalizada; por outro, o objetivo é uma forma farmacológica de superar a depressão e a frigidez.¹⁰² A mulher cis do século XXI é o resultado desse curto-circuito somatopolítico: a subjetividade da mulher cis cresce dentro da margem estreita de liberdade criada por esses campos de força divergentes.

A formação da sociedade farmacopornográfica foi caracterizada por dois novos vetores de produção de subjetividade sexual no meio do século XX. Por um lado, como vimos, introduz-se a noção de “gênero” como um dispositivo técnico, visual e performativo para sexualizar o corpo, reorganizar o sistema médico-jurídico, educacional e médico que, até esse tempo, tinha articulado as noções de “normalidade” e “perversão” no contexto do conceito binomial da heterossexualidade/homossexualidade, e começará agora a considerar a possibilidade de modificar tecnicamente o corpo do indivíduo para “inventar” a “mente” feminina e masculina. Por outro lado, vamos testemunhar técnicas de controle social adequadas para que o sistema disciplinar possa gradualmente filtrar o corpo individual. O que está em questão já não é apenas a punição dos crimes sexuais de indivíduos ou a vigilância e a correção de suas aberrações por meio de um código de leis externas ou disciplinas interiorizadas, mas a modificação

102 Esta lógica é comparável à relação entre a repressão da masturbação e a da produção de acessos de histeria utilizando meios mecânicos na agenda sexo-disciplinar do século XIX. Para uma análise dessa produção paradoxal, ver Beatriz Preciado, *Manifeste contra-sexuel*. Paris: Balland, 2000, pp. 73-88 [Ed. bras.: *Manifesto contrassexual*, trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2015].

de seus corpos enquanto plataformas de vida. Somos tratados como produtores e consumidores de órgãos, fluxos, neurotransmissores: como os suportes e os efeitos de um programa biopolítico. Ainda estamos certamente enfrentando uma forma de controle social, mas desta vez é uma questão de *controle leve*, um tipo borbulhante de controle, cheio de cores, usando as orelhas do Mickey e os decotes de Brigitte Bardot, em oposição à arquitetura fria e disciplinar do panóptico ilustrado por Foucault. Após a década de 1950, a construção da biofeminilidade torna-se um processo de construção somatopolítica (*biodrag*). Isto consiste na progressão da recodificação molecular — uma transformação da estrutura da vida, e não um simples disfarce ou máscara, como as teorias de gênero pós-modernas gostam de afirmar.¹⁰³ Os seios, por exemplo: seu peso, sua forma e sua consistência têm adquirido pertinência plástica (no sentido médico do termo), transformando-os gradualmente em um significante tecnossomático da produção de gênero.¹⁰⁴ Eles têm se materializado como um lugar para novas patologias, como a hiporastia (pequenez exagerada das mamas) ou o câncer de mama, que apareceram ao mesmo tempo que as técnicas de mastectomia e reconstrução da mama usando implantes sintéticos — casos que aumentaram exponencialmente no começo dos anos 1960.¹⁰⁵

103 Um exemplo extremo de teoria pós-moderna de gênero seria desenvolvido por Jean Baudrillard em *Simulacres et simulation* (Paris: Éditions Galilée, 1981); isso não deve ser confundido com a definição performativa do gênero desenvolvida por Judith Butler ou Sue Ellen Case.

104 Sander L. Gilman, *Making the Body Beautiful: A Cultural History of Aesthetic Surgery*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001.

105 Elizabeth Haiken, *Venus Envy: A History of Cosmetic Surgery*. Baltimore, MD: The John Hopkins University Press, 1999.

A bomba atômica, a pílula anticoncepcional, os implantes de silicone, o câncer de mama... Da remoção para a reconstrução de aumento, os seios do século XX funcionam sobretudo como próteses. Em outras palavras, cada biosseio existe em relação à própria prótese cultural. Dessa forma, é tão adequado falar de tecnosseios em mulheres cis quanto em transexuais, em vez de se fazer uma distinção entre a mama feminina natural e a protética.

Desde o início do século XX, novos materiais sintéticos, estruturas arquitetônicas, técnicas de colagem artística e de edição de filme se mudaram para o domínio da transformação corporal.¹⁰⁶ Por exemplo, a parafina foi uma das primeiras substâncias utilizadas na construção de *island flaps*, os envelopes para implantes mamários, e também para implantes testiculares (normalmente usados em soldados que tinham perdido um ou os dois testículos durante a guerra), bem como para a reconstrução do “nariz sífilítico”. Na década de 1920, a parafina foi abandonada em favor da goma arábica, da borracha, da celulose, do marfim e de vários metais. Em 1949, o iva-lon, um derivado de álcool polivinílico, seria utilizado para produzir o primeiro implante de mama por injeção subcutânea. Os primeiros destinatários desses implantes rudimentares, imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial, foram prostitutas japonesas cujos corpos teriam de passar por um processo de padronização conforme as exigências de consumo heterossexuais do exército

106 Sobre isso, ver Mark Nelson e Sarah Hudson Bayliss, *Exquisite Corpse: Surrealism and the Black Dahlia Murder*. New York: Bulfinch, 2006, no qual se constata o estudo incomum sobre a relação entre a estética surrealista e o assassinato da Dália Negra, cujo nome se tornou o título de um romance de James Ellroy.



norte-americano.¹⁰⁷ As transformações do corpo alcançaram uma escala global. Assim como os corpos foram afetados pela radiação do plutônio usado na bomba atômica, eles serão, dali em diante, afetados por silicone polimerizado. Depois de 1953, o silicone puro tornou-se o material preferido para a fabricação de implantes protéticos. Pouco depois, Dow Corning comercializa o primeiro tubo de gel de silicone para uso clínico. Embora altamente tóxico, continuará sendo usado até o início da década de 1990.

Ao contrário do que se poderia pensar, a dimensão *biodrag* da produção farmacopornográfica do corpo (*campo somático*) não depende exclusivamente da utilização de materiais sintéticos na reconstrução de uma normalidade corporal considerada natural. Uma das primeiras técnicas de reconstrução mamária aparece no final do século XIX, quando Vincent Czerny retira um grande lipoma que crescia nas costas de uma paciente e o utiliza como material para compensar uma mama que foi removida desta mesma paciente, realizando, assim, um autoenxerto.¹⁰⁸ Anos mais tarde, o mesmo princípio será utilizado no desenvolvimento de autoimplantes de gordura corporal para o uso de *liftings* faciais e a remodelação do corpo.

A diferença entre *bio-* e *tecno-* não é uma diferença entre orgânico e inorgânico. Neste livro, não estou avaliando uma passagem do biológico para o sintético, mas identificando a aparência de um novo tipo de corporalidade. Tecnologias recentes para a produção do corpo não são fiéis a uma taxonomia clássica, de acordo com a qual cada órgão e cada tecido correspondem a uma única função.

107 Marilyn Yalom, *A History of Breast*. New York: Ballantine Books, 1998, pp. 236-238.

108 S. L. Gilman, *Making the Body*, op. cit., p. 249.

e localização. Longe de respeitar a totalidade formal ou material do corpo, a biotecnologia e as tecnologias protéticas combinam os modos de representação relacionados ao cinema e à arquitetura, como que moldando e editando em 3D. A nova tecnologia cirúrgica, que tornou possível a aplicação das ideias farmacopornográficas da sexualidade (a gestão técnica da masculinidade e feminilidade, a medicalização do orgasmo e do desejo sexual, o telecontrole das funções de fantasia da sexualidade etc.), autoriza processos de construção tectônica do corpo, segundo os quais órgãos, tecidos, fluidos e, em última análise, moléculas são transformados em matérias-primas a partir das quais uma nova encarnação da natureza é fabricada.

CONTROLE MICROPROTÉTICO

Ao colocar em segundo plano as pesquisas para a produção de uma pílula anticoncepcional masculina, as indústrias farmacêuticas se voltaram para o desenvolvimento de novos métodos de administração de hormônios para mulheres, destinados a reduzir o alcance da gestão que havia sido permitido pelo uso da pílula individual. Muitos dos atuais ensaios clínicos têm como objetivo a produção de uma técnica de administração hormonal que evite a via oral intencional. De acordo com as reivindicações das companhias farmacêuticas, isso promoveria as seguintes vantagens: redução da assimilação de esteroides pelo fígado, redução do risco de esquecimento a curto prazo e melhoria da absorção pelo nível constante de doses de hormônios emitidos no sangue. Nos anos 1990 aparecem os primeiros combinados de estrogênios e progesterona injetáveis uma vez por mês (como a Depo-Provera).

Na década seguinte, assistimos a um programa gradual de comercialização dos implantes à base de progestógeno: desde as seis cápsulas de progesterona siliconada implantadas sob a pele do braço (Norplant) até as duas cápsulas (Norplant 2, Jadelle), ou simplesmente uma (Implanon). Esses implantes, cuja difusão hormonal tem, até agora, duração entre um e cinco anos, são invisíveis e quase indetectáveis uma vez instalados sob a pele (local do qual, por vezes, não podem ser removidos).¹⁰⁹ Mais uma vez, é possível identificar aqui o futuro líquido e microprotético das técnicas de controle da sexualidade que antes costumavam ser uma questão rígida, externa, visível e pesada.

O Implanon não é muito diferente do clássico dispositivo intrauterino (DIU), especialmente o modelo que produz uma difusão intrauterina de progesterona. A diferença reside no lugar do corpo em que é implantado. O Implanon é colocado subcutaneamente no braço, e produz a ilusão de uma menor intervenção na sexualidade, posto que o dispositivo não toca diretamente os órgãos culturalmente considerados como sexuais. Outros dispositivos de comercialização recente são o anel vaginal (inserido na vagina durante 21 dias e, então, retirado durante cinco dias para produzir uma simulação natural da menstruação) e, especialmente, o adesivo transdérmico contraceptivo, cada vez mais popular. Ambos contêm etinilestradiol combinado com progesterona.

No outro extremo da equação de gênero, um aumento da administração de testosterona sintética como terapia de substituição em homens cis estabeleceu novas perspectivas

109 Para saber mais sobre implantes e anticoncepcionais injetáveis, ver Robert A. Hatcher, James Trussell e Anita L. Nelson, eds., *Contraceptive Technology*. New York: FDR Network, 2008, pp. 145-170.

de pesquisas e comercialização hormonais.¹¹⁰ O laboratório alemão Schering, líder mundial em contracepção com a pílula Yasmin, enfrenta uma concorrência comercial cada vez mais intensa já há algum tempo. Interessados em permanecer na vanguarda deste mercado em expansão, o Schering começa em 2004 os primeiros testes clínicos para avaliar a eficácia de diversos contraceptivos por implante ou injeção em homens, todos com o objetivo de diminuir a concentração dos níveis de esperma. Este tipo de anticoncepcional masculino é baseado em princípios ativos próximos aos da pílula feminina. Sua efetividade é baseada em um composto à base de progestógeno que atua para suprimir a produção de espermatozoides. Seu uso seria combinado com uma terapia de substituição à base de testosterona com o objetivo de manter os níveis de libido e de ereção. Durante o século XX, nenhum método novo de contracepção foi desenvolvido para homens cis. Os preservativos de borrachas e a esterilização são até hoje as únicas formas de baixa tecnologia para controlar diretamente a circulação social das células reprodutivas masculinas. É interessante notar que, embora a pílula masculina ainda não tenha sido comercializada, a China e a Índia tentam desenvolver programas biopolíticos de controle reprodutivo que incluem a gestão do corpo masculino.¹¹¹ O desafio farmacopornográfico do século XXI será a comercialização de uma panóplia de compostos hormonais (muitas vezes suplementadas com testosterona) para homens cis sem pôr em causa a constituição natural da masculinidade.

¹¹⁰ Para saber mais sobre a deficiência de testosterona e a terapia de reposição de testosterona em homens cis, ver Nelson Vergel, *Testosterone: A Man's Guide*, 2ª ed. Houston, TX: Milestones Publishing, 2011.

¹¹¹ Ver Oudshoorn, *Male Pill*, op. cit., p. 7.

Ao mesmo tempo, para compensar a relação científica estabelecida entre hormônios e câncer, as novas pílulas para mulheres cis são apresentadas como instrumentos de beleza e feminização — um suplemento molecular para refe-minização somática.¹¹² As companhias farmacêuticas falam hoje do desejo de produzir uma pílula anticoncepcional à base de “moduladores seletivos dos receptores de estrogênio” (SERMS) que diminuiriam o risco de câncer de mama — algo assim como o equivalente hormonal da manteiga que reduz os níveis de colesterol, ou da metadona como droga de substituição que reduz a dependência da heroína.



112 Os ginecologistas que visitei durante os últimos quinze anos, indiferentes à afirmação da minha *trans-queer*-sexualidade, que é exclusivamente dildônica ou anal, me propõem com frequente espanto que eu use a Pílula como método contraceptivo. Eles elogiam suas virtudes para “regular o ciclo menstrual” e “aliviar as dores da menstruação”, sem mencionar seus efeitos colaterais, exceto pelos riscos cancerígenos do uso conjunto com o consumo de tabaco. Na realidade, isso é uma forma de administrar mulheres cis pela necessidade da dose farmacopornográfica de estrogênios e progesterona, de modo a transformá-las em um corpo heterossexual normatizado feminino, com um depressivo mas estável temperamento e uma sexualidade passiva e frígida.

A Pílula, como dispositivo performativo chave do regime farmacopornográfico, evoluiu de uma simples técnica de controle da natalidade para um programa de produção cosmética de feminilidade: aparece cada vez mais como terapia para o tratamento da acne e do hirsutismo (pelo corporal e facial nas mulheres) ou para aumentar o volume e melhorar a forma do seio. Fabricam-se, assim, novas pílulas à base de progesterona, como a Drospirenone, comercializada na Alemanha e que, devido às suas propriedades antimineral-corticoides, promete diminuição da retenção de líquidos e perda de peso corporal. Além disso, as terapias hormonais hoje parecem seduzir um público de consumidoras que desejaria reduzir a frequência e a intensidade dos períodos menstruais. Já não se trataria tanto de uma utilização contraceptiva da Pílula, mas de seu uso para gestão dos ciclos menstruais (assim, os novos implantes prometem uma eliminação total dos períodos em cinco anos). Como sabemos, esta possibilidade não é nova — esse foi um dos efeitos colaterais da primeira Pílula inventada nos anos 1950. Então, com o deslocamento gradual do dispositivo sexopolítico disciplinador em direção a novas técnicas farmacopornográficas, esses efeitos pareciam incompatíveis com a metafísica do sexo que estabelecia uma equação inexorável entre feminilidade, fertilidade e maternidade. ←

Ao mesmo tempo, testemunhamos uma onda crescente de campanhas de *marketing* em que a Pílula é referida como um “contraceptivo pós-coito de emergência”, como no caso da “pílula do dia seguinte” e a pílula abortiva Mifepristone, também conhecida como RU-486. A China foi o primeiro país a aprovar o uso da Mifepristone, comercializada no país pela empresa farmacêutica francesa Roussel Uclaf em 1988. Em 1992, os chineses começaram a produzi-la

domesticamente. Embora debates bioéticos atuais tendam a estabelecer uma diferença entre o uso de contraceptivos no Ocidente e o uso de métodos abortivos nos regimes totalitários, a ação política não depende apenas das moléculas, mas, sim, de sua utilização e reapropriação crítica.

No contexto de um modelo sexopolítico farmacopornográfico de rápida expansão, em que um grande número de potenciais consumidores vê cada vez mais o acesso à produção molecular do seu gênero e da sua sexualidade modulada pelas flutuações do mercado farmacêutico, implantes e micropílulas anunciam um novo tipo de heterossexualidade de alta tecnologia (que difere radicalmente da heterossexualidade vitoriana do século XIX): a techno-Barbie, eternamente jovem e supersexualizada, quase completamente infértil e sem menstruar, mas sempre pronta para inseminação artificial e acompanhada de um supermacho estéril cujas ereções são tecnicamente produzidas por uma combinação de Viagra e códigos pornográficos audiovisuais emitidos por meio de canais digitais computadorizados. Finalmente, a fertilização heterossexual farmacopornográfica está acontecendo *in vitro*.

Com a criação, a partir dos anos 1970, das terapias de substituição hormonal da pós-menopausa à base de estrogênios e progesterona (especialmente na forma de gel, muito similar ao Testogel que eu me aplico, mas também na forma de adesivos ou *spray* nasal) e a expansão dessas terapias a partir da década de 1990, a mulher cis do século XXI se transforma em uma potencial consumidora de hormônios sintéticos durante quase cinquenta anos de sua vida: na atualidade, temos de adicionar dez ou quinze anos do tratamento da pós-menopausa aos quarenta anos de tratamento contraceptivo. No futuro próximo, veremos também o aparecimento de outros métodos que

hoje ainda são experimentais: a vacina anticoncepcional, também conhecida como imun contracepção, que “imuniza” o organismo contra o desenvolvimento do embrião ou previne o óvulo contra a aceitação do espermatozoide. Pode-se ir muito mais longe com o inventário dessas microtecnologias para a gestão da subjetividade sexual, mas, em todo caso, uma coisa é clara: quando se trata da busca por recursos econômicos para o financiamento de pesquisas clínicas, esses métodos anticoncepcionais concorrem com a urgente necessidade de desenvolver métodos de prevenção ou uma vacina contra o HIV.

O HORMÔNIO INIMIGO: TESTOSTERONA E TERRORISMO DE GÊNERO

O século XXI começa com a primeira tentativa de comercialização de um adesivo de testosterona para mulheres cis. Em 2004, depois de vários anos de testes clínicos, a FDA nega a autorização para o laboratório Procter & Gamble comercializar o Intrinsic, primeiro adesivo que administra 300 µg de testosterona por dia para mulheres cis como remédio contra a desordem sexual hipotativa (frigidez) ou a falta de desejo sexual.¹¹³ O produto estaria destinado, segundo o Procter & Gamble, a “mulheres que sofreram remoção dos ovários”, mas a companhia espera indiretamente atingir um público muito mais amplo: o de todas as consumidoras da pílula anticoncepcional que sofrem com a queda dos níveis de

¹¹³ Enquanto eu terminava as correções para este livro, o Intrinsic recebeu uma licença de exploração farmacêutica a partir de março de 2007 no Reino Unido e no resto da Europa.

testosterona. A avaliação dos riscos hormonais realizada pela FDA obviamente não utiliza o mesmo critério adotado quando se trata de avaliar a utilização da progesterona nos tratamentos dos casos de remoção de ovário ou de menopausa. Vários artigos, inclusive um publicado no excessivamente escrupuloso *New York Times*, denunciam o “caráter político” da decisão médica e insistem em atribuí-la à influência de “membros conservadores” no comitê da FDA. O comitê considerou que, “apesar dos resultados promissores desta substância, utilizada para melhorar a vida sexual das pacientes, seu uso não parece justificado”. Ainda mais surpreendente é o fato de que a comissão tenha qualificado a testosterona para as mulheres como uma *lifestyle drug*, ou droga recreativa — algo como o *ecstasy* ou *poppers*, mas para as mulheres na menopausa. No lugar do “orgasmo expandido” prometido pelo Intrinsic (à base de testosterona), a FDA propôs um conjunto de drogas legais (cuja efetividade é duvidosa) para estimular a função sexual nas mulheres cis, como cremes vaginais com propriedades vasodilatadoras (Orexia, Provesta, Vigorelle, Estravil etc.).¹¹⁴

No entanto, o mercado potencial para o Intrinsic é enorme. Um estudo recente realizado nos Estados Unidos por uma companhia farmacêutica focada no mercado de estimulantes sexuais para mulheres cis mostrou os seguintes resultados: 46% das mulheres dizem nunca ter tido um orgasmo, e 64% das mulheres heterossexuais casadas afirmam ter uma vida sexual insatisfatória. Outro sinal de deslocamento biopolítico: enquanto o regime disciplinador dos séculos XVIII e XIX

114 Ver Kathy Hill, “FDA Panel Rejects Intrinsic”, *About.com*, dezembro de 2004: <http://uspolitics.about.com/od/healthcare/a/Intrinsic_d03.htm>.

patologizou e medicalizou o desejo sexual das mulheres, considerando-o causa de histeria, masturbação, ninfomania, perversão ou homossexualidade, o novo regime farmacopornográfico admite, pela primeira vez, a falta de desejo e prazer sexuais na mulher e planeja a sua produção técnica. Eis aqui o nome dessa nova doença (ou ficção somatopolítica): Disfunção Sexual da Mulher. Segundo estimativas, 10 milhões de mulheres nos Estados Unidos seriam candidatas a uma terapia para promover o desejo e o funcionamento sexual, além das 30 milhões de mulheres na menopausa que poderiam tornar-se progressivamente potenciais consumidoras do produto. Quais poderiam ser as razões pelas quais a FDA rechaçaria um mercado tão promissor? O capitalismo farmacopornográfico bate de frente com os limites da epistemologia do gênero binário, que continuam funcionando de acordo com os modelos de feminilidade e masculinidade do regime sexopolítico do século XIX, que estabeleceram uma continuidade rigorosa entre sexo, sexualidade e reprodução. Essas barreiras não vão desaparecer facilmente. Em vez disso, as indústrias farmacológicas e médicas preferem procurar novas moléculas para compensar os efeitos colaterais da testosterona em mulheres, como o "virilismo" e o "hirsutismo", condições que são consideradas indesejáveis em um sistema heterossexual. O regime farmacopornográfico não desloca simplesmente o regime biopolítico disciplinar do século XIX: estabelece alianças inesperadas e estratégicas com ele, criando novas ficções somatopolíticas tão estranhas como o Viagra-usuário-esperma-doador ou a mulher-consumidora-da-pílula-sexualmente-disfuncional.

O FUTURO SUPER-HOMEM T.

Apesar de a administração de microdoses de testosterona em mulheres cis ainda ser rara, a testosterona já é utilizada há mais de três décadas em terapias de substituição hormonal para homens cis. O método de administração mais comum é o AndroGel, uma difusão em gel de testosterona, semelhante ao Testogel que eu uso, produzida pela Unimed Pharmaceuticals em Illinois, nos Estados Unidos.

Os esteroides anabolizantes, derivados mais ou menos próximos da testosterona, são utilizados há trinta anos para tratar o hipogonadismo, uma condição fisiológica em que os testículos não produzem quantidade “suficiente” de testosterona. Para a instituição médica, a testosterona funciona como uma substância para a fabricação de masculinidade, mas não é definida como uma molécula usada para compensar uma falta. O papel da testosterona sintética consiste em produzir o sujeito masculino que pretende complementar; no entanto, a possibilidade de a testosterona ser incorporada em uma variedade de corpos, e sua transferência de pele para pele, também abre caminho para o desvio pós-identidade.

*O governo alemão nazista, seguido pelo governo norte-americano, foi o primeiro a experimentar a administração de doses de testosterona em animais, assim como nos próprios soldados, na população civil dos campos de concentração e nos prisioneiros de guerra. Tecnologias de gênero e tecnologias de guerra: o mesmo negócio. Sob a pele, a necropolítica encontra a biopolítica. Na década de 1980, a utilização farmacêutica de testosterona se generaliza. Em 2006, nos Estados Unidos, 4 milhões de homens cis estão sujeitos a uma terapia de substituição hormonal à base de testosterona. De acordo com as instituições

médicas, 13 milhões de norte-americanos acima dos quarenta anos sofrem do que é conhecido como síndrome da baixa testosterona (*Low-T syndrome*). Os sintomas: diminuição da libido, disfunção erétil, fadiga, depressão e assim por diante — eventualmente, a vida comum de qualquer homem cis médio.¹¹⁵ Clinicamente, não há testosterona suficiente sendo produzida nos Estados Unidos.

De acordo com o discurso científico contemporâneo, tornou-se evidente que o estrogênio, a progesterona e a testosterona são substâncias transversais produzidas por todos os corpos independentemente do gênero (atribuído biopoliticamente no nascimento) e que, assim como as moléculas secretadas pelo pâncreas e hipotálamo e pela paratireoide, a tireoide, o timo e pela glândula pineal, funcionam de maneira sistêmica e descentralizada. As mulheres cis também produzem testosterona, tanto nos ovários como nas glândulas adrenais. Além disso, atualmente sabemos que, nas mulheres cis, a testosterona poderia ser responsável pelo desenvolvimento dos músculos, pelo crescimento dos ossos e pelo desejo sexual.

A singularidade de todos os sistemas hormonais (e não a diferença entre apenas dois sistemas) se encontra em microquantidades hormonais presentes em cada corpo, no número de receptores hormonais e nas interações sistêmicas com outros hormônios e receptores. O exame de vários manuais de endocrinologia clínica revela que a questão da quantidade de testosterona “normal” produzida por homens cis e mulheres cis está intimamente relacionada à definição cultural e biopolítica da diferença de gênero. Por exemplo, os valores médios de testosterona no sangue dos corpos politicamente considerados

115 N. Vergel, *Testosterone: A Man's Guide*, op. cit., p.2.

como de homens normais variam entre 437 ng e 707 ng por decilitro. Mas alguns corpos produzem somente 125 ng por decilitro, e o sexo atribuído ainda assim é masculino. De acordo com outro manual de endocrinologia clínica, a quantidade "normal" de produção de testosterona em um homem cis adulto varia entre 260 ng e 1.000 ng por decilitro de sangue, podendo chegar até 2.000 ng durante a adolescência. Nas mulheres cis, esses valores são de 15 ng a 70 ng por decilitro de sangue. A este caos epistemológico, devemos acrescentar alguns dados absurdos que emergem da pesquisa científica: a testosterona aumenta o desejo de fumar, mas o consumo de cigarros diminui a produção de testosterona; a testosterona aumenta a agressividade e a libido, enquanto o sexo e as reações agressivas aumentam os níveis de testosterona. O estresse inibe a produção de testosterona... Em resumo, nós nos encontramos diante de um extenso domínio de não saber e de potencial intervenção tecnopolítica.

Frente a esta complexidade, uma implacável retórica biopolítica sobre diferenças sexuais, raciais e de gênero, parecida com a elaborada por Arnold Berthold no início do século XX, continua dominando a classificação hormonal e sua gestão técnica. Enquanto os programas experimentais que determinam a produção de doses comercializáveis de testosterona, estrogênios ou progesterona se apoiam em uma teoria ultraconstrutivista do sexo e da sexualidade, os critérios de comercialização e distribuição públicas destas moléculas continuam respondendo a uma metafísica naturalista da diferença sexual, que afirma a existência biológica e historicamente imutável de dois sexos (homem e mulher), duas sexualidades (heterossexual e homossexual) e, mais recentemente, de dois gêneros (masculino e feminino), a partir dos quais se estende um âmbito de desvio e patologia.

Até o momento, nenhum Estado ocidental aceitou a legalização da testosterona para aplicação em mulheres cis ou permitiu sua administração livre por elas, entendendo que essa situação arriscaria uma virilização semiótico-técnica da população feminina em nível social e político. Dois pequenos problemas somatopolíticos que modificariam a decodificação visual e auditiva do gênero são a pilosidade facial e a mudança de voz. Parece espantoso que no Ocidente, no início do século XXI, em uma sociedade extremamente *high tech* na gestão da reprodução, a decodificação do gênero se reduza ao pelo facial e ao timbre da voz. Digamos, então, que o pelo facial e a voz, e não o pênis e a vagina — ou os cromossomos X e Y — são os significantes públicos culturais dominantes de gênero da nossa sociedade. Deixemos então de falar de homens e mulheres e digamos simplesmente: corpos com pelo facial ou sem pelo facial, corpos com voz aguda ou grave. Estas coisas não são um detalhe, mas significantes sexopolíticos cruciais com capacidade de colocar em questão a ideia de virilidade como a prerrogativa natural dos homens cis. O último problema é desvelar o caráter politicamente construído dos gêneros, bem como da heterossexualidade e da homossexualidade.

Enquanto sigo meu protocolo de administração de testosterona, vários governos europeus, entre eles o francês e o catalão, pesquisam a utilização de técnicas de “castração química” como medida penal (mais que terapêutica) para os criminosos sexuais (especialmente os pedófilos). Tornada pública em 21 de agosto de 2007, a intenção do presidente francês de direita, Nicolas Sarkozy, de criar uma lei que determine a utilização de terapias de castração química para tratar os delinquentes sexuais é mais um passo na escalada do uso dos poderes biopolíticos para

produzir e controlar a sexualidade masculina. Caberia perguntar: quais são os processos de transformação corporal que a chamada castração química realmente ocasiona? Como, quando e sobre que corpos já foram utilizadas medidas similares de gestão farmacológica da identidade? Quais são as ficções políticas de masculinidade e feminilidade conectadas a essa proposta de lei, e que tipo de sujeito pretendemos produzir coletivamente?

Rastreemos nosso arquivo farmacopolítico: a castração química consiste na administração de um coquetel mais ou menos carregado de antiandrógenos (acetato de ciproterona, progestógenos ou reguladores da gonadotropina), isto é, de moléculas inibidoras da produção da testosterona. Embora seja verdade que um dos efeitos dos antiandrógenos possa ser a diminuição do desejo sexual (desde que se pense no desejo sexual em termos de excitação e resposta erétil), o que frequentemente não se menciona é que os efeitos colaterais desses fármacos são a diminuição do tamanho do pênis, o desenvolvimento de seios, a modificação do volume muscular e o aumento da acumulação de gordura em torno dos quadris. Em outras palavras, trata-se de um processo de "feminização hormonal". Por isso, não deveríamos estranhar ao descobrir que substâncias com efeito antiandrógeno sejam utilizadas (de forma voluntária) por transexuais que desejam iniciar um processo de feminização e mudança de gênero. **W AU!**

Apesar de seu poder renaturalizante, o regime farmacopornográfico revela continuamente seus fundamentos ultraconstrutivistas. Se explorarmos a história política da tecnologia da castração química, veremos que foi usada nos anos 1950 no tratamento repressivo da homossexualidade masculina — esse foi, por exemplo, o tipo de terapia aplicada pela justiça inglesa a Alan Turing, um dos

inventores da ciência computacional moderna. Acusado de homossexualidade, indecência grave e perversão sexual, ele foi obrigado a se submeter a um programa de terapia hormonal.¹¹⁶ Uma prova de certa confusão científica é o fato de que o mesmo fármaco faz parte dos atuais experimentos com a chamada “bomba gay”, um composto hormonal com o qual o exército norte-americano pretende transformar seus inimigos em homossexuais.¹¹⁷ Enquanto os Estados Unidos precisam de testosterona, seus inimigos precisam de feminização hormonal. *Minha dura!*

O que esses dados deixam à mostra é que a castração química é um mecanismo farmacopornopolítico destinado não tanto à redução das agressões sexuais, mas, sim, à modificação do gênero do suposto agressor. Vale destacar que essas terapias existem unicamente para gerenciar o “predador sexual” masculino. E o modo de punir e controlar a sexualidade masculina é transformá-la simbólica e somaticamente em feminina.

O duplo efeito dessas políticas farmacopornográficas se conecta a formas tradicionais de produzir a diferença sexual no regime disciplinar: a criminalização política da sexualidade masculina e a vitimização da sexualidade feminina. A regulação química sempre retrata a ereção e, como corolário, a masculinidade como um fenômeno

116 Alan Turing finalmente cometeu suicídio em 1954. Ver Andrew Hodges e Douglas Hofstadter, *Alan Turing: The Enigma*. New York: Walker & Company, 2000.

117 Para saber mais sobre a fantasia homofóbica do discurso de guerra norte-americano, consulte Judith Butler, “Contingent Foundations: Feminism and the Question of ‘Postmodernism’”, *Praxis International* 11, nº 2 (julho, 1991): pp. 150-165. Um trecho deste artigo também foi publicado com o título “The Imperialist Subject”, *Journal of Urban and Cultural Studies* 2, nº 2 (1991), pp. 73-78.



que pode ser produzido ou intensificado por vasodilatadores ou controlado e reprimido pela castração química,¹¹⁸ colocando a ereção, assim, na categoria de um impulso involuntário adequado à gestão política. Enquanto isso, a sexualidade feminina é construída como um território passivo em que a violência da sexualidade masculina é exercida. Não há destino biológico além dos programas farmacopornopolíticos.

Uma democratização do consumo de hormônios, até hoje considerados sexuais, exigiria uma modificação radical de nossas topografias sexuais e de gênero. Circulando livremente e coletivamente utilizada, a testosterona é dinamite para o regime heterossexual. Já não se trata apenas de afirmar a existência de quatro ou cinco sexos, como querem alguns cientistas e teóricos do desejo da sexualidade,¹¹⁹ e sim de aceitar o caráter radicalmente tecnoconstruído, inegavelmente múltiplo, maleável e mutável dos corpos e prazeres.

A PÍLULA E O FEMINISMO DE ESTADO

O golpe de mestre do regime farmacopornográfico é ter explorado a retórica revolucionária e emancipatória do movimento feminista dos anos 1960 para fazer passar a gestão química e contraceptiva do corpo feminino como uma etapa da liberação sexual. Da mesma forma, o

118 Não podemos nos esquecer de que François Evrard, o catalisador que lançou essa polêmica jurídica na França, tinha um pacote de Viagra em seu bolso no momento do estupro.

119 Ver Anne Fausto-Sterlin, "The five sexes: why the male and female are not enough", *The sciences*, (março-abril, 1993), pp. 20-24.

feminismo abolicionista confiou a gestão da produção e da representação da pornografia e da indústria do sexo ao Estado, exigindo a abolição da prostituição e a penalização da pornografia.¹²⁰ No caso da pornografia, o resultado dessas medidas será a redução da indústria do sexo para uma economia *underground* e a marginalização e pauperização de seus trabalhadores. No caso da “política de planejamento familiar”, o resultado é a administração em larga escala de progesterona e de estrogênios em toda mulher cis em idade fértil. Podemos afirmar, não sem alguma raiva, que o feminismo liberal abolicionista branco pôde funcionar como um dos aparatos ideológicos paraestatais do regime farmacopornográfico. Isso tornou necessário colocar em prática um transfeminismo molecular e pós-pornográfico contra o feminismo de Estado. A gramática e as técnicas que o feminismo liberal tem saqueado de nós devem ser reapropriadas para desencadear uma nova revolução contrafarmacopornográfica.

O feminismo poderia ter promulgado como método contraceptivo a masturbação obrigatória, a greve sexual das mulheres heterossexuais e férteis, o lesbianismo em massa; tornar obrigatória a ligadura de trompas desde a adolescência; a legalização gratuita do aborto — e até permitir o infanticídio quando necessário. E há um cenário de ficção-política ainda mais promissor: era possível, de um ponto de vista biotecnológico, ter exigido a administração, em todas as mulheres em idade gestacional, de uma microdose mensal de testosterona como método ao mesmo

120 O caso mais chamativo de utilização do feminismo como técnica estatal de controle da prostituição e da pornografia ocorreu nos anos 1990 no Canadá, onde o Estado se serviu das retóricas feministas para desenvolver políticas abolicionistas.

tempo contraceptivo e de regulação política do gênero. Esta medida teria terminado de uma vez com a diferença sexual e com a hegemonia heterossexual. Isso não significa que as mulheres cis (testosteronadas) não continuariam trepando com os homens cis, mas sim que essa prática não poderia continuar sendo interpretada como meramente heterossexual. Não haveria nenhuma meta reprodutiva. Além disso, não se trataria mais do encontro entre duas pessoas de orientações sexuais opostas, mas sim de um encontro entre duas pessoas de orientação gay com possibilidade de penetração vaginal. O feminismo do pós-guerra poderia ter se interessado pela gestão do corpo dos homens cis e declarado como interesse nacional: a castração, a homossexualidade masculina, o uso obrigatório do preservativo, a obstrução dos canais seminais, a administração generalizada de Androcur (que diminui a produção de testosterona nos homens cis) etc. Sim, havia outras possibilidades, mas o feminismo liberal fez um pacto com o regime farmacopornográfico.

TESTO-TRÁFICO

Como droga, a testosterona é relativamente fácil de comprar e vender. A maior parte da testosterona circula no mercado negro esportivo, nas modalidades do atletismo e do ciclismo. Ela pode ser administrada por injeção subcutânea, gel, adesivo transdérmico, implante, inalador nasal ou aerossol. Em 2006, a mídia esportiva chamou a testosterona de “a verdadeira ganhadora do Tour de France” e não duvidou em afirmar que a “testosterona é a droga dos campeões”. Muitos atletas de elite foram detectados com testosterona sintética no sangue. Isso me faz rir um

pouco quando leio entrevistas em que declaram: “Essa testosterona é minha, é natural”. Pobres imbecis. É como se Pamela Anderson pretendesse fazer passar por naturais seus seios de silicone tamanho 45E simplesmente porque é uma mulher cis. É muito fácil ir a uma das páginas da internet para fisiculturistas e encomendar um envio por correio de dez doses de 250 mg de testosterona por 75 dólares, incluindo a postagem. Este é o paradoxo inerente do estrito controle jurídico que governa o regime farmacopornográfico: o gênero está à venda.

Aplicada ao corpo das mulheres, a testosterona distorce a relação de um corpo com a linha do tempo, assim como o seu valor no mercado heterossexual. A lógica temporal de gênero é assimétrica. A feminilidade se desvaloriza três vezes mais rápido do que a masculinidade. Em outras palavras, uma mulher (seja cis ou trans) está fora do mercado heterossexual aos 45 anos, enquanto um homem pode chegar aos 65 antes de se tornar obsoleto. Para calcular a idade real de uma mulher na economia heterocapitalista, é necessário somar quinze anos para aproximá-la a seu equivalente masculino; depois, dois anos podem ser subtraídos para cada vantagem de beleza (tamanho dos seios, magreza, comprimento e espessura do cabelo etc.) e dois anos devem ser somados por cada detrimento social (divórcio, número de filhos — cada filho soma dois anos —, desemprego etc.). Tomemos um exemplo: Julie tem 32 anos; ela é uma mulher cis divorciada com um filho para criar, está em boa forma, faz ioga, é bonita, embora não tenha um corpo perfeito; ela é esguia e trabalha em uma companhia de seguros: $32 + 15 + 2 + 2 - 2 - 2 - 2 = 45$. Esta é a dura realidade. Ela terá que deixar de pensar em si mesma como uma criatura jovem de 32 anos, porque sua idade real na economia heterocapitalista é de 45 anos. Bye, bye, Julie. Outra possibilidade

seria ir para o mercado de lésbicas equivalente, em que a verdadeira idade diminui prodigiosamente. Uma mulher que na economia heterocapitalista tem 45 anos pode chegar ao mercado lésbico quase adolescente. Bingo.

Contemplemos por um momento a possibilidade de uma revolução molecular dos gêneros. O que aconteceria se uma grande proporção de mulheres cis começasse coletivamente a se aplicar doses suficientes de testosterona a fim de serem identificadas socialmente como homens? Que valor teria então a masculinidade natural? Este experimento de ficção político-hormonal torna-se ainda mais pertinente se pensarmos que esses futuros tecno-homens, ou essas novas espécies de mulheres cis mutantes identificáveis como corpos masculinos, seriam capazes de gerar e dar à luz, correspondendo ao que Julia Kristeva chama de "talento feminino".¹²¹ Depois de usar testosterona por seis meses, com a administração de 400 mg por mês, a pilosidade corporal e o timbre da voz se tornam irreversíveis. Por outro lado, interromper a administração de testosterona durante alguns meses é suficiente para a menstruação retornar e, com ela, o potencial de fertilização, de gravidez e parto (embora a barba e a mudança de voz se mantenham). A fertilização seria possível tanto por intercâmbio sexual de fluxos reprodutivos como por inseminação medicamente controlada. Sexo e *in vitro* são apenas duas tecnologias de reprodução culturalmente assistidas. Imaginemos, por exemplo, dois corpos masculinos, um tecno-homem que continua conservando uma vagina e um útero e um homem cis inseminando o primeiro por penetração vaginal

121 Julia Kristeva, "Female Genius: General Introduction", in *Hannah Arendt*, trad. Ross Guberman (New York: Columbia University Press, 2001), IX.

com um biopênis dotado de espermatozoides férteis (algo que parece cada vez mais raro na ecologia altamente tóxica contemporânea). Vista de fora, esta cena corresponde à estética da pornografia gay do século xx, mas, na realidade, ela ultrapassa o sexo gay e o sexo heterossexual e aponta a um futuro tecnossexo. Obviamente, como tecno-homem, também seria possível inseminar-se com um doador de esperma. Em todo caso, estaríamos diante de novas espécies de reprodutores tecno-homens pós-sexuais. E esse é o começo de novas perspectivas sobre lutas e ressignificações farmacopornográficas.

Desde que passei a usar testosterona, vejo os homens e as mulheres que passam todo dia do meu lado no metrô, no supermercado, no museu, como corpos cuja decodificação política foi abusiva e brutalmente determinada em função da quantidade de testosterona que produzem ou se administram. Enquanto espero na fila do cinema para ver *King Kong* com V. D.,¹²² divirto-me observando cada uma das figuras humanas no meu campo visual, aumentando ou diminuindo mentalmente seu nível de testosterona. Os homens cis parecem apenas mulheres mais ou menos testosteronadas às quais foi acrescentada uma mais-valia biopolítica, e que ouviram desde a infância: “Você vale mais do que elas; o mundo te pertence, elas pertencem a você, seu pau é dono de tudo”. As mulheres cis são apenas “homens” modificados cirúrgica e endocrinologicamente: mais ou menos sofisticadas redes de colágeno sintético, implantes de silicone e estrogênio ativo, mas ainda com falta de legitimidade biopolítica.

122 Virginie Despentes, *King Kong Theory*, trad. Stéphanie Benson. New York: Feminist Press, 2010 [Ed. bras.: *Teoria King Kong*, trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016].



9. TESTOMANIA

Uma semana atrás, durante uma noite de trabalho à base de Testogel, as barreiras cedem e finalmente consigo entender os detalhes dos estágios da formação de gênero — todo o caminho até a própria condição da sexualidade. Cada elemento encontra o seu lugar, os mecanismos se encadeiam:

Masculino x Homo x Sadô x Testosterona x Estrogênio
= Trans = (μ)

Feminino x Hetero x Masô x Estrogênio x Testosterona

Cheirar cocaína. Ingerir codeína. Injetar morfina. Fumar nicotina. Tomar Prozac. Engolir anfetaminas. Tomar Heptamyl. Beber álcool. Medicar-se com buprenorfina. Voltar para o *Special-K*. Picar-se com heroína. Esfregar novocaína. Chapar com gás do riso. Reincidir em *crack*. Fumar cannabis. Engolir *ecstasy*. Tomar aspirina. Aspirar cristais de metanfetamina. Tomar Bromazepan. Aplicar Testogel: farmacomania aristocrática.

Por que se incomodar mudando seu estado mental quando é possível mudar de *status* sexopolítico? Por que mudar de humor quando é possível mudar de identidade? Eis aqui a superioridade sexopolítica dos esteroides.

Trata-se de saber se o que queremos é mudar o mundo para experimentá-lo com o mesmo sistema sensorial que temos, ou se é preciso mudar nosso corpo como filtro somático da percepção através do qual passa o mundo. O que é preferível: mudar de personalidade e guardar o meu corpo, ou mudar de corpo e conservar meu modo atual de experienciar a realidade? Falso

dilema. Nossas personalidades surgem dessa defasagem entre corpo e realidade.

Poder feminino-orgasmos-adrenalina-extravagância-reconhecimento social-sucesso-glicose-aceitação familiar-inclusão-potência-tensão-camaradagem-ascensão econômica. Em um prazo de seis meses, esta é a mais-valia política que a ingestão de testosterona proporciona a uma mulher cis.

A testosterona é uma gratificação imediata, uma plataforma abstrata de produção de poder, mas sem a queda abrupta da coca, sem o buraco no estômago que vem após os efeitos do cristal, sem a grotesca autocomplacência que o Prozac desencadeia. Há somente outra droga como a testosterona: a heroína. Ambas são politicamente perigosas e podem levar à exclusão, à marginalização, à dessocialização — e, no caso da testosterona, ao câncer (como é o caso de quase todos os produtos industriais) e à perda de cabelo (um mal menor compensável com uma prótese).

Penso em me aplicar mais uma dose, desta vez a última — mais uma vez, a última. Estou me tomando uma testo-maníaca?

A partir da minha própria experiência, do meu próprio exercício de intoxicação hormonal voluntária, desenvolvo uma teoria (totalmente absurda) da atração heterossexual. Algo que para mim parece inexplicável desde que sou uma menina. Entender a heterossexualidade como uma tecnologia de “suplementação hormonal”, porque os meus ensaios me conduzem a essa teoria, dificilmente me fascina. É uma hipótese absurda que revela algo que acho inquietante. E se as mulheres cis chamadas de “heterossexuais” tentassem se esfregar nos homens (cis ou trans) para obter sua dose de testosterona por meio do suor dos seus parceiros? Algo simples assim. As moças cis se deitam

com os garotos (cis ou trans) para conseguir sua dose de T. através do atrito contra a sua pele. Isso permitiria explicar também por que as trabalhadoras do sexo se masculinizam progressivamente, por que desenvolvem mais pelo facial do que as mulheres cis assalariadas que trabalham, por exemplo, em caixas de lojas de departamento. Ao se esfregarem várias vezes ao dia no suor testosteronado de seus clientes, as trabalhadoras do sexo acabam aumentando a quantidade de testosterona em seu sangue. Tudo isso pode ser um delírio meu, o efeito no meu cérebro de um excesso de leitura endocrinológica — ou, talvez, uma explicação precisa do modo como um dos circuitos hormonais do nosso tecido político realmente funciona. Há duas possibilidades aqui: ou talvez eu esteja ficando louca ou talvez esteja possuída pelo seu espírito.

SEU ESPERMA E MEUS ÓVULOS

Eu te sinto ao meu lado como se você estivesse vivo. Lembro: você vem me buscar na minha casa na rue Jean-Pierre Timbaud. Você não sobe. Você não quer ver a socióloga porque te esgota. Segundo você, ela é como uma professora do interior que te pergunta o tempo todo se você fez o seu dever de casa. Você espera por mim no café que fica perto do Centre de Rééducation du Genoux. Pedimos dois cafés. Não estamos bebendo álcool. Estamos esperando para ver se há chances de conseguir um pouco de coca, cristal ou E. no bar aonde vamos esta noite. Você não está de bom humor. Não se barbeou, está com a mesma camiseta branca com um suéter de algodão azul e a mesma calça jeans que usava dois dias atrás. *Je te trouve sexe*. Você exala testosterona. Você me diz que faz

tempo que não trepa com ninguém. Que está virando lésbica. Eu, do meu lado, só consigo pensar em sexo. Embora também não esteja trepando com alguém no momento. Você toma dois cafés duplos, um atrás do outro. Peço um expresso com uma gota de leite, um *noisette*. Quando você fala comigo, você não me olha nos olhos. Você olha para minhas mãos, faz bolas com a toalha de papel e as atira em mim. Eu te digo para parar de me encher o saco. Eu te dou um soco no ombro, muito suavemente, um golpe seco, como que para te pedir que volte à vida. Falamos de misturar seu esperma e meus óvulos. Não sei como chegamos a essa conversa. Ninguém pediu nada a ninguém. Você está lendo *Regras para o parque humano*, de Sloterdijk. Se a explosão das duas primeiras bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, em 1945, marca o princípio de um apocalipse geopolítico, então o aparecimento de Dolly, a primeira ovelha clonada, marca o princípio de um apocalipse biológico. O humano não existe sob o signo do divino, você diz, mas, sim, do monstruoso. O humano é Humano©. Você se acha mais importante do que Heidegger, Habermas e Sloterdijk, e você é. Só eu estou à sua altura. Você e eu antecipamos o monstro futuro. Falamos de reprodução artificial. Você diz que isso não deveria se chamar reprodução, mas produção artificial: a fabricação de espécies inteiramente novas. Uma espécie composta de pós-judeus e pós-católicos, uma espécie dos que vêm depois da atual sexualidade bifurcada entre ser hétero ou homossexual, ser menino ou menina. Somos realistas. Seria preciso começar filtrando seu esperma soropositivo. Você diz que o procedimento todo, a análise, a filtragem, o congelamento, a inseminação, sairia caro demais para nós, que não temos esse dinheiro. Poderíamos pedir uma bolsa ao Centre National du Livre, explicando-lhes que queremos fazer

uma autoficção política sobre o processo de recombinação genética entre o seu esperma de aidético e os meus óvulos de sapatona trans. Levando em conta os litros de esperma que você ejaculou até agora, poderíamos verdadeiramente ter inseminado metade do planeta. Se você tivesse vendido seu esperma antes de se tornar soropositivo, agora teria alguma grana para pagar a filtragem e a inseminação. Ou poderíamos voltar a comprar uma amostra descontaminada do seu esperma. Mas, com certeza, antes de ter aids, você não teria se interessado em disseminar seus genes. Falamos de filtrar seu esperma para separar os espermatozoides portadores do vírus da aids dos não portadores. Separar as células fracas das fortes. As ruins das boas. Sei que me odeia por considerar a possibilidade da filtragem, embora seja você quem insista em que deveríamos fazê-lo desse modo. Você me odeia porque não sou capaz de te pedir esse esperma maligno sem pensar duas vezes, de te masturbar aqui mesmo e meter seu esperma contaminado na minha vagina; você me odeia porque, como você, eu tenho medo da morte. O que aconteceria se fosse um dos seus espermatozoides portadores da aids que contivesse o gene do futuro salvador do planeta? Perguntamo-nos se o desejo, a necessidade, a obsessão, a vergonha de filtrar seu sêmen é eugênica, se se deve eliminar uma potencialidade de vida porque é portadora de um vírus letal. Sim, esse desejo é eugênico — é — e no fundo nem você nem eu suportamos a ideia da reprodução. Nem da sua estirpe nem da minha. A paternidade e a maternidade sempre são um compromisso entre um nazismo eugênico e a compulsão por repetição. Mas o que é mais eugênico: produzir algo bom tecnologicamente, ou deixar que a vida enfrente a morte aos tapas até que uma das duas ganhe? No fim, se um dos seus espermatozoides portadores do vírus

conseguir fecundar um dos meus óvulos, se nossos cromossomos chegarem a se recombinar e se a célula desenvolvida chegar a se reproduzir formando um blastômero capaz de se implantar no meu útero testosteronado, então deveríamos considerar que ambas as células superaram com sucesso o teste da vida. Talvez o corpo que virá a salvar o planeta deva surgir deste ato absurdo e monstruoso, da possibilidade dos seus espermatozoides soropositivos nadarem até a vida que se esconde no meu corpo mutante. Canguilhem explica melhor que Sloterdijk: “Os sucessos são os fracassos atrasados; os fracassos são sucessos abortados. É o futuro das formas que decide seu valor. Todas as formas vivas são, para usar a expressão de Louis Roule em *Les poissons*, ‘monstros normatizados.’”

ÚLTIMAS BRIGAS

*Nam Idem velle atque idem nolle,
ea demum firma amicitia est.*²

SALÚSTIO

Passaram-se doze dias desde que você morreu. Eu te vejo sair de um açougue de Belleville. Exatamente seu mesmo bigode, o mesmo relevo da cicatriz sobre o lábio superior. Volto a te ver enquanto passeio com Justine pelo parque de Buttes de Chaumont: sua figura emerge de trás de um

1 Georges Canguilhem, *Knowledge of Life (Forms of Living)*, trad. Stefanos Geroulanos e Daniela Ginsburg. New York: Fordham University Press, 2008, p. 126.

2 “Querer e não querer a mesma coisa, isso é a amizade”. Salustio, *La conjuración de Catilina*, 20, p. 4.

arbusto, a mesma maneira de usar a calça jeans, o mesmo chumaço de pelo denso e preto que aparece pelo colarinho de sua camiseta branca. Seu fantasma escava minha memória e tira tudo o que encontra: você me chama. Vejo as letras do seu nome em azul brilhante abrir caminho na escuridão da tela do meu telefone. Não respondo. Espero que você deixe uma mensagem. É a sua voz. Sua voz é bem forte. E ela diz, "Oi, olááá, Preciado, por que você não atende o telefone? Você está me irritando, ok? Mas esquece isso, eu queria saber se você tem um livro para a coleção, você decide. Mas é isso, só isso. Te ligo. Vou te buscar na rue Saint-André-des-Arts. Comemos no café que fica na esquina com a rue Suger."

Não consigo decidir o que vestir para te ver. Passei uma hora no banheiro. Raspei bem a cabeça, completamente. Coloquei o suéter preto com decote v e os mesmos tênis que usei na noite em que saímos juntos, em que vi como um gorila peludo te dava o cu enquanto você gozava como uma gata de quinze anos. Corrigi várias páginas que escrevi durante os últimos dias. Eu te trago dois projetos, mas você nem olha para eles. Você me diz: "Por que você não faz um livro sobre essa história da zoofilia e da pedofilia da qual falávamos outro dia?" Você diz isso enquanto sorri para mim, subindo ligeiramente o lábio superior, sua cicatriz de lebre segurando seu lábio perto das gengivas, puxando o nariz ligeiramente para baixo quando você fala. Você não poderia se importar menos comigo. Não sei o que te responder.

"Você é um verdadeiro filho da puta. Um safado de merda." Eu te falo: "Da próxima vez, vai ser você quem vai me trazer uns lápis e umas folhas para que continue escrevendo livros radicais da prisão". Filho da puta.

Você quer acabar comigo. "Não se sinta tão importante", você me diz. "O que acontece é que você não tem colhões para escrever o livro."

Eu te digo que o que quero é escrever a história dos travestis do movimento dos anos 1970, a história das feministas lésbicas radicais, da Frente de Ação Homossexual Revolucionária, das “sapatas vermelhas” e do *commando saucisson*, as *petroleuses*, travestis e transexuais em torno dos quais emerge o movimento político sexual na França. As *camionneuses* e as garotas que rodeavam Hocquenghem. Eu te falo que conheci Hervé e que ele guarda grandes quantidades de arquivos dessa época, e que eu também esbarrei em três avós sapatonas desses mesmos anos que estão começando a perder a memória. Quase todos os outros estão mortos. Tem de ser feito rapidamente, porque em breve não sobrá mais ninguém.

Você quase não olha para mim quando falo com você — você se afasta, desenha planetas no seu caderno. Eu te digo que vou precisar de um pouco de grana. Que não vai poder ser como o outro livro. Que com quatrocentos euros não pago nem os cartuchos de tinta. Você diz: “Você está procurando confusão, você está pedindo isso”.

Você me diz: “Que caralho, o que você tem para dizer sobre essas viadagens?”

Você me diz que pensou que eu não era como as outras garotas, que o que me interessava era trepar, mas que agora você percebe que na realidade sou como qualquer outra lésbica, pronta para me tornar uma enfermeira política de qualquer pessoa com quem me encontro. Eu te digo que não sou lésbica, que sou trans, que sou um cara, que o fato de não ter um biopau de merda como o seu não significa que não seja um homem. Eu te digo: “Deixa de me tratar como escória simplesmente porque você acha que eu sou uma menina”. Você me diz que eu te incomodo, te dou pena, vergonha, que não conte contigo para publicar essas viadagens, que o que eu tenho que fazer é chamar

a revista *Têtu* e escrever uma reportagem. Você diz isso enquanto morre de rir. Não quero contrariar você. Não quero me chatear com você, porque se você não publicar os meus livros, quem irá? Mas realmente te odeio pela maneira como você fala comigo.

A última vez que te vejo vivo. Jantamos na casa do Tim e do Philippe. Você quer me dar uma antiga jaqueta sua. Você me diz, meio rindo, que esse estilo vai bem para as lésbicas dos anos 1980. Você é um merda. Você me fala, como se falasse para você, que você está acabado. O que isso faz com você, ser ofuscado pela Marcela Iacub? Você não é nada mais que um patético idiota, você está acabado, morto.

PERDAS

Depois de me aplicar 250 mg por mês durante dois meses, bruscamente começo a ter perdas constantes de sangue. Como pequenas hemorragias marrons e espessas que mancham toda minha cueca. Nada em particular me dói, mas me incomoda a presença desse sangue escuro e gelatinoso entre as pernas. Penso que esse é o preço que eu, nem-mulher-nem-homem-nem-transexual, tenho de pagar pela minha dependência da testosterona.

Vou a uma ginecologista. Explico-lhe a história das perdas de sangue. Digo-lhe que estou tomando entre 50 mg e 100 mg de testosterona por semana. Não lhe digo que às vezes é mais, que às vezes é menos.

“Como método contraceptivo? Mas você sabe que já existem métodos mais seguros?”, ela me responde.

Talvez porque você e eu não tenhamos gerado o salvador do planeta, ultimamente, depois da sua morte, surpreendo-me a mim mesma desejando o fim da espécie

humana. Nem a melhoria nem o progresso, mas simplesmente o fim, a ruptura da nossa cadeia vivente. A sua morte é o sinal da chegada do que alguns cientistas já qualificam como a “sexta extinção”.³ Tudo começa com as bactérias, mais de 2,7 bilhões de anos atrás: ao romper a molécula de água para produzir o hidrogênio que precisavam para formar seus componentes celulares, as bactérias produzem uma grande quantidade de oxigênio. Esse oxigênio, no início altamente tóxico, corrosivo e inflamável, modificará a composição da atmosfera do planeta e permitirá a longo prazo o surgimento da vida animal sobre a Terra. Há 435 milhões de anos, com a primeira extinção, uma longa glaciação exterminou quase toda a vida marinha. Sobreviveram as bactérias e seu sistema de produção de oxigênio. Um milhão de anos depois, na segunda extinção, boa parte dos peixes e invertebrados marinhos desaparecem de novo. Novamente sobrevivem as bactérias. Outro milhão de anos depois, na mais extrema das extinções, quase todas as espécies marinhas e terrestres desaparecem. Sobrevivem as bactérias. Há 210 milhões de anos, um bom número de espécies marinhas volta a sucumbir, e a extinção dos primeiros mamíferos dá início à era dos dinossauros. Há 70 milhões de anos, na quinta extinção, desaparecem os dinossauros. Mais uma vez, sobrevivem as bactérias. Pouco a pouco, pequenos mamíferos se espalham pelas placas terrestres à deriva e peixes voltam a povoar os oceanos. Estou em dúvida entre me suicidar; tornar-me um *serial killer*; dedicar minha vida ao desenvolvimento transmoral da humanidade como espécie, isto é, à sua mutação intencional; ou fundar uma

3 Niles Eldredge, *Life in the balance. Humanity and the Biodiversity Crisis*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000, pp. 171-176.

força armada transfeminista que tenha por missão atacar indiscriminadamente tudo aquilo que se ponha pela frente, sem distinção. E tudo isso por amor, por caridade planetária. Gradualmente, aprendo a apreciar a sua ideia de contaminação aidética universal como culminação estética do destino *punk* da nossa espécie. Mais uma vez, Canguilhem: "Sabemos que as espécies se aproximam do seu fim quando avançam irreversivelmente por direções inflexíveis e se manifestam da forma mais rígida".⁴ Nós nos preparamos para uma nova era da hegemonia das bactérias. Enquanto isso, avançamos na multiplicação do humano em uma estreita convivência com os vírus: a pólio, a aids, a gripe aviária. Eu me interesso pelo político como um vírus forçosamente se interessa pela epidemia. Eu me interesso pela questão do feminismo como a Terra se interessa pela bactéria. Desafiar as construções rígidas do gênero e as formações calcificadas da sexualidade só é possível mediante a uma proliferação viral, mas ao mesmo tempo por meio de uma sobrevivência bacteriana. Em cada frente, em cada espaço. Meu corpo: o corpo da multidão.

FRUSTRAÇÃO VICIANTE

Gostaria de ter caído em alguma dependência, ter a segurança de poder agarrar-me definitiva e quimicamente a alguma coisa, a uma substância. No fundo, esperava que a testosterona fosse essa substância. Prender-me não a uma subjetividade, e sim à modificação que a ingestão de um objeto sem vontade produz no meu organismo. Não depender de ninguém para essa ingestão. Confrontar

⁴ G. Canguilhem, *Knowledge of life*, op. cit., p. 125.

minha vontade com um objeto que carece de vontade. Meu desejo por um objeto que carece de desejo. Saber que os *termos* desse acordo estão entre mim e uma substância inanimada. Saber que existe uma molécula no mundo exterior que poderia vir a fazer parte do meu metabolismo afetivo, uma molécula que poderia livrar-me do peso, do som, do sabor, da cor da realidade pura. Até agora nunca pude me prender a nada. Nem ao tabaco, nem à coca, nem à heroína — a nada. Eu me pergunto se poderei me prender à testosterona. O que sei com toda certeza é que, em um nível molecular, a batalha do vício já começou.

Acordo ao seu lado. Antes de abrir os olhos, ouço sua voz. Ela me conta uma história sobre ser heterossexual. Todas as manhãs, as meninas chupam seus homens para deixá-los contentes, para que não fujam do seu lado. Os boquetes das meninas são performativos: elas produzem masculinidade para os homens que elas supostamente devem chupar, eu respondo. Então, ela desliza uma perna entre as minhas pernas, posiciona sua cabeça sobre a minha pelve e enfia a língua no meu sexo.

Ela me fala da dificuldade que representa para uma mulher que até agora sempre foi heterossexual detectar a excitação em um corpo sem biopau. Ela diz: "Como estar segura de que a outra pessoa te deseja?" Eu nunca tinha pensado nisso. Nunca havia pensado em como um pau em ereção facilita a decodificação do desejo. Um pau em ereção parece dizer: "Você me deixa duro, eu vou te comer, vou ejacular". Ela me fala de como ficou frustrada na primeira vez em que fez amor com uma mulher. Diz que agora entende melhor os homens, sua fragilidade frente a um desejo que carece de sinais anatômicos visíveis, como se nos corpos sem um biopau erétil sempre houvesse a possibilidade de uma falha na detecção da

excitação, de uma decepção última dos sentidos. Como se, para os corpos desprovidos de um apêndice erétil visível, houvesse a possibilidade de dissociar linguagem e anatomia. ("Gosto de você, você me excita, mas essa excitação só eu conheço, você não saberá nada, não poderá detectá-la contra a minha vontade".) Nos corpos sem um apêndice erétil visível, o desejo existe em um espaço poético de indeterminação, em uma jurisdição sexual que se expressa como conhecimento internalizado antes de se tornar visível. Estranhamente, os patriarcas da heterofilosofia, como Nietzsche⁵ ou Otto Weininger⁶, teriam pensado que esse território próprio da feminilidade era o espaço no qual se podem instalar o desconhecimento, a pretensão e a falsidade. Seria mais apropriado falar de uma hiperconsciência, de uma forma de saber que tem o poder de decidir se quer ou não se exteriorizar por meio de uma representação. Esse conhecimento do desejo antes que possa ser detectado como uma ereção abre possibilidade para o sexo como ficção, como potencialidade. Na sexualidade lésbica, os sinais da excitação são lidos sobre uma cartografia anatômica expandida: o olhar, o movimento das mãos, a precisão do tato, o grau de abertura da boca, a quantidade de suor ou umidade. Lembro que na primeira vez em que transei com um cara cis seu pau me pareceu um objeto secundário de motricidade involuntária, cujo funcionamento não podia ser um indicador fiável

P
A
C
=
RE
PRE
SEN
TA
ÇÃO

5 Paul Patton (ed.), *Nietzsche, feminism and political theory*. Londres: Routledge, 1993; Peter J. Burgard (ed.), *Nietzsche and the feminine*. Charlottesville, VA: Virginia University Press, 1994.

6 Otto Weininger, *Sex and Character: An Investigation on Fundamental Principles*, eds. Daniel Steuer e Laura Marcus, trad. Ladislaus Löb. Indianapolis, IN: Indiana University Press, 2005.

do desejo ou da excitação. Ao contrário. Eu tinha a impressão de estar diante de um significante impostor, de um resto biopolítico ancestral cuja presença apenas era capaz de eclipsar o lugar de onde o desejo realmente emerge.

TESTOMANIA

A relação com a testosterona se transforma quando você sai do âmbito de um protocolo médico e jurídico de mudança de sexo. Em um protocolo médico, *mudar de sexo* deve ser decidido de uma só vez e de forma definitiva: implica uma única decisão. Mas, na realidade, as coisas são muito mais complexas. Não quero mudar de sexo, não quero me declarar disfórico sobre nada, não quero que um médico decida qual é a quantidade de testosterona por mês que me convém para mudar de voz e ter barba — não quero extrair os ovários nem remover os seios. Mesmo que eu não queira procriar, não quero minhas células reprodutivas sequestradas pelo Estado, não quero meu útero confiscado pelo complexo médico-industrial. Não há uma direção predefinida na mudança que a testosterona inicia em mim. O que sei é que, antes de tomar testosterona, minha voz não é uma voz de mulher, meu rosto sem pelo não é um rosto de mulher, meu clitóris de menos de dois centímetros não é um órgão feminino. Já que a feminilidade é simplesmente uma ficção biopolítica, uma variável em um regime de poder que não pode derivar-se da forma anatômica ou da função reprodutiva, não preciso de permissão da Monarquia espanhola ou da República francesa para me injetar testosterona. Reivindico a pluralidade irredutível do meu corpo vivo: não do meu corpo como “vida nua”, mas a própria materialidade do meu corpo como local político de ação e resistência.

Eis o problema: fora do contexto institucional definido pelo Estado, a testosterona deixa de ser parte de uma terapia de substituição hormonal e se torna apenas uma droga ilegal, como a cocaína ou a heroína. Em termos médicos e legais, devo admitir as consequências da minha rejeição ao protocolo: estou viciada em testosterona.

A minha relação com V. poderia ser definida deste modo: dependência de Despentes. Minha relação com T. poderia ser definida deste modo: T-dependente. Inclusive quando estou com elas. Especialmente quando estou com elas. *Vinculada*. Parece evidente que minha relação com V. pertence ao tipo de codependência categorizada sob a forma de vício. *Dependência*. Achei minha droga e, como todas as drogas, ela se encontra ao mesmo tempo perto e inalcançável. É possível pensar que qualquer tipo de relação amorosa causa, de algum modo, certa dependência. Mas eu não acredito nisso. Não me aconteceu outras vezes. Sei por experiência própria que há formas de amor que funcionam segundo o modelo de um sistema de retroalimentação satisfatório. Como é que saberei se este amor, este e não outro, corresponde ao modelo dependente e não ao do mecanismo cibernético da satisfação? Primeiro, há uma relação assimétrica entre ingestão — ou presença do objeto desejado — e satisfação. Segundo, porque a satisfação toma a forma da falta. Bem ali onde a satisfação deveria ter lugar, emerge a frustração. Quando a beijo, penso que quero beijá-la; quando falo com ela, penso que preciso urgentemente falar com ela. Quando a espalho sobre minha pele, penso que quero espalhá-la sobre minha pele; enquanto meu corpo a absorve, penso que quero absorvê-la, uma e outra vez. O instante presente, o momento de assimilação, não tem importância frente à imperiosa necessidade do

que deve vir logo depois. Mais, mais, o mais rápido possível. Um momento depois, o desejo será ainda mais intenso e, depois, mais e mais. O desejo não se destrói, mas transforma-se, passando a estado inconsciente por meio do cansaço e do sono. Desejo continuar desejando, sem qualquer possibilidade de saciedade. Poucas substâncias me levaram a ultrapassar esse limiar viciante. O álcool nunca me interessou. Durante uma época, costumava usar cristal: superpotente para o cérebro. Comecei a falar francês fluentemente, em uma noite, graças a uma overdose de cristal. Talvez o meu sotaque não tenha se modificado, mas minha capacidade de utilizar o vocabulário e minha relação com a gramática aumentaram radicalmente: foi como atingir um novo grau de consciência em outra língua. Eficaz, mas de uso ocasional. Mal usei coca, *ecstasy* ou *speed*; ou melhor, eu uso muito raramente, apenas naqueles períodos em que volto para Barcelona ou Madri (as metrópoles espanholas são intransitáveis sem certa dose toxicológica), mas apenas nesses casos. Essas são drogas-cidade, com a carga molecular apropriada para coabitar e se comunicar em uma localização urbana específica. Meu metabolismo nunca aceitou qualquer substância de substituição compensatória. Minhas únicas drogas, em todas as suas variáveis românticas ou anônimas, são a testosterona e o sexo — fazendo parte, assim, de um círculo de produção mútua. Ambas me afetam na medida em que podem me fazer entrar em contato com o amorfo, com o que carece de forma ou o que imagina uma forma para o disforme, o que produz desejo sem satisfação possível. A identidade de gênero e o prazer estão fora do horizonte do possível.

Hoje, sem percebermos, deslizamos para um desses abismos aos quais voltamos regularmente a cada dez ou doze dias. Entre duas doses de T. Essa alienação cíclica

em que entramos poderia se transformar em uma de nossas rotinas, uma chave de estabilidade. É por meio dessas microrrupturas, de afastamento preventivo, que a relação sintomaticamente viciante se destrói e se regenera. Para sermos exatos, seria preciso dizer que ela desce sozinha até essas cavidades para as quais me arrasta com seus olhos de menina hiperativa, de roqueira inconsolável que não sabe se acaba de cometer um assassinato ou de compreender que será irremediavelmente assassinada. A tristeza de seu olhar reside exatamente na tensão dessa dupla possibilidade. Afirmo que ela parece ser a força motriz deste movimento para o fundo, mas quem sabe se não sou eu que descí e a arrasto até ali com entusiasmo e amabilidade extremos? Esses vazios são necessariamente líquidos; ela chora, se enfia em um banho quente, começa a lavar roupa. Essa tristeza é fetal, pré-sexual, prematura. O dia em que isso acontece é o mesmo dia em que tenho de ir fazer um exame de sangue. No fundo, há algo que flui, que circula em um espaço contido, mas que poderia se derramar. Nesse estrato, os sentimentos se encontram em estado gelatinoso, justo antes da evaporação e da transformação das dissoluções carbonadas em corrente elétrica. Esse é o estado do sangue, da água, do sêmen, da secreção vaginal, da saliva, da urina, dos líquidos raquidianos e amnióticos, da infusão em que o cérebro flutua; mas também daquilo que se acaba de ingerir, do gel, dos alimentos estranhos ao corpo durante o processo de assimilação estomacal, justo antes de ser transformado em matéria fecal. *To fall in love*, apaixonar-se, disse Derrida, é cair em uma topografia precisa, aceder por desprendimento ou desmoronamento até um estrato particular do ser, do corpo, da cidade, do planeta, da evolução, das espécies. É ali onde acontece a conversão de escalas: amor do ser, amor carnal, amor urbano,

amor terrestre, amor geológico, amor animal, amor interes-
pécies. Não é preciso pensar aqui em um rito heideggeriano,
de maneira alguma. Falo de uma arquitetura. Não de uma
revelação ou de um desvelamento do ser através de uma
iluminação exata, nem de fazer a realidade emergir sob a
claridade de uma lâmpada. Não estou falando disso. Estou
falando de uma percepção tátil, que acontece no escuro, de
tocar o fundo forçosamente com o ventre, arrastando-se
sobre uma massa viscosa. Não há iluminação e, sim, escura
apalpação. Falo de descobrir a superfície de uma interiori-
dade com a sua pele. Trata-se de um retorno à vida ciber-
reptiliana, ao mesmo tempo uma regressão e uma forma
de saborear a verdade eletricamente viscosa do ser. Sem
mais inalações longas, porque ainda não estamos no estado
em que o ser nos é dado de forma etérea. Não nos resta
outra solução a não ser chupar o ser. Dar uma chupada no
ser como único modo de conhecimento e de apreensão. E
é aí que o segredo da dependência revela sua aritmética.
Não há luz nem oxigênio, não há meios de respiração do
ser, não há possibilidade de encontrar qualquer satisfação
óptica ou pulmonar. É uma questão de diâmetro, textura e
fluidez. Uma vez que estamos em uma dessas depressões
gelatinosas, sair é tão difícil para mim como para ela. Há o
mesmo grau de ansiedade, a mesma tristeza. Não há níveis
no fundo, porque o fundo é apenas isso: o fundo. Estamos
trancadas em uma arquitetura mônada, unidade singular.
Encontrar a saída significa simples e fodidamente modifi-
car o chão, solidificar os sentimentos líquidos para poder
ter pé, ou evaporá-los para poder respirar neles. É tempo
de compreender que a transubstanciação de afetos não
ocorrerá hoje, e o único recurso é chamar A. S. Ninguém
é mais rápido do que ele. Ele veio pela primeira vez no
último dia do ano de 2005, como para encerrar um tempo e

inaugurar outro. Ele atende ao chamado como um médico de pronto-socorro, em menos de dez minutos. Ele se ocupa de um conjunto de grupos de música, um pouco de tudo, *rock*, *heavy metal*, *hip hop*, música afro-brasileira. Nos momentos livres, ele se dedica também a acalmar vícios em domicílio em um tempo recorde. Sua chegada modifica imediatamente o chão lamacento em que nos arrastamos. A campanha toca, Justine late, ele coloca um pé no apartamento e nesse mesmo segundo tudo perde peso e começa lentamente a ficar mais leve. A. S. gosta de falar, por isso é bom colocar um filme ou colocar um disco no máximo, para colocar um limite à sua desorientação verbal. A campanha toca de novo. P. E. e E. N. trazem um violão novo, do qual é preciso trocar as cordas. P. E. tira os óculos escuros, pede a E. N. um alicate e, enquanto pragueja contra os Papa Roach, entoando *Sex my Money* rindo da melodia, corta as cordas uma a uma. As fibras pulam como velhas serpentes elétricas das quais se tivesse arrancado a cabeça. Como um cego, P. E. acaricia o violão. Aproxima-o da cabeça, passa os dedos, exige a proximidade máxima entre sua pele e o braço do violão. As cordas novas se movem entre seus dedos como jovens cobras a ponto de ser domesticadas: parecem procurar sozinhas os buracos das cravelhas. As serpentes reconhecem o tato do *rock* e encontram seu caminho em direção à música. Ele as prende com precisão, sem olhar; é impossível imaginar uma compaixão mais perfeita, uma devoção mais sincera do que a existente entre essas cordas e seus dedos. A. S. prepara um baseado de erva pura e começa a falar. Eu me escondo no banheiro para me aplicar uma dose de T., enquanto V. põe um documentário sobre o festival de Monterrey nos anos 1960; a voz de Janis Joplin abre um canal universal de vibração musical e, de repente, o amor se torna respirável.

TRANS OU JUNKIE

As coisas estão assim, será preciso fazer frente a elas: se não aceito definir-me como transexual, como “disfórico de gênero”, então deverei admitir que estou viciado em testosterona. Assim que um corpo abandona as práticas que a sociedade em que vive lhe autoriza como masculino ou feminino, ele caminha progressivamente para a patologia. Essas são as opções biopolíticas que me são oferecidas: ou me declaro transexual ou me declaro dependente de drogas e psicótico. No estado atual de coisas, parece mais prudente declarar-me transexual e deixar que a medicina acredite que possa propor uma cura satisfatória para o meu “transtorno de identidade de gênero”. Nesse caso, deverei aceitar que nasci em um corpo com o qual não me identifico (como se o corpo fosse um material dado, que existe antes da ação linguística ou política) e declarar detestar meu corpo, meus órgãos reprodutivos e minha forma de atingir um orgasmo. Será necessário reescrever minha história, modificar qualquer elemento que pertença a uma narração feminina. Terei de espalhar uma boa série de mentiras bem calculadas: sempre odiei Barbies, detesto meus seios e minha vagina, sinto horror diante da penetração vaginal, meu único modo possível de ter um orgasmo é com um dildo. Tudo isso poderia ser parte verdade e parte nonsense. Em outras palavras, terei de me declarar doente mental, confirmando assim os critérios fixados pela *DMS-IV*, a quarta edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* da Associação Americana de Psiquiatria, em que, desde 1980, a transexualidade aparece como doença mental, assim como o exibicionismo, o fetichismo, o frotteurismo, o masoquismo, o sadismo, o travestismo e o voyeurismo...

assim como quase tudo o que não é a sexualidade reprodutiva heterossexual e seu sistema de gênero binário.*

Se não aceito esta classificação médica, então entro clara e definitivamente no terreno irrecuperável da psicose. Ou melhor, seria preciso dizer que tenho de escolher entre duas psicoses: em uma (transtorno de identidade de gênero), a testosterona aparece como um fármaco medicinal; em outra (dependência), a testosterona acaba sendo a substância cuja dependência deve ser curada por outros meios. Entro em uma armadilha política. O problema é que essa armadilha tem a forma da minha subjetividade: é meu próprio corpo político. Mas, como é que podemos deixar para o Estado a gestão do desejo, da fantasia sexual, do sentido material de habitar ou não o próprio corpo? Eu sou um corpo? Ou deveria perguntar, eu sou o corpo-do-Estado? Se me autoadministro certas doses de testosterona, correndo o risco de desenvolver pelo facial, de ver minha voz se tornar cada vez mais rouca, ou de aumentar o tamanho do meu clitóris sem pensar em viver social e politicamente me identificando como homem, eu me torno inevitavelmente louca. Não poderei descer diretamente à farmácia para buscar as minhas doses de Testogel. Terei de pedir a D. que me mande uma ou duas caixas de Londres, ou terei de comprá-las no expressdrugstore.com ou no mercado negro do esporte e aceitar o que me derem. Se possível, será uma testosterona fabricada na Europa ocidental e não uma dessas variações sintetizadas dos países do Leste Europeu para os esportistas de elite ou fisiculturistas, que poderiam me provocar taquicardia durante vários dias. Prefiro não pensar nisso. Esta semana vou adiar a dose. Não vou administrá-la até a próxima quarta-feira.

VOUCHER

Desde que compreende que um dia será minha puta, distancia-se como se para aproveitar os últimos momentos de liberdade condicional. À base de 200 mg de T. por semana, é difícil aguentar três dias sem trepar com ela. Penso em ir embora para evitar ser pego em sua teia bioquímica. Ligo para ela para dizer que não tem mais de se preocupar com infidelidade, sobre tomar decisões e me amar de volta. Vou embora para passar alguns meses com D. em Los Angeles. Na realidade, não menciono nenhuma dessas palavras, nem *infidelidade*, nem *decisões*, nem *amar*. Só digo que talvez seja mais fácil que eu me vá por um tempo; pensei em dar a ela um *voucher*, "fica pra próxima", talvez seja melhor assim. D. vai visitar J. e com certeza pode encontrar um apartamento para que eu alugue em West Hollywood. Lá será mais fácil encontrar testosterona, discutir com outros trans hormonizados e não hormonizados. Mas com certeza volto. Pelo menos para a Europa. Tenho de ir a Barcelona em fevereiro, então é possível que passe por Paris. Ela fica calada por um momento e depois responde que Los Angeles é sua cidade favorita. Ela me fala das palmeiras. Eu não consigo me concentrar no que ela está falando. Minha vida se estende diante de mim como um caminho que se bifurca: de um lado, as palmeiras de Los Angeles; de outro, v. Dois caminhos salteados por doses de T. Não é como se eu estivesse paralisada nessa encruzilhada. Não. Fui eu que pensei em ir a Los Angeles, que inventei um caminho que não existia antes, que dei os primeiros passos que, inevitavelmente, me afastam dela. Nos Estados Unidos, durante os anos 1950, nos cinemas ao ar livre em que os filmes eram vistos em carros conversíveis, quando chovia e tinham de cancelar a projeção,

os organizadores davam aos espectadores *vouchers* para que pudessem voltar de graça em uma noite estrelada. Um *voucher* é um embrião de tempo congelado, uma possibilidade vital que pode ser ativada de forma artificial em um contexto favorável, em um *déjà vu* amoroso que pode ser intencionalmente controlado.

Ela me liga dois dias depois. Quer viajar para o sul da França, para Vauvert, para escrever um livro sobre seu estupro, sobre sua época de prostituta, sobre por que o século XXI será feminista ou não será. Ela que ir rumo ao sol. Desisto. A arrogância da testosterona não resiste a afeto puro. Vou com ela.

BABY CARCASS

Viajamos juntas para o sul. Ela muda de corpo e de rosto várias vezes por dia. Eu mudo de língua para seguir o fluxo. Ela pede que eu fale com ela em espanhol enquanto trepamos. Digo no ouvido dela: "*Lo que tú quieres es que yo te folle como a una perra*" ou "*Tu piel es tan suave*".⁷ Não importa. O que a excita é minha voz em espanhol, diz. Eu me lembro dos dias incrivelmente felizes que passamos, de cada vez que estamos juntas no carro, com a música de fundo no máximo, enquanto a vejo dançar no quarto, quando percorremos o labirinto da catedral de Chartres. Mas tudo pode mudar de um momento para o outro. Tudo muda definitivamente quando ela me fala que pretende se suicidar quando fizer quarenta anos. Um ano atrás, ela passou o Natal com P. e M. Agora, ela diz, carrega um filho

7 "O que você quer é que eu te coma feito uma cachorra" ou "Sua pele é tão suave". [N.T.]

morto nas costas. Passeia com um peso nas costas como as mãos antilhanas de Barbados, mas com a diferença que o seu filho com P. está morto. Ela carrega um pequenino cadáver agarrado aos seus ombros. Eu poderia ficar arrastada, mas não fico. Poderia abraçá-la ternamente, mas não o faço. Não sou uma estrela do *rock*. O estresse altera os níveis hormonais. A testosterona altera a resistência ao estresse. Preciso de uma dose, mas já passei das 250 mg semanais. Fecho os canais do pensamento periférico, evito a cognição nefasta: se ela quisesse verdadeiramente se suicidar, não esperaria até fazer quarenta anos. *Quid moraris emori*. Seu suicídio nasceu morto, como seu filho com P. O suicídio adiado se chama depressão. Se tem data e ritual é porque a vida ainda tem sentido para ela. Porque ela é V. D. Senão, ela se suicidaria hoje mesmo. Esta noite. Aqui mesmo em Vauvert, no meio dos pântanos da Camargue. Se fosse comigo, eu acabaria com tudo aqui de uma vez por todas. Abriria a janela para que entrasse o mistral, abriria as torneiras que levam água quente até a banheira, abriria uma caixa de Lexomil, me daria uma última dose de T., abriria a boca para beber, abriria caminho até meu esôfago afastando a língua, abriria as veias que levam até o coração, abriria as células pelas quais deve entrar o veneno, abriria as cadeias de carbono, de sódio, os receptores de opiáceos. Para ela, os canais que levam a alma até a terra onde vivem os mortos estariam abrindo, e seu filhinho, recém-nascido, viria para recebê-la. Esse seria um final sublime para essa história, mas ela quer nos fazer esperar outros quatro anos. Então será tarde demais. *Difficile est longum subito deponere amorem*. Não quero escutá-la. Não quero ouvir as merdas que ela tem para me dizer sobre P., sobre o filho morto, sobre sua incapacidade de sentir amor por mim e por qualquer um que não seja esse

diminuto cadáver. Não quero. Só quero que você vá tomar no cu, que a gente vá tomar no cu, que explodam o cu de nós três: o dela, o meu e o do bebê morto.

SARAH

O caminho que leva da casa de escritores de Vauvert à praia de Saintes-Maries-de-la-Mer é um paraíso vegetal sobre o qual se estendeu uma língua de asfalto. É um parque natural habitado por novas espécies tecnovivas: castores, águias, touros bravos, cavalos brancos, bandos de flamingos vermelhos e carros. Os automóveis deslizam sobre o único tapete cinza como ciberpredadores que aspiram a eliminar toda a concorrência entre os pré-históricos organismos móveis e os novos agregados super-rápidos do homem-máquina. No ciberparaíso de Vauvert, o homem-automóvel se tornou um organismo complexo que habita e consome como qualquer outro animal.

Os castores nadam agilmente no rio, submergem sob os arbustos afundados na água, agitam a silhueta peluda e, atraídos pelo peso metafísico da outra margem, pelo desafio que supõem sair desta vida aquática para dirigir-se à vida seca, empurrados pela tentação da separação tecnológica, tiram a cabeça da água e colocam a primeira pata no asfalto. No chão, o corpo peludo se torna torpe, a cauda pesada, os olhos, ainda cobertos por uma película líquida, mal veem agora a outra margem. Os automóveis zigzagueiam tentando agarrar esse volume viscoso sob os pneus. Às vezes batem neles em cheio, fazendo com que as tripas e o sangue explodam.

Os habitantes locais acusam o castor de ser um imigrante ilegal (originário dos rios da América do Sul e

introduzido na Europa no século XIX) que se reproduziu sem medida, contaminando o equilíbrio do ecossistema da Carmargue, e se animam a eliminá-lo sem piedade. O castor se parece com o corpo árabe da periferia de Paris, com os *espaldas mojadas*⁸ de Tijuana, com os africanos que nadam até Gibraltar. Eles atravessam para sobreviver. Deixam suas peles sob as rodas. As águias voam em círculos sobre os carros. De certa forma, a águia transforma o carro em sua prótese de caça. Depois da passagem do carro, destripado sob o sol implacável de inverno, o castor oferece suas deliciosas tripas de estrangeiro para a águia nativa. Não fotografo a cena. Não quero incluir a câmera, último tecno-olho, nesse rito ciberecológico. As pegadas químicas que a águia e o castor deixam na minha memória são suficientes.

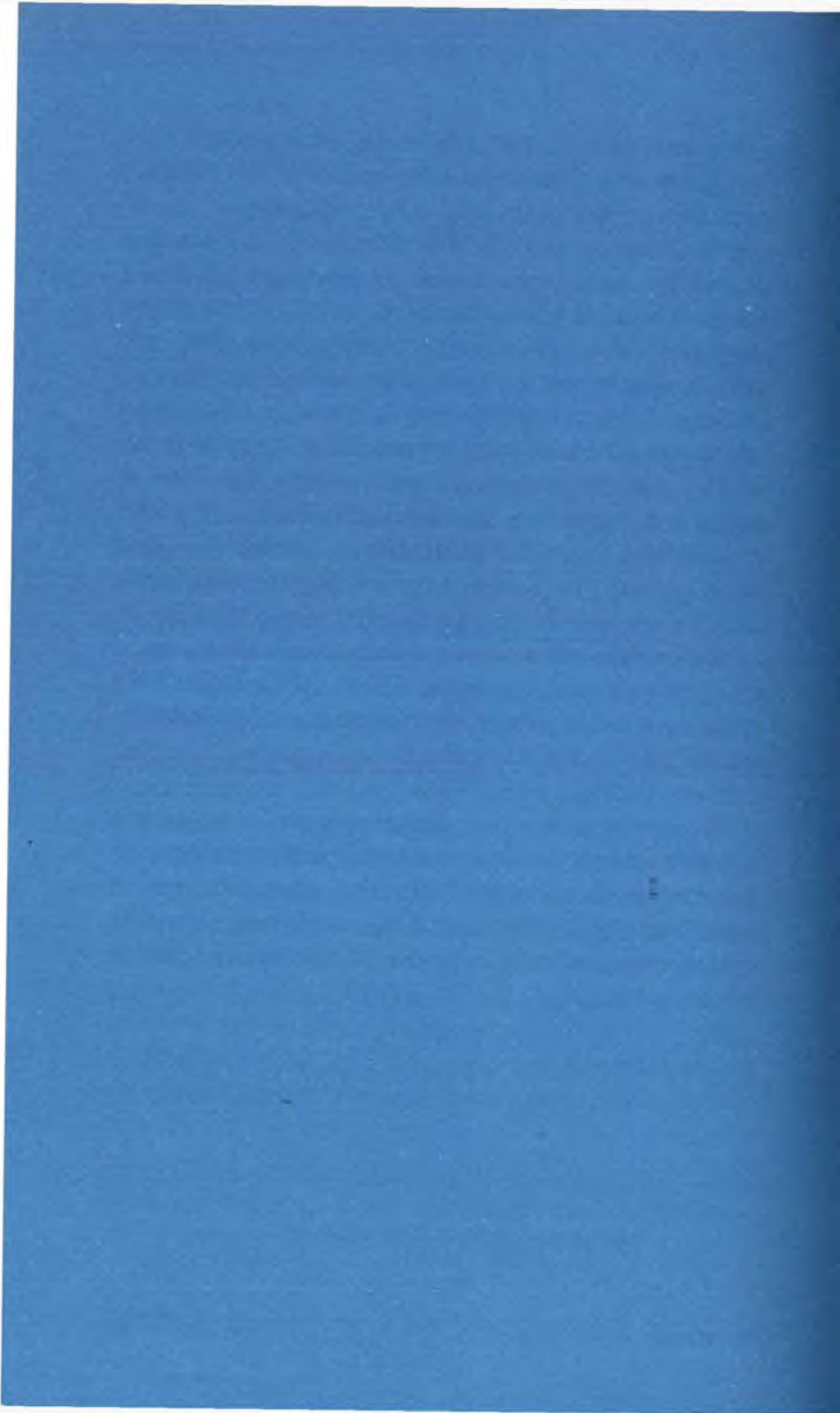
Em 1888, Van Gogh passou cinco dias na praia de Saintes-Maries, no Hôtel de la Poste. Pintou quatro barcos sem velas, sem timão e com os remos guardados, encalhados nas dunas de areia, e outros dois barcos com velas estendidas se afastando sobre a água. Sobre um dos barcos Van Gogh escreveu a palavra *amizade*. V. e eu vamos até Saintes-Maries-de-la-Mer quase todo dia de carro. A igreja foi construída provavelmente sobre um antigo templo pagão dedicado ao deus egípcio Rá, o pai do Sol. As Santas Marias do Mar são duas meninas em um barco. Como os barcos de Van Gogh, elas parecem flutuar à deriva sobre as ondas gigantescas e espumosas do Mediterrâneo. Cada uma segura uma caixa dourada nas mãos. Mas o que levam?

8 "Costas molhadas", termo usado para se referir aos imigrantes ilegais nos Estados Unidos. Sua origem remete àqueles imigrantes que chegavam ao Texas, via México, atravessando o rio Grande. [N.T.]

Na cripta de Saintes-Maries-de-la-Mer está Sarah, também conhecida como Sarah, a Negra, Sarah-Kali, Sarah, a nômade, a empregada negra das Santas Marias ou a deusa egípcia; Sarah, a padroeira dos ciganos. V. e eu descemos para vê-la. Levamos duas urnas vazias, uma cada. Sarah é uma cabeça de porcelana negra vestida com mais de cinquenta túnicas douradas, vermelhas, verdes, brancas, azuis, bordadas com fios de ouro. Seu cabelo preto de porcelana está escondido sob as túnicas que transformam a estátua em um único vestido grosso de milhares de capas sobre o qual repousa uma cabeça coroada de brilhantes dourados e cristalinos. Em sua urna vazia, v. leva o filho que não teve com P. Sob a forma de uma relíquia, eu levo o pau que não tive de cortar para ser quem sou, o mesmo pau que não terei de me enxertar para ser quem sou.

Não há dois sexos e sim uma multiplicidade de configurações genéticas, hormonais, cromossômicas, genitais, sexuais e sensuais. Não há verdade empírica do gênero, do masculino e do feminino, fora de um conjunto de ficções culturais normativas.

Na opinião de Van Gogh, a esplanada da Camargue que leva até Saintes-Maries pareceu uma planície da Holanda, mas com uma luz diferente. Para mim, parece a mesma luz espanhola que ilumina uma planície diferente, o mesmo sol egípcio aquecendo as costas dos castores imigrantes do terceiro milênio.



10. PORNOPODER

Vendo frustração, não alívio.¹

LYDIA LUNCH

O IMPERATIVO PORNOGRÁFICO: FODE-TE A TI MESMO

1. A pornografia é um dispositivo masturbatório virtual — literário, audiovisual, cibernético... Enquanto indústria cinematográfica, tem como objetivo a masturbação planetária multimídia. O que caracteriza a imagem pornográfica é sua capacidade de estimular, independentemente da vontade do espectador, os mecanismos bioquímicos e musculares que regem a produção de prazer. Destacando esta capacidade da imagem pornográfica para ativar-se no corpo do espectador, Linda Williams define pornografia como “imagem corporalizada” (*embodied image*), uma imagem que se incorpora como corpo e capta o corpo no “encontro com um dispositivo tecnológico erotizado”.²

2. A pornografia é a sexualidade transformada em espetáculo, em virtualidade, em informação digital. É a

1 Lydia Lunch, *Real pornography*. Music Performance, 2004.

2 Linda Williams, “Porn Studies: Proliferating Pornographies On/Scene: An Introduction,” in Linda Williams (ed.), *Porn Studies*. Durham, NC: Duke University Press, 2004, p. 7. Ver também “Body genres”, in *Film quarterly* 44 (Verão, 1991) e “Corporealized observers: visual pornographies and the ‘carnal density of vision’”, in Pratiche Petro (ed.), *Fugitive images*. Bloomington & Indianapolis, IN: Indiana University Press, 1995, pp. 3-41.

sexualidade transformada em representação pública, em que *pública* implica direta ou indiretamente tornar-se “comercializável”. Dadas as condições do capitalismo pós-fordista, uma representação pública implica uma capacidade de troca no mercado global em um formato digital que pode ser transformado em capital. A representação adquire o status de pornografia quando transforma em “público” aquilo que supostamente deveria permanecer privado. Dessa forma, falaremos em pornografia como um dispositivo para a publicação do privado. Ou, melhor ainda, um dispositivo que, ao representar parte do espaço público, define este como privado, carregando-o de um valor masturbatório suplementar. A palavra *pornográfico* refere-se a uma caracterização político-econômica da representação.

3. A pornografia é uma teletecnomasturbação. A globalização da economia farmacopornô, por meio da digitalização audiovisual e de sua transmissão ultrarrápida, usando a mediação de suportes técnicos midiáticos (televisão, computador, telefone, dispositivos de armazenamento de dados externos, como *Pods, pads* etc.), gera um efeito borboleta na gestão global dos ciclos de excitação-frustração-excitação: uma boceta que se abre aqui, uma boca que chupa ali, produzindo centenas de descargas de prazer do outro lado do planeta, emitindo, com seu deslocamento virtual, um fluxo vivo de capital.

4. A pornografia reúne as mesmas características que qualquer outro espetáculo da indústria cultural: performance, virtuosismo, dramatização, espetacularização, reprodutibilidade técnica, transformação digital e distribuição audiovisual. A única diferença no momento é sua

condição *underground*. Como afirma o produtor pornô David Friedman, a exploração pornográfica contemporânea, concebida como uma prática performativa e de consumo audiovisual, é uma extensão dos espetáculos populares do circo, dos shows de horrores nas feiras e dos parques de diversão da era pré-cinematográfica.³ A pornografia e a prostituição poderiam ser consideradas dois âmbitos performativos da indústria do espetáculo, relegados ao ostracismo e à ilegalidade durante os séculos XIX e XX. A transição do corpo monstruoso, perverso ou desviante (do incapaz, do *freak*, do homossexual, da ninfomaníaca, da puta...) da condição de atração circense para o mentalmente doente ou criminoso típico do regime biopolítico disciplinar vai acentuar esse processo de exclusão dos domínios público e econômico.

5. A indústria pornográfica é para a indústria cultural e do espetáculo o equivalente ao que o tráfico ilegal de drogas é para a indústria farmacêutica. Isso representa apenas dos dois motores ocultos do capitalismo do século XXI. A produção farmacopornográfica funciona em uma ambivalência: é um aspecto oculto e marginal da indústria cultural contemporânea, mas é também o paradigma de qualquer outro tipo de produção pós-fordista. No capitalismo *übermaterial*, toda forma de produção oferece benefícios na medida em que se aproxima do modelo de produção farmacopornográfica.

3 "A indústria da exploração pornográfica era uma extensão do carnaval circense e dos *girlie* e *freak* shows, dos jogos de azar, dos balanços, algazarra das feiras", David Friedman, produtor pornô, in Legs McNeil, Jennifer Osborne e Peter Patvia, *The other Hollywood. The uncensored oral history of the porn film industry*. New York: Regan Books, 2005, p. 1.

6. Como setor *underground*, a indústria do sexo revela a verdade de todos os aspectos da indústria de comunicação e entretenimento. A literatura, o cinema, a televisão, a internet, os quadrinhos, o videogame etc. desejam a pornografia, querem produzir prazer e mais-valia pornográfica sem sofrer a marginalização da representação pornô, do mesmo modo que os atuais produtores da indústria farmacêutica legal querem produzir prazer e mais-valia sexual (vício) e toxicológica sem sofrer a marginalização e a criminalização que surge quando se negociam drogas ilegais.

7. Na pornografia, o sexo é *performance*, isto é, composto de representações públicas e processos de repetições social e politicamente regulados. Consideremos de novo a relação entre indústria cultural e indústria do sexo. Judith Butler define gênero, masculinidade e feminilidade em termos de performances, de processos de repetições regulados, de normas internalizadas em forma de estilo corporal, de representação e de teatralização pública.⁴ Paralelamente a Butler, nos anos 1980, a atriz pornô Annie Sprinkle introduziu um novo deslocamento performativo na compreensão da identidade ao definir não apenas o gênero, mas também a sexualidade em termos de performance.⁵ Para Sprinkle, a verdade da sexualidade que a representação pornográfica pretende capturar não é senão o efeito de um sistema de representação, de um conjunto de coreografias corporais reguladas por códigos

4 Judith Butler, *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, op. cit.

5 Annie Sprinkle e Gabrielle Cody, *Hardcore from the heart: The please, Profits and Politics of Sex in Performance*. Londres: Continuum, 2001.

de representação de gênero bem precisos, parecidos com os que dominam a dança, a ação na cinematografia clássica ou no teatro. Daí que, para Sprinkle, a pornografia careça de um valor empírico ou documental fora de determinado sistema de representação.

8. A característica distintiva da pornografia como imagem tem mais a ver com questões de cenografia, de dramatização e de iluminação do que de conteúdo: basta um corpo (natural ou artificial, “vivo” ou “morto”, humano ou animal) ser muito bem iluminado,⁶ tão desejável quanto inaccessível, possuindo um valor masturbatório diretamente proporcional à sua capacidade de agir como uma fantasia abstrata e deslumbrante.

9. A compreensão popular da pornografia como grau zero da representação se assenta sobre um princípio de soberania necropolítica sexotranscendental que poderíamos denominar “platonismo espermático”, segundo o qual a ejaculação (e a morte) é a única verdade. Foucault destacou que o poder soberano (masculino, teológico, monárquico) foi caracterizado não pelo poder de dar a vida, mas pelo poder de *conceder a morte*. A partir desse ponto de vista, o *snuff* é o modelo ontocinemático deste tipo de produção pornográfica: filmar “o real”, a ejaculação, a morte em tempo real e, ainda melhor, fazer coincidir ontocinematicamente morte e ejaculação. A peculiaridade da forma dominante de pornografia é sua tendência em produzir a ilusão visual da irrupção no puramente real. A excitação

6 Roland Barthes, *Sade, Loyola, Fourier*. Paris: Éditions du Seuil, 1971, p. 132 [Ed. bras.: *Sade, Fourier, Loyola*, trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005].

pornográfica está estruturada segundo o bumerangue: prazer-na-dessubjetivação-do-outro/prazer-na-dessubjetivação-do-eu: assistir a um sujeito que não pode controlar a força de sua produção sexual (*potentia gaudendi*) e vê-lo no exato momento em que renuncia a esta força em benefício de um espectador todo-poderoso (a pessoa que o assiste) que, por sua vez, por meio da representação, veja-se dessubjetivado, reduzido a uma resposta masturbatória. *Aquele ou aquela que assiste é satisfeito com o seu próprio processo de dessubjetivação.* Se levarmos em consideração que todo material visual pornográfico aspira a fazer coincidir a ejaculação representada e a ejaculação do espectador (abstratamente entendido como homem cis, o ejaculador visual universal), então deveríamos concluir que o prazer do olhar pornográfico reside em uma estridente contradição. Por um lado, gerar a impressão no espectador — por meio da dessubjetivação dos atores pornô — de que é ele quem possui a *potentia gaudendi* dos atores; por outro, ao reduzir o corpo do espectador a receptor involuntário de estímulos ejaculatórios, colocar o espectador em uma posição privada de qualquer poder para tomar decisões sexuais. A característica distintiva da subjetividade pornográfica é engolir o próprio esperma, o fato de ser ao mesmo tempo um pau ereto universal e um ânus receptor universal; daí o preceito pornosófico: *pornete ipsum.*

10. A pornografia diz a verdade *performativa* sobre a sexualidade não por ser o grau zero da representação, mas porque revela que sexualidade é *sempre performance*, prática pública de uma repetição regulada, uma encenação, bem como um mecanismo involuntário de conexão ao circuito global de excitação-frustração-excitação.

7
U
A
C
↓

A indústria contemporânea do entretenimento, com sua divisão de representação em categorias, como um G (geral, válida para todos os públicos, todas as idades) ou NC-17 (proibida para menores de dezessete anos), nega o valor performativo da pornografia, reduzindo-a a “sexo *hardcore*”, como se — de um ponto de vista teatral — houvesse uma diferença ontológica entre um beijo, uma briga e uma penetração anal. A hegemonia atual da indústria cultural não pornográfica deriva deste axioma moral que faz dos órgãos chamados sexuais (especialmente pau, boceta e ânus) objetos extracinematográficos (literalmente ob-cenos, ou “fora de cena”), cujo valor de “verdade” não pode ser absorvido pela representação e transformado em performance. Mas, por trás dessa hegemonia, esconde-se o desejo da indústria cultural de afetar os centros tecno-orgânicos da produção da subjetividade (centros de produção de prazer e de afetos, de sentimentos de onipotência e conforto) com a mesma eficácia com que o faz a pornografia. A indústria cultural tem *inveja da pornografia*. A pornografia não é simplesmente uma indústria cultural entre outras: é o paradigma de toda a indústria cultural.⁷ Com seu circuito fechado de excitação-capital-frustração-excitação-capital, a pornografia — que sexualiza a produção e converte o corpo em informação — oferece de uma forma particularmente clara a chave para compreender qualquer outro tipo de produção cultural pós-fordista.

7 Esta afirmação não deve ser confundida com a máxima tão debatida de Fredric Jameson: “Toda imagem é pornográfica”. Jameson utiliza aqui uma acepção crítica de pornografia para qualificar o status “ideológico” da imagem frente à verdade radical do texto histórico, no sentido marxista do termo. Ver Fredric Jameson, *Signatures of the visible*. New York: Routledge, 1990, p. 1.

11. Quando se trata de reações críticas, as armadilhas são mais numerosas que os pontos de fuga. Para liberar a sexualidade do controle biopolítico atual, não basta deixar o sexo político atuar fora do âmbito do trabalho (assalariado ou não) ou extirpar o sexo do domínio da esfera pública, deixando sua regulação para o Estado. Seria impossível voltar ao romantismo de uma sexualidade não pública, ou obter um corpo privado e não industrializado. E as empresas de mercado livre, sejam emancipatórias ou abolicionistas, fracassariam também. A partir de agora, na verdade, trata-se de inventar outras formas comuns, compartilhadas, coletivas e copyleft de sexualidade que superem o estreito âmbito da representação pornográfica dominante e o consumo sexual padronizado. Em 1990, Annie Sprinkle utiliza pela primeira vez o termo *pós-pornografia* para apresentar seu espetáculo *The Public Cervix Announcement*, uma performance durante a qual ela convida o público a explorar o interior de sua vagina com a ajuda de um espéculo. Essa representação do sexo é uma crítica à visibilidade produzida pela medicina e pela pornografia tradicional. À “verdade do sexo pornográfico” — fazendo referência a uma expressão de Foucault — Sprinkle opõe a produção teatral e artística de diversas ficções. Nos últimos anos, a iniciativa de Sprinkle será seguida, em diferentes âmbitos, e com diferentes inscrições teóricas e estéticas, pelos trabalhos de Shelley Mars, Fatal Video, Virginie Despentes e Coralie Trinh Thi, Del LaGrace Volcano, Maria Beatty, Bruce LaBruce, Shu Lea Cheang, Post-Op, Giuseppe Campuzano, Nadia Granados La Fulminante, Porno Porsi e assim por diante. O denominador comum para esta grande variedade de estéticas e estratégias políticas (*pós-pornô*, *camp*, *drag king*, *BDSM*, *anarcopunk*, *ciber*, *queer-indígena* etc.) é uma inversão

epistemológica, um deslocamento radical do sujeito de enunciação pornográfica: aqueles que foram objetos passivos do olhar pornográfico e disciplinador (“mulheres”, “atores e atrizes pornôs”, “putas”, “bichas e sapatonas”, “pervertidos” etc.) se tornam os sujeitos da representação, questionando, desse modo, os códigos (estéticos e somatopolíticos) que tornavam visíveis seus corpos e práticas sexuais e que produziam a impressão de estabilidade natural nas formas de fazer sexo e nas relações de gênero.

Esta crítica abre uma brecha na história da representação da sexualidade, transformando as técnicas pornográficas em campo de intervenção política.

PORNIFICAÇÃO DO TRABALHO

Não preciso te lembrar — não a você, que está lendo esse livro — que o domínio do sexo (quero dizer, o seu sexo) não é o corpo individual (seu corpo) ou o domínio privado (o seu domínio privado) ou qualquer espaço doméstico (o seu espaço doméstico). Além disso, nem o corpo individual, nem a chamada esfera privada, nem o espaço doméstico escapam da regulação política. O sexo, a excitação, a demanda de ereção e de ejaculação existem no próprio centro da produção e da economia política farmacopornográfica. De fato, a situação pode ser definida nesses termos: *labor sexus est*. Trabalho é sexo. Na cidade farmacopornográfica ciberestendida, o processo material de trabalho depende de um conjunto de trações sexuais, dos instintos psicossomáticos, das escalções hormonais, do estabelecimento de conexões sinápticas e da emissão de excreções químicas. Sexo é trabalho. O objetivo do trabalho não é satisfazer, mas excitar: colocar em

funcionamento o aparato somático que regula o ciclo excitação-frustração-excitação. Trabalhamos na pornofábrica: uma indústria tecnossomática cujos combustíveis são o esperma, o sangue, a urina, a adrenalina, a testosterona, a insulina, o silicone, os psicoestimulantes, os estrogênios, mas também os signos digitalizáveis que podem ser transmitidos em grande velocidade, seja o dígito, o texto, o som ou a imagem. Chamaremos de *pornificação do trabalho* a este processo de captura do sexo e da sexualidade pela economia, processo pelo qual o sexo se torna trabalho.

Assim, para compreender a *práxis* do trabalho pós-for-dista, será preciso estudar em detalhe três âmbitos que, até agora, eram considerados periféricos ou marginais em relação aos ciclos de produção e consumo:

1. *A produção, o tráfico e o consumo de drogas (legais ou ilegais)*. Entendo aqui por *droga* o que Derrida chamou de *pharmakon*: não só toda substância química de origem natural ou sintética que afeta especificamente as funções do sistema nervoso central do organismo vivo, mas também, em um sentido mais amplo, qualquer substância (legal ou ilegal) biologicamente ativa capaz de modificar o metabolismo das células sobre as quais faz efeito. Textos e signos visuais também são *pharmakon*.⁸

2. *A produção, a circulação e o consumo dos materiais audiovisuais pornográficos*. Entendo aqui por *pornografia* toda técnica audiovisual sexualmente ativa capaz de modificar a sensibilidade e a produção do desejo, de

⁸ Alguns princípios que regem o fluxo de psicotrópicos foram abordados no capítulo 8 deste livro, "Farmacopoder".

colocar em funcionamento ciclos de excitação-frustração e de produção de prazer psicossomático, ou seja, de capturar o sistema corporal de produção afetiva.

3. *O trabalho sexual.* A transformação da *potentia gaudendi* de um corpo em mercadoria por meio de um contrato (mais ou menos formal) de serviço sexual.

O poder destas três plataformas — drogas, materiais audiovisuais pornográficos e serviços sexuais — de produção de capital reside em sua capacidade de funcionar como *próteses de subjetividade*. Desenha-se, assim, a lógica da economia geral farmacopornográfica em que fluem órgãos, pílulas, códigos financeiros, *links* de comunicação, imagens, textos, sessões de punheta, litros de silicone, compostos químicos, dólares e assim por diante.

Os teóricos dessa nova concepção de trabalho como excitação já não serão os economistas clássicos (Ricardo, Marx, Keynes), mas, sim, os pornógrafos (Candida Royalle, Narcis Bosch, Nacho Vidal, HPG etc.), os atores e as atrizes pornô (Annie Sprinkle, Nina Roberts, Coralie Trinh Thi etc.), as trabalhadoras do sexo (Michele Tea, Norma Jane Almodóvar, Claire Carthounet etc.), os membros das redes de tráfico de drogas, os produtores de coca e as máfias estatais, chegando até os trabalhadores pauperizados das plantações de ópio, passando pelos herboristas conhecedores das tradições ancestrais de bruxaria, pelos laboratórios farmacêuticos, pelos pequenos traficantes ou pelos *junkies*. Negri com Rocco Siffredi; Judith Butler com Jenna Jameson.

► Freud e sua dose de cocaína, a vida e a morte de Escobar, o consumo de anfetaminas de Sartre, o coquetel de andrógenos-antidepressivos que mantém ativos os

soldados norte-americanos no Iraque, o câncer provocado nas atletas russas pelas altas doses de testosterona concentradas nas pílulas de Oral-Turinabol, a ascensão e queda da atriz pornô Linda Lovelace, de *Garganta profunda*, os caminhos de pó cristalino desde a passarela da moda até os artistas de televisão ou aos corredores da bolsa de valores, as centenas de milhares de doses de progesterona e estrogênio prescritas como contraceptivos para mulheres cis em idade reprodutiva nos últimos quarenta anos, animais de laboratório biotécnicos e os que são abatidos pela indústria agroalimentar, o volume faraônico de antidepressivos consumido pelas mulheres cis na menopausa, o tráfico de trabalhadoras do sexo ilegais que atravessam as fronteiras europeias, o *doping* de Armstrong, os litros de esperma derramados anualmente diante de filmes pornográficos, a propagação silenciosa do vírus da aids, os milhões de estômagos de cidadãos da terceira idade recobertos de Omeprazol, a morte dos adolescentes que passaram a fazer parte dos testes clínicos com o hormônio do crescimento, a seringa que gerou a ovelha Dolly por inseminação, a candura sintética dos músculos dos fisiculturistas — isso tudo nos ensina mais sobre os atuais modos de produção capitalista do que todos os diretórios industriais do Fundo Monetário Internacional com seus índices triviais de aumento ou diminuição do desemprego. O guia internacional da produção, consumo e falsificação de Viagra pode nos ensinar mais sobre a produção de valor excitação-frustração-excitação na sociedade pós-fordista do que todos os tratados de economia clássica com suas noções obsoletas de trabalho como produção mercantil.

SEX COPYRIGHT: TECNOSSIGNIFICANTES LASCIVOS

Durante o século passado, o poder se deslocou do controle da terra para o controle da manufatura e, então, para o controle da informação e da vida. Hoje, o poder se estende ao sexo, ao gênero e à raça como codificações precisas da informação e da subjetividade. No futuro próximo, ele funcionará de modo ainda mais eficaz, por meio da sua transformação em patentes psicotrópicas que controlam a produção de respostas neurológicas e hormônios sintéticos. No entanto, o desejo, o sexo e o gênero não se parecem com a terra. Também não se parecem com produtos manufaturados. O desejo, o sexo e o gênero estão, na realidade, mais próximos da informação como sistema semiótico tecnoencarnado (Haraway), são códigos vivos. Assim como a informação, desafiam a propriedade, porque a minha posse de um fragmento (de informação, de desejo, de sexo, de gênero) não o tira de você, não afasta esse fragmento de você. Meu desejo, meu pau de plástico e minha masculinidade protética podem circular e ser compartilhados sem que o prazer se torne menos poderoso. Na verdade, é o oposto: *compartilhar* parece multiplicar o desejo, o sexo, o gênero. O problema é que, até agora, o desejo, o prazer, o sexo e o gênero foram pensados em termos de essência não transferível ou como propriedade privada. Inicialmente, foram pensados como substâncias fixas na natureza; depois, como propriedade de Deus; em seguida, como propriedade do Estado; mais tarde, como propriedade privada; e hoje, por fim, como propriedade das grandes multinacionais farmacopornográficas.

As novas corporações globais não produzem nada. Seu único objetivo é a acumulação e a gestão de patentes a

fim de controlar a (re)produção de corpos e prazeres. Esta política do *copyright* que supervisiona a sexualização da produção e a conversão da vida em informação é o que denominei de *farmacopornopolítica*; seu propósito é transformar o seu cu e o meu, ou melhor, seu desejo e o meu em benefício abstrato. Com o seu clitóris e o meu pau acontece a mesma coisa que com o milho: as multinacionais usam empresas de engenharia genética para produzir novas cepas transgênicas cujas sementes serão inférteis. Do mesmo modo que as multinacionais, por meio da privatização dos germoplasmas, controlam não somente a atual produção mundial de milho como, o que é mais importante, transformam a totalidade do planeta em potenciais consumidores de novas sementes transgênicas (por sua vez inférteis), a indústria farmacopornográfica tende exponencialmente ao controle e à produção do seu corpo desejante. Paralelamente à "informatização da agricultura",⁹ assistimos a um processo de conversão do sexo e do gênero em informação, por meio do qual o capital aspira a produzir e a possuir os modelos narcóticos, audiovisuais, moleculares e narrativos que servem como reguladores da subjetividade desejante. Seu desejo, seu sexo e seu gênero são o novo supermilho transgênico da indústria farmacopornográfica. Se você quer gozar, *Viagra*; se você quer evitar a reprodução sexual, a *Pílula*; se você quer engravidar: *clomifeno* e *gonadotrofina coriônica humana*; se você quer mudar o timbre da sua voz ou sua massa muscular, *andrógenos*; se você quer fantasias sexuais, *Dorcel*, *Hotvideo*, *Playboy*...

9 Negri e Hardt, *Multitudes*, op.cit., p. 140.

PARIS HILTON NA CAMA COM MAX WEBER

A erótica puritana do poder — como Max Weber identificou na *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, com seus valores de constância emocional e moral, de autocontrole e de discrição — que dominou boa parte do regime sexual disciplinar do Ocidente desde o século XVII deixa progressivamente à mostra suas fundações farmacopornográficas. Segundo a intuição de Weber, não foi o materialismo, mas a ética de vida protestante que permitiu o auge do capitalismo. Até então considerados puníveis por Deus e um sinal de luxo imodesto, o sacrifício no trabalho e o sucesso econômico se tornaram prova do amor de um indivíduo por Deus. Deus circulava, em forma de capital, dentro dos corpos, das mercadorias, dos territórios. Do mesmo modo, o princípio que rege a produção da vida e a gestão dos povos na era farmacopornográfica não é o hedonismo, a satisfação dos prazeres sensuais, mas a ética pós-cristã-liberal-punk, cujo princípio é reproduzir compulsivamente o ciclo excitação-frustração até atingir a destruição total do ecossistema.

Eis um exemplo de uma prótese completamente viva que aponta para o futuro pornô do protestantismo liberal weberiano: Paris Hilton.¹⁰ Aparente exceção do modelo de excelência norte-americano, Paris Hilton representa a culminação da produção sexopolítica da tecnocracia branca e heterossexual de luxo. Herdeira de um império hoteleiro multimilionário e da empresa imobiliária do pai, Hilton

¹⁰ Para saber mais sobre Paris Hilton como uma expressão do futuro pornô que é consciente de classe, ver Virginie Despentes, *King Kong Theory*, pp. 99-100 [Ed. bras.: *Teoria King Kong*, trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016].

rechaçou as instituições de aprendizagem tradicional e começou a trabalhar em programas televisivos como *The simple life* e, mais tarde, utilizou seus filmes para comercializar sua vida de uma maneira farmacopornográfica. Não é que Hilton tenha deixado para trás a ética protestante e o espírito do capitalismo de Weber: ela os incorpora, levando-os a seu mais alto nível de produção farmacopornomidiática. A insípida Hilton faz isso com Weber. Atrás de sua aparente entrega ao vício e à ociosidade, o fenômeno Paris Hilton não exhibe nenhuma insubordinação contra a economia capitalista. Ao contrário, toda sua vida e sua sexualidade estão sendo transformadas, por meio de dispositivos de extrema vigilância, em trabalho — em imagem digital globalmente transferível. O êxito de Paris Hilton é ter sabido recuperar seu corpo e sua sexualidade como valor último no mercado de intercâmbio global do capitalismo farmacopornográfico. Nesse sentido, Paris Hilton poderia ser uma trabalhadora farmacopornográfica do sexo de última geração — e talvez seja esta dimensão operária de sua imoralidade a que mais incomoda o avô Hilton.

Se, diferentemente das atrizes pornôns do período que compreende as décadas de 1970 e 1990, de Marilyn Chambers a Jenna Jameson, Paris Hilton aparece hoje como figura paradigmática do modo de produção farmacopornográfico, não é por sua qualidade como *sex bomb*. Hilton difere radicalmente das atrizes pornôns tradicionais: ela não chega ao pornô levada por uma necessidade econômica ou um destino social implacável, mas, ao contrário, decide e planeja sua transformação em uma estrela do Google ajudada por seu próprio império financeiro. Além disso, não provoca nenhum interesse masturbatório significativo, nem no nível físico nem no nível de desempenho, o que sugere que, se não fosse por sua fortuna e

por uma máquina publicitária poderosa, nunca teria sido capaz de fazer incursões no mercado pornográfico, concorrendo com atrizes como Traci Lords ou Katsumi. Se a figura de Paris Hilton apresenta algum interesse teórico-político indiscutível (fora do masturbatório), é porque ela é uma ilustração da tendência contemporânea de toda forma de trabalho e produção de valor em transformar-se em produção farmacopornográfica, indicando, assim, um “futuro pornô” para a produção de valor no capitalismo atual como um todo.

Sob os valores puritanos que Weber acreditava haver identificado, escondem-se, na realidade, imagens digitalizadas da vulva completamente depilada de Paris Hilton, os músculos testosteronados de Arnold Schwarzenegger e o barato global do Viagra ao qual estão sujeitos os biopaus brochas dos biocinquentões.

SEXÓDROMOS URBANOS

Em 2005, por ocasião da Copa do Mundo de futebol, o governo alemão de Angela Merkel dá sinal verde para a construção do Artemis, um prostíbulo multimídia de três mil metros quadrados situado a três estações de metrô do Estádio Olímpico de Berlim, acelerando ao mesmo tempo a pornificação da cidade e a fordização da indústria sexual. O interior do edifício foi decorado segundo uma estética que os promotores definem como “digna de Las Vegas”. Dotado com quatro andares, o complexo inclui uma piscina, várias saunas e duas salas de cinema, assim como quartos suficientes para promover encontros entre cem trabalhadoras do sexo e 650 clientes. O argumento do governo alemão revela os fundamentos do capitalismo

farmacopornográfico atual: “É preciso oferecer o melhor serviço sexual aos 4 milhões de torcedores que virão a Berlim para o Mundial, do mesmo modo que serão oferecidos a eles as melhores comodidades em termos de hotelaria, restaurantes, serviços culturais e de comunicação”.¹¹ Notemos, simplesmente por alto, que o bordel como instituição estatal, como serviço público proposto pelo governo aos cidadãos ou visitantes da cidade, não é em absoluto uma invenção de Merkel, mas, sim, uma estrutura que existe desde a Idade Média e as instalações coloniais dos séculos XIX e XX. Assim, por exemplo, em 1434, a municipalidade (alemã-austro-húngara) de Berna coloca bordéis públicos à disposição do imperador Segismundo e sua corte durante sua visita à cidade. Em 1769, o escritor francês Restif de la Bretonne defendeu a construção de bordéis estatais na Europa não apenas para regular a presença de mulheres nas ruas das cidades europeias, mas como forma de evitar a propagação da sífilis. Apesar das muitas diferenças que separam o bordel paleourbano de Berna, o bordel estatal de Restif e o centro comercial do sexo Artemis, todos eles têm um papel decisivo para o desenvolvimento econômico e biopolítico da farmacopornópole moderna. Esse bordel futebolístico se situa, igualmente, em uma genealogia de bordéis multimídia iniciada pelos clubes e hotéis Playboy nos Estados Unidos no final dos anos 1950: é um exemplo de edifício-bordel transformado em espaço de produção, de consumo, de distribuição de signos audiovisuais pornográficos e de oferta de serviços sexuais, funcionando como uma “heterotopia”, para ficar com o termo de Foucault — um espaço de exceção político-sexual em que dominam leis e valores em aparente

11 Artigo publicado no *Le Nouvel Observateur*, 4-10 de maio 2006, p. 13.

contradição com aqueles do espaço público dominante.¹²

A cidade moderna é um bordel segregado-de-gênero-e-raça. Quando uma medida política tenta “acabar com a prostituição na cidade”, o que realmente diz é que é preciso tornar invisível aquilo que há de “urbano” na cidade. E isto é igual, como sabemos, a empurrar a cidade para além dos limites da cidade.

Segundo o *Le Nouvel Observateur*, o Artemis se dirige “às hordas de machos solteirões e às suas libidos galvanizadas pela guerra do futebol”. Contudo, o que caracteriza as hordas de potenciais consumidores dos serviços sexuais oferecidos pelo Artemis não é tanto o fato de serem “machos solteirões” (posto que pouco importa se estes “machos” se encontravam comprometidos ou não antes de ir para a Copa do Mundo), mas o fato de que se identificam sexo-politicamente como heterossexuais — e é por isso que esses serviços sexuais devem ser fornecidos única e exclusivamente por 40 mil mulheres provenientes de todos os cantos do mundo (para quem a União Europeia dará uma permissão temporária de trabalho no seu território por ocasião da Copa). Para a ocasião, o governo alemão, que reconhece a legalidade do trabalho sexual, publicou um “guia de viagem para mulheres” dedicado às jovens do antigo bloco soviético que queriam trabalhar como prostitutas na Alemanha. Na França, Malka Marcovich, diretora nacional da Coalizão Internacional Contra o Tráfico de Mulheres (CATW), lança uma petição — assinada por Fadela Amara e Ségolène Royal, entre outras — sob o *slogan*: “Comprar sexo não

12 Sobre os bordéis multimídia da *Playboy*, ver Beatriz Preciado, *Pornotopia, Sexualidad y Arquitectura en Playboy durante la Guerra Fría*. Barcelona: Anagrama, 2010.

é um esporte". Sem sucesso, e ingenuamente, tentaram convencer o governo alemão a proibir o comércio sexual durante a Copa do Mundo.

A relação entre o esporte e a prostituição poderia oferecer as chaves da compreensão do atual regime farmacopornográfico. Ao contrariar ironicamente o *slogan* de Marcovich, temos o nosso próprio: "Comprar sexo é um esporte". Por outro lado, se é verdade que não houve uma radical fordização da indústria do sexo até agora, poderíamos dizer que está em progresso uma severa pornificação das indústrias fordista e cultural. Em vez de imaginar a prostituição como uma prática à margem da indústria do futebol, seria melhor considerar o esporte em geral, e o futebol em particular, como parte de uma indústria farmacopornográfica planetária que controla redes de internet, clubes e discotecas, cadeias de produção, distribuição e difusão pornográficas, indústrias farmacêuticas de produção de drogas anabolizantes e de outras moléculas que suplementem o corpo esportivo e sexual e a sua comercialização, e as cadeias de produção e distribuição de música, roupa, acessórios e mercadorias derivadas (como bonecos de Zidane ou caixas de preservativos).

No meio do esporte profissional tanto quanto do trabalho sexual, o problema não é a venda do corpo, ao contrário das afirmações das feministas abolicionistas e dos fundamentalistas católicos e protestantes. O trabalho na sociedade pós-fordista é sempre e em todo caso a venda da força de comunicação e excitação produzida por um corpo vivo — a venda dessa *potentia gaudendi* do corpo. O que é específico sobre qualquer forma de produção farmacopornográfica é a assimetria de classe, de gênero e de raça e a deficiência no mercado em questão (nove de cada dez trabalhadores do sexo são mulheres cis e só quatro de

cada dez são brancos), bem como a assimetria da remuneração econômica e do status profissional.

Apesar das diferenças radicais entre as coxas de Jenna Jameson e de Thierry Henri, é interessante observar que, frequentemente, os esportistas das grandes equipes europeias e as trabalhadoras do sexo que o Artemis põe a serviço dos amantes do futebol pertencem aos mesmos estratos econômicos, políticos e raciais do planeta: classes de trabalhadores pobres ou então de antigas colônias dos Estados-nação europeus e conseguem abrir caminho no mercado farmacopornográfico contemporâneo (alcançando simultaneamente a nacionalidade europeia) por meio da venda do seu capital semático e afetivo — de sua *potentia gaudendi*.³ O que a indústria farmacopornográfica alemã põe a serviço dos espectadores (tanto físicos quanto virtuais) da Copa do Mundo são os corpos erotizados e sexualizados dos esportistas e das trabalhadoras do sexo. O processo de pornificação do trabalho, presente por igual na indústria do espetáculo e na indústria sexual, extrai uma mais-valia farmacopornográfica de corpos racializados e pauperizados (corpos não brancos procedentes dos chamados “países em desenvolvimento”) aos quais o acesso legal ao território ocidental foi radicalmente vedado por qualquer outra via.

O TRABALHADOR FARMACOPORNOGRÁFICO

Em cada momento histórico, um tipo de trabalho e de trabalhador define a forma de produção característica de uma economia específica. De modo curioso, o trabalho e o trabalhador aparecem retrospectivamente como o mais precário, trabalhando sob as mais severas condições. É o

corpo do escravo e da escrava colhedores de algodão e sua reprodução obrigatória que definem a economia de *plantation*, o corpo da mulher que define a reprodução heterossexual branca, o corpo do trabalhador das minas que define a economia da máquina a vapor, o corpo do trabalhador e da trabalhadora fungíveis que define o campo de concentração, o corpo do trabalhador e da trabalhadora da fábrica que define a economia fordista. O trabalho e o tipo de exploração específica que definem hoje a economia farmacopornográfica é o trabalho sexual, e o corpo paradigmático desse modelo de produção é o da puta migrante, do transgênero trabalhador do sexo ou o da atriz e do ator pornô.

A diferença entre a produção aparente (a produção legal de mercadorias autorizadas) e a produção real (produção de valor excitação-frustração) é tão importante no caso do trabalhador do sexo que, ao longo da história, nenhuma outra categoria de produtores de capital se viu em uma situação tão precária, exceto pelos trabalhadores escravizados da economia de *plantation* e os trabalhadores fungíveis da economia do campo de concentração. Os verdadeiros trabalhadores ultrapaupeirizados do capitalismo farmacopornográfico são as putas, os emigrantes “não escolhidos”, os pequenos traficantes, os prisioneiros transgêneros e não brancos, os corpos dedicados aos trabalhos domésticos e de cuidado corporal e, finalmente, as crianças e os animais (as fontes reais de matéria-prima para a produção farmacológica — corpos destinados a participar de testes clínicos ou a serem consumidos pelas indústrias agroalimentares). Todos eles se situam no limiar da cidadania. E no limiar do humano. Por conseguinte, não é só insuficiente — é também tendencioso — falar da “feminização do trabalho” para descrever a transformação do

trabalho no capitalismo contemporâneo. Será preciso falar da pornificação do trabalho e da produção do corpo e da subjetividade transgêneros e racializados em um regime farmacopornopolítico global.

Até agora, o trabalho sexual e o trabalho de reprodução foram considerados desinteressantes, as origens da suposta dignidade do sujeito feminino, que se sentiria completamente degradado pela mercantilização dos serviços sexuais. E é aí que os teóricos de esquerda da “feminização do trabalho” levantam a questão dos serviços não remunerados que as mulheres têm realizado na história, falando sobre a higiene das pessoas e das coisas, da gestão doméstica, da educação dos filhos, do cuidado com os doentes e com os idosos, a teia de redes de cooperação e solidariedade, mas omitindo serviços sexuais e reprodutivos que, no entanto, fazem parte deste trabalho não remunerado: como se, intencionalmente ou não, protegessem o domínio da sexualidade daquele da produção econômica, tornando-o uma zona sagrada da atividade humana. Mas como pode ser possível que ninguém considere o fato de que as responsabilidades políticas, a educação escolar ou a criação musical são domínios livres de tudo, enquanto continuamos a acreditar que manter o trabalho sexual e a reprodução como serviços gratuitos (em outras palavras, serviços politicamente obrigatórios ou pauperizados) é equivalente a preservar a dignidade essencial das mulheres e, em uma extensão maior, de toda a população humana?

A maioria das análises do processo de transformação do capital virtuosamente evita o problema pegajoso da produção farmacopornográfica. As noções de “feminização do trabalho” ou o “tornar-se-mulher de trabalho”,¹³ como

13 Antonio Negri. *Exil*. Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 1998.

elaboradas por Cristian Marazzi,¹⁴ Maurizio Lazzarato,¹⁵ Toni Negri¹⁶ e Judith Revel,¹⁷ obscurecem a verdadeira razão para o aparecimento de um predicado de gênero (neste caso, o gênero incorretamente reduzido ao feminino) para descrever a atual mudança na trajetória do capitalismo. Nada nos permite afirmar que o novo modelo pós-fordista de trabalho é mais “feminino” do que era o modelo industrial. Seria possível que as mulheres não trabalhassem como escravas nos campos de algodão? Seria possível que não fossem as primeiras a embalar sardinhas em uma linha de montagem, a trabalhar na indústria têxtil ou a fabricar *smart cards* para a Microsoft? Dizer “feminino” para descrever a precarização progressiva do trabalho pressupõe uma heterocentricidade, uma metafísica da diferença sexual e a precondição de uma “retórica de gênero” segundo a qual a *certeza*, a *estabilidade* e a *permanência* estão associadas ao industrial e ao masculino, e a *flexibilidade*, a *mudança*, a *mobilidade* e a *precariedade* implicam o pós-industrial e o feminino.

Vamos pensar esta relação de gênero em termos de pornificação contemporânea do trabalho. Descrever o atual processo de transformação do trabalho em termos de “feminização” só pode ser justificado pelo fato de que é

14 Cristian Marazzi, *The Violence of Financial Capitalism*, trad. Kristina Lebedeva e Jason Francis McGimsey. New York: Semiotext(e), 2011.

15 Maurizio Lazzarato, *Les Révolutions du capitalisme*. Paris: Les Empêcheurs de tourner en rond / Le Seuil, 2004 [Ed. bras.: *As revoluções do capitalismo*, trad. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006]

16 Antonio Negri, *Fabrique de porcelaine: Pour une nouvelle grammaire du politique*, trad. Judith Revel. Paris: Stock, 2006.

17 Judith Revel, “Devenir-femme de la politique”, *Multitudes* 12 (Primavera, 2002), pp. 125-133.

a produção virtual ou factual do corpo cis ou trans feminino e a *performance* da feminilidade que faz o heteropau global ficar duro. Mas também é verdade que um número importante de homopaus fica duro pela bunda de outros homens, por outros paus e por outros ânus lubrificadas. Acrescentemos a isso os novos mecanismos masturbatórios que trabalham nos corpos das mulheres. Apesar de ainda pouco explorados, tais mecanismos poderiam em breve constituir uma nova plataforma para a produção de lucros farmacopornográficos. Mas, para falar em termos mais gerais, os fatos estão transbordando como evidências e devem ser enfrentados: até agora, as mulheres cis (e, em menor grau, algumas mulheres trans e certos homens cis erotizados) foram aquelas que realizaram a tarefa de levantar o pau do mundo. Mas nada indica ou justifica exigir das mulheres cis que continuem responsáveis por isso.

Um dos índices do grau de exploração do trabalho sexual e pornográfico é a imobilidade social de seus trabalhadores, a impossibilidade de abandonar esse âmbito de produção para ter acesso a outras formas menos pauperizadas de trabalho. Nas atuais condições de produção, o trabalho sexual e pornográfico leva ao limite a força ontológica de toda relação de exploração. Em um tempo em que o trabalho se torna flexível e a reinvenção profissional é rotineira, o trabalho sexual aparece como aquele que de forma mais eficaz reduz o trabalhador a uma essência natural, carimbando-o para o resto da vida, dificultando sua reabsorção em outros mercados de trabalho. Os trabalhadores da indústria farmacopornográfica hoje se assemelham a uma casta, uma espécie maldita que, apesar da curta duração da carreira de serviços farmacopornográficos (uma média de cinco anos), se desvaloriza para qualquer outra tarefa do mercado legal.

Carreira masculina no porno mais longa

Discuto sobre a questão com Nina Roberts, preeminente entre as atrizes pornoterroristas francesas. Segundo sua análise, “algumas atrizes pornô engordam quinze quilos quando deixam de fazer filmes para evitar serem reconhecidas e para se dessexualizarem, de modo a impedir que as tomem por putas safadas à procura de paus duros quando saem para fazer compras”. Passa pela minha cabeça que talvez fosse mais fácil para elas administrarem-se testosterona e mudar de gênero. Poderiam transformar-se, assim, em elegantes clientes anônimos com braços peludos e vozes roucas. Essa metamorfose seria como uma forma de indenização política: uma espécie de reparação cultural por haver servido para a formação do Braço Peludo masturbador heterossexual de base. Ninguém imaginaria que uma vadia safada poderia se camuflar de consumidor pornô anônimo e ocupar a desejada posição do olho dominante com apenas alguns miligramas de testosterona por mês em seis meses. Curiosamente, essa transformação inaudita lhes permitiria ocupar ao mesmo tempo o lugar do sujeito hegemônico da representação e o luxo da invisibilidade pornográfica. Seria também possível pensar em uma mudança de gênero como um modo de relançar a carreira pornográfica excessivamente curta das mulheres cis. Se considerarmos o fato de que a vida profissional de uma atriz pornô é cada vez menor (é raro permanecer sob os holofotes além da idade de 25 anos), poderíamos imaginar Mandy Bright, Jesse Jane, Jenna Jameson ou Nina Hartley depois de uma mastectomia, armadas com dildos tamanho GG e *real skin* de longa fixação, iniciando uma nova carreira como finíssimos dândis do pornô que desbancariam os Roccas e os Nachos... Evitarei uma corrente de comentários sobre o prazer farmacopornográfico

que haveria em ver uma versão tecno-homem de Nina Roberts ficando com todas as estrelas pornôs.

No momento, a restrição da prostituição de uma categoria de trabalho — como definida pelos sindicatos e pelas leis em que se inscrevem as instituições governamentais do Ocidente, salvo exceções que devemos considerar como laboratórios políticos dissidentes — e o controle de circuitos de produção e distribuição da pornografia — que evita que esta abra caminho como uma indústria cinematográfica equivalente a qualquer outra do mundo do entretenimento — não são resultado de um desejo de proteger os direitos das mulheres frente à objetificação de seus corpos no mercado, como afirmaram em uníssono diferentes vozes da esquerda, da direita e de diversos feminismos. Ao contrário. Se é necessário (tanto no discurso de direita como no de esquerda) negar que o sexo pode ser objeto de trabalho, de intercâmbio econômico, de serviço ou de contrato, é porque esta eventual abertura da categoria de trabalho coloca em questão os pretensos valores puritanos do espírito do capitalismo, ou, pior, deixa à mostra os autênticos valores pornôs que lhe são inerentes.

Trata-se mais de um modo de evitar a emergência pública dos verdadeiros motores do capitalismo farmacopornográfico, de evitar, por todos os meios, o pânico social desencadeado pela revelação de que não é a racionalidade e a produção, mas a *potentia gaudendi* que sustenta a economia mundial. Este é um pânico que gera a desarticulação total do trabalho como valor fundamental das sociedades modernas: o pânico de admitir que, por trás da economia da máquina a vapor e do fordismo, se esconde e emerge o gigante complexo industrial guerra-pornô-droga-prisão

TRABALHO ÜBERMATERIAL

Os seguidores do *operaismo*¹⁸ italiano discutem entre eles para saber em que medida o trabalho cognitivo ou imaterial é realmente *imaterial*. Talvez eles não façam referências suficientes à pressão e ao movimento de suas mãos sobre seus membros eretos enquanto se masturbam olhando as páginas pornôns acessíveis em seus celulares por meio de conexões wi-fi, à umidade entre suas pernas, à viscosidade de suas secreções. Virno prefere chamar de “linguístico” o trabalho imaterial, enquanto Hardt e Negri optam pelo adjetivo foucaultiano e o qualificam “biopolítico”, destacando, assim, a relação dessa produção imaterial com o corpo. Mas este corpo em si aparece como dessexualizado. Nenhum deles fala dos maravilhosos efeitos que uma dose de Viagra, acompanhada da imagem adequada, tem nos seus paus de filósofos. Nenhum deles se atreve a nomear a besta: o núcleo do trabalho tornou-se sexual, espermático, masturbatório, toxicológico; e, se esperamos algum benefício econômico do trabalho, este deve ser o de produzir o efeito de um pico; e, quando tudo estiver dito e feito, falaremos de um tipo de trabalho que deve ser chamado *farmacopornopolítico* em vez de *biopolítico*.

Digamos sem rodeios: na economia pornô, não há trabalho que não seja destinado a levantar o pau, a manter ereto o pau global; que não desencadeie a secreção de endorfinas, que não reforce o sentimento de onipotência do consumidor heteromacho padrão. Nossa forma atual de capitalismo ou de produção poderia ser definida como

18 Movimento político marxista heterodoxo e antiautoritário surgido na Itália no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Entre seus expoentes, está o filósofo Antonio Negri. [N.T.]

uma economia da ejaculação. A única e autêntica mais-valia é o índice de elevação do pau, sua dureza e rigidez, o volume de suas ejaculações espermáticas.

O trabalho farmacopornográfico contemporâneo não pode, de modo algum, ser qualificado de imaterial. Nada, na realidade, é menos imaterial do que o trabalho sobre o qual se baseia o capitalismo farmacopornográfico. Em vez de imaterial, deveria ser qualificado de *übermaterial*, supramaterial, tecnomaterial ou hipermaterial, posto que sua textura é biológica, molecular, bem como carnal e numérica, irredutivelmente sináptica e digitalizável; e o seu objetivo último é a produção de ereções, ejaculações e volume espermático. Além disso, parte desse trabalho pode ser medida em litros e decilitros de fluxo, pelo número de reações químicas e de descargas musculares. Para enfatizar essa materialidade, durante uma performance, a atriz pornô e artista Annie Sprinkle calculou em centímetros a quantidade de paus que havia chupado durante a vida como trabalhadora do sexo e comparou-os com a altura do Empire State Building.¹⁹ Não há trabalho sexual imaterial como não há pornô sem *cum-shot*, seja este líquido espermático, ejaculação feminina ou leite condensado. Não há trabalho que não seja trabalho úmido. A difusão simultânea da expansão urbana e as redes de prostituição, a colonização de populações capazes de serem sexualizadas por meio da guerra ou do turismo sexual, a técnica de produção da feminilidade ou masculinidade de um corpo vivo, o controle de reações fisiológicas por compostos farmacológicos cuja fabricação

¹⁹ Annie Sprinkle, *Post-Porn Modernist: My 25 Years as a Multimedia Whore*. Berkeley, CA: Cleis Press, 1998.

e venda são pesquisadas e controladas pelas instituições médico-legais do Estado e pelas multinacionais farmacêuticas, a gravação digital e a difusão intencional de fragmentos de vida anteriormente considerados privados, a produção de material pornográfico no espaço doméstico e sua distribuição via internet — todos são sinais do aparecimento de um tipo de produção *übermaterial*.

Se o trabalho contemporâneo não é imaterial, também não é, como se alegou, produto de um processo de “feminização”. Não é possível afirmar, seguindo Lazzarato, que “o conteúdo e as condições de trabalho hoje, resultado de violentas reestruturações, são apenas a extensão tendencial das características do trabalho, tanto assalariado como não assalariado, estrutural e historicamente atribuído às mulheres”²⁰ — *a não ser que e apenas se considerarmos o termo mulher como significante que designa o conjunto de todos os trabalhadores e trabalhadoras (homens e mulheres, cis ou trans) toxicológicos, afetivos, racializados e sexuais. Por isso, parece mais relevante afirmar que o conteúdo e as condições do trabalho hoje são a extensão do trabalho tóxico-sexual ou farmacopornográfico realizado por corpos que aparecem frequentemente marcados como femininos (independentemente de seu gênero) e que se veem hoje violentamente racializados e pauperizados. O caráter comum destes corpos não é tanto serem corpos de mulheres cis, mas aparecerem como corpos penetráveis (pelo capital), corpos que provocam ejaculação ao menor preço possível.*

²⁰ Maurizio Lazzarato, “Sobre la feminización del trabajo”, “trabajo < no trabajo: perceptivas, conflictos, posibilidades”, special issue, *ContraPoder* 4-5, 2001.

Todos os critérios que se agrupam sob a etiqueta de *feminização do trabalho*, como a flexibilidade, a disponibilidade total, o alto grau de adaptabilidade, a vulnerabilidade, o talento para a improvisação etc., não são senão a base do *curriculum vitae* prévio da trabalhadora ou do trabalhador do sexo virtuoso. As características do trabalho sexual — falta de segurança, venda de serviços corporais e emocionais a preço baixo, desvalorização social do corpo que executa o trabalho, exclusão do direito de residência — se tornam centrais no paradigma pós-fordista do século XXI. Ou melhor, sempre foram centrais, mas agora este caráter se torna estrutural e explícito, revelando o viscoso motor da produção. Hoje, nenhuma estrutura de produção capitalista funciona sem a ajuda de um dispositivo masturbatório e sem certa quantidade de esperma derramado (da indústria cultural e do espetáculo, passando pelo negócio da telefonia e da telecomunicação, da programação informática, da indústria do armamento, da indústria farmacológica etc.). Todas essas formas de trabalho se tornam progressivamente pornificadas, sendo a precarização e a aparente feminização indicativos de um novo processo que coloca a força orgásmica de cada corpo à disposição do capital.



DIVISÃO PORNOGRÁFICA DO TRABALHO

O conceito de pornificação do trabalho nos remete à dimensão orgásmico-afetiva da produção (tradicionalmente desempenhada como trabalho assalariado por um número limitado de homens e mulheres, considerados como “prostitutos”). Este trabalho se caracteriza pela transformação em valor capital (mais-valia) do contato dos corpos (seja virtual ou presencial); pela excitação dos

centros bioquímicos da produção hormonal; pela produção e transmissão de afetos; pela recepção de um impulso audiovisual; pela conexão do neocórtex com os vasos sanguíneos que irrigam o corpo cavernoso do pênis, do clitóris, da pele; pela reação dos centros de produção de endorfinas e de oxitocina; por uma resposta a determinada substância por um metabolismo bioquímico específico sob a forma de prazer imediato ou tardio, e assim por diante.

Até agora, a análise marxista feminista da produção utilizava a expressão *divisão sexual do trabalho* para nomear especificamente o trabalho de reprodução realizado pelas mulheres cis como “portadoras de óvulos”. No entanto, esta noção deve ser qualificada até o ponto de ser radicalmente modificada, se quisermos considerar as atuais condições da produção farmacopornográfica.

O conceito de “divisão sexual do trabalho” refere-se à divisão reprodutiva das espécies, estabelecendo uma segmentação estrutural entre corpos com útero capazes de levar a cabo o desenvolvimento de um feto viável, e corpos sem útero ou com útero (ter um útero, mais que produzir óvulos, é hoje a diferença determinante, uma vez que um óvulo fertilizado pode ser implantado em outro útero), mas sem possibilidade de gestação. Esta noção, segundo a qual a diferença entre trabalho de produção e trabalho de reprodução é de caráter sexual, dá como certa a coincidência entre corpo de mulher e corpo com útero fertilizável capaz de realizar a reprodução sexual. No entanto, a relação entre feminilidade e reprodução é assimétrica. Primeiro porque nem todo corpo especificado como do gênero feminino é dotado de um útero fertilizável capaz de desenvolver um feto viável. Segundo porque, mesmo no caso dos corpos capazes de gestação, o tempo gasto na reprodução não equivale à vida total do sujeito. Por isso, é

mais relevante falar de *divisão do trabalho não gestacional e tecnorreprodutiva* para referir-se à segmentação de corpos derivada da capacidade construída tecnologicamente para reprodução e gestação. Por um lado, o corpo de um homem trans (que manteve o útero e simplesmente interrompeu a administração de testosterona) pode ser inseminado e conduzir uma gestação bem-sucedida. Por outro lado, a pesquisa atual parece anunciar a possibilidade futura de gestação em útero artificial ou a implantação de um embrião em uma cavidade gestacional pseudouterina dentro do corpo de um homem cis.

No conceito de “divisão sexual do trabalho”, o termo *sexual* silenciosamente sanciona o caráter normativo heterossexual — hetero *por padrão* — da reprodução, assumindo, assim, que a reprodução heterossexual é a única natural. O que seria necessário para começar é a percepção de que as instituições da reprodução heterossexual (casal heterossexual, casamento, reconhecimento social do parentesco “natural”), bem como suas práticas (coito entendido como a penetração do biopênis na biovagina, seguido de ejaculação) são técnicas de reprodução assistida culturalmente que foram legitimadas em termos sociopolíticos e naturalizadas por meio da tradição e da lei. Embora seja mais evidente quando se trata de práticas de reprodução medicamente assistidas, a natureza da tecnologia política em ação em qualquer reprodução sexual acompanha e define — histórica e culturalmente — todos os processos de filiação. A fim de se afastar tanto quanto possível das atuais configurações relacionais *queer* e de se aproximar dos mitos fundadores de reprodução no Ocidente, tomemos como exemplo a Bíblia. Os grandes patriarcas, frequentemente casados com mulheres estéreis (será que se trata de homens cis que vivem socialmente

O conto do arq

como mulheres?), recorrem aos corpos vivos das escravas como órgãos reprodutivos, sem que a prática mude a relação que o fruto dessas procriações terá com sua mãe “estéril”. Esse é o caso, para não falar da Sagrada Família, de Jacó, casado com a estéril Raquel, e que insemina a escrava Bila. Os filhos desta serão considerados filhos de Raquel. Podemos dizer que aqui a escrava realiza um trabalho duplo, o sexual e o reprodutivo, enquanto recai sobre Raquel, enquanto esposa estéril, o peso do trabalho sexual e do cuidado da criança, sem que, por isso, ela perca o reconhecimento de sua “maternidade natural”. Neste caso, “parentesco”, como nos ensina Donna J. Haraway, é uma “tecnologia para a produção do efeito semiótico e material de parentesco natural, do tipo compartilhado”.²¹

A invenção da Pílula em meados do século XX, que separa heterossexualidade e reprodução, virá diferenciar e deixar à mostra a multiplicidade e a especificidade dos serviços implicados no trabalho da reprodução: o trabalho especificamente sexual, a produção de espermatozoides e óvulos, o trabalho gestacional (inseminação, gravidez, parto) e o próprio trabalho do cuidado e da criação do recém-nascido. Nem todo trabalho de reprodução implica um trabalho sexual e nem todo trabalho sexual implica um trabalho de reprodução. Embora seja verdade que a Pílula tenha separado sexualidade e reprodução, não parece tão claro que a pílula tenha liberado as mulheres cis heterossexuais de algum destes dois trabalhos. Para as mulheres cis, a verdadeira libertação do trabalho heterossexual e do trabalho de reprodução não pode vir de métodos contemporâneos de contracepção (ferramentas capitalistas de controle e consumo farmacopornográfico), mas a partir de

21 Donna J. Haraway, *Modest_Witness*, op. cit., p. 53.

uma transformação radical de seus *status* de gênero, sexo e sexualidade e da reapropriação das técnicas sexopolíticas de subjetivação.

O QUE EXPLODE RAPIDAMENTE, EXTINGUE-SE LOGO

Quer ter uma ejaculação maior? Venha cá: todo homem deseja. Grande ereção e prazer inigualável. Use estas pílulas de forma regular e você verá incrementado o volume das suas ejaculações em apenas alguns dias. O que explode rapidamente, extingue-se logo. O Senhor maldiz o sacrifício dos fracos: mas a oração dos retos é o Seu deleite.

Campanha publicitária de falsificadores de Viagra
(2006, distribuída via e-mail)

Uma das bases discursivas do regime farmacopornográfico se esconde atrás da fantástica equação inquestionável:

Um pau = uma força orgásmica = um consumidor, ou de seu oposto complementar: um corpo feminilizado = uma força orgásmica = um trabalhador do sexo.

Apesar das profundas transformações tecnológicas ocorridas nos últimos 25 anos, o discurso sobre a gestão do corpo social continua em funcionamento com representações naturalizadas e disciplinares dos sexos e dos gêneros: o domínio da retórica da diferença sexual; a apresentação da heterossexualidade como orientação sexual fundamental; a permanência equivalente entre masculinidade e ereção e feminilidade e penetração. Enquanto isso, contudo, nos laboratórios farmacopornográficos, o

capital flui por outros caminhos e a força orgásmica, na realidade, se aplica a outras frentes. Como mostra a campanha publicitária desse Viagra falsificado, o que na realidade define a masculinidade farmacopornográfica não é a capacidade de ereção masturbatória, e, sim, de forma muito mais precisa, a dificuldade de manter a ereção. O mercado de suplementos químicos e audiovisuais está complementando ereções ao ponto de suplantá-las. Em gráficos que exibem o crescimento econômico, a curva que mostra o capital segue a ascensão de uma ereção. E vice-versa. Como vimos, o mecanismo que opera na equação *diferença sexual = coito = heterossexualidade* começa a ser desvelado com a produção dos primeiros hormônios sintéticos nos anos 1950, quando o capitalismo intui as possíveis vantagens de trabalhar com um corpo maleável e sexualmente polimorfo, que pode se transformar intencionalmente em feminino ou masculino, que pode ser reativo a qualquer estímulo sexual, que pode ser tanto consumidor quanto produtor ou trabalhador do sexo e que pode, ao mesmo tempo, ser um possuidor de força orgásmica e também um comprador potente de uma força orgásmica exterior.

ORIFÍCIOS PENETRÁVEIS E EXTREMIDADES PENETRANTES

A proletarização global do sexo, privada de consciência crítica e ação política, multiplica as ocasiões e as formas de opressão e submissão. Entretanto, a divisão pornográfica do trabalho não desaparece, mas se multiplica e se transforma. Todos os trabalhadores se tornam parte da produção sob a forma de peitos inflados e bocetas penetráveis,

ânus e bocas; paus flácidos, eretos e túrgidos; corpos produtores de estrogênios, testosterona, serotonina e esperma; como conectores tecno-orgânicos capazes de ser integrados no circuito farmacopornodigital global. Cada trabalhador entra na fábrica farmacopornô na condição de “penetrável-penetrante”, facilitador de secreção ou secretor, fornecedor de alguma coisa para injetar, ou corpo viciado, como uma plataforma toxicológica produtiva ou dependente. Ou ambos. Tais segmentações não dependem de um tipo de predisposição biológica, inata ou adquirida; são para todos os corpos que possuem ânus, boca ou qualquer orifício otorrino potencialmente penetrável. Todos os corpos que possuem língua, dedos ou braços são potencialmente penetrantes ou podem servir como porto de inserção protética (dildônica ou cibernética). Todo corpo é capaz de produzir excitação sensorial de algum tipo (de linguagem, de imagem, de cheiro, de toque), todo corpo pode chupar ou ser chupado. Todo corpo é ao mesmo tempo tóxico e viciado, “normal” e deficiente,²² orgânico e tecnologicamente suplementado. Aqui a divisão do trabalho sexual não depende de uma condição natural, mas de uma especialização técnica do corpo, de uma programação somatopolítica.

No entanto, nós nos encontramos em uma ecologia sexopolítica diferente: em nossa atual configuração de gênero, apenas os corpos das mulheres cis, das mulheres trans e dos gays são considerados como *corpos potencialmente penetráveis*, do mesmo modo que só os corpos

22 Crip, termo que aparece no original em inglês, é usado pelos ativistas das deficiências e incapacidades para se apropriar das palavras “aleijado”, “paralisado” ou outras expressões depreciativas sinônimas de “incapaz”. [N.T.]

dos homens cis se apresentam e são representados como penetrantes universais naturais. Esta divisão política dos corpos produz sucessivas segmentações do espaço social em termos de gênero, que são, contudo, gradualmente desestabilizadas pela crescente tecnificação da produção do prazer e da reprodução sexual. Deste modo, parece inevitável que a chamada "divisão sexual do trabalho" se dilua, se atenua, ou, inclusive, se veja invertida, já que cada vez mais mulheres cis têm a possibilidade de alcançar a posição de penetradoras universais. Da mesma forma, um número crescente de homens cis, encontrando-se em situação de precariedade laboral, deve aceder à posição de ânus penetrados, bocas chupadoras e mãos masturbadoras, acabando por se tornarem signos pornográficos ou próteses excitantes, transformados em mecanismos masturbatórios audiovisuais universais. Se pensarmos esta nova divisão técnica do trabalho sexual no atual contexto de globalização e de fluxos migratórios, a seguinte conclusão parece imperativa: uma maioria de corpos migrantes declarados ilegais e diferenciados por linhas de racialização e exclusão social foi situada na posição de "ânus global" (e aqui a noção de "ânus" indica a posição dos trabalhadores farmacopornôs universalmente penetráveis), enquanto as minorias brancas ocidentais (tanto homens cis como mulheres cis) acedem ou preservam sua posição de penetradores universais. ←

O que preocupa o capital é a capacidade de todo corpo dotado de subjetividade política sentir prazer e provocar prazer em outros corpos dotados de subjetividade política masturbatória. Mas essa forma de capitalismo não é hedonista. Porque, como afirmam os princípios de Weber-Hilton, o objetivo não é a produção de prazer,

mas o controle da subjetividade política por meio da gestão do circuito de excitação-frustração. A finalidade do pornô, como a do trabalho sexual, é a produção de satisfação frustrante.

Neste contexto de produção e controle masturbatórios, parece obsoleto falar sobre a liberação sexual ou a guerra entre os sexos. Antes, será preciso falar das noções de dominação, resistência e terrorismo farmacopornográfico: o que está acontecendo é um confronto entre subjetividades pan-ejaculantes e uma multidão de subjetividades que desempenham a função de próteses masturbatórias (ânus e vaginas penetrados, bocas chupadoras, mãos masturbadoras, corpos dependentes de doses químicas) lutando para alcançar sua autodeterminação como corpos tecno-vivos capazes de alegria e prazer.

Este novo proletariado farmacopornográfico não é simplesmente um sujeito econômico comprometido em produzir mais-valia sexual e toxicológica: é também uma nova forma de sujeito político. Mesmo que não possa encarnar as promessas do feminismo radical (traído pelos feminismos liberais e pelos censores e abolicionistas com garantias estatais), dos movimentos *queer* e *crip* (traídos pelos movimentos homossexuais e transexuais, e por suas alianças com os poderes médicos, jurídicos, midiáticos e com as indústrias de pessoas perturbadas), dos movimentos de medicina não alopáticas e dos movimentos pela liberalização do consumo de drogas (traídos pelos acordos farmacológicos e ameaçados pelas máfias estatais e pelo tráfico de drogas), esse novo proletariado farmacopornográfico encontra sua fonte diretamente nos detritos desses movimentos esgotados. Cresce sobre seu esterco revolucionário.

GENERAL SEX

Eis uma possível definição farmacopornográfica da sexualidade: uma atividade tecno-orgânica que corresponde ao tipo de *práxis* trabalhista em que — para seguir a formulação de Marx — “a produção é inseparável do ato de produzir” e é, portanto, “uma atividade que não tem produto final”, porque é “uma prática que encontra sua própria realização em si mesma, sem tornar-se objetivada em um resultado que a ultrapasse”.²³ Paolo Virno nos lembra de que Marx recorreu a essa categoria para compreender os trabalhadores “cujos trabalhos transformam-se em uma execução virtuosa: pianistas, mordomos, bailarinos, professores, oradores, médicos, padres etc.”.²⁴ O modelo supremo deste tipo de “produção improdutiva” não é unicamente o trabalho político, como sugere Virno, mas também o trabalho sexual — o que vem de forma abrupta considerar o trabalho sexual como o modelo último de todo trabalho político.

Nenhuma prática corresponde tão bem à descrição de Marx da produção improdutiva e virtuosa como a que serve como base do mercado sexual urbano: a chupada. Marx e Engels consideram a prostituição como o complemento estrutural da instituição burguesa do casamento monogâmico. Entretanto, eles se esquecem da forma

23 Paolo Virno, *A Grammar of the Multitude: For an Analysis of Contemporary Forms of Life*, trad. Isabella Bertolotti, James Cascaito e Andrea Casson. New York: Semiotext(e), 2004, p. 54. Aqui, Virno cita o sexto capítulo inédito do livro *O Capital* de Karl Marx, intitulado “A compra e venda da força de trabalho”.

24 *Ibid.*, p. 54.

essencial do trabalho improdutivo realizada por trabalhadoras e trabalhadores cuja atividade virtuosa consiste em excitar e produzir prazer.²⁵ O trabalho sexual deve ser pensado como a *poiesis* farmacopornográfica e pertencente ao tipo de atividade que Marx chama de “trabalho servil” ou trabalho improdutivo, “em que nenhum capital é investido, mas um salário é pago (exemplo: os serviços pessoais de um mordomo)”;²⁶ trabalho que é sempre vivo e corporal. Como observa Virno, o que caracteriza formas de trabalho improdutivas e virtuosas é a dependência constituinte sobre um contexto que Marx chama de “cooperação”: não há trabalho virtuoso e improdutivo sem “espaço organizado publicamente”;²⁷ sem uma audiência (auditório, teatro, comunidade de leitores, espaço de domesticidade etc.), sem cooperação intelectual, sem o *General Intellect*.²⁸ Este é o caso do trabalho sexual: a relação entre cliente e trabalhadora ou trabalhador do sexo ocorre apenas em um espaço estruturado publicamente; é uma relação espetacular, de representação e comunicação mais que de consumo. O cliente não consome nada (não há objeto ou resultado) senão uma fantasia que o trabalhador ou trabalhadora encarna física ou virtualmente por meio do que Annie Sprinkle denomina “performance”, uma teatralização da

25 Karl Marx, *Theories of Surplus Value*, 3 vols., Amherst, NY: Prometheus Books, 2000; Frederic Engels, *The Origin of the Family, Private Property, and the State*, ed. rev. (1884; reimpressão) New York: Penguin, 2010 [Ed. bras.: *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Nacional, 2017].

26 Virno, *A Grammar of Multitudes*, op. cit., p. 54.

27 *Ibid.*, p. 13.

28 Noção de Marx que, em uma releitura pós-fordista, descreve o trabalho imaterial e o da comunicação.

sexualidade cuja meta é estimular o ciclo excitação-frustração. Poderíamos dizer, seguindo Roland Barthes em sua leitura de *Sade, Loyola et Fourier*, que os pornógrafos são “cenógrafos”, fabricantes de um contexto público, um *décor* teatral onde acontece o ritual de excitação-frustração;²⁹ um dispositivo técnico de publicação da sexualidade que conecta os corpos às tecnologias audiovisuais e de telecomunicação. Em uma situação deste tipo, não deveríamos falar tanto de “cooperação intelectual”, mas de *cooperação masturbatória*.

Se os teóricos do pós-fordismo utilizaram a noção marxista de *General Intellect* para falar sobre a potencialidade comunicativa de cooperação de cérebros como uma nova plataforma de produção capitalista, nós, os teóricos da era pós-pornô, enfatizaremos a noção de *General Sex*, ou “sexo público”, para conceber a cooperação entre corpos, desejos, pulsões, fluxos orgânicos, moléculas e prazeres mobilizados pelo capitalismo farmacopornográfico. O trabalho farmacopornográfico cultiva, explora e produz o tecnocorpo sexual da multidão. O novo capital é elaborado pelo conjunto de relações corporais e sexuais e relações de dependência, por modalidades de produção dos circuitos de excitação-frustração que sedimentam camada após camada a força de trabalho sexual, afetando toda a extensão do processo de produção. Toda relação farmacopornográfica (seja a sexual, a do corpo consigo mesmo ou a de dependência que se estabelece entre uma molécula e um metabolismo vivo) pode se transformar em (ao menos parcialmente, mas sem ser reduzida ao) capital fixo. E o trabalho vivo sexual capturado e convertido em propriedade

29 Roland Barthes, *Sade, Fourier et Loyola*, op. cit., p. 10.

de uma empresa está em posição de se tornar produtivo e, portanto, competitivo no plano internacional. Neste caso, a produtividade não pode ser medida com base na quantidade de produção por hora trabalhada; não pode se referir a uma única empresa ou a um setor específico, mas deve referir-se a um conjunto de fatores de excitação-frustração que caracterizam o corpo tecnovivo e que transcendem o trabalhador individual. Uma onda de coca de sete minutos ou um orgasmo de 25 segundos asseguram a existência de um sistema eficaz cibernético de partilha e intercâmbio de documentos, arquivos e hipertextos e são suficientes para justificar toda uma cadeia oculta de produção e distribuição virtual de moléculas e corpos, de imagens e sons.

O *General Sex* — a ereção pública, o gozo global, o orgasmo coletivo, o pico orbital — é o impulso para o gozo comunitário que viaja através da multidão convulsionando a totalidade de corpos-produtores excitáveis de capital.

O *General Sex* é a comunicação excitante, a potência masturbadora global, a conexão de subjetividades potencialmente satisfatórias. Mas, atenção, o *General Sex* não pode se reduzir, não deve se reduzir, a litros de esperma derramados ou a capital fixo: sua prática ocorre na comunicação da excitação, nas formas de paradigmas performativos (da teatralização dos papéis de gênero e dos jogos sexuais) e de doses psicotrópicas por meio de variações moleculares incessantes e modulações hormonais. O *General Sex* nos ensina que a masturbação e o pico nunca são atividades solitárias, mas vibrações de corpos cooperantes, efeitos de uma prática coletiva do trabalho sexual ou farmacológico sobre um corpo orgásmico vivo que jorra capital por todos os lugares. Neste nível de explosão das forças produtivas sexuais, a cooperação dos corpos absorve qualquer outro tipo de trabalho produtivo, de

modo que toda mercadoria é simultaneamente incitação ao prazer sexual e frustração desse mesmo prazer. Uma das chaves do circuito produtivo excitação-frustração-excitação é o caráter toxicológico do prazer sexual. Quando falamos de uma economia farmacopornográfica, é preciso levar em conta o fato de que ambos os tentáculos (o fármaco e o pornô) exploram uma base somatopolítica comum: a dimensão toxicológica de prazer. O prazer (em sua capacidade de satisfação frustrante) da multidão é a última fonte de produção de riqueza.

DEVIR CIBORGUE DO TRABALHADOR DO SEXO

Na análise de Marx das diferentes formas de exploração na economia industrial, a dimensão produtiva de serviços sexuais e domésticos prestados pela classe dominante das mulheres, pelas classes trabalhadoras e pelos corpos colonizados passou quase despercebida (em termos de especificidade de gênero, classe e raça).

Em um ensaio de 1892, Simmel desenvolve uma teoria pioneira dos serviços sexuais: ele considera a prática da prostituição como parte da moderna economia urbana. Para Simmel, a especificidade econômica do corpo prostituído funciona como um “mecanismo ejaculatório”.³⁰ Esta análise lhe permite comparar a prostituta a outros trabalhadores técnicos que realizam tarefas “ingratas”, como aqueles que trabalham “na mina de arsênio ou na fábrica de revestimento de espelhos e em todas as fábricas

30 Georg Simmel, *Simmel On Culture: Selected Writings*, eds. David Patrick Frisby e Mike Featherstone. New York: SAGE Publications, 1997, p. 262.

diretamente perigosas ou de envenenamento lento".³¹ O trabalho sexual não pode ser reduzido ao simples ato de bater punheta, assim como o trabalho na mina não pode ser reduzido a talhar pedras, ou ao esforço que custa à boca e à mão para exercer essas tarefas, "mas contém *implicitamente* toda sua formação anterior, todo o seu passado. Similarmente, o trabalho de inúmeros operários e das prostitutas leva consigo todas as suas consequências e suas conexões, toda a atitude de conjunto perante a vida e o futuro inteiro do trabalhador."³²

À definição de Marx de trabalho sexual (com ou apesar de Marx) como "produção improdutiva" ou "serviço privado", devemos agora adicionar a dimensão técnica e mecanizada do trabalho sexual, em que o caminho para uma possível industrialização do sexo está aberto.

Na segunda metade do século xx, a intoxicação farmacológica e a produção da sexualidade e da comunicação se transformam em trabalho produzido em massa. Mas, diferentemente do trabalho de informação-comunicação da indústria cultural, o trabalho sexual e toxicológico massificado permanece no âmbito *underground*, fora dos livros, no lado não assalariado, não sindicalizado, no lado ilegal ou marginal. Como uma sombra do trabalho de comunicação (mais invisível do que imaterial), o trabalho farmacopornográfico apoia e dá vida a outra economia produtiva contemporânea.

De certa forma, as indústrias pornográfica e farmacêutica estão em conformidade com os critérios fordistas de produção em série e taylorização: a gramática pornográfica audiovisual tem o objetivo de provocar uma

31 G. Simmel, *Simmel On Culture: Selected Writings*, op. cit., p. 266.

32 *Ibid*, p. 266.

ejaculação com um mínimo de planos e sequências, do mesmo modo que cada molécula de sildenafil (princípio ativo do Viagra) deve iniciar uma ereção duradoura acompanhada por uma dose suficiente e sempre renovável de prazer. Entretanto, parece ser difícil chegar ao acionamento de uma linha de montagem que permitiria a industrialização permanente do trabalho sexual. Certamente, a pornografia está aumentando seu grau de tecnologia de processamento em série graças à sua programação e à sua circulação por meios digitais. Mas, por enquanto, no começo do terceiro milênio, não há uma máquina capaz de realizar uma feição em série melhor que a bioboca, e não há masturbador robótico capaz de distrair a atenção de clientes que podem conseguir uma punheta humanoide por menos de dez euros no Bois de Boulogne³³ em Paris.

Até recentemente, as restrições e os obstáculos tecnológicos aos processos de industrialização — características do trabalho doméstico — estavam igualmente em jogo no trabalho sexual. Em ambos os casos, foi uma questão de manter a força de trabalho doméstica e sexual nos mais carnisais e vulneráveis estados, de reduzir esses espaços de produção à esfera “privada”, de remover o trabalho doméstico e sexual do mundo das atividades pagas e, assim, evitar o contato com os princípios da democracia e da visibilidade.

Se é verdade que o espaço doméstico tem sido objeto de certa tecnologização desde a Segunda Guerra Mundial, temos ainda que concordar com a alegação de Angela Davis de que esse processo não levou a uma emancipação

33 Bosque situado na periferia de Paris, conhecido como lugar de encontro entre trabalhadores do sexo e seus clientes. [N.T.]

radical do trabalhador (não assalariado) doméstico.³⁴ Davis nos convida a imaginar trabalhadores de empresas *high-tech* de alta performance que realizariam os trabalhos domésticos de forma serial: empresas para cozinhar refeições com entrega em domicílio; empresas para recolher, lavar e passar roupas; empresas de limpeza industrial de cada espaço doméstico, e assim por diante, serviços que tornariam as atividades da dona de casa obsoletas. No entanto, essas atividades continuam sendo realizadas em boa medida pelos corpos femininos não remunerados ou por corpos em situações precárias (geralmente um imigrante não branco ou um imigrante ilegal), trabalhadores cujo acesso a outro tipo de serviço foi limitado pelas leis de imigração e pela segregação racial do trabalho legal, e cujo acesso ao espaço político tem sido permanentemente bloqueado. Na realidade, os trabalhadores domésticos homens e mulheres ocupam posições semelhantes às dos trabalhadores do sexo masculino e feminino.

Segundo a taxonomia de Marx, a puta, a dona de casa e a trabalhadora doméstica pertencem à mesma categoria de trabalhadoras servis e improdutivas, e tal classificação não se deve ao acaso. A puta se dedica ao trabalho nunca acabado da excitação e produção de prazer, enquanto a dona de casa está comprometida com a tarefa nunca acabada de cuidar da higiene e dos corpos, produzindo conforto (inclusive do tipo sexual) para os habitantes da casa. O escravo doméstico não é senão um híbrido dessas duas formas de exploração da *potentia gaudendi*. Nos três casos, trata-se de trabalho sem produto finalizado, trabalho sem obra autônoma e determinada, práticas produtivas que

34 Angela Davis, "The Approaching Obsolescence of Housework: A Working Class Perspective", capítulo 13, in *Women, Race & Class*.

correspondem ao que Marx denomina “serviços pessoais”.³⁵ Culturalmente, consideram-se essas práticas corporais não mecanizáveis, incapazes de serem totalmente absorvidas pela produção técnica.

Durante a modernidade, a trajetória de dupla hélice que leva à domesticação da sexualidade e à sexualização do trabalho doméstico conduz a uma privatização ainda mais severa de ambas as práticas. Por isso, uma possível pornologia filosófica nos encorajaria a pensar toda atividade doméstica (remunerada ou não remunerada) como parte de uma economia do trabalho sexual no sentido mais amplo do termo, isto é, reunindo os processos de criação e cultura e os cuidados da subjetividade masturbatória e ejaculante.

De maneira contraintuitiva, a tecnologização do trabalho sexual não é revelada pela presença de ferramentas técnicas para a sexualidade, pois opera de forma mais sutil, por meio da produção biotecnológica do corpo cultural da trabalhadora ou trabalhador do sexo, um processo que poderíamos chamar de “devir-ciborgue-do-trabalhador-do-sexo”, de acordo com o conceito de Keynes e Clyne repolitizados por Donna J. Haraway.³⁶ Ou, em outras palavras: a trabalhadora ou trabalhador do sexo ideal, a melhor máquina altamente qualificada chupadora de paus é a boca siliconada, silenciosa e politicamente subalterna,

35 Paolo Virno, *A Grammar of Multitudes*, op. cit., p. 53.

36 Donna J. Haraway, “A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late 20th Century”, in *Simians, Cyborgs, and Women: the Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1990, pp. 149-181. Originalmente publicado como “Manifesto for cyborgs: science, technology, and socialist feminism in the 1980s”, *Socialist Review*, nº 80, 1985, pp. 65-108.

de uma imigrante mulher cis ou transexual sem acesso à identidade administrativa e à cidadania plena. Essas máquinas sexuais do terceiro milênio são corpos vivos aos quais é negado o acesso ao espaço político, despojados de direitos sindicais e de fazer greves, de ter seguro-saúde e seguro-desemprego. Diferentemente do fordismo tradicional, não há mais competição entre a máquina e o trabalhador. Ao contrário: o trabalhador se torna uma biomáquina sexual.

A verdadeira tecnologização do trabalho sexual opera por meio da produção de corpos sexuais enquanto mecanismos ejaculatórios e corpos sexuais ejaculantes. A maior parte dos homens e mulheres trabalhadores do sexo do século XXI é formada por ciborgues biopolíticos, lumpemproletariado e racializados, adaptados ao processo de produção de prazer massificado a baixo custo. Mas, atenção: não há aqui nenhuma determinação natural, nem de sexo, nem de gênero, nem de raça. Trata-se unicamente de diferenças que resultam de processos de especialização sexopolítica. Qualquer mulher cis ou homem cis tem capacidade para seguir um processo de transformação farmacopornográfica que fará dele ou dela uma puta tecnicamente *performática*. Vamos usar o corpo do homem cis como exemplo: a transformação necessitaria de certa dose regular de estrogênios e de Androcur, uma quantidade suficiente de silicone para a fabricação de seios e nádegas, uma depilação permanente, e provavelmente também implicaria a preservação de um biopênis trabalhador (tal bioferramenta é um precioso instrumento de trabalho para atividades profissionais igualmente valorizadas pelos clientes homossexuais e heterossexuais). Quando se trata de ser uma fonte de *potentia gaudendi*, qualquer corpo pode se tornar uma tecnoputa multimídia razoavelmente

especialista em um espaço relativamente curto de tempo.

No farmacopornismo, as zonas de produção pornográfica e de trabalho sexual ocupam uma posição estrutural semelhante à da prisão. A cartografia composta pelos circuitos da indústria do sexo, o complexo industrial-penal e os espaços domésticos é composta de enclaves de exploração máxima, verdadeiros oásis do capitalismo *übermaterial*, reservas distópicas de experimentação biopolítica existentes no cerne das atuais sociedades democráticas.³⁷ A pornografia e a prisão são as duas únicas indústrias que funcionam nas nossas sociedades democratas e humanistas segundo um regime pró-escravista próximo ao da economia de *plantation*: segregação racial e de gênero; salários mínimos ou inexistentes;³⁸ proibição de sindicatos e do direito à greve; ausência de férias pagas ou dias pagos por motivos de doença ou seguro-desemprego. A indústria do sexo³⁹ e o complexo industrial da prisão são os dois âmbitos em que os trabalhadores foram inteiramente privados de todo direito civil e de todo privilégio econômico ou moral sobre o trabalho que

37 Ver Angela Y. Davis, *Are Prisons Obsolete?* New York: Seven Stories Press, 2003; David Ladipo, "The Rise of America's Prison Industrial Complex", *New Left Review* 7, janeiro-fevereiro 2001: pp. 71-85; Loïc Wacquant, "De l'esclavage à l'emprisonnement de masse. Notes pour repenser la 'question raciale' aux Etats-Unis", in *L'Esclavage, la colonisation, et après...*, eds. Patrick Weil e Stéphane Foix, Paris: PUF, 2005, pp. 247-274.

38 Por exemplo, um trabalhador da prisão de San Quentin, em São Francisco, recebe vinte centavos por hora, isto é, 1,60 euros por dia, salário equivalente ao de um trabalhador de uma indústria realocada no Camboja.

39 Com algumas raras exceções, como os casos de John B. Root, Marc Dorcel ou para o Canal +, os atores e diretores de pornografia só assinam contratos para produções tradicionais.

lhes é expropriado. O atual código penal da Europa (e sua condenação da comercialização e do consumo de drogas, trabalho sexual, bem como a distribuição de certos materiais audiovisuais pornográficos) é uma das técnicas que permite deslegitimar e dessubjetivar os corpos dos trabalhadores farmacopornô. Ao reduzi-los à categoria de criminosos, sua *potentia gaudendi* pode ser usada gratuitamente ou a baixo custo. Por meio desse golpe biopolítico, os mesmos objetos históricos e materiais ocupam o interior de um circuito fechado que une a indústria farmacêutica à indústria de sexo e ao complexo industrial-carcerário. Mais que um gueto, poderíamos falar de um buraco de minhoca espaço-temporal dentro das sociedades democráticas contemporâneas.

Se o argumento de Angela Davis é transposto para a indústria do sexo, poderíamos dizer que os complexos industriais-carcerários e os âmbitos de trabalho da pornografia e da prostituição parecem ser a continuação, por outros meios, da economia do escravismo no centro das sociedades democráticas ocidentais. Isto é, o buraco de minhoca pornô-narco-carcerário não é exceção como um espaço, mas é uma bobina subterrânea em que as novas tecnologias de controle e produção dos seres tecnovivos são testadas antes de se estenderem à sociedade democrática.

Do mesmo modo, no contexto da economia farmacopornô, a guerra (que é a forma extrema do complexo pornô-narco-carcerário) não é o exterior da economia de produção e consumo em tempos de "paz", e, sim, um laboratório privilegiado para a experimentação em escala global de drogas pesadas, estupros em massa, serviços sexuais obrigatórios não remunerados e implementação de programas de extermínio tecnobiopolítico.

O regime farmacopornográfico eleva-se sobre as ruínas deixadas pela Segunda Guerra Mundial. Sua ereção cresce como o cogumelo da bomba atômica. O legado psicopolítico (violência máxima, excitação máxima, toxicomania coletiva, sintomas pós-traumáticos) e tecnológico (redes de comunicação por meio da ciência da computação, digitalização de dados, novas moléculas e novos materiais sintéticos etc.) da indústria experimental da guerra é permitir a implementação em escala global das novas técnicas de produção de prazer (excitação-frustração) no corpo tecnovivo.



11. JIMI E EU

VIRGINOLOGIA

Ano novo. Eu fico chapada. De todas as maneiras possíveis. Cada vez mais. É a primeira vez que ela me come com minha cinta peniana, gozo para ela como se fosse uma colegial. Deixar-se comer pela própria cinta peniana: um ato de humildade extrema, uma renúncia a qualquer tipo de solidificação da virilidade hormonal, protética ou cultural em mim. Ela me induz a produzir uma forma de feminilidade que eu nunca havia me permitido. Não uma feminilidade essencial, nem uma natureza que estivesse escondida em mim por trás do *drag king*, mas um tipo de "feminilidade masculina";¹ uma "feminilidade *drag king*". Sou sua cachorra *king*, sua puta trans, um menininho que mostra sua periquita por trás de seu enorme pau. Eu me torno sua escrava, sendo raivosamente aberta, como uma ninfomaníaca que abre todas as braguilhas procurando sexos para levar à boca, para enfiar em cada um dos meus orifícios. Sem ela, se não a tivesse conhecido, teria me conformado com meu insaciável instinto de penetração. Só ela, a rainha das putas, estava autorizada a transformar este corpo em um buraco permanentemente aberto à sua disposição. *Gloriam penetrationis*.

Este é o momento em que defino os princípios deste conhecimento farmacopornográfico:

¹ Judith Halberstam, *Female Masculinity*. Durham, NC: Duke University Press, 1998.



Sobre a perfeição queer e sobre como V. D. faz tudo da melhor maneira possível?

A noção mais comum e mais significativa de V. D. se expressa bem o suficiente nestes termos: V. D. é um ser absolutamente perfeito. Contudo, as implicações dessas palavras não recebem consideração o bastante. Convém destacar que há muitos tipos de perfeição na pornografia e no feminismo, e que V. D. possui todos esses tipos reunidos e que cada um deles lhe pertence em seu grau supremo.

É necessário também conhecer o que é a perfeição. Uma coisa que certamente pode ser afirmada sobre ela é que as formas ou as naturezas que não são suscetíveis a certo grau de transgenerização não são perfeições. Consequentemente, a pornografia e o feminismo são perfeições na medida em que pertencem a V. D. e, portanto, não têm limites.

De onde se segue que V. D., ao possuir a sabedoria suprema e infinita, age do modo mais perfeito, não só em um sentido metafísico, mas também do ponto de vista moral. Deste modo, no que diz respeito a nós mesmos, podemos afirmar que, quanto mais nos iluminemos e nos informemos com as obras de V. D., mais dispostos estaremos a estar de acordo com o que ela tenha sido capaz de desejar.

Esse amor por V. D. exige satisfação e aceitação completas, sem que seja necessário ser um homem cis.

Para agir de acordo com o amor de V. D. não basta ter um orgasmo: é preciso alcançar satisfação completa com tudo que nos acontece ao seguir sua vontade. Como ela é a melhor de todas as amantes, só exige a intenção mais

2 G. W. Leibniz, *Discourse on Metaphysics and the Monadology* (1686), ed. Albert R. Chandler, trad. George R. Montgomery. New York: Dover, 2008.

justa. É ela quem sempre sabe a hora e o lugar propícios para que qualquer ação tenha êxito.

A mais perfeita de todas as realidades e a que ocupa menos volume, isto é, a que menos incomoda, é seu amor. Os desejos e as ações de V. D. geralmente se dividem em ordinárias e extraordinárias. V. D. deseja tudo aquilo que é objeto da sua vontade particular. Nas ações de outras criaturas que são seu objeto de vontade, especialmente aquelas irracionais ou amorosas, cabe destacar: se a ação é boa em si mesma, podemos dizer que V. D. a deseja e a solicita, inclusive quando não tem cabimento, mas se a ação é má, é porque as consequências desta ação, a concatenação de fatos que se segue à ação produz o bem, inclusive se a ação é má, de modo que por acidente se corrige ou se compensa o mal causado. Diremos, então, que V. D. permite, mas não deseja o mal, e que busca sempre uma maneira de obter o bem inclusive se as leis do sexo estabelecidas por ela o impedem. Ela sabe como produzir o maior bem a partir delas.

Enquanto leio esses preceitos, ela acaricia o espaço que há entre os meus olhos, entre a minha orelha e o lugar onde cresce o meu cabelo; ela beija a parte interna dos meus joelhos; e enfia meus pés entre as suas coxas para esquentá-los. Ela está escrevendo o seu livro, *Teoria King Kong*, diante de mim. As costas muito retas. O cabelo loiro emaranhado de roqueira, um anel em cada dedo. Na mão direita, um crânio e ossos cruzados; na mão esquerda, um diamante falso. De vez em quando ela enrola um falso baseado e o fuma enquanto escreve, sem olhar para o teclado e com a velocidade de uma impressora eletrônica. Eu leio seus capítulos recém-acabados, recebo-os como bebês ainda adormecidos que acordam pela primeira vez diante dos meus olhos. Fico excitada. Reconheço a voz

que me excita, a voz que me come: uma voz de adolescente *punk* que aprendeu a falar com um programa de produção de gênero de homem cis, uma mente aristocrática de loba futurista que habita um corpo de puta, a inteligência de uma vencedora do prêmio Nobel encarnada em um corpo de vira-lata. Um milagre biopolítico: a evidência de que novas recombinações genético-políticas e literárias são possíveis. Ela se levanta e dança diante da janela sem cortinas para glória da vizinhança. Todas as novas gerações de pequenas sapatonas podem ser encontradas no corpo que abriga essa voz, em seus territórios neurais. Venham, meninas, as que usam véus e as que não, as que têm filhos e as que não, as que chupam paus e as que não, as que querem ter bigode e as que não. Venham. Tomai e comei. Enquanto isso, leio os textos de Laplanche sobre a “teoria geral da sedução” para poder entender a fascinação de De Lauretis sobre a implantação da subjetividade.³ A sedução originária é como um espinho cravado no campo somático da mente, ao redor do qual o sujeito se desenvolve como uma calosidade

POLÍTICAS DO CUIDADO

Enquanto passo os dias submetendo minha mente à disciplina do *coaching* viril e tomando de testosterona, V. D. me abre progressivamente a porta dos rituais culturais da feminilidade. Como resultado, depois de seis meses com ela, ocupo dois extremos diametralmente opostos do dispositivo cultural de gênero. Por um lado, há minhas

³ Jean Laplanche, *Problematisques VII. Le fourvoiement biologisant de la sexualité chez Freud suivi de biologisme et biologie*. Paris: PUF, 2006.

práticas de masculinização intencional, exercitadas como uma forma de ginástica somatopolítica contra a educação que recebi, contra os programas de gênero que dominam a representação social e política, às vezes inclusive contra meu próprio desejo. Por outro lado, há meu cuidado feminino do corpo: o cabeleireiro, a manicure, o *peeling*, as massagens, a pedicure, a depilação. Na realidade, a testosterona não pertence a nenhum destes dois dispositivos de produção de gênero, mas, antes, constitui, junto com o resto das moléculas do meu corpo, o contexto somatopolítico para a implantação performativa dessas práticas. Ambos os dispositivos pertencem a algo que poderíamos chamar de estética (no sentido dermatocosmético do termo, com a pele sendo o maior e mais público órgão do corpo e, portanto, a principal plataforma para implantação e agenciamento somatopolítico e performativos) ou inclusive de ética do gênero: uma atenção, um cuidado consciente à produção somatopolítica da masculinidade e da feminilidade.

Como a convenci a me ajudar a descobrir os prós e contras da feminização, V. D. me convida a um centro de talassoterapia. Em um complexo hoteleiro luxuoso da Bretanha francesa, passamos uma semana com roupões e sandálias de plástico, cochilando em banheiras de algas, flutuando em *jacuzzis* bioenergizantes à base de iodo, comendo ostras, lendo *Le Figaro* (o jornal de direita francês era o único disponível) e fodendo. Uma semana inesquecível. Pela primeira vez na minha vida, concordo em ir à manicure. Subindo uma escada de vidro, chega-se ao lugar onde são realizados os tratamentos, uma sala em forma de concha com paredes e pisos de um branco perolado. Várias vitrines de vidro expõem ramos de corais vermelhos dos quais pendem brincos, colares e relógios

Dior, Chanel e Dolce & Gabanna; outras se transformaram em aquários retangulares em que pequenas colônias de peixes figurantes convivem com colares e pulseiras de pérolas. O curioso mundo da feminilidade branca de classe alta. Chamam esse estranho universo de "centro de estética marinha". Uma jovem me recebe e me entrega um roupão branco e um número de março da *Vogue*. Tenho de esperar dez minutos, ela me diz. Eu carregava meu próprio livro. Olho o lugar com desprezo. A decoração e as mulheres cis que esperam para fazer limpeza facial me parecem não ter estilo ou inteligência. Uma onda de angústia cresce em mim. Minha cultura translésbica radical de esquerda me previne contra esse tipo de hedonismo de gênero. No auge do desânimo político, outra jovem me busca. Penso em avisar-lhe imediatamente que, apesar do que ela possa pensar, não sou uma simples mulher cis, penso em lhe dizer que sou trans, que aquela é a primeira vez que estou ali, que não sei exatamente o que estou fazendo ali. Penso em perguntar se o procedimento para fazer as unhas de homem e de mulher é o mesmo, se os produtos que utilizam são os mesmos. Mas ela me sorri amavelmente avançando para outro cômodo interno, e não sou capaz de emitir uma só de minhas frases. Ela me leva até uma pequena mesa recoberta com uma toalha impecavelmente branca sobre a qual repousam dezenas de frascos de cosméticos, várias pilhas de compressas de gaze, potes com bolas de algodão colorido, um pote transparente cheio de lixas de diferentes cores e espessuras. Tudo isso organizado com uma precisão geométrica *à la* Leibniz. Eu me sento em uma pequena cadeira em um dos lados da mesa. Ela se senta em frente, me encarando. Então ela me pede as mãos. Primeiro, ela toca meus dedos. Depois, põe as palmas de suas mãos sob as minhas mãos e as levanta até

tê-las diante de seus olhos. Sinto-me exposta, como que nua. Ela coloca minha mão direita em um recipiente com o fundo coberto com um creme rosa morno, com a cor da pele branca, enquanto lixa cada uma das unhas da minha mão esquerda, uma por uma. Ela tira a minha mão direita do recipiente com creme e a pega entre as duas mãos. Ela acaricia minha mão, massageia cada um dos dedos, sobe com as duas mãos até meu punho e depois fricciona meu antebraço com o resto de creme. É uma experiência completamente lésbica. Uma ideia passa pela minha mente: ela sabe perfeitamente que tem entre suas mãos um dos meus órgãos sexuais; sabe que todas as mulheres cis sentadas na sala de espera lendo *Vogue* sabem perfeitamente por que estão ali e o que vieram fazer. Agora eu as vejo de modo diferente. Elas são como agentes disfarçados de uma seita secreta dedicada ao prazer feminino. A jovem manicure deixa minha mão direita, que naquele momento já não opõe nenhuma resistência a ser tocada e descansa languidamente sobre a mesa em que foi colocada. Ela agora começa a massagear a minha mão esquerda, enfiando os dedos entre os meus, depois aperta as pontas dos dedos, antes de descer até o arco de pele que une cada dedo à mão. Está me fazendo uma masturbação contrassexual no braço. "Tudo bem?", ela pergunta. "Sim, sim, tudo ótimo", respondo. Eu não olho para ela enquanto me toca. Entendo, então, o que deve sentir um homem cis quando vai a uma sala de massagens e paga para que uma garota o masturbe. A diferença é nominal: eles podem chamar isso de "sexo", e as mulheres chamam de "tratamento de beleza". Tiro uma conclusão rápida sobre o funcionamento do regime farmacopornográfico. Na cultura heterossexual, as mulheres de classe alta e com dinheiro podem pagar pelos serviços sensuais de outras mulheres, enquanto as mulheres da

classe operária, imigrantes ou simplesmente trabalhadoras pobres comuns são pagas para se ocuparem do corpo e do bem-estar erótico de outras mulheres, além, é claro, do bem-estar erótico e sexual dos homens. Sem essa economia homoerótica paralela e sem a sensualidade das crianças, a heterossexualidade como regime político e erótico viria abaixo. Evidentemente, os cuidados sexuais que os homens proporcionam às mulheres não bastariam para produzir nem endorfinas nem serotonina suficientes para a sobrevivência do corpo. Em todo caso, e deixando de lado a cultura lésbica, uma coisa parece clara: as mulheres fazem nesta sociedade o trabalho do cuidado do corpo. Ocupam-se dos corpos dos homens, mas também do cuidado do corpo das outras mulheres heterossexuais. Isso é o que se esconde por trás da noção marxista de “divisão sexual do trabalho”. Não se trata somente de atribuir às mulheres a esfera da reprodução e, aos homens, a da produção. A coisa parece muito mais complexa. As mulheres têm sob sua responsabilidade uma tarefa fundamental, sem a qual o equilíbrio erótico-político da heterossexualidade se colapsaria imediatamente: as mulheres se ocupam de levar a cabo uma dermatologia política generalizada. Elas cuidam da pele do mundo. Mas a chave desse sistema heterossexual é uma escrupulosa exclusão da produção de prazer sexual do âmbito dos cuidados esbanjados de mulher para mulher. Por outro lado, quando as mulheres se ocupam dos homens, todo cuidado é potencialmente sexualizável. É até possível que o número de mulheres que vai à manicure seja comparável com o número de homens que vai a salas de massagens para fazer com que toquem seu pau. Absorvida nessa multidão de pensamentos, percebo — horrorizada — que a manicure está pintando minhas unhas de vermelho.

A ESTRELA DA SORTE PROTÉTICA

Não escrevo uma linha sem ser masturbada por ela, sem pensar que, de um momento para o outro, meu sexo, meu pau, meu dildo, minha mão, meu braço poderia encontrar-se com sua boca. Com 250 mg na minha pele, é difícil esperar uma resposta sexual adequada a partir de um corpo cheio de estrogênios. Uma conclusão se torna óbvia: tudo seria mais fácil se, deixando de lado o imperativo político heterossexual, o intercâmbio de prazer e de descarga sexual fosse regulado apenas pela excitação molecular. Educar um corpo hipertestosteronado para desejar corpos hiperestrogenados: eis uma definição possível do sadomasoquismo heterossexual cultural.

Ela me diz: "Eu fiz muito sexo grupal quando cheguei a Paris". Penso que já devem ter estourado todos os seus buracos de deusa com dildos de todos os tamanhos. Ela diz: "Não, nunca", mal abrindo os lábios, como um pato de borracha. Eu tinha me esquecido que os caras cis não usam dildos quando fazem sexo grupal heterossexual. Eu não sei quase nada sobre sexo entre héteros. Pertencço a outra espécie: à das meninas-garoto. Se é assim que as coisas funcionam, bem-vinda ao planeta sapatona trans, gigante loira. Mulheres abandonadas por poetas viris vêm para o mundo trans. A possibilidade de trepar com ela pela primeira vez com um megadildo desencadeia uma onda de T. em mim, o calor se difunde sob minha pele, do meu cóccix até o pescoço, irrigando os meus braços e saindo pela ponta da minha língua. Sei o valor dos meus dildos, viajo de molécula em molécula para ilhas artificiais enquanto avalio qual dos meus dildos terá o privilégio de comê-la primeiro. Agarro-me a esses centímetros de puro prazer com meus cinco dedos, os mesmos que, mais

adiante, entram procurando o centro da pelve dela, que vão depois para sua boca, que acariciam a parede interna de sua garganta, que descem pelo tubo digestivo até o cólon. Ela escolhe o azul anatômico realista. Ela geme e se abre levantando as pernas. A toda velocidade, guio um Aston Martin DB5 azul brilhante dentro de seus túneis. V. D. não quer que eu trepe com ela com os mesmos dildos que até agora usei para trepar com o Victor. Victor não quer que eu trepe com V. D. com os mesmos dildos que utilizei com ele. Entendo este sentido agudo de exclusividade protética. Ambos demandam uma forma de escrupulosa fidelidade plástica. Gosto disso. Então vou ao supermercado do sexo do *boulevard* Magenta — é hétero, mas mais barato do que os *sex shops* do Le Marais. Na vitrine, sobre os corpos de três velhos manequins, se amontoa uma coleção eclética de correntes, algemas, penachos pretos, sutiãs de metal, vestidos de enfermeira de látex, capas de Chapeuzinho Vermelho e máscaras de Mulher-Gato. A loja, como qualquer outro supermercado de bairro, é composta por estantes baratas sobre as quais se alinham vídeos pornôs organizados por categorias, caixas de dildos, bonecas infláveis e caixas de macarrão em forma de pau. Entro, pego minha cesta de compras, driblo os clientes parados diante das estantes. “Olá, senhor”, me cumprimenta uma das duas vendedoras que conversam atrás do balcão. Loira tingida, pele branca, cara de menina, um visual hétero. A outra tem olhos pretos com cílios espessos e enroscados. Elas me fazem pensar que ela é franco-árabe e parece mais velha, embora com certeza não tenha mais do que vinte anos. Dou uma volta olhando diferentes tamanhos, materiais, cores, preços. O supermercado de acessórios sexuais é a apoteose comercial do imaginário sexopolítico hétero. Enquanto uma mulher é um corpo e todo seu corpo é

matéria sexualizável, um homem é um pau e sua matéria sexualizável se reduz ao pênis.

Alguns dias antes, peço a v. D. que faça uma lista dos homens cis cujos paus ela gostaria de chupar se não tivesse se tornado intempestivamente lésbica. Jimi Hendrix é o primeiro da lista. Pau número um. O profeta do *rock* diante do qual os brancos se ajoelham. Penso em tirar uma onda com sua cara. Ainda estou dando voltas pelo supermercado, e encontro facilmente um dildo preto: 22 centímetros, bem *kitsch*, veias aparentes, cabeça de um marrom chocolate com leite. Ei, Jimi, me empresta seu pau para que eu possa comer o cu da minha loira? Sem ser arrogante demais, aposto que o meu é maior e que fica muito mais duro.

Ela me chama de "*chérie, chéri*" quando enfio o Jimi nela até o fundo. Não se ouve a diferença, mas sei que ela diz isso duas vezes porque cada uma delas se dirige a cada um dos meus sexos. É desse modo que ela escreve nas mensagens que me envia: *chérie, chéri*. Ela certamente está passando por uma reprogramação de sua configuração sexual. Mostro a ela minha entidade protética: um corpo com dois seios pequenos, um pau de silicone de 22 centímetros que emana da minha cintura, dois braços multifunção. Enfio nela o arquivo de "transforme-se-em-minha-puta-sapatão" em seu *hardware* sexual. Nós nos reconfiguramos. Meu corpo levita 25 centímetros acima do dela: a distância exata para poder extrair a imagem de seu corpo da paisagem que fica entre os meus braços. O mundo que fica fora dessa moldura se desfaz. Em primeiro plano, seu sutiã verde e vermelho. Uma flor de cetim em miniatura pousa entre seus seios. Minha cinta de couro preto prende o Jimi sobre meu clitóris. Minhas terminações nervosas enervam a ponta do dildo. Ela pede mais. Devagar, meto bem fundo.

You got me floatin' round and round. You got me floatin' never down. Vamos hasta el final.

O sexo de v. D. fala a linguagem da revolução.

QUE SE FODA BEAUVOIR

Faz mais de dois meses que v. D. e eu nos vemos para trepar. Faz praticamente o mesmo tempo que me aplico testosterona. Ultimamente ela brinca com os meus sentimentos. Deixa-se comer como uma puta, mas chora depois porque lhe falta isso, lhe falta aquilo, porque não esqueceu n, n+1... Passo quatro dias sem me aplicar uma dose de Testogel. Quando ela me rejeita, sinto a subida dos estrogênios, noto que posso chorar a cada instante. Mas me contenho para não ficar como uma idiota apaixonada. Sinto que, sob a minha pele, se levanta de novo o monstro do meu programa cultural feminino: fui treinada para sentir como uma mulher, para sofrer como uma mulher, para amar como uma mulher. A testosterona não é suficiente para modificar esse filtro sensorial. Que se foda a Beauvoir. Que se foda o feminismo. Que se foda o amor.

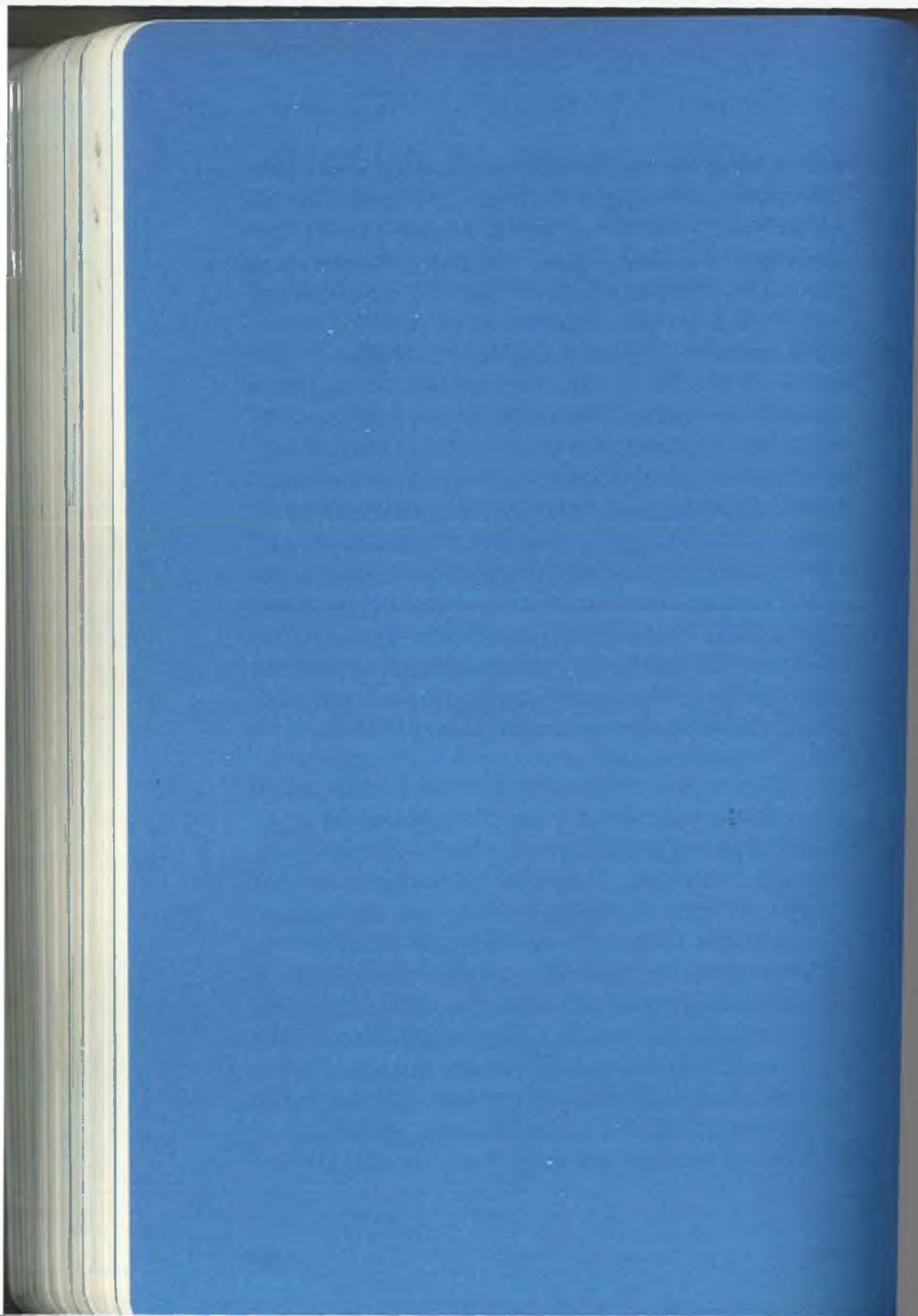
Para não cair definitivamente em uma das formas habituais do masoquismo feminino, amplificada por uma subida de estrogênios, me imponho a disciplina de praticar um dos programas de *coaching* viril que criei para as situações de urgência: deixo de lado todo tipo de meditação romântica e me ponho imediatamente a fazer alguns exercícios para me tornar um macho de elite e aguentar as ausências dela. Quando v. D. volta, estou preparado.

As coisas começam assim. Ela está deitada no seu lado da cama, seu cabelo não deixa ver o rosto. A luz é de um branco diáfano, como sua pele. Ela não fica nessa posição

por muito tempo: gira 180 graus sobre si mesma e ronrona, enquanto sua voz entrecortada diz: "*Chérie*, vem, vem pra mim, trepa comigo". Eu não vejo sua boca imediatamente. A imagem de seus lábios emerge, gradualmente, com suas palavras. Inicialmente, tudo é cor. Somos feitos de alvéolos vermelhos. Um segundo depois, sua boca se torna som, e percebo ao escutar *Foxy Lady* pelos fones do *iPod*. Sua música e sua voz constroem dois planos paralelos. A melodia circula no nível superior, deslizando sobre nossas cabeças. Sua voz desliza, se espalha, para o estrato inferior, onde nossos corpos descansam e uma prateleira circular giratória é como nosso palco. Não estamos na fase do sexo, ainda. Mas tenho certeza de que é o que vem depois deste som. Exatamente depois desta nota, para ser precisa. Eu me preparo para isso. Pouco a pouco subimos ao plano da música, do qual o sexo emana. Quando a rotação da plataforma faz com que meu braço coincida com a mesinha de cabeceira, estico a mão e a abro: a gaveta contém quatro dildos, um secador de cabelo, um pote pequeno de lubrificante, preservativos do tamanho GG, um tubo de Biafine e um creme para as mãos. A parte externa do meu olho acaricia os objetos com uma visão periférica, rápida, todos eles cabem em um só golpe de vista. Depois, meus olhos se detêm, destacando uma singularidade no conjunto. Tiro o Jimi. Já está enfiado na cinta. Estou de joelhos entre a sua voz e a plataforma da música. Ela diz: "*Je suis ta pute*, eu pertencço a você". Tudo gira. Tiro a camiseta. Baixo ligeiramente as calças, sem tirá-las completamente. Passo uma das cintas de couro entre as minhas pernas e prendo o Jimi na cintura com duas fivelas, uma em cada lado dos quadris. Um pedaço de pele fica preso em uma das fivelas. Puxo mais forte. O metal deixa uma marca vermelha perfeitamente semicircular no quadril direito. Estou presa

a Jimi. É um sexo superestável. Existo na continuidade orgânica-inorgânica que esse sexo continuamente oferece. Volto a subir as calças enfiando o Jimi de lado, sobre a minha perna esquerda. A mão dela alcança as minhas calças, confirma a pressão das fivelas sobre as minhas coxas, acentua o efeito de aspiração do Jimi sobre meu clitóris, detecta sua forma, seu contorno. Agora já estamos trepando: as placas se misturam até formar um só volume esponjoso. Ela puxa o Jimi da minha calça, me masturba com a mão, com a boca, pela metade, chupa a ponta do Jimi com a língua — só não faz mais porque o que ela quer mesmo é que eu a coma completamente com o Jimi, que eu goze em cima dela. “Sim, sim, me coma como uma cachorra.” Não tenho medo de nada. Estou de joelhos entre suas pernas. É aqui que você pertence, *chérie*, só você. Sim, esse é meu espaço. É minha puta e minha deusa. Uma virgem mutante que cruza uma linha sintética da evolução até encontrar-se com o chefe da horda das meninas-garoto. Tregar com ela é voltar sobre cada um dos nós da minha vida — as garotas hétero que me beijavam e depois me abandonavam para sair com garotos cis, as lésbicas que não gostavam dos meus dildos, nós héteros, nós lésbicos, nós transfóbicos, nós androcêntricos — e mordê-los suavemente até que se desfaçam. Eu sou sua trans, seu monstro. Não tenho medo de não ser um macho cis. Pego o pote de lubrificante e encho a mão direita. Espero. Ainda não toco nela. A música se ocupa de nós, tudo está em movimento. Eu me masturbo com meu dildo. Ela me olha, movendo a língua. Sua cabeça gira três vezes de um lado para outro. Ao se mover, meus olhos coincidem rapidamente com os seus. Meu Jimi a machuca ao entrar, bate contra o osso de sua pelve e rebate para trás. Ela grita um pouco, seu rosto está próximo ao meu.

Enfio-o mais fundo, mas mais gentilmente, deslizando dentro dela em seu ritmo. Sinto nos braços o esforço de levantar seus quadris com o Jimi, de fazê-los voar ligeiramente até arquearem. Quando sua pelve me prende, já não preciso me apoiar com as mãos. Eu me agarro aos ossos de sua clavícula com firmeza, afundo os dedos no espaço entre seu pescoço e seus ombros. O olho se deixa tocar em sua superfície pela imagem: o sexo é videográfico. Agora estamos gozando em verde. Depois, a impressão se torna mais olfativa do que visual, mais tátil do que auditiva. Somos o universo trepando. Uma conexão sintética de fenótipos humanos, linguagem, sons eletrônicos e dildos que aceito como parte da minha consciência durante a penetração. Respiro profundamente até sentir a eletricidade subindo dos pés até o peito e saindo pelos dedos. Este é o poder de amá-la. O poder de cavar um buraco no organismo dela através do qual a música flui. O poder de saber que ela fará qualquer coisa para me ter entre suas pernas. Esse é o poder que retiro do seu sexo.



12. MICROPOLÍTICAS DE GÊNERO NA ERA FARMACOPORNOGRÁFICA: EXPERIMENTAÇÃO, INTOXICAÇÃO VOLUNTÁRIA, MUTAÇÃO

Os antigos gramáticos hegemônicos — incluindo os sexólogos — perderam o controle sobre o gênero e suas proliferações.

DONNA J. HARAWAY

Estamos no lado dos monstros. E daí? Se já não podemos insultar os monstros é porque nos damos conta de que somos um deles, então temos de olhar para trás, para a nossa posição como um antigo insider, e começar a desvalorizá-la. Transformamo-nos oficialmente em ativistas. Mas fora ou dentro é ainda um lado, e escolher um lado geralmente significa escolher a identidade de um lado, e ali estão políticas de identidade como mais uma parte de um jogo chamado nós-contra-eles. Nas “políticas transexuais”, como em todas as outras políticas de identidade, procuramos ao redor por um “eles”. Do ponto de vista da pessoa transgênero, não há falta de “eles”, não falta nada.

KATE BORNSTEIN

Queremos apoderar-nos do nosso gênero, redefinir nossos corpos e criar redes livres e abertas em que possamos nos desenvolver, em que qualquer um possa construir seus mecanismos de segurança contra as pressões de gênero. Não somos vítimas, nossas feridas de guerra servem como escudo... Nós não nos apresentamos como terroristas e, sim, como piratas, trapezistas guerrilheiros, guerreiros,

dissidentes do gênero... Defendemos a dúvida, acreditamos na possibilidade de "voltar atrás" como um passo para seguir adiante, pensamos que nenhum processo de construção deve ser imposto como irreversível. Queremos visibilizar a beleza da androgenia. Acreditamos no nosso direito de tirar as vendas para respirar, ou no de nunca retirá-las; no nosso direito de ser operados por bons cirurgiões e não por açougueiros; no livre acesso aos tratamentos hormonais sem necessidade de certificados psiquiátricos; no nosso direito de nos auto-hormonizar. Reivindicamos o viver sem obter a permissão de ninguém.

GUERRILHA TRAVOLAKA, BARCELONA

MICROPOLÍTICAS PÓS-QUEER

As fronteiras das atuais metrópoles (Los Angeles, Londres, Nova York, Bombaim, Paris, Berlim, Singapura etc.) não coincidem com os limites geográficos das cidades modernas. Você pode achar que está fora e estar dentro, como pode achar que está dentro sem haver tocado por um único momento a densidade virtual que constitui a farmacopornomegalópole. Cheguei a Nova York em 1993 para escapar das instituições educacionais e culturais da Espanha pós-Franco, onde uma feminista lésbica (como então me definia naquele tempo, remetendo-me às poucas referências discursivas e políticas de que dispunha) tinha pouco a fazer. No fim do século xx, Nova York era um dos centros do expandido império farmacopornográfico. Mas era também um vórtice de redes de emergência de estratégias críticas e políticas que transcendiam fronteiras e línguas em suas tentativas de resistir e dismantelar a ordem dominante.

Quando me mudei para Paris, em 1999, vim para viver em um subúrbio oriental do império farmacopornográfico onde as pessoas falavam francês. E vim para transcrever nessa língua (que também não era a minha) alguns dos dialetos *queer* que eu tinha visto surgir anos antes. Para começar, tratava-se de transferir para outras partes do mundo o poder dos discursos de resistência que fermentaram nas margens da farmacopornópole. Assim, pode-se também dizer, Nova York não é um lugar, mas, utilizando aqui as palavras de Spivak, um regime de tradução cultural. E, portanto, paradoxalmente, comecei a viver em Nova York quando deixei aquela cidade.

Os desencantados, doentes e austeros anos 1990, sem o alegre radicalismo dos anos 1970, nem o glamour *disco* do começo dos anos 1980, seriam os anos da proliferação das micropolíticas *queer*. No fim da década de 1980, um conjunto de grupos de sapatonas, bichas, *drags*, transgêneros e transexuais (Queer Nation, Gran Fury, Fierce Pussy, Radical Fairy, ACT UP e Lesbian Avengers, para nomear os mais conhecidos) disseminados pelos Estados Unidos e pela Inglaterra reagiu às chamadas políticas de identidade gays e lésbicas e suas demandas de integração na sociedade heterossexual dominante. Eles transformaram a rua em um espaço de “teatralização de raiva política” e adotaram um estilo performativo hiperbólico como forma de contestar a norma heterossexual.² Ao mesmo tempo, o

1 Judith Buther, *Bodies That Matter*, op. cit., p. 233.

2 Front homosexuel d'action révolutionnaire (FHAR), *Rapport contre la normalité* (Paris: Champ Libre, 1971); Guy Hocquenghem, *Homosexual Desire*, trad. Daniella Dangoor. Durham, NC: Duke University Press, 1993; Guy Hocquenghem, *The Screwball Asses*, trad. Noura Wedell. New

feminismo modificou-se por meio da descentralização do sujeito político que simultânea e transversalmente questionou o caráter natural e universal da condição feminina.

Judith Butler lança luz sobre os processos de significação cultural discursiva e sobre a estilização do corpo por meio dos quais as diferenças entre os gêneros se tornou normatizada, enquanto Donna J. Haraway e Anne Fausto-Sterling questionam a existência de dois sexos como realidades biológicas que seriam independentes dos processos tecnocientíficos da construção dos corpos e das suas representações. Além disso, junto com as lutas emancipatórias de afro-americanos e a descolonização do Terceiro Mundo, vozes críticas começavam a se levantar contra os pressupostos do feminismo branco colonial. Angela Davis, bell hooks, Patricia J. Williams, Gloria Anzaldúa, Cherríe Moraga, Gayatri Spivak definiam projetos de descolonização do feminismo, o que obrigou teóricos e ativistas a pensar sobre os sistemas complexos de distribuição desigual de oportunidades de vida e sobre a violência envolvendo raça, gênero, sexo, sexualidade, doença, classe, migração, deficiência...³

York: Semiotext(e), 2009. A primeira dessas mudanças veio dos primeiros teóricos *queer* franceses, como Guy Hocquenghem, René Scherer e Monique Wittig. Apesar da diversidade de suas formações críticas, do marxismo à genealogia foucaultiana, suas interpretações sobre a normatização de corpos e de práticas nas democracias ocidentais resultaram em uma definição de "heterossexualidade" como um "regime político".

3 Gloria Hull, Patricia Scott e Barbara Smith, eds., *But Some of Us Are Brave: All the Women Are White, All the Blacks Are Men*. New York: The Feminist Press, 1982; Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa, eds., *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*. New York: Kitchen Table: Woman of Color Press, 1983; Gayatri Chakravorty Spivak, "Can the Subaltern Speak?", in *Marxism & the Interpretation of Culture*, eds. Cary Nelson e Lawrence Grossberg. Londres: Macmillan, 1988, pp.

Essas formas dissidentes do feminismo se tornaram visíveis quando os sujeitos subalternos excluídos pelo feminismo branco heterossexual liberal começou a denunciar os processos de normatização e repressão inerentes às suas estratégias políticas e discursivas. A repressão a projetos revolucionários levou a um feminismo cinza, normativo e puritano, que vê nas diferenças culturais, sexuais ou políticas ameaças contra o ideal heterossexual e eurocêntrico de mulher. A partir de tais questões, emerge uma série de novas formas de feminismo — feminismos para *freaks*, projetos coletivos de transformação para o século XXI. Em um retorno à tese de Virginie Despentes,⁴ poderíamos falar do despertar crítico do “proletariado feminino” povoado por mulheres não brancas, sapatonas, mulheres estupradas, dissidentes de gênero, soropositivas, pessoas transgêneros e transexuais, pessoas gordas, imigrantes, *crips*... em resumo, quase todos nós.

Enquanto teóricos *queer* formulavam sobre a performatividade de gênero e ativistas *queer* resistiam aos efeitos colaterais disciplinares das políticas de identidade gays e lésbicas, ativistas do ACT UP inventaram as primeiras estratégias que no contexto do neoliberalismo já poderiam ser chamadas de “ativismo antifarmacopornográfico”: a luta contra a aids tornou-se a luta contra os dispositivos

271-313; Gloria Anzaldúa, *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco, CA: Aunt Lute Books, 1987; Ranajit Guha e Gayatri Chakravorty Spivak, eds., *Selected Subaltern Studies*. New York: Oxford University Press, 1988; Avtar Brah, *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. New York: Routledge, 1996; Chela Sandoval, *Methodology of the Oppressed*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2000; Chandra Talpade Mohanty e Jacqui Alexander, *Feminist Genealogies, Colonial Legacies, Democratic Futures*. New York: Routledge, 1997.

⁴ Despentes, *King Kong Theory*, op. cit., p. 10.

geopolíticos e culturais de produção da aids — o que inclui modelos biomédicos, campanhas publicitárias, organizações governamentais e não governamentais de saúde, programas de sequência de genoma, indústrias farmacológicas, propriedade intelectual, biopatentes, marcas, definições de grupos de risco, ensaios e protocolos clínicos...

→ Uma das mudanças mais produtivas surgirá exatamente nos círculos que até então se haviam pensado como depósitos da vitimização feminina — e aos quais o feminismo não esperava que um discurso crítico pudesse alcançar. Os círculos em questão são compostos por trabalhadoras do sexo, atrizes pornôs e pessoas sexualmente rebeladas. Os movimentos criados pelas revoltas sexuais alcançaram estruturas discursivas e políticas nos anos 1980 quando os debates feministas contra a pornografia explodiram nos Estados Unidos, um fenômeno que ficou conhecido como “guerras sexuais”. Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin, porta-vozes de um feminismo antissexual, vão utilizar a pornografia como primeiro exemplo da opressão política e sexual das mulheres.⁵ Sob o *slogan* criado por Robin Morgan — “a pornografia é a teoria, e a violação é a prática” —, vão condenar a representação da sexualidade feminina como prática de promoção da violência de gênero e da submissão sexual e política das mulheres, e vão advogar pela abolição legal da pornografia e da prostituição.⁶ ↩

5 Catharine MacKinnon, *Feminism unmodified: discourses on life and law*. Cambridge: Harvard University Press, 1987; Andrea Dworkin, *Pornography: men possessing women*. Londres: Women's Press, 1981. Ver também MacKinnon, *Pornography and civil rights: a new day for women's equality*. Minneapolis, MN: Organizing Against Pornography, 1998.

6 Robin Morgan, “Theory and Practice: Pornography and Rape”, in *Going Too Far: The Personal Chronicle of a Feminist*. New York: Random House, 1978. Citado em Alice Echols, “The Taming of the Id: Feminist

Em 1981, Ellen Willis, uma das pioneiras da crítica feminista de rock nos Estados Unidos, critica a cumplicidade desse feminismo abolicionista com as estruturas patriarcais que reprimem e controlam o corpo das mulheres na sociedade heterossexual. Para Willis, as feministas abolicionistas pedem ao Estado para regular a representação da sexualidade, concedendo grande poder a uma instituição patriarcal cujo objetivo histórico sempre foi a sujeição do corpo feminino e o reforço do olhar e do prazer masculinos. Os resultados perversos do movimento antipornografia ficaram evidentes no Canadá, onde, ao se aplicarem medidas de controle da representação da sexualidade seguindo critérios feministas, os primeiros filmes e publicações censuradas foram os procedentes de sexualidades minoritárias⁷ — especialmente as representações lésbicas, pela presença de dildos, e as sexualidades sadomasoquistas, que a comissão estatal considerava violentas e nocivas para as mulheres. Por outro lado, as representações estereotipadas da mulher no pornô heterossexual não foram censuradas pela comissão.

O movimento dos trabalhadores do sexo reagiu ao feminismo antipornô declarando que o Estado era incapaz de nos proteger da pornografia. A decodificação de representação é sempre uma tarefa semiótica aberta que não necessita de proteção. Pelo contrário, é algo que deve ser abordado com reflexão, discurso crítico e ação política. Willis será a primeira a denominar de “feminismo

Sexual Politics, 1968-1983”, in *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*, ed. Carole S. Vance. New York: Routledge, 1984, pp. 50-72.

⁷ Utilizo aqui a noção de “minoría” não em um sentido estatístico do termo, mas como reservatório revolucionário de transformação política como concebido por Deleuze e Guattari.

pró-sexo” o movimento sexopolítico que categoriza o prazer feminino e o corpo das mulheres como espaços políticos de resistência ao controle e à normatização da sexualidade. Paralelamente, a prostituta californiana Scarlot Harlot utilizará pela primeira vez a expressão *trabalhadora do sexo* para definir a prostituição, reivindicando a profissionalização e a igualdade de direitos das putas no mercado de trabalho. As prostitutas de São Francisco (reunidas no movimento de defesa dos direitos das putas COYOTE, criado pela profissional do sexo Margot Saint James), membros do Prostitutas de Nova York (PONY), ativistas da luta contra a aids, do ACT UP e radicais lésbicas e sadomasoquistas (autodenominadas de Lesbian Avengers, SAMOIS etc.) rapidamente formaram uma coalizão com Willis e Harlot. Começando na década de 1990, na Espanha e na França, os movimentos de trabalhadoras do sexo liderados por grupos como Hetaira (Madri), Cabiria (Lyon), Grisélidis (Toulouse) e LICIT (Barcelona), e representados por ativistas como Cristina Garaizábal, Empar Pineda, Dolores Juliano, Raquel Osborne, Grisélidis Réal, Claire Carthonney e Françoise Guillemaut vão formar um bloco europeu pela defesa dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras do sexo.

Este feminismo “pós-pornô”⁸ e autorreflexivo foi capaz de encontrar um espaço para o ativismo dentro de produções audiovisuais, literatura e performance. Por meio dos filmes pornôs feministas de Annie Sprinkle; dos documentários e das ficções de Monika Treut; da literatura de Virginie Despentes, Dorothy Allison e Kathy Acker; das

8 Uso aqui a politização de Annie Sprinkle da noção “pós-pornô” moder-nista de Wink van Kempen. Ver Annie Sprinkle, *Post-Porn Modernist*. San Francisco: Cleis Press, 1998. ✱

tirinhas cômicas de Alison Bechdel; das fotografias de Del LaGrace Volcano e Axelle Ledauphin; das performances de Diana Pornoterrorista, Post-Op e Lady Pain; das performances *queer* de Tim Stüttgen; das políticas *zine* e *ready-made* de Dana Wise; dos shows selvagens dos grupos Tribe 8, Le Tigre ou Chicks on Speed; das pregações neogóticas de Lydia Lunch; e dos pornôs transgêneros de ficção científica de Shu Lea Cheang, cria-se uma estética feminista feita de um tráfico de signos e artefatos culturais e da ressignificação crítica de códigos normativos que o feminismo tradicional considerava como impróprios à feminilidade. Algumas das referências deste discurso estético e político são os filmes pornôs ou de terror; a literatura gótica; os brinquedos sexuais; os vampiros e os monstros; os mangás; as divindades pagãs; os ciborgues; a música *punk*; as intervenções políticas no espaço público; sexo com máquinas; ícones anarcofeministas como as *riot grrrls*; paródias lésbicas ultrassexuais da masculinidade como as versões *drag king* de Diane Torr, Océan LeRoy, Shelly Mars e Antonia Baehr; e artistas de performances sexuais como Lazlo Pearlman e Hans Scheirl.

Contudo, a palavra *queer* — que serviu durante alguns anos nos países anglo-saxões e na Europa, por meio de um exercício de tradução cultural, para nomear essas múltiplas lutas — se vê agora submetida a um crescente processo de reificação e comercialização (movimentos próprios do regime farmacopornográfico). Nos últimos anos, *queer* foi codificada pelos discursos dominantes.⁹ Estamos correndo o risco de transformar o termo em uma

9 Para citar apenas uma dessas reapropriações do termo: em 1998, o produtor de TV Thierry Ardisson registrou o termo *queer* como uma marca no Institut National de L'Industrie, na França.

descrição de uma identidade do mercado neoliberal que gera novas exclusões e esconde as condições específicas de opressão do transexual, dos transgênero, dos “crip” ou dos corpos racializados. Não é uma questão de escolher um sujeito biológico ou histórico de oposição (*mulheres, homossexuais, negros* etc.) que poderia funcionar como um motor de transformação revolucionária e uma soma estatística das diferenças minoritárias multiculturais. Também não quero dizer que já não podemos usar o termo *queer*. Apenas digo que ele perdeu grande parte de sua energia subversiva e não pode mais servir como denominador comum para descrever a proliferação de estratégias de resistência às categorias de gênero e à normatização da sexualidade, bem como aos processos de industrialização e privatização do corpo como “produto”. Em reação a este processo de capitalização das identidades *gender-queer*, subculturas minoritárias de dentro, transexuais, transgêneros, *crips* e minorias raciais estão pedindo para prestarmos atenção à materialidade do corpo, à gestão de sua vulnerabilidade e à construção cultural de possibilidades de sobrevivência dentro dos processos de subjugação e organização política.¹⁰ Hoje, podemos compreender a enunciação do termo *queer* como um momento crítico em um processo mais amplo de produção de uma política crítica transfeminista e de construção de subjetividades dissidentes em um regime farmacopornográfico. O movimento transfeminista que surgiu da crítica *queer* se

10 Ver Judith Butler, *Bodies*, op. cit., pp. 27-55; ver também os capítulos 3, 4 e 8 in *Undoing Gender*. A própria Judith Butler, cujos textos foram lidos no início dos anos 1990 como a arquitetura da “teoria *queer*”, introduz matizes em sua interpretação performativa da identidade para dar conta da especificidade dos processos materiais e discursivos que produzem a corporalidade intersexual ou transexual.

espalha por meio de redes frágeis, mas extensas, conduzindo alianças estratégicas e ligações sintéticas: ele circula como um antídoto político que se infiltra nos próprios circuitos do capitalismo global.

Toni Negri e Michael Hardt descrevem o mundo contemporâneo como uma cidade única, deslocalizada e interconectada com os centros de intensidade, circuitos por meio dos quais o capital, os corpos e as informações circulam, com zonas de conforto luxuoso e zonas pauperizadas, e lugares remotos para a produção e a evacuação de detritos materiais e semióticos. Vivemos em uma espécie de Idade Média *punk* cibergótica do império de bioinformações. Durante certo tempo, nossos gurus definiram como “pós-modernidade” essa invaginação planetária, embora tenha sido um auge tecnopornopunk da modernidade. Estamos em um ponto de inflexão histórica em que a modernidade vomita seu potencial ejaculatório repugnante: nadamos no sêmen nuclear em que estamos aprendendo a respirar como animais mutantes. A diferença entre o Império Romano e o nosso império global tecnopornopunk é que já não possuímos qualquer fundamento ontoteológico. Alguns podem pensar que a civilização contemporânea substituiu um fundamento industrial ou ergótico pela ontoteologia. No entanto, nem o trabalho nem a produção são suficientes para explicar o atual funcionamento das nossas sociedades. O contemporâneo império tecnopornopunk se baseia em novos *slogans*: “consume e morra”, “tenha um orgasmo e faça guerra”. E não se esqueça de continuar a consumir e a gozar após a morte. Este é o fundamento tanatopornográfico deste novo império.

Não estamos falando de tempos sombrios — não é a respeito de viver em alguma sombra pós-moderna. Estamos falando, em vez disso, a respeito da brilhante era da

TESTE

pornografia. Já não é sobre o início dos tempos, mas sobre uma atmosfera que está completamente iluminada, um gás penetrante saturado com imagens úmidas. No meio desta confusão cintilante, conceitos como “lucidez”, “iluminação”, “clareza” e “obviedade” queimam com uma nova obscuridade. De acordo com neurobiólogos, há quatro estados de consciência: lucidez, obnubilação, sonolência e coma. Quando lúcido, o sujeito está presente para si mesmo e para o meio ambiente ao seu redor. Quando obnubilado, os olhos do sujeito estão abertos, mas ele ou ela está desorientado em termos de espaço e tempo e relativamente indiferente a si e ao meio ambiente. Quando sonolento, os olhos do sujeito estão fechados, mas ele ou ela ainda reage a estímulos diretos. Em coma, o sujeito não reage nem a estímulos diretos nem a indiretos, mas pode continuar presente para si próprio. Nossas presenças a nós mesmos como espécie poderiam ser descritas hoje como um estado de coma protético. Fechamos os olhos, mas continuamos a ver por meio de uma variedade de tecnologias, implantes políticos que chamamos vida, cultura, civilização. No entanto, é apenas por meio da reapropriação estratégica desses aparelhos biotecnológicos que se torna possível inventar a resistência, arriscar uma revolução.

POLÍTICA SNUFF

Que nos fodam vivos: nós nos transformamos em uma civilização *punk*. O aparecimento repentino do movimento *punk* em 1977 não foi simplesmente um microfenômeno, mas a última explosão lúcida do que hoje parece ser o único ideal compartilhado pelos membros de nossa espécie: o instinto do prazer como um instinto de morte.

No começo do século XXI, nenhum produto cultural entendeu tanto esta dimensão *punk* da espécie como o *snuff*: filmar a morte (ou, melhor, sua representação) ao vivo, do jeito que acontece. Na cultura popular, denomina-se *snuff* o filme que mostra o assassinato de uma pessoa (ou um animal) com o único objetivo de tornar essa morte visível, de transformá-la em representação pública e comercializável.

Tudo começa, na realidade, com uma farsa. Em 1971, os diretores de filmes Z, Michael e Roberta Findlay, rodam *Slaughter*, uma produção de baixo orçamento que combina cenas eróticas e de horror. No mesmo ano, Ed Sanders entrevista o assassino Charles Manson, que fala sobre ter gravado alguns dos famosos assassinatos que seus adeptos realizaram sob sua autoridade. Nenhum vestígio desses filmes é encontrado, mas nasce o mito do *snuff*. Em 1972, o distribuidor de cinema Allan Shackleton recupera o filme *Slaughter*, acrescenta uma última cena — em que uma das atrizes é estripada (de modo fictício) diante da câmera — e relança a nova edição sob o título de *Snuff*. Em 1976, o filme estreia gerando um debate sem precedentes sobre a veracidade da morte da atriz, no qual se envolvem os grupos antipornografia, as feministas pró-censura e os meios de comunicação. O filme, sem outro interesse cinematográfico ou narrativo além da suposta cena do crime, alcançaria lucros inesperados.

Como limite da representação, o *snuff* serviu de paradigma pornográfico tanto para os grupos feministas pró-censura como para os cristãos antipornô, e também como modelo formal do realismo a que deve aspirar a dramatização do sexo na pornografia: um filme é tanto mais pornográfico quanto mais real é a cena sexual filmada, do mesmo modo que uma representação é *snuff* quando o crime ocorre de verdade. Radicalmente pós-pós-moderna, a noção de

snuff opõe-se ao caráter midiático, teatral e simulado de toda representação, afirmando, ao contrário, o poder da representação para modificar a realidade ou o desejo de o real existir em e para a representação. Daí a relação teatral entre pornografia, *snuff* e política. Hoje, algumas listas de filmes *snuff* incluem aqueles rodados pelos militares do Exército Aliado ou pelos soldados nazistas nos campos de concentração, o vídeo de Zapruder do assassinato de John F. Kennedy, o filme do assassinato do rabino Yitzhak, os vídeos das execuções ao vivo dos prisioneiros de guerra no Afeganistão ou no Iraque, os vídeos do exército norte-americano que mostram a destruição de povoados iraquianos, as imagens da destruição das Torres Gêmeas em Nova York e a execução de Saddam Hussein. A política se tornou *snuff*: extermínio por e para a representação.

O cogumelo que a bomba atômica desenha no céu, a fotografia da menina completamente queimada que corre deixando para trás a aldeia vietnamita Trang Bang, em chamas após um ataque de napalm, os lábios cheios de esperma de Linda Lovelace, as pilhas de membros mutilados de Ruanda, a dupla penetração, as terríveis façanhas realizadas no *Big Brother* e as cenas cirúrgicas do seriado *Estética*, os litros de gordura extraídos das nádegas da dona de casa norte-americana para as câmeras do *Extreme Makeover*, os assassinatos da penitenciária de segurança máxima San Quentin filmados pelas câmeras de segurança — todos eles dizem mais sobre o atual estado de nossa espécie do que qualquer livro de filosofia do século xx, de Husserl a Sartre. A característica distintiva do momento tecnopornopunk é a política *snuff*: arrancar tudo da vida até o momento de sua morte e filmar o processo, gravá-lo, registrá-lo por meio da escritura e da imagem, difundi-lo em tempo real via internet, torná-lo permanentemente

acessível em um arquivo virtual, um meio publicitário em escala global. Até o início do século XXI, nossa espécie tinha literalmente defendido boas intenções filosóficas para nossa bunda, filmando as coisas antes de comercializar suas imagens a partir delas. A filosofia do regime farmacopornográfico foi reduzida a uma enorme câmera plugada à bunda, escorrendo. Nessas circunstâncias, a filosofia de tal modernidade *high-punk* só pode ser autoteoria, autoexperimentação, autotecnopenetração, pornografia.

Quando tratamos de pensar sobre o futuro do planeta, Donna J. Haraway nos encoraja a evitar dois tipos de armadilhas narrativas de corte metafísico e semiótico-fascista. Primeiro, a tentação messiânica: alguém virá para nos salvar — uma força única, religiosa ou técnica, um saber único que possui todas as respostas para transformar a condição da humanidade. Segundo, a tentação apocalíptica: não há nada a se fazer e o desaparecimento da espécie é iminente. “Deveríamos”, diz Haraway, “aprender a duvidar de nossos medos e certezas sobre os desastres, assim como de nossos sonhos de progresso. Deveríamos aprender a viver sem os rígidos discursos da história da salvação.”¹¹

O problema reside precisamente no fato de que ninguém virá para nos salvar e que ainda estamos a uma grande distância do nosso desaparecimento inevitável. Assim, é necessário pensar em fazer uma ou outra coisa enquanto nos extinguimos, sofremos mutações e mudamos o planeta. Inclusive se essa coisa for acelerar o nosso próprio desaparecimento, a nossa mutação ou o nosso deslocamento cósmico. Sejamos dignos da nossa própria queda e imaginemos para o tempo que sobra os princípios de uma nova filosofia pornopunk.

11 Donna J. Haraway, *Modest_Witness*, op. cit., p. 45.

O PRINCÍPIO DA AUTOCOBAIA

Eis o primeiro princípio de um movimento transfeminista capaz de encarar a modernidade *pornopunk*: seu corpo, o corpo da *multidão*, e as redes farmacopornográficas que o constituem são laboratórios políticos, ambos efeitos de processos de sujeição e controle de espaços possíveis de agenciamento político e de resistência crítica à normatização.

Advogo aqui por um conjunto de políticas de experimentação corporal e de semiótico-tecnológicas que (frente ao princípio de representação política que domina nossa vida social e está na base dos movimentos políticos de massa tanto totalitários como democráticos) serão reguladas por um princípio ao qual chamarei — seguindo as intuições de Peter Sloterdijk — de “princípio da autocobaia”.¹²

* Na China, em 213 a.C., todos os livros foram queimados por ordem do imperador. No século V, após uma série de guerras, saquearam e dizimaram a biblioteca de Alexandria: acusada de abrigar ensinamentos pagãos contrários à fé cristã, foi destruída por decreto do imperador Teodósio. O maior centro de pesquisa, tradução e leitura desapareceu. Entre 1330 e 1730, milhares de corpos humanos foram queimados durante a Inquisição, milhares de livros foram destruídos e centenas de trabalhos relacionados à experiência e à produção de subjetividade foram relegados ao esquecimento ou à clandestinidade. Em 1813, soldados norte-americanos tomaram York (hoje Toronto) e queimaram o

¹² Em sua entrevista a Hans-Jürgen Heinrichs, Peter Sloterdijk evoca as técnicas de “intoxicação voluntária” e a “autocobaia” em referência a Samuel Hahnemann; ver Peter Sloterdijk, *Neither Sun Nor Death*. Com Hans-Jürgen Heinrichs, trad. Steven Corcoran. New York: Semiotext(e), 2011.

TESE

Parlamento e a Biblioteca Legislativa. Um ano mais tarde, a Biblioteca do Congresso foi arrasada. Em 1933, uma das primeiras ações do governo nazista foi a destruição do Institut für Sexualwissenschaft (Instituto de Pesquisa Sexual) em Berlim. Criado em 1919 por Magnus Hirschfeld, este centro havia pesquisado e disseminado ideias e práticas progressivas em matéria de sexo e sexualidade. Vinte mil livros do Instituto Hirschfeld foram queimados em 10 de maio de 1933, na Opernplatz, em uma pira gigantesca cujas chamas reluzentes foram impressas nos filmes das câmeras dos repórteres de Hitler. Na noite de 9 de março de 1943, um ataque aéreo a uma biblioteca em Aachen destruiu 500 mil livros. Em 1993, a milícia croata destruiu dezenas de bibliotecas (incluindo as de Stolac). Em 2003, as bombas norte-americanas e os seguidores de Saddam saquearam e destruíram a Biblioteca Nacional de Bagdá...¹³

As inovações teórico-políticas produzidas durante os últimos quarenta anos pelo feminismo, pelo movimento de libertação negra e pela teoria *queer* e transgênero parecem ser as últimas aquisições do pensamento. No entanto, no contexto de guerra mundial, esta coleção de pesquisas também poderia ser destruída tão rápido quanto um microchip derretendo sob calor intenso. Antes que todos os frágeis arquivos existentes sobre o feminismo e as culturas negras, *queer* e trans sejam reduzidos a sombras radioativas, é indispensável transformar esse conhecimento minoritário em experimentação coletiva, em prática física, em modos de vida e formas de convivência. Já não pleiteamos, assim como nossos antecessores nos anos

13 Sobre a destruição de livros, ver Fernando Baez, *A Universal History of the Destruction of Books: From Ancient Sumer to Modern-day Iraq*. Alfred MacAdam (trad.). New York: Atlas & Co., 2008.

! Brásida!

1970 e 1980, uma compreensão da vida e da história como efeitos de diferentes regimes discursivos, e, sim, defendemos o uso de produções discursivas como partes interessadas em um processo mais amplo da materialização técnica da vida que está ocorrendo no planeta. A materialização que se assemelha mais a cada dia a uma destruição técnica total de todos os animais, vegetais e formas culturais de vida e que acabará, sem dúvida, na aniquilação do planeta e na autoextinção da maioria das espécies. Infelizmente, ela se tornará uma questão de encontrar maneiras de gravar um suicídio planetário.

Até o final do século XVIII, a autoexperimentação ainda fazia parte dos protocolos de pesquisa farmacológica. Embora não se questionasse a experimentação animal, o pesquisador devia, por preceito ético, correr o risco de sofrer efeitos desconhecidos no próprio corpo antes de ordenar qualquer teste sobre o corpo de outro ser humano. Apoiando-se na retórica da objetividade, o sujeito do saber científico buscará progressivamente gerar conhecimento exterior a si, livrando o próprio corpo das agonias da autoexperimentação. Mesmo assim, em 1790, o médico Samuel Hahnemann se administrou diariamente altas doses de quinino a fim de observar o efeito desta substância contra a malária. Seu corpo reagiu desenvolvendo sintomas que se assemelham ao da febre remitente característica da malária. Esta experiência serviu como base da invenção do movimento homeopático, que, baseado em leis de similaridade, diz ser possível curar uma doença usando pequenas doses de uma substância que, em uma quantidade muito maior e como em um espelho terapêutico, provocaria os mesmos sintomas que essa doença em um corpo saudável. Peter Sloterdijk, inspirando-se em Hahnemann, denominará de "autointoxicação voluntária"

esse processo de envenenamento controlado e intencional que ele resume assim: “Quando se quer ser médico, é preciso querer ser cobaia”.¹⁴

Para transformar as estruturas convencionais da “inteligibilidade cultural”¹⁵ dos corpos humanos, é necessário evoluir para práticas de autointoxicação voluntária.

De Novalis a Ritter, o romantismo, aquele que inspira Sloterdijk como contraprojeto da modernidade, fará da autoexperimentação a tecnologia central do eu em uma sociedade distópica. Entretanto, a autoexperimentação romântica corre o risco de conceber este projeto como uma tarefa individual e despolitizada. Por outro lado, dois dos discursos em torno dos quais se desenvolverá a crítica da subjetividade moderna europeia — os de Sigmund Freud e os de Walter Benjamin — começam sob a forma da invenção de novas técnicas do eu e de registros de práticas de intoxicação voluntária. Mas o discurso dominante da modernidade disciplinadora os engole: os processos de institucionalização levados a cabo tanto pela psicanálise quanto pela Escola de Frankfurt serão acompanhados, lado a lado, pela patologização da intoxicação e pela industrialização química da experimentação.

“Seria bom que o médico tivesse a possibilidade de experimentar em si mesmo um grande número de medicamentos”, afirmava o jovem médico Mikhail Bulgákov em seu texto de 1914, *Morfina*, em que o protagonista descreve os efeitos desta substância sobre o próprio corpo.¹⁶

14 Peter Sloterdijk, *Neither Sun Nor Death*. Com Hans-Jürgen Heinrichs, trad. Steven Corcoran. New York: Semiotext(e), 2011, p. 8.

15 Utilizo aqui a noção de Judith Butler. Ver *Undoing Gender*, op. cit., pp. 35-46.

16 Mikhail Bulgákov, “Morphine”, in *A Country Doctor's Notebook*. New York: Melville House, 2013, p. 134.

Da mesma forma, parece urgente, da perspectiva de um projeto transfeminista, testar sobre nossos próprios corpos, como plataformas biopolíticas, os efeitos farmacopornopolíticos dos assim chamados hormônios sexuais sintéticos, com o objetivo de criar e demarcar novas estruturas de inteligibilidade cultural para os sujeitos sexuais e de gênero. Em uma era em que os laboratórios e as corporações farmacêuticas e as instituições médico-legais estatais controlam e regulam o uso de biocódigos sexuais e de gênero (o consumo das moléculas ativas da progesterona, dos estrogênios e da testosterona), assim como as próteses químicas, parece anacrônico falar em práticas de representação política sem passar por experimentos performativos e biotecnológicos da subjetividade sexual e de gênero. Temos de recuperar o direito de participar na *construção* de ficções biopolíticas. Temos o direito de exigir a propriedade coletiva e “comum” dos biocódigos de gênero, sexo e raça. Temos de arrancar os biocódigos das mãos particulares, dos tecnocratas e do complexo farmacopornô. Esse processo de resistência e redistribuição poderia ser chamado de *comunismo tecnossomático*.

O princípio da autocobaia, como transformação política e modo de produção de saber “comum”, seria crítico na construção de práticas e discursos do transfeminismo e dos movimentos de libertação de minorias sexuais, raciais, de gênero e somatopolíticas. Trata-se, utilizando a expressão de Donna J. Haraway, de uma prática modesta, corporal, implicada e responsável de fazer política: quem quiser ser um sujeito político que comece por ser rato de seu próprio laboratório.

NARCOANÁLISE: AS ORIGENS PSICOTRÓPICAS DA CRÍTICA EM FREUD E BENJAMIN

Freud nasce no coração da Europa psicotrópica em 1856, apenas um ano depois de Friedrich Gardeke ter extraído um alcaloide ao qual denomina eritroxilina, uma substância a partir da qual se isola, pela primeira vez, a cocaína.¹⁷ No final do século XIX, dezenas de substâncias psicoativas, por meio de redes coloniais, são traficadas, consumidas e comercializadas na Europa sem regulação precisa: essas redes trazem ópio, láudano, haxixe, maconha, heroína, cocaína, mesalina etc. Freud toma conhecimento da existência da cocaína por meio de um artigo em que o médico Theodor Aschenbrandt descreve a utilização das primeiras doses de cocaína farmacêutica fabricadas pelo laboratório alemão Merck para remediar a fadiga dos soldados bávaros. Não há guerra sem suplementos bioquímicos da subjetividade que levem o corpo e a consciência para além de si mesmos, do mesmo modo que não há pós-guerra sem suplementos bioquímicos que induzam à amnésia.¹⁸ O artigo de Aschenbrandt, de 1883, causa um grande impacto em Freud, que, no início de abril daquele ano, escreve à sua noiva Martha falando de seu futuro “projeto” envolvendo o consumo de cocaína.¹⁹ “Martha, eu tenho um projeto.” Com

17 Estou em dívida com o trabalho de Avital Ronell e seu uso da “análise narcótica” como uma noção da crítica literária. Avital Ronell, *Crack Wars: Literature, Addiction, Mania*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1992, pp. 47-64.

18 Sobre o uso de técnicas farmacopornôs nas guerras contemporâneas, ver Naomi Klein, *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*. New York: Penguin, 2008, pp. 26-49.

19 Sigmund Freud, *On Cocaine*, ed. David Carter. Londres: Hesperus Press, 2011, pp. 3-6. Carta a Martha, 21 de abril e 19 de junho de 1884.

certeza, ele pensou ter encontrado o *El Dorado*, em ficar rico e em descobrir utilizações médicas inéditas (aumento da pressão arterial, combate à fadiga, indução da excitação sexual e realização de anestesia local), mas também esperava produzir outra forma de conhecimento.

Para o jovem Freud, a cocaína é um projeto epistemológico tanto quanto econômico. Menos de um ano depois, ele encomenda um pote de cloridrato de cocaína²⁰ 99% pura dos laboratórios Merck, e em 20 de abril de 1884 cheira a primeira carreira, uma semana antes de seu aniversário de 28 anos. Em 1885, ele escreve em “Über Coca”:
“Tenho a impressão de que o humor que a cocaína provoca com tais doses não resulta tanto de uma excitação direta, mas do desaparecimento de elementos deprimentes do estado da alma em geral. Convém admitir também que a euforia em uma pessoa com boa saúde não é outra coisa que o estado normal de um córtex cerebral bem alimentado que ‘não sabe nada’ sobre os órgãos do próprio corpo”.²¹ Contudo, o projeto de Freud não começa com o pé direito. A primeira ideia que passa por sua cabeça é curar, à base de cocaína, a dependência de morfina do seu amigo Ernst von Fleischl-Marxow. O resultado do compromisso: Ernst se transforma em “nosso primeiro dependente de cocaína europeu”²² e sofre de dores agudas após injetar uma preparação de cocaína por via subcutânea. É preciso

20 Esta é uma substância muito diferente da cocaína que é vendida nas ruas atualmente, que às vezes chega a conter apenas cinco por cento de cloridrato de cocaína pura. Ver David Cohen, *Freud on Coke*. Londres: Cutting Edge Press, 2011. Kindle edition [Ed. bras.: *Freud e a cocaína*, trad. Cristina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014].

21 *Ibid.*, p. 23.

22 A. Ronell, *Crack Wars*, op. cit., p. 53.

dizer que, com certeza, as intenções de Freud com relação a Fleischl-Marxow não eram de todo claras: Freud oscila entre a paixão amorosa por seu amigo e os ciúmes. Na realidade, Ernst poderia ser um melhor pretendente para sua noiva Martha, mas também um ânus que poderia se oferecer ao prazer pansexual do próprio Freud. É preciso abrir-se à experimentação, mas não tanto.

Dois anos depois, Freud ainda não está convencido do processo de dependência que acompanha a ingestão regular de cocaína. Em seu "Remarks on the Craving for and Fear of Cocaine" (Observações sobre o desejo e temor da cocaína), ele defende que o uso prolongado da cocaína não provoca dependência, exceto naqueles sujeitos que a tomam para substituir uma dependência prévia da morfina (o caso Fleischl-Marxow havia sido notório demais para ser varrido para debaixo do tapete). Para Freud, o que realmente leva à dependência é o que ele vai chamar de "aversão".²³ Freud tem razão, mas, como sempre, é otimista demais: tomar cocaína é odiar a cocaína, temer a decepção que se segue ao ingeri-la... mas continuar tomando. Mikhail Bulgákov, que se torna viciado em morfina e cocaína, escreve: "Eu, o infeliz médico que se tornou viciado em cocaína em fevereiro deste ano, advirto a todos aqueles que conhecerão a minha mesma sorte que não tentem substituir a morfina pela cocaína. A cocaína é o mais horrível e pérfido de todos os venenos".²⁴

Enquanto isso, a indústria farmacêutica começa a se consolidar como a "joia da coroa capitalista" na Europa

23 Peter Gay, *Freud: A Life for Our Time*. Londres: W. W. Norton, 1998, p. 62 [Ed. bras.: *Freud, uma vida para nosso tempo*, trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2012].

24 Mikhail Bulgákov, *A Country Doctor's Notebook*, op. cit., p. 142.

e nos Estados Unidos.²⁵ Pensemos que estamos ainda na antessala do *boom* farmacêutico, que aumentará a todo vapor, trinta anos depois, com a comercialização de antibióticos e drogas sulfamidadas. Dominada por um novo imperativo tecnocapitalista, a euforia da nascente indústria farmacêutica mostrará progressivamente que não há relação exata entre certeza terapêutica, licença de produção e consumo de substâncias bioativas.²⁶ Durante os últimos anos do século XIX, os laboratórios Merk produzem centenas de quilos de cocaína destinados ao uso médico ou alimentício. Entre 1886 e 1901, a cocaína foi um dos ingredientes da primeira fórmula da Coca-Cola. O papa Leão XIII era um consumidor habitual. Enquanto o Merk comercializa a cocaína para uso anestésico e o MDMA (*ecstasy*) como supressor de apetite, a Bayer comercializa a heroína como tratamento da dependência à morfina.

Antes de se voltar para a hipnose ou para a cura pela palavra, Freud tenta um método de intoxicação terapêutica, uma narcoanálise. Avital Ronell escreve: “O drama da cocaína abriu o terreno para o estudo da neurose histérica”.²⁷ Freud conceberia a terapia por hipnose utilizando o modelo de dependência a uma substância, prestando atenção à dependência entre o hipnotizador e o hipnotizado na prática de Charcot. A morfina e o hipnotizador se parecem porque ambos provocam um estado alterado de consciência, uma modificação do modo em que o eu está presente diante de si mesmo, permitindo a emergência de

25 P. Pignarre, *Le grand secret de l'industrie pharmaceutique*, op. cit., p. 13.

26 Sobre o advento da bacteriologia e a comercialização de antibióticos, ver Bruno Latour, *Pasteur: guerre et paix des microbes*. Paris: La Découverte, 2001.

27 A. Ronell, *Crack Wars*, op. cit., p. 53.

outras formas de percepção, de conhecimento e de ação. A própria teoria psicanalítica da transferência parece derivar de um modelo de tráfego e transporte de substâncias entre o psicanalista e o analisado. Para Freud, um leitor dos estudos de psicopatologia de Krafft-Ebing, a masturbação — e a produção química que esta implica — é o modelo de toda dependência.²⁸ O álcool, o tabaco, a morfina e a cocaína são substitutos masturbatórios, práticas exógenas de produção de excedentes de toxicidade química no corpo. Pouco importa se a substância é inoculada a partir do exterior ou se é produzida pelo próprio corpo. Em todo caso, não há libido sem toxicidade. A sexualidade, como a ingestão de substâncias psicotrópicas, é a busca da produção de um estado de intoxicação neuronal.

A inclinação de Freud para a absorção de novas tecnologias de modificação da subjetividade não se limita aos testes e ao uso de drogas. Freud não hesita em utilizar o próprio corpo como terreno de experimentação cirúrgica, inclusive se tiver que colocar os próprios testículos em jogo. Entre 1923 e 1924, sob a direção do seu médico Hans Pichler, Freud se submete a duas cirurgias invasivas, bem como a mais de trinta menores e a uma variedade de instalações mais ou menos dolorosas de próteses bucais para lutar contra um câncer de mandíbula. Apesar de um prognóstico desfavorável, Freud decide submeter-se a mais uma cirurgia: a chamada “operação de Steinach”, ou seja, a ligadura dos tubos seminais, ou vasectomia, e, assim, se torna nosso primeiro transexual homem-para-homem

28 Freud to Fliess, in *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess, 1887-1904*, trad. Jeffrey Moussaieff Masson, carta 79. Ver também Peter Gay, *Freud*, p. 103.

européu.²⁹ Como vimos, Eugen Steinach foi o pesquisador hormonal mais conhecido de sua época. Ele já havia trabalhado em processos de masculinização de ratas mediante implante de testículos ou injeção de fluidos seminais sem ainda haver isolado com exatidão a molécula de testosterona. Embora seus experimentos fossem precários, levam-no a concluir que há uma relação entre a produção hormonal, a potência sexual e o envelhecimento. A ideia de Steinach dependia mais de conceitos de uma hidráulica sexual ou de uma física dos fluidos vitais do que de uma compreensão molecular da excitação: o fechamento de passagens externas do sêmen produziria um aumento da potência sexual e um rejuvenescimento generalizado. Freud se submete à operação de Steinach em 17 de novembro de 1923. Como ele vai explicar em uma carta para o amigo Ferenczi, esperava “melhorar minha sexualidade, minha condição física geral e minha capacidade de trabalho”.³⁰ Depois da operação, Freud disse que se sentia um pouco melhor, mas, sobretudo, como confessa a Otto Rank, a operação de Steinach desatou nele um desejo pelo dr. Pichler — cirurgião de Freud e criador da sua prótese de mandíbula, a quem Freud chamou de “o monstro”.³¹

Uma filosofia que não utiliza seu corpo como plataforma ativa de transformação tecnovital está pisando em falso. Ideias não bastam. “Com 42 mil mortos, a arte não

29 Mais tarde, Aristóteles Onassis, o general De Gaulle e até mesmo o papa Pio XII também se submeteriam à operação de Steinach.

30 Freud to Ferenczi, *The Correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi*, vol. 3, 1920-1933, eds. Ernst Falzeder e Eva Brabant, trad. Peter T. Hoffer. Cambridge, MA: Belknap Press, 2000. Ver também Gay, *Freud*, p. 426.

31 Gay, *Freud*, op. cit., p. 426.

basta.”³² Apenas a arte trabalhando junto com a *práxis* biopolítica pode gerar mudanças. Toda filosofia é forçosamente uma forma de autovivissecação — quando não de dissecação do outro. É uma prática de corte de si, de autocorte, de incisão na própria subjetividade. Quando os entusiastas da vivissecação escapam dos próprios corpos e cabeças para os corpos dos outros, o corpo da coletividade, o corpo da Terra, o corpo do Universo, a filosofia torna-se política. Esta extensão política da vivissecação filosófica pode tomar a forma de uma gestão tanatológica da espécie (como no caso da proliferação das tecnologias da guerra) ou de uma terapia universal utópica autoimune (religiosa, democrática ou científica). Além disso, a gestão tanatológica e a terapia utópica muitas vezes se comunicam uma com a outra, levam uma a outra por caminhos não esperados (como, por exemplo, através do complexo militar industrial democrático norte-americano).

Freud era uma *cloaca máxima*, um bueiro que absorvia todas as substâncias e técnicas do *self* produzidas em sua época. Aspirando tudo o que passa, ele não poupa nenhuma das células expostas, nem as próprias nem as alheias. Dessa forma, não é verdadeiro dizer que a psicanálise de Freud tenha sido unicamente, nem prioritariamente, uma técnica de cura através da palavra. A característica distintiva da boca de esgoto freudiana foi a ingestão de todas as técnicas somatossemióticas, incorporando todas as próteses de sua era e as transformando em corpos vivos e discursos culturais. Por meio das próprias práticas de inoculação de substâncias psicotrópicas, através do envenenamento

32 “With 42,000 dead, art is not enough” (“Com 42 mil mortos, a arte não basta”) era um *slogan* da ACT UP de Nova York, um grupo de ação direta trabalhando para resolver a crise da aids.

de seu amigo Fleischl-Marxow, Freud entendeu que só é possível modificar a cartografia psíquica ao preço de certa toxicidade. As substâncias químicas assimiláveis pelo organismo operam como *potentia*: elas têm o poder de provocar uma mudança substancial do corpo e da consciência — com a condição de que a subjetividade se deixe afetar, se faça dinâmica, no sentido grego do termo *dynamis*, isto é, deixe emergir sua potencialidade, sua capacidade de passar de um estado a outro. A transferência entendida como chave da terapia psicanalítica depende de um modelo de transporte de substâncias, de tráfico de imagens, de lembranças, de emoções que virão a modificar uma rede de conexões somáticas. Similarmente, o álcool, o tabaco, o haxixe, a cocaína, a morfina, bem como os estrogênios e os androgênios, não são somente túneis sintéticos pelos quais escapar da realidade e nem meros *links* que levam de um ponto A para um ponto B. Mais que isso, são tecnologias do sujeito, microtecnologias da mente, próteses químicas pelas quais emergirão novas práticas para a definição de quadros de inteligibilidade humana. A subjetividade moderna é a gestão da autointoxicação em um meio ambiente quimicamente nocivo. Fumar na metrópole plástica-elétrica-nuclear pode ser visto simplesmente como um modo de se vacinar contra o envenenamento do meio ambiente por meio de inoculação homeopática. A batalha da subjetividade moderna é uma luta pelo equilíbrio imunológico. A ingestão de drogas ou a psicanálise são como parques experimentais em que aprendemos a viver em um meio semiótico e somático que se torna cada vez mais tóxico.

Segundo a prática de Freud, a autoanálise é, antes de tudo, uma experimentação somatossemiótica. As teorias da interpretação dos sonhos e da cura pela palavra devem ser entendidas como métodos de intoxicação por imagens

e linguagem, tendo sempre em mente a sua natureza material química. Só quando Freud admite que o recurso direto à ingestão de substâncias químicas terá efeitos colaterais não esperados (a dependência, a necessidade de aumentar a dose, a degeneração celular) é que ele se volta para a cura pela palavra, para a interpretação dos sonhos ou para a narração de alucinações como modos de produzir um grau de toxicidade neuronal — usando memória, imaginação e associações livres para induzir um impacto psíquico comparável ao causado pela ingestão em pequena quantidade de venenos químicos. A psicanálise é a homeopatia semiótica. O inconsciente é um terreno virtual de extrema hipersensibilidade química, e a mente é um vapor entrelaçado por fios elétricos e combinações moleculares venenosas ao qual só se pode ter acesso sob o risco de modificar um equilíbrio psicotrópico interior. Conheça-te a ti mesmo quer dizer envenena-te a ti mesmo, arriscando automutilar-se.

Paris. Barcelona. Sevilha. Barcelona. Paris. Barcelona. Paris. Nova York. New Jersey. Paris. Nova York. Paris. Berlim. Paris. Montparnasse. Montparnasse. Montparnasse. Essa é agora e para sempre a sua cidade. Montparnasse. Minha vida continua, como continua a ilusão do movimento. Vauvert. Montpellier. Vauvert. Nice. Vauvert. Paris. Barcelona. Paris. Barcelona. Paris. Barcelona. Paris. Madri. Paris. Bourges. Paris. Bourges. Paris. Londres. Paris. Vício metropolitano. Londres. Donostia. Burgos. Donostia. Paris. Londres. Paris. Bourges. Paris. Cada cidade é um terreno narcótico diferente. Paris: v + T. Barcelona: C, cannabis, álcool. Nova York: C + speed + Prozac. New Jersey: Ritalina + Prozac. Berlim: x. Hong Kong: C, cannabis, cortisona. Madri: C. Vauvert: sexo.

Entre 1927 e 1932, Walter Benjamin e alguns amigos, incluindo Ernst Bloch, Ernst Jöel e Fritz Fränkel,

submetem-se a uma série de assimilações químicas: comem haxixe, fumam ópio (então chamado *crock*) e injetam mescalina e morfina.³³ Em cada caso, é preciso que a substância entre no corpo, penetre a pele, o tubo digestivo, o sangue, as células. É preciso atacar a alma pela via sintética. Trata-se de uma série de práticas envolvendo infecção intencional. Para além da intoxicação individual, Benjamin, Bloch e Fränkel aspiram a encontrar a chave de uma terapêutica universal. O princípio político desta terapia é elementar: não se pode aspirar a dissertar sobre o real sem anteriormente se autoenvenenar com o que se planeja administrar em outra pessoa. O princípio da autocobaia aparece hoje como um requisito para a possibilidade de toda ação micropolítica futura.

Em 1927, a ingestão de haxixe, ópio ou mescalina na Europa era ainda um experimento bizarro, marginal e pouco divulgado (como hoje a administração de testosterona para mulheres cis). O interessante no caso de Benjamin não é seu consumo de haxixe, mas que ele decida nos deixar uma transcrição psicoestética da experiência. Como mais tarde Henri Michaux faria com a mescalina,³⁴ Benjamin registra suas impressões detalhadas (no sentido estrito do termo, inscrições mentais produzidas como efeitos destas substâncias) em uma série de cartas e de aforismos que descreve como os protocolos de experiências efetuadas com as drogas.³⁵ Cada um desses protocolos,

33 Max Milner, *L'Imaginaire des drogues: De Thomas de Quincey à Henri Michaux*. Paris: Gallimard, 2000.

34 Henri Michaux, *Miserable Miracle: On Mescaline*, trad. Louise Varese. Nova York: New York Review Books Classics, 2002.

35 Walter Benjamin, *On Haschisch*. ed. Howard Eilan. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2006.

às vezes distantes no tempo, está associado a uma cidade (Marselha, Paris, Moscou etc.), a um espaço que se desdobra e se transforma sob os efeitos da substância. As metrópoles modernas são as drogas. A produção, o tráfico e o consumo de drogas refletem os circuitos de tráfico colonial, os processos de sublimação e as fantasmagorias características das cidades farmacopornográficas industriais.

Pensar esse princípio de autocobaia em relação às políticas sexuais e de gênero implica não ser possível dar conselhos a ninguém sobre se você tem de experimentar ou não, sobre se você deve ou não trepar com preservativo, se você deve submeter-se a uma cirurgia ou não, sobre ser impossível dizer a você qual é o pornô que tem que te excitar, sobre se a melhor sexualidade é a lésbica ou a sadomasoquista, sobre se eu te como ou se você me come, sobre se é melhor tê-la ou não tê-la, sobre se é melhor tomar ou não tomar hormônios. Frente ao conservadorismo e à doutrinação moral que dominou as políticas feministas, gays e lésbicas e as organizações sem fins lucrativos antiaids, é preciso desenvolver micropolíticas de gênero, de sexo e de sexualidade baseadas em práticas de autoexperimentação intencionais que se definam por sua capacidade de dismantelar e de resistir à norma somatossemiótica, e por criar coletivamente novas tecnologias de produção do sujeito.

O DISPOSITIVO DRAG KING

A primeira vez que participo de uma oficina *drag king* é em 1998, no centro LGBT de Nova York, em um antigo edifício da West 13th Street. Inscrevo-me nessa oficina com uma mistura de curiosidade voraz e confusão, características próprias de alguém que procede da Espanha

pós-franquista. Também participo de algumas oficinas de sadomasoquismo lésbico sobre *fist fucking* (penetração com o punho), sobre sexo público e sobre sair do armário por meio da escrita; oficinas para transexuais *pre-op* e *non-op* (pré-operados e não operados) e NOHOS (que não tomam hormônios) e seus parceiros; e algumas oficinas para promover visibilidade das minorias sexuais. Durante os anos em que morei na cidade dos mortos-vivos, refugiei-me, na minha luta contra uma solidão endêmica, em um sistema de aprendizagem e construção de técnicas identitárias desenvolvido por micropolíticas *queer* e *trans* que, agora sei com toda segurança, me ajudará não só a driblar a depressão própria da metrópole, mas também acabará constituindo uma disciplina da alma, substituindo os *exercícios* de Santo Ignacio de Loyola na minha infância católica. Essa técnica do *self* é o que depois me permitirá resistir à decepção política, ao desamor e inclusive à tua morte.

Minha primeira oficina *drag king* é um exercício iniciatório, o primeiro passo de um processo de mutação aberto. Somos uma dezena de mulheres cis cujo gênero feminino foi atribuído no nascimento; cada uma diz seu nome, explica de onde vem, o que faz e qual tem sido sua experiência com as normas sexuais e de gênero. A organizadora é uma mulher masculinizada com cabelo curto e calças de couro, cara de menino e uma voz muito suave. Ela escuta nossas histórias com atenção, mas sem conceder-lhes um peso psicológico excessivo. Apesar de estarmos no centro comunitário LGBT, nem todas nos identificamos como lésbicas, sapatonas ou bissexuais. Há também mulheres cis que saem com homens transexuais e uma atriz hétero que vem buscando aprendizagem para construir um papel masculino no teatro. Duas rodadas de palavras bastam

para compreender que lidar com os códigos culturais e políticos acerca da feminilidade e da masculinidade não é um problema exclusivo das lésbicas ou dos transexuais. Os membros do grupo falam de sua primeira vez, de estupro, aborto, incesto, da dificuldade de se sentir diferente das outras garotas, da vergonha de ser apontada como mulher-macho no colégio, de ter peito demais, de não ter peito, de tê-lo cedo demais ou tarde demais, de não poder se sentar onde quiser e como quiser, não poder cuspir, gritar, não poder bater quando os outros batem. Eu falo de nunca ter me sentido mulher, de quando tinha sete anos e pensei em viajar da Espanha para a Suécia como Christine Jorgensen e pagar uma operação de enxerto de pênis com as minhas primeiras economias, da minha operação de mandíbula quando eu tinha dezoito anos, do sentimento de não reconhecer nem meu corpo nem meu rosto. Cria-se assim, pouco a pouco, um tecido de vozes cada vez mais denso que nos rodeia e nos cobre de palavras compartilhadas como com uma segunda pele coletiva. Sob essa membrana protetiva, é possível perceber, como através de uma lupa política, que a feminilidade e a masculinidade são as engrenagens de um sistema mais amplo do qual cada pessoa participa estruturalmente. Esse conhecimento é libertador. Produz um gozo político específico que eu nunca havia experimentado.

Esta primeira parte da oficina poderia ser definida como uma indução coletiva de *suspeita de gênero* em referência à hermenêutica de Marx, Freud e Nietzsche como descrita por Paul Ricoeur.³⁶ Isso nos incita a explorar aquilo

36 Paul Ricoeur, *De l'Interprétation: Essai sur Freud*. Paris: Éditions de Seuil, 1965, e Paul Ricoeur e Olivier Mongin, *Le Conflit des interprétations: Essais d'herméneutique*. Paris: Le Seuil, 1969, pp. 149-150.

que com frequência tomamos como fundamentos estáveis da nossa identidade (sexo, gênero e sexualidade) e vê-los como os efeitos opacos das construções culturais e políticas — e, portanto, como possíveis objetos de um processo de intervenção intencional crítica e insubordinada. Esta suspeita de gênero compartilhada provoca um movimento subjetivo que foi denominado por Teresa de Lauretis e José Muñoz como “desidentificação”.³⁷ A oficina *drag king* não começa com vestir ou maquiar o rosto como o de um homem, mas em conscientizar-se das ortopedias culturais que constroem a feminilidade cotidiana, e em desidentificar-se da natureza normativa do gênero politicamente atribuído.

Transformadas por esse saber, começamos a nos vestir com roupa masculina, aprendemos a fabricar um *packing* com preservativos recheados de algodão e a enfaixar o peito. No que diz respeito ao achatamento dos seios e ao aumento da pelve, pode-se modificar o eixo do corpo e o equilíbrio da proporção entre os ombros, braços e pernas. Deste modo, o centro de gravidade corporal — que para as mulheres cis está culturalmente localizado na altura do peito (lugar por excelência de sexualização e centro do olhar hétero-masculino) — se desloca para a região da pelve. As pernas se abrem ligeiramente, aumentando a distância entre os dois pés, fornecendo um apoio mais estável para caminhar. Adquire-se assim maior estabilidade vertical, ao mesmo tempo em que se amplia a possibilidade de movimento livre do tronco e a extensão máxima dos braços.

37 Sobre desidentificação, ver José Esteban Muñoz, *Disidentifications. Queers of color and the performance of politics*. Minneapolis, MN: Minnesota University Press, 1999.



Seguindo as instruções do nosso organizador *drag king*, corto uma mecha de cabelo e depois corto essa mecha em pedaços mínimos. Coloco uma pilha de pedacinhos de cabelo em uma folha de papel branco dobrada ao meio, que recolhe os cabelos e os alinha na dobra. Faço minha primeira barba. No início, não sei qual é exatamente o tipo de barba que quero ou que me convém, a que combina melhor com a minha cara ou com o tipo de *drag king* que eu sou. Como acontecerá depois com a testosterona, o tráfico do cabelo tem algo de tráfico ilícito, de contrabando de droga política. Sujeito-ficção em um *flash*: o cabelo colado sobre o rosto de uma mulher cis permite imaginar a possibilidade de outra vida. Talvez porque colar cabelo ofereça de forma acelerada uma imagem do que a administração de testosterona produz em um corpo de mulher cis depois de quatro ou seis meses. Tal artifício não é, portanto, apenas uma máscara, um disfarce, pura exterioridade, mas a revelação de uma possibilidade farmacopornográfica já existente em meus genes e capaz de adquirir significação cultural e política. No meu rosto, esboço a forma da barba: um bigode ao estilo mexicano que desce dos cantos da boca até a borda do queixo. Penso em Pancho Villa, em Walter Benjamin. Penso em você. E, de repente, vejo com o canto dos olhos o bigode emergir no espelho: Bob. Sem mistério, sou só eu, mas é também um homem. Não é uma invenção minha, não é um personagem teatral: ele emerge de quem sou, da forma que sempre me vi. A diferença entre antes e agora é que, a partir de agora, é visível para o olhar dos outros. Não o escondo mais atrás do nome que me foi dado ou da pesada suposição de que sou ou deveria ser uma mulher.

A questão importante aqui não é se vestir de homem — coisa que qualquer um pode fazer sozinho na privacidade

performar-me: E. de. Silva?

de seu espaço doméstico —, mas ter tido a *experiência* coletiva da dimensão construída e arbitrária do nosso gênero. Durante a primeira oficina *drag king*, não se busca produzir um efeito teatral ou um estereótipo caricaturado de gênero, mas construir um lugar-comum, uma forma universal de masculinidade. Surpreendentemente, a partir dessa perspectiva, uma transformação mínima produz um efeito de máximo de realismo. Obviamente, é possível pensar em variedades *kitsch* ou *camp* da performance *drag king* nas quais o objetivo é ressaltar a dimensão construída da masculinidade através de um estilo hiperbólico, como no caso das encarnações *drag king* de Elvis Presley, do caçador de saia das montanhas, do machão vulgar ou do encanador clichê de filme pornô. Em todo caso, o destino *drag king* de cada uma das participantes é um enigma até o momento em que a transformação se produz, um processo que evolui durante os exercícios performativos da oficina e que, com frequência, continua depois na vida cotidiana. O que me impacta nessa primeira vez é a potência da oficina como dispositivo coletivo de ação para a reprogramação de gênero, sua dimensão potencial como laboratório político, sua densidade como espaço público. Soube imediatamente que queria fazê-lo com outros, reproduzir esse plano de ação, que uma única vez não havia sido suficiente. Há uma dimensão de ritual, de magia psicopolítica na oficina *drag king* e em seus processos performativos do devir, algo do qual não pude me esquivar, que me cativou desde o princípio e que me levará a me transformar, com o tempo, em mestre de cerimônias *drag king*.

Por meio dessa primeira experiência, tenho acesso, quase sem me dar conta, a uma cultura de resistência à normatização de gênero organizada em torno de um

conjunto de micropolíticas *drag king* que geraram plataformas de criação e distribuição de saber. A cultura *drag king* emerge em Nova York e em São Francisco em meados dos anos 1980 nas oficinas de Diane Torr, Annie Sprinkle e Jack Amstrom,³⁸ nas performances de Moby Dick, Dred, Split Britches e dos Five Lesbian Brothers, e no trabalho fotográfico do Del LaGrace Volcano.³⁹ Esta cultura não encontra seu nicho nas universidades ou nos arquivos: espalhou-se por meio de uma rede de bares, clubes e organizações que hoje vai de São Francisco a Istambul.

As práticas *drag king* criam um espaço de visibilidade próprio da cultura bicha, sapata e trans através da reciclagem e da declinação e desconstrução paródicas de modelos de masculinidade vindos da cultura popular dominante. Homem e mulher, masculino e feminino, e também homossexual e heterossexual parecem ser códigos e localizações identitárias insuficientes para descrever a produção contemporânea de corpos *queer*, trans e *crip*. Muito além da ressignificação ou da resistência à normatização, as políticas performativas se transformarão em um campo de experimentação, um lugar de produção de novas subjetividades e, portanto, uma verdadeira alternativa às formas tradicionais de fazer política.

Ano 2000. Passo seis meses na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, e seis meses na École des Hautes Études en Sciences Sociales, na França. As práticas *drag king* são quase inexistentes na França, na Espanha e na Itália, e decido começar a organizar oficinas. Obviamente,

38 A. Sprinkle, *Post-Porn Modernist*, op. cit., p. 131.

39 Del LaGrace Volcano e Judith "Jack" Halberstam, *The Drag King Book*. Londres: Serpent's Tail, 1999.

isso me leva ao centro da máfia *drag king*: Diane Torr e Del LaGrace se tornarão meus primeiros mentores. Quando faço uma oficina com Diane Torr na França ou na Espanha, sou a pessoa que cuida das comissões e atua como tradutor, o cara que recolhe as bitucas de cigarro e lustra seus sapatos. Danny King é o “mestre”. Estou ali para aprender com o chefe e, de acordo com a ética do “dever *drag king*”, para fazer o chefe sentir que é o chefe. Nas minhas oficinas, obviamente, o chefe sou eu. E esse poder não se divide, porque se você o divide a favor de outro ou de outros, então você perdeu seu selo *king*, rei. Essa é uma das primeiras lições sobre a masculinidade – tudo depende de uma gestão do poder: de fazer o outro acreditar que tem o poder, mesmo que, na realidade, ele o tenha apenas porque você o concedeu. Ou então de fazer o outro acreditar que o poder, como algo natural e intransferível, pertence a você e que você, e somente você, poderá dar ao outro o status de masculinidade de que ele precisa para pertencer à classe dos dominantes. Foucault explica melhor quando fala sobre soberania: o poder não existe além das técnicas envolvidas em sua teatralização. A masculinidade, uma ficção biopolítica antiga construída dentro da sociedade soberana antes do século XVIII, depende de uma orquestração de poder e de técnicas corporais em um sistema em que o poder circula através de ficções performativas compartilhadas, transmitidas de corpo a corpo por meio de signos semióticos e rituais materiais. ←

A técnica de Diane Torr de desconstrução da feminilidade e de aprendizagem da masculinidade repousa sobre um método analítico teatral, sobre a ruptura de gestos corporais aprendidos (o jeito de andar, falar, sentar-se, levantar-se, olhar fumar, comer, sorrir) em unidades básicas (distância entre as pernas, abertura dos olhos, movimento

das sobrelhas, velocidade dos braços, amplitude do sorriso etc.) que são examinadas como signos culturais para a construção do gênero. Em um segundo momento sintético, códigos culturais diferentes são reorganizados para construir uma diferente ficção de gênero.⁴⁰ O objetivo das oficinas de Diane é experimentar física e teatralmente as formas como a masculinidade é produzida por um conjunto de códigos culturais performativos aprendidos e incorporados por meio daquilo que Judith Butler chamou de “repetição constante e forçada das normas”.⁴¹

Para construir as minhas próprias oficinas, aprendi a análise performativa de ação de Diane, combinada com um método psicopolítico que está mais perto da reeducação pós-traumática do corpo e da formação de minorias políticas para a sobrevivência, começando com a *suspeita de gênero* e a elaboração de uma narrativa coletiva. Não há verdade anatômica independentemente de práticas culturais e políticas de repetição coercitiva, que nos levam a ser homens ou mulheres. A partir desta perspectiva, que eu chamaria pós-*queer* — porque passou pelas teorias performativas de Judith Butler, mas também pela aids, pela ovelha Dolly e pelo consumo intencional de hormônios —, o desejo, a sexualidade e o gozo erótico e político residem exatamente no acesso a esses biocódigos performativos. Suponho que isso seja uma questão de geração e de estar de saco cheio das políticas feministas dominantes e suas restrições: proibido utilizar dildos, proibido ver pornografia, proibido trepar com tudo o que passa, proibido desejar

40 Ver Diane Torr e Stephen Bottoms, *Sex, Drag, and Male Roles: Investigating Gender as Performance*. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 2010.

41 Judith Butler, *Bodies that Matter*, op. cit., p. 95.

dinheiro e poder, proibido ter sucesso, proibido se divertir à custa de pessoas próximas a você, proibido desmontar a casa do mestre com as ferramentas do mestre. Para mim, ser um *drag king* reside na possibilidade de não negar nem me desculpar pelo meu desejo sexual e político de ser o mestre, de incorporar esses códigos performativos, de ter acesso a esse tipo de especialização do poder, de experimentar a cidade, o corpo, o sexo e a palavra pública como um homem cis. Sem desculpas. Sem naturalização.

Uma vez que a construção inicial de uma personificação *drag king* termina, começa um processo de prática performativa guiado por exercícios de auto-observação, recodificação e improvisação. Tornar-se uma *drag king* é um processo que poderia ser chamado de “operação de mudança” de gênero, usando a conhecida técnica desenvolvida por Merce Cunningham: encontrar um caminho entre a norma e a improvisação, entre a repetição e a invenção. Quando as participantes construíram com sucesso uma ficção masculina suficientemente convincente e banalizada, podiam confrontar-se com a ecologia de gênero “naturalista” do mundo exterior. Uma das técnicas mais intensas e transformadoras da oficina é experienciada durante a sua primeira exploração da cidade como um *drag king*. Caminhar, tomar um café, pegar o metrô, pedir um táxi, sentar-se em um banco, fumar um cigarro apoiado contra o muro de um colégio... Uma nova cartografia da cidade toma forma. Pela primeira vez, você pode desfrutar do prazer do espaço público como um *flâneur* masculino, inexistente para um corpo que até aquele momento estava culturalmente codificado como feminino.

Uma vez que o vírus *drag king* foi ativado em cada participante, a hermenêutica da suspeita de gênero vai além da oficina e se espalha pelo resto da vida diária causando

modificações nas interações sociais. O saber *drag king* não é a consciência de estar imitando a masculinidade em meio a corpos anônimos de homens e mulheres, de pessoas de negócios e carteiros, de mães que empurram carrinhos de bebê, de jovens que chutam latas de lixo; antes disso, ele reside no fato de perceber os outros — todos os outros, incluindo a si mesmo — pela primeira vez como bioficções mais ou menos realistas de gêneros performativos e normas sexuais decodificáveis como masculinas ou femininas. Ao caminhar entre corpos anônimos, essas masculinidades e feminilidades (incluindo a minha própria) aparecem como caricaturas que, graças a essa convenção tácita, parecem não ser conscientes de si. Não há diferença ontológica entre essas encarnações de gênero e a minha. Todas elas são produtos performativos para as quais diferentes quadros de inteligibilidade cultural conferem vários graus de legitimidade. A diferença está no grau de autorreflexão, de consciência e de compulsão da dimensão performativa desses papéis. Tornar-se *drag king* é ver através da matriz de gênero, observando que homens e mulheres são ficções performativas e somáticas conven-
cidas de sua realidade natural. Essa visão do mundo o leva ao riso, lhe faz sentir um ar tênue sobre os pés que o leva a flutuar — êxtase político.

Com tempo, de oficina em oficina, meus outros egos *drag king* aparecem: Bruno (o nome que eu me dava quando era criança para entrar no clube de boxe com o meu pai), Miguel, Alex. Mas meu nome *drag king* definitivo me foi dado por Pedro Lemebel quando organizei uma oficina em Santiago do Chile em 2004. Pedro Lemebel organizou em sua casa uma festa para me dar as boas-vindas. Ele me recebeu com um longo vestido preto e um colar de contas azuis de plástico em volta do pescoço; estava de

peito nu em um dia de inverno e com um turbante vermelho na cabeça à la Simone de Beauvoir. “Eu queimei minha cabeça tentando me livrar dessa ousadia”, ele me diz. Nunca tinha visto ninguém como ele. Ele me beija e me diz: “*Ya llegó la niña revolucionaria*”. Eu o amei desde o primeiro momento. “Lemebel não precisa escrever poesia para ser o melhor poeta vivo da minha geração”,⁴² disse Roberto Bolaño. Ele não é apenas o melhor poeta, mas também o mais radical e mais político *performancer queer* da sua geração — é preciso ser um poeta corajoso para enfrentar a polícia de Pinochet nu, montando um cavalo branco.⁴³ Pedro me chama de Beto: seja feita sua vontade. Como se o fantasma de Bolaño falasse através dele. Esses são os meus nomes: Roberto, Bob, Beto, Beatrizo, variações algébricas de uma constelação fonética. Organizamos a oficina na sede do Movimento Chileno Unido de Minorias Sexuais (MUMS) com o Queer MC, o primeiro grupo *drag king* de hip hop francês, que veio conosco ao Chile.

O Chile havia acabado de sair de um período de ditadura militar e vinha sofrendo a mais radical transformação neoliberal. Imposta pela Escola de Chicago a partir de meados dos anos 1970, o neoliberalismo trazia consigo a hiperinflação, o livre comércio, a privatização dos serviços sociais e o crescimento das desigualdades sociais. O país tinha deixado de ser um *playground* do colonialismo e do caciquismo espanhol para se tornar um laboratório para o capitalismo fundamentalista de Milton Friedman. A ideia de uma conferência, um seminário ou uma oficina nesse contexto ganham uma intensidade especial,

⁴² Roberto Bolaño, *Entre paréntesis*. Barcelona: Anagrama, 2004, p. 65.

⁴³ Refiro-me aqui às performances do grupo Yegüas del Apocalipsis, formado por Pedro Lemebel e Francisco Casas entre 1987 e 1995.

mas eu sou branca e espanhola, com um título de PhD na Universidade de Princeton, e falo sobre dildos, testosterona e políticas trans e *queer*. Durante minha primeira palestra na Universidade do Chile, um grupo de feministas chilenas foi à minha conferência e me acusou de ser uma “representante da ordem heteropatriarcal e colonial”. Pouco a pouco, porém, a acusação se transformou em debate, e o debate, em diálogo. No final, 35 mulheres comparecem à oficina em um 27 de agosto invernal: há mães militantes da esquerda feminista da época de Allende que vêm com as avós, filhas e sobrinhas, mocinhas de dezesseis anos, casais de lésbicas da terceira idade, trabalhadoras pobres que nunca vão deixar o país e algumas filhas da burguesia que um dia irão estudar em uma universidade norte-americana. O frio andino gela nossas costas enquanto discutimos; nos vestimos e trabalhamos no local sem calefação do MUMS, em um bairro de Santiago por onde passam as águas poluídas do rio Mapocho. Trinta vezes se articulam, forjando ligações a ponto de criar uma narrativa de sobrevivência. A história que emerge de todas essas palavras não é de dominação masculina ou de submissão das mulheres, e sim a da resistência à dominação, sobre a recusa a se render. Fazer de cada uma delas um *drag king* é um rito de investimento que o Queer MC e eu levamos a cabo com mais devoção e respeito do que nunca. Fazemos barbas e bigodes, passamos gel nos cabelos, enfaixamos peitos e arrumamos jaquetas esportivas. Na maior parte dos casos, não há muito que fazer: essas mulheres já são *kings*. Elas nunca abaixaram a cabeça diante de ninguém, não tiveram medo nem da tortura nem da morte, poderiam fazer frente a qualquer galinho de bairro. Não há muito que ensinar a elas, eu é que aprendo sobre o orgulho de estar vivo, de acreditar na revolução de gênero em um país onde

todas as revoluções foram arrancadas violentamente pela raiz. Essa noite, depois de oito horas de trabalho na oficina, saímos formando um grupo de quarenta *drag kings*, como se fôssemos um remake pós-*queer* de *Mad Max*, e caminhamos pelas ruas de Santiago até um dos poucos bares gays da capital. Ali nos espera Pedro Lemebel e sua turma de bichas e travestis. O Queer MC canta uma versão em espanhol de “Um Novo Gênero Chegou”, uma das suas canções *hip hop*. Um pequeno bando de *drag kings* e seus amigos tomam o palco enquanto os gays se juntam com os *drag kings* que vieram sem par. Na discoteca, respiramos tanta coca dissolvida no ar que não temos a necessidade de cheirar. Por volta das quatro da manhã, a polícia aparece, nós ficamos na nossa, e ninguém parece constatar a presença de mulheres cis em *drag king* no espaço. A festa se prolonga até o amanhecer. Acordo em um bar com putas, bichas e travestis, e estou nos braços de Pedro.

Frente ao aumento da produção e distribuição corporativas dos biocódigos da masculinidade e da feminilidade heterossexual e das formas de violência de gênero, parece urgente colocar em funcionamento oficinas *drag king* que sirvam como espaço de criação de brigadas urbanas, que, por sua vez, ativarão outras oficinas, decodificarão a gramática de gênero dominante, inventarão novas linguagens, criando redes contra-hegemônicas *globais* para reprogramação de gênero. Nenhum saber genuinamente *drag king* pode ser obtido somente por meio da leitura de um modelo de oficina. Seguindo o princípio da autocobaia, é necessário correr o risco de dar uma oportunidade à prática corporal e coletiva. Esta forma experimental de produzir saber e subjetividade torna obsoleta a figura do guru “profissional” *drag king*, que se desloca a novos territórios para iniciar o processo de desnaturalização do gênero. O melhor organizador

de uma oficina *drag king* é alguém que participou de outra oficina *drag king* e que decide continuar a experiência com um grupo de pessoas em seu próprio contexto local.

Depois de ter experienciado diversas terapias psicanalíticas ou psicodinâmicas, entendo hoje a oficina *drag king* como uma nova prática de terapia política, parte de um conjunto de técnicas críticas, de reprogramação e cuidados psicopolíticos que poderíamos denominar *queer-análise*. A psicanalista guattariana brasileira e crítica de arte Suely Rolnik nos ensina a considerar as práticas clínicas modernas — a psiquiatria a partir do século XVIII e a psicanálise a partir do início do século XX — como técnicas que surgem exatamente para gerir “os efeitos colaterais deste modo de subjetivação datado historicamente que se caracteriza pela redução da subjetividade à sua dimensão psicológica e a proscrição de sua dimensão estética”.⁴⁴ Do mesmo modo, poderíamos dizer que o problema das opiniões clínicas contemporâneas tem a ver com a redução do gênero à psicologia individual. Com frequência, aquilo que a terapia psicanalítica ou psicodinâmica tenta fazer é reduzir o processo de construção da subjetividade política a um relato psicológico. A psicologia e as instituições psicanalíticas usam uma epistemologia colonial e ocidental, baseadas em narrativas fortemente racializadas e heterocêntricas do Complexo de Édipo, da castração e da inveja do pênis, como síndromes ou patologias, a fim de diagnosticar e tratar as frustrações geradas pela resistência ou submissão à imposição política das normas de gênero, sexo e raça. Além disso, durante a Guerra Fria, a psicologia se tornou o apoio discursivo para a indústria

⁴⁴ Suely Rolnik, “¿El arte cura?”, in *Cuaderns Portàtils*. Barcelona: MACBA, 2002.

farmacopornográfica, oferecendo legitimidade científica à produção normativa e à distribuição de próteses químicas. É imperativo entender nossas identidades sexuais como efeitos traumáticos de um violento sistema biopolítico de sexo, gênero, sexualidade e raça e elaborar novos mitos que nos permitam interpretar o dano psicopolítico, nos dando a coragem necessária para a transformação coletiva.⁴⁵ Relatos críticos de tratamentos hormonais e cirúrgicos de bebês intersexuais devem ser substituídos hoje pelo mito do Complexo de Édipo, do mesmo modo que uma oficina *drag king*, como laboratório corporal, coletivo e político da produção dos gêneros (um conjunto de técnicas que, por oposição à clínica, poderíamos descrever como despsicologização do gênero), parece um lugar mais efetivo para trabalhar a identidade do que o divã do psicanalista. A *queer*-análise não é contra a psicanálise, mas vai além dela, politizando-a e desencadeando uma leitura crítica anticolonial e feminista trans das suas técnicas terapêuticas. A *queer*-análise desenvolve as ideias de Frantz Fanon e François Tosquelles, de Jean Oury e Félix Guattari em *La Borde*. A *queer*-análise é uma prática que, em vez de conceitualizar a dissidência sexual e de gênero através das lentes da patologia psicológica e da disforia de identidade, concebe a normatização e seus efeitos como aparelhos biopolíticos e formas de violência política. A *queer*-análise não rejeita todas as técnicas de produção de subjetividade derivadas da psicologia freudiana

45 Judith Butler, *Antigone's Claim: Kinship Between Life and Death*. Nova York: Columbia University Press, 2002. Butler, por exemplo, relendo os discursos da psicanálise e a legislação, propôs a irreverente e suicida Antígona — criança nascida de um incesto e fiel ao irmão em vez de ao Estado — como figura política para pensar as contradições da filiação heterossexual.

ou da programação da neurolinguística — a análise dos sonhos, a cura pela fala, a hipnose e assim por diante —, mas ataca seu modelo de “sujeito” e a retórica de gênero, sexo, raça, anormalidade e classes que operam nestas práticas psicoterápicas e a cumplicidade destas com o regime farmacopornográfico. Finalmente, a *queer*-análise apela para uma reapropriação coletiva de biocódigos “comuns” (discursivos, endocrinológicos, químicos, visuais etc.) para a produção da subjetividade.⁴⁶

BIOTERRORISMO DE GÊNERO

O modelo tecnocordeiro

Em outubro de 1958, uma jovem de dezenove anos comparece ao departamento de psiquiatria da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. É recebida por uma equipe composta por Robert Stoller, Harold Garfinkel e Alexander Rosen, respectivamente um psiquiatra, um sociólogo e um psicólogo, que realizam pesquisas sobre identidade sexual. O registro médico descreve a jovem como uma “mulher branca que trabalha como secretária em uma companhia de seguros”.⁴⁷ O informe acrescenta: “Sua aparência é

⁴⁶ Teresa de Lauretis, *The Practice of Love: Lesbian Sexuality and Perverse Desire*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1994. Neste texto, consulte a reinterpretação crítica da psicanálise para um estudo mais aprofundado.

⁴⁷ Aqui, as constatações de raça (branca) e classe (trabalhadora) funcionam como condições de normalidade que autorizam qualquer outro diagnóstico em termos de gênero.

convincente. Ela é alta, esguia e com formas femininas... Apresenta órgãos genitais masculinos e um pênis normalmente desenvolvido, assim como características secundárias do sexo feminino, como seios de tamanho mediano, e não apresenta pelo nem sobre o rosto nem sobre o corpo".⁴⁸ Mas, se a jovem parece satisfazer as expectativas taxonômicas do grupo de tecnocratas do sexo que a examina, é talvez porque — como eles dizem — ela não apresenta sinais de "desvio sexual, travestismo ou homossexualidade. Nada poderia diferenciá-la de uma jovem de sua idade. Seu tom de voz é agudo, não usa os vestidos exibicionistas nem de mau gosto que caracterizam os travestis ou os homens com problemas de identificação sexual". Na história médica, Garfinkel atribui à jovem o nome fictício de Agnes, sem saber ainda que está nomeando uma revolta por vir, uma futura *política de sacrifício de cordeiros* (do latim, *agnus*) que virá a infiltrar a ordem farmacopornográfica.

Depois de mais de trinta horas de entrevistas, a equipe médica, apoiada por uma detalhada análise endocrinológica e hormonal, não duvida em atribuir um mesmo diagnóstico. Trata-se, afirmam seus membros, de um caso de "verdadeiro hermafroditismo": Agnes sofre de uma "síndrome de feminização testicular", um tipo pouco frequente de intersexualidade em que os testículos produzem uma quantidade elevada de estrogênios.⁴⁹ Seguindo o protocolo

48 Harold Garfinkel, *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1967, p. 123.

49 Robert Stoller, citado in Garfinkel, pp. 120-122. Ver também a discussão do caso Agnes in B. Hausman, *Changing Sex*, op. cit.: Norman Denzin, "Harold and Agnes: A Feminist Narrative Undoing", *Sociological Theory* 8, nº 2, 1990: pp. 196-216; Norman Denzin, "Back to Harold and

para o tratamento de intersexuais, que prevê a reatribuição de gênero por meio de técnicas hormonais e cirúrgicas, ela tem garantido o direito de obter uma vaginoplastia terapêutica, isto é, a construção cirúrgica de uma vagina a partir de seu próprio tecido genital para restituir a coerência entre sua "identidade hormonal" e sua "identidade física".⁵⁰ Em 1959, Agnes será operada: o corpo cavernoso do pênis e os testículos serão amputados, uma vagina será fabricada a partir da pele de seu escroto. Um pouco mais tarde, Agnes terá direito à mudança legal de nome. Seu primeiro nome feminino passará a constar em seu RG.

Do ponto de vista do discurso médico tradicional, a história de Agnes parece narrar a gestão de um problema de intersexualidade ao qual a medicina soube responder com sucesso. Por outro lado, se aplicarmos o que Sedgwick chamaria de "hermenêutica paranoica"⁵¹ à leitura dessa história, estaremos inclinados a considerar a hipótese segundo a qual os mecanismos de controle do corpo e da sexualidade das instituições médico-legais disciplinadoras do regime farmacopornográfico se desdobraram sobre o corpo de Agnes com máxima eficácia. Se compararmos a história clínica de Agnes com a trágica narração de Herculine Barbin (a autobiografia de um hermafrodita do final do

Agnes", *Sociological Theory* 9, n° 2, 1991: pp. 280-285; Mary F. Rogers, "They All Were Passing: Agnes, Garfinkel, and Company", *Gender and Society* 6, n° 2, Junho, 1992, pp. 169-191; D. H. Zimmerman, "They Were All Doing Gender But They Weren't All Passing: Comment on Rogers", *Gender and Society* 6, n° 2, 1992: pp. 192-198.

50 John Money e Anke Ekhardt, *Man & woman, boy & girl: gender identity from conception to maturity*. Baltimore, MD: John Hopkins University, 1972.

51 Eve Kosofsky Sedgwick, *Touching Feeling: Affect, Pedagogy, Performativity*. Durham, NC: Duke University Press, 2003, pp. 123-151.

século XIX que, diante da demanda de escolher um só sexo, suicida-se), poderíamos concluir a partir dessa comparação que, no caso de Agnes, o aparato repressivo, transformado em um programa do sistema de saúde pública, dotou-se agora de uma nova sofisticação endocrinológica e cirúrgica para conseguir de forma ainda mais virtuosa aquilo que a medicina da época de Herculine Barbin só havia podido sonhar: estabelecer uma relação linear evidente entre sexo, gênero e sexualidade, fazendo do corpo uma inscrição legível e referencial sobre a verdade do sexo.⁵² A história de Herculine Barbin (publicada no final dos anos 1970 e transformada em *best-seller* na França) servirá a Foucault como ficção originária a partir da qual construir as suas próprias história e teoria da sexualidade. Para Foucault, se Herculine está condenada à morte (ou melhor, ao suicídio), é exatamente porque se localiza no ponto de ruptura de duas epistemes da sexualidade.

Herculine existe em um vazio entre dois quadros da representação do sexo, como se seu corpo tivesse caído na brecha que separa duas ficções divergentes do eu. Herculine não é um homem preso no corpo de uma mulher, tampouco uma mulher presa no corpo de um homem, e, sim, muito mais um corpo preso entre discursos discordantes de sexualidade. Enquanto, segundo Foucault, os hermafroditas anteriores ao final do século XIX habitam em um mundo sem identidades sexuais, onde a ambiguidade dos órgãos permite uma pluralidade de identificações sociais (como no caso de Marie Madeleine Lefort, que viveu no século XIX e a que poderíamos tanto

52 Herculine Barbin, *Being the Recently Discovered Memoirs of a Nineteenth Century French Hermaphrodite*, trad. Richard McDougal. Com introdução de Michel Foucault. New York: Pantheon Books, 1980.

entender como uma mulher com barba e pênis quanto como um homem com seios), a nova episteme moderna da sexualidade obrigará Herculine Barbin a escolher uma única identidade sexual e, portanto, a restabelecer a coerência entre os órgãos, a expressão social do sexo (masculino ou feminino — o termo gênero ainda não existe) e uma identidade sexual (heterossexual ou pervertida).⁵³ Em última instância, nesta cadeia causal da produção de sexo, Herculine Barbin se torna a fonte de uma série de discontinuidades intransponíveis que a/o levarão a se transformar não só em um espetáculo médico como também em uma monstruosidade moral.

Mantendo fidelidade a esse modelo de análise foucaultiano, pareceria lógico inclinar-se por uma exaltação da resistência de Herculine à integração e por uma crítica da facilidade com que Agnes parece ser absorvida pelos dispositivos biopolíticos dos anos 1950.

No entanto, essa leitura foucaultiana do caso de Agnes — na qual a formação do sujeito é um efeito do dispositivo-normatizante — complica-se. Sete anos após sua operação e mudança legal de identidade, Agnes produz uma narração alternativa do próprio processo de transformação, em que desafia e ridiculariza as técnicas científicas e médico-legais contemporâneas dos diagnósticos psiquiátricos e hormonais às quais os transexuais são obrigados a se submeter. Esta segunda narração apresenta um exemplo relativamente modesto, mas muito eficaz, de bioterrorismo de gênero e mostra como um tecnocordeiro sacrificial pode devorar uma manada de lobos farmacopornográficos.

53 Para uma discussão sobre a construção histórica dos corpos hermafroditas, ver Alice D. Dreger, *Hermaphrodites and the Medical Invention of Sex*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

Agnes não foi vítima do sistema médico-legal, mas, sim, um preciso cartógrafo que conseguiu mapear as novas relações do poder farmacopornográfico emergentes durante a Guerra Fria.

Vários anos depois de sua vaginoplastia, Agnes volta ao médico por um problema ginecológico e se apresenta como um jovem de sexo anatômico masculino que, no começo da adolescência, tomou escondido Stilbestrol, um preparado à base de estrogênios que fora receitado à sua mãe como parte de um tratamento de histerectomia. Nessa nova versão da história, tudo começou como uma brincadeira: quando sua irmã alguns anos mais velha começa a tomar pílula, Agnes, até então ainda um menino, decide fazer o mesmo e começa a tomar os hormônios da mãe. Agnes sempre desejou ser uma menina e agora, graças aos estrogênios da mãe, seus seios começam a crescer ao mesmo tempo em que se suavizam alguns dos sinais indesejados da puberdade, como o pelo facial. No início, o menino ocasionalmente rouba de sua mãe uma ou duas pílulas. Depois, serão pacotes inteiros.

A segunda história de Agnes apresenta algumas questões sobre a teoria do poder e da subjetivação de Foucault, mas também, e por extensão, coloca em xeque alguns dos eixos argumentativos da teoria da identidade performativa de Judith Butler aos quais com frequência a teoria *queer* se vê reduzida. Em primeiro lugar, Foucault descreve um regime de poder em que um conjunto difuso e tentacular de disciplinas de normatização biopolítica determina formas de subjetividade. No entanto, estando de acordo com Maurizio Lazzarato, acredito ser necessário compensar esta noção de biopoder com a ideia de *potentia* de Spinoza: ao analisar a história de Agnes, vamos perceber que, longe de serem dóceis, os corpos

anormais tornaram-se impregnados de poder político e, conseqüentemente, apresentam possibilidades de criar formas de subjetivação dissidente.

Em perspectiva butleriana, o caso de Agnes pode ser entendido como um exemplo de ressignificação e de reapropriação performativa. O que Agnes aprendeu é que a identidade de gênero, seja cis, intersexual ou transexual, não é outra coisa senão um script, uma narração, uma ficção performativa, uma retórica em que o corpo age ao mesmo tempo como cenário e personagem principal.⁵⁴ Agnes evita, estrategicamente, a inclusão de determinados detalhes em sua narração diante do psiquiatra. Por exemplo, evita fazer referência às suas relações com mulheres, que poderiam fazer pensar em uma possível inclinação lésbica depois da mudança de sexo. Por outro lado, enfatiza as metáforas que pertencem ao *script* do diagnóstico intersexual: seu desejo de usar saia, sua sensibilidade, seu amor à natureza.

Agnes torna efetivo um processo de reapropriação das técnicas performativas de produção da identidade sexual até então utilizadas para a construção do corpo gay, lésbico, intersexual ou transgênero como patológicos. Neste sentido, poderíamos qualificar de performatividade queer esse tráfico de ficções por meio do qual certos enunciados de gênero são extirpados da autoridade do discurso médico (até mesmo no próprio momento de sua intervenção) e usados por um novo sujeito de conhecimento que agora reclama para si o *status* de "especialista".

Só podemos entender o caso de Agnes por meio da análise dos processos tecnológicos de inscrição que farão

54 Ver a análise de Judith Butler sobre um caso de intersexualidade em "Doing Justice to Someone: Sex Reassignment and Allegories of Transsexuality", in *Undoing Gender*, op. cit., pp. 57-74.

com que a sua “imitação” tanto da feminilidade quanto da intersexualidade possa ser capaz de se passar por natural. Trata-se não só de mostrar o caráter construído do gênero, como, mais importante, de também reclamar a possibilidade de intervir nesta construção até o ponto de criar formas de representação somática que estão vivas.

Agnes desafia a lógica da imitação segundo a qual uma mulher transexual é um homem cis imitando a feminilidade. Ela parece ter lançado por terra a relação entre *drag queen* e feminilidade, entre cópia e original, entre natural e artificial, entre seriedade e irreverência, entre conteúdo e forma, entre discrição e extravagância, estrutura e decoração. Neste caso, Agnes já não imita — ou pretende fazer-se passar por — uma mulher por meio de uma performance que é em alguma medida estilizada. Com a ingestão de hormônios e com a produção de determinada narração, Agnes se faz passar “fisiologicamente” por um corpo hermafrodita para poder ter acesso a um tratamento de reatribuição de sexo sem passar pelos protocolos psiquiátricos e legais da transexualidade.

Ao alinhar-se intencionalmente à intersexualidade, o que Agnes efetivamente critica não é a masculinidade ou a feminilidade em si mesmas, mas (em um segundo grau de compreensão da complexidade das tecnologias de gênero) o próprio dispositivo farmacopornográfico da produção da “verdade do sexo”. Se a estética do *camp* emanando da cultura do travestismo e da transexualidade foi definida por Susan Sontag⁵⁵ como a crítica do original por meio do processo de produção da cópia ou da versão falsificada, então podemos dizer que, de algum modo, Agnes leva ao

55 Susan Sontag, “Notes on ‘Camp’”, in *Against Interpretation and Other Essays*, ed. rev. New York: Picador, 2001, pp. 275-292.

Jackie

limite a própria noção de *camp* até torná-la obsoleta. Se nas práticas do *camp* a estética suplanta a ética e o teatro suplanta a vida, no caso de Agnes a tecnologia somática suplanta a estética e a vida suplanta o teatro.

Agnes é uma *biodrag*: é o seu corpo que leva a cabo o processo de imitação, colocando um fim às oposições da metafísica tradicional que parecem ter gerado tantos problemas na teoria performativa (oposições entre fachada e interior, performance e anatomia, corpo e mente, gênero psicológico e cromossomos, identidade social e genética). Agnes é um artefato biocultural composto por substâncias orgânicas, uma ficção cujos próprios contornos são somáticos.

Se aceitarmos que Agnes é uma ficção biopolítica farmacopornográfica viva, devemos também dizer que sua mãe (atrelada à ingestão, ao que parece um tanto caótica, de uma tecnologia hormonal de substituição) e sua irmã (que consome a pílula anticoncepcional desde a adolescência) também o são. Ao engolir suas inofensivas pílulas, ambas se deixam habitar por ficções biotecnológicas vivas da identidade. A diferença é que, enquanto Agnes parece se reapropriar das técnicas de subjetivação e de *genderização* de seu corpo, sua mãe e sua irmã ingerem inconscientemente cada uma dessas tecnologias como se fossem suplementos às suas feminilidades "naturais".

O corpo de Agnes não é nem a matéria passiva sobre a qual age uma série de mecanismos biopolíticos de normatização, nem o efeito performativo de uma série de discursos sobre a identidade. O corpo de Agnes, verdadeiro colosso sexual de *autodesign*, é o resultado da reapropriação, do uso e do agenciamento coletivo de certas tecnologias de gênero com o objetivo de produzir novas formas de subjetivação.

Agnes permite imaginar uma forma barata e autoexperimental de um bioterrorismo de gênero faça-você-mesmo

que poderíamos denominar — em referência às políticas de gestão do *software* livre⁵⁶ — *política gendercopyleft*, uma micropolítica de células que, para além das políticas de representação, busca pontos de fuga frente ao controle estatal de fluxos (hormônios, esperma, sangue, órgãos etc.), códigos e instituições (imagens, nomes, protocolos, inscrições legais, arquitetura, serviços sociais etc.) e à privatização e à mercantilização destas tecnologias de produção e modificação do gênero e do sexo pelas corporações farmacopornográficas. O axioma do cordeiro: o princípio autocobaia. O objetivo do cordeiro: lutar contra a privatização do corpo e a redução da *potentia gaudendi* à força de trabalho, a uma marca registrada, a um *copyright* e a um biocódigo fechado. O modo de funcionamento do cordeiro: pirataria de hormônios, textos, técnicas corporais, práticas, códigos, prazeres, fluxos, substâncias químicas e cartografias... A transformação do corpo da multidão em arquivo político aberto: a *somathèque* comum.⁵⁷

Armadilhas do neoliberalismo farmacopornográfico

O ativismo *biodrag* contemporâneo é confrontado, cinquenta anos depois de Agnes, com um novo conjunto de estratégias econômicas e políticas neoliberais violentas,

⁵⁶ Ver os textos de Lawrence Lessing, fundador do movimento *Creative Commons*: Lawrence Lessing, "Code and the Commons" (discurso proferido na conferência sobre *Media Convergence*, Fordham Law School, New York, NY, 9 de fevereiro de 1999).

⁵⁷ Minha noção de *somathèque* em francês se refere a tecnologias somáticas para o corpo como acervo cultural tecnovivo — como na palavra *bibliothèque*, que significa biblioteca. ←

incluindo a privatização do sistema de saúde, a desregulamentação do governo, os cortes profundos nos gastos sociais e a militarização da vida social. No contexto presente, é possível imaginar (pelo menos) dois caminhos de desenvolvimento para a economia farmacopornográfica, em face dos quais diferentes modos de ativismo poderiam ser articulados.

O primeiro é a preservação de estados políticos teológico-humanistas que regulem a ação da economia liberal farmacopornográfica (ou seja, o livre comércio, seja democrático ou totalitário em um contexto de globalização). As atuais corporações farmacopornográficas funcionariam como tentáculos de livre mercado dentro dos atuais Estados-nação (que continuariam percebendo-se a si mesmos como soberanos e patriarcais) e negociariam com estes para determinar suas diretrizes para a produção, o uso e consumo de próteses químicas e códigos semióticos sexuais e de gênero.

O segundo é a transformação do Estado-nação em um devir desterritorializado abstrato da indústria farmacopornográfica. Poderíamos também assistir a um processo de privatização dos atuais Estados-nação que se verão progressivamente absorvidos pela indústria farmacopornográfica. Esta seria uma estratégia das atuais empresas farmacopornográficas para escapar das regulações impostas pelos Estados-nação pré-1970 (para evitar a transformação gradual das patentes farmacêuticas em genéricos, a regulação mais ou menos severa da produção e distribuição de material pornográfico audiovisual e as tentativas de abolição da prostituição), uma vez que estas companhias se envolvem na direção política de novas entidades nacionais (via Fundo Monetário Internacional, União Europeia e governos dos Estados Unidos, China

ou Índia) e adquirem instituições estatais (por exemplo, o Ministério da Saúde ou o Ministério da Justiça ou o complexo carcerário industrial), colocando-as a seu serviço e preenchendo essas instituições arcaicas de novos conteúdos cujo único objetivo será o aumento do consumo e dos benefícios farmacopornográficos.

De fato, as indústrias farmacopornográficas já competem com as questões domésticas dos antigos Estados-nação. A guerra por vir não é uma guerra entre Estados (Israel *versus* Palestina ou Estados Unidos *versus* países produtores de petróleo), mas muito provavelmente uma guerra das multinacionais farmacopornográficas contra uma multidão de corpos vulneráveis, uma guerra das multinacionais farmacêuticas que detêm o *copyright* dos princípios ativos contra os coletores de plantas tradicionais e seus saberes específicos, uma guerra de complexos carcerários industriais contra as populações racializadas e pauperizadas, uma guerra de Estados mafiosos contra os usuários "ilegais" de drogas, uma guerra de blocos multinacionais que coordenam a gestão das instituições legais e médicas, dos mercados de consumo liberal contra corpos privados de nacionalidade, uma guerra dos sistemas de controle que constroem sujeitos sexuais dóceis para a exploração total e sem limites de sua *potentia gaudendi*.

A história das transformações da produção, distribuição e consumo de heroína nos fornece algumas pistas sobre a possível evolução da gestão legal e política dos hormônios sexuais. Embora suas origens comuns hoje não pareçam evidentes, a heroína e a aspirina foram sintetizadas no mesmo ano, 1897, e no mesmo laboratório, por Hoffman e Eichengrun, através do mesmo procedimento. Tratava-se simplesmente da acetilação da morfina (no caso da heroína) e do ácido salicílico (no caso

da aspirina). A heroína e a aspirina foram comercializadas legalmente pela Bayer um ano depois para o tratamento de diversas doenças pulmonares, em virtude de suas propriedades analgésicas. Embora as restrições de produção e distribuição da heroína tenham se iniciado nos anos 1920, ainda era possível encontrar pílulas à base de heroína no catálogo farmacológico inglês em 1949.⁵⁸ Depois de cinquenta anos de repressão e criminalização da venda da heroína, que levou à degradação dos campos de cultivo, à adulteração da substância e à corrupção das redes de tráfico, os especialistas médicos falam hoje em uma progressiva reintegração da heroína no mercado farmacêutico legal. Assim, por exemplo, o grupo Macfarlan Smith Limited, de Edimburgo, progride a cada ano no uso experimental e terapêutico desta substância.⁵⁹ As modificações do *status* legal de uma substância e a qualificação do consumidor como criminoso ou doente mental (vício, no caso da heroína, e disforia de gênero, no caso dos hormônios sexuais) facilitam o estabelecimento de uma relação política entre drogas ilegais e biocódigos de produção de gênero. Os hormônios sexuais, cujo consumo está fortemente regulado pelo Estado, são drogas cujo uso é, senão ilegal, pelo menos politicamente controlado; seu uso, devido à sua potencialidade para transformar gênero e sexo, está sujeito a restrições específicas que seguem critérios administrativos de controle e canais de distribuição que se assemelham aos dos produtos narcóticos.

Como agir frente à resistência dos Estados em legalizar a venda da heroína farmacêutica ou em remover o consumo dos hormônios sexuais dos protocolos psiquiátricos?

58 Carnwath e Smith, *Heroin Century*, op. cit., p. 31.

59 *Ibid.*, p. 30-31.

Pensando na atual proximidade entre os Estados neoliberais, as multinacionais farmacêuticas e as redes do narcotráfico, parece urgente que as pessoas repudiadas como *junkies* (usuários de drogas ilegais) e os diagnosticados como disfóricos do gênero (usuários potenciais de hormônios sexuais) se organizem em associações de consumidores de drogas *copyleft* e forcem as redes estado-indústria-farmacêutica-trafficantes-de-drogas a facilitar o livre acesso sem restrições a estes biocódigos de produção de subjetividade. Do mesmo modo que as usuárias de Agreal processaram o laboratório Sanofi-Aventis pelos sérios efeitos colaterais⁶⁰ deste medicamento (em princípio destinado a diminuir os sintomas da menopausa, ao bloquear a ação do neurotransmissor dopamina), os usuários da heroína poderiam processar o Estado em caso de fissura ou overdose por impedir que esta substância possa ser produzida, distribuída e consumida de modo seguro e legal por seus usuários. Esta pressão política levaria de maneira progressiva à produção e distribuição da heroína (ou cocaína, MDA etc.) como genéricos que poderiam ser primeiramente adquiridos livremente no mercado farmacêutico e, a longo prazo, produzidos e geridos coletivamente como *próteses químicas comuns*. Isto implicaria, em última instância, um processo de mutirão multitudinário, não apenas um *lobby* de consumidores de biocódigos de sexo e de gênero, mas também uma rede de *trans-junkie-experts*, um mutirão de monstros.

60 Alguns efeitos colaterais incluíam síndrome de Parkinson e sintomas de ansiedade e depressão.

HACKERS DE GÊNERO E SEXUAIS

Os homens cis e as mulheres cis (heterossexuais ou homossexuais), mas também os transexuais que têm acesso a técnicas cirúrgicas, endocrinológicas ou legais de produção de identidade, não são simples classes econômicas no sentido marxista do termo, mas autênticas “fábricas farmacopornopolíticas” — existindo, ao mesmo tempo, como matérias-primas, produtores (mas raramente proprietários) de biocódigos de gênero e consumidores farmacopornográficos.

Atores pornô, putas, transgêneros e *genderqueers*, produtores, traficantes e consumidores de drogas ilegais habitam culturas diferentes, mas todos eles são utilizados como laboratórios farmacopornô vivos. Todos vendem, compram ou têm acesso a seus biocódigos como propriedade farmacopornográfica. A emergência repentina de novos estatutos de gênero está criando um novo tipo de conflito entre proprietários e gestores das patentes de microtecnologias de subjetivação (hormônios sexuais, moléculas psicotrópicas, códigos audiovisuais etc.) e os produtores e traficantes destes tecnobiocódigos. Os empresários farmacopornográficos, atuais líderes do capitalismo global, tentam, através de técnicas legais, restringir e privatizar os biocódigos de gênero e transformá-los em um objeto escasso e naturalizado.

Os *hackers* de computador utilizam a internet e os programas *copyleft* como ferramentas de distribuição livre e horizontal de informação e afirmam que o movimento social que lideram está ao alcance de todos. O movimento farmacopornográfico *gendercopyleft* tem uma plataforma tecnoviva ainda muito mais facilmente acessível do que a internet: o corpo, a *somathèque*. Mas não o corpo nu, ou

o corpo como natureza imutável, e sim o corpo tecnovivo como arquivo biopolítico e prótese cultural. Sua memória, seu desejo, sua sensibilidade, sua pele, seu pau, seu dildo, seu sangue, seu esperma, sua vulva, seus óvulos são as ferramentas de uma possível revolução *gendercopyleft*.

Os vários produtores de biocódigos sexuais são muito diferentes entre si. Alguns gozam de privilégios econômicos e sociais, como os modelos através de cujos corpos se produzem os códigos dominantes da beleza masculina e feminina. Outros, como os atores pornô ou as trabalhadoras do sexo, sofrem de uma falta de regulação a respeito da venda livre de seus biocódigos. Mas todos dependem da indústria farmacopolítica e de suas alianças locais com as forças policiais dos Estados-nação. Um dia, todos eles vão se tornar *hackers*.

Agnes, mãe de todos os tecnocordeiros: Del LaGrace Volcano, Kate Borstein, Jacob Hale, Dean Spade, Mauro Cabral, Susan Stryker, Sandy Stone, King Erik, Moisés Martínez — todos são mestres *hackers* de gênero, autênticos traficantes de fluxos semiótico-técnicos, produtores e *reparadores* de biocódigos *copyleft*.

As estratégias *gendercopyleft* devem ser sutis, mas decisivas: a sobrevivência da vida no planeta está em jogo. Por este movimento, não haverá um único nome que possa ser imediatamente transformado em marca. Será nossa responsabilidade deslocar o código para abrir a prática política a múltiplas possibilidades. Este movimento, que já está em marcha, poderia se chamar Pós-Pornô, Fuckware Livre, BodyPunk, GêneroAberto, FodaSeuPai, EstadoPenetrado, TotalDrogas, PornoTerror, InflaçãoAnal, TecnoPriapismoUniversalUnido...

Este livro, herdeiro das políticas de autoexperimentação de Agnes, é um protocolo de autotestes com testosterona

J. ROCHA

em gel, exercícios de envenenamento controlado em meu próprio corpo. Infecto-me com um significante químico culturalmente marcado como masculino. Vacinar-se de testosterona pode ser uma técnica de resistência para os corpos com os quais fomos designados como mulheres cis. Adquirir certa imunidade política de gênero, tomar um porre de masculinidade, saber que é possível vir a ser do gênero dominante.

Pouco a pouco, a administração de testosterona deixou de ser um simples teste político e se transformou em uma disciplina, em ascetismo, um modo de ressuscitar meu espírito através do pelo que cresce nos meus braços, um vício, uma forma de gratificação, uma fuga, uma prisão, um paraíso.

Os hormônios são próteses químicas. Drogas políticas. Neste caso, a substância não só modifica o filtro com que decodificamos e recodificamos o mundo: também modifica radicalmente o corpo e, portanto, o modo pelo qual somos decodificados pelos outros. Seis meses de testosterona e qualquer mulher cis, não uma que deveria-ter-sido-homem ou uma lésbica, mas qualquer menina, qualquer criança de bairro, uma Jennifer Lopez ou uma Rihanna, pode tornar-se um membro da espécie masculina indiscernível de qualquer outro membro da classe dominante.

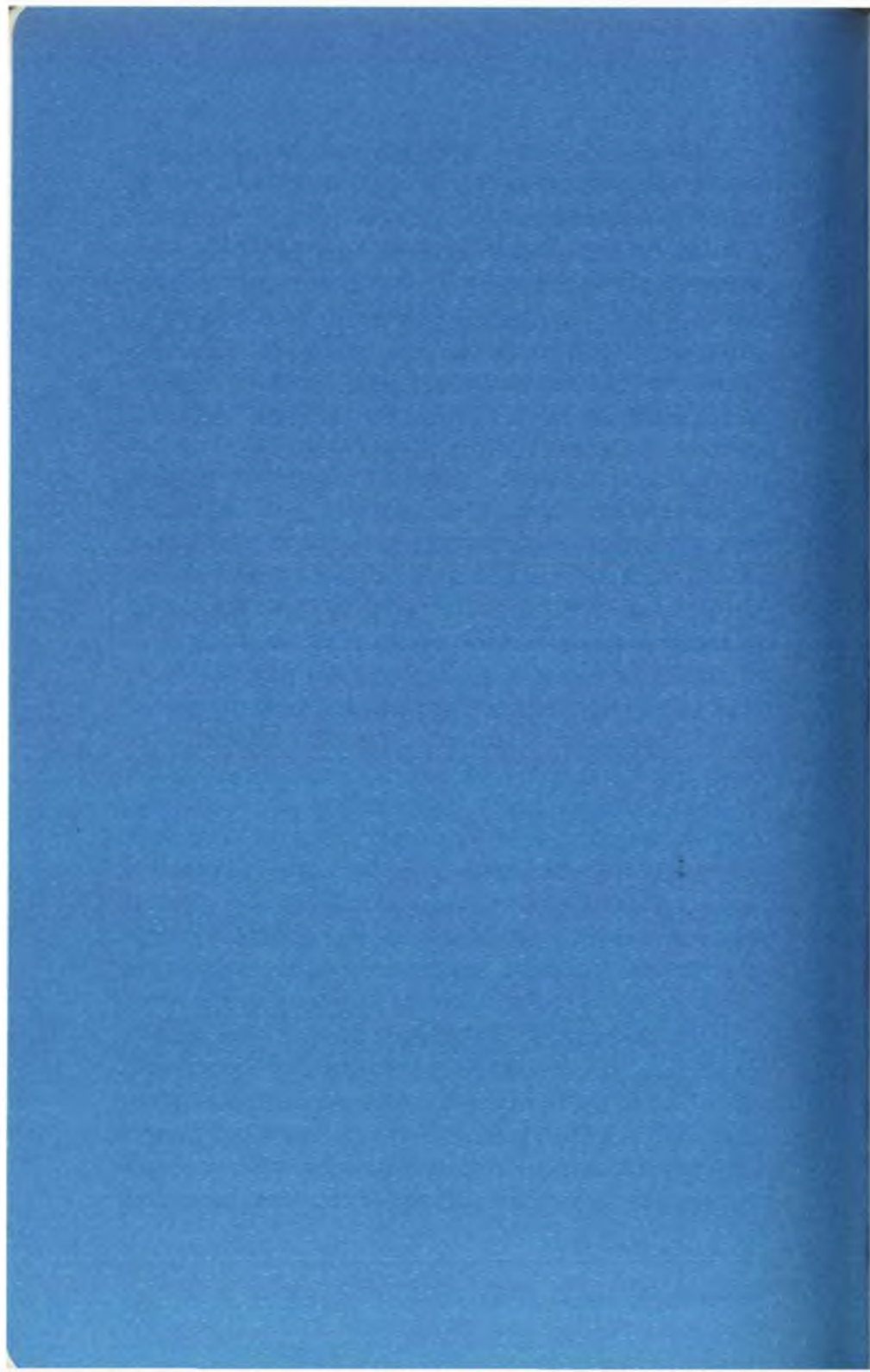
Recuso a dose médico-política, seu regime, sua regularidade, sua direção. Advogo por um virtuosismo de gênero: para cada um, a sua dose; para cada contexto, sua exigência precisa. Aqui, não há norma, há simplesmente uma multiplicidade de monstrosidades viáveis. Tomo testosterona como Walter Benjamin fumava haxixe ou como Freud tomava cocaína ou como Michaux, mescalina. Isto não é uma desculpa autobiográfica, e sim uma radicalização (no sentido químico do termo) da minha escritura

teórica. Meu gênero não pertence nem à minha família nem ao Estado nem à indústria farmacêutica. Meu gênero não pertence nem sequer ao feminismo, nem à comunidade lésbica, tampouco à teoria *queer*. É preciso arrancar o gênero dos macrodiscursos e diluí-lo em uma boa dose de psicodelia hedonista micropolítica.

↪ Não me reconheço. Nem quando estou em T., nem quando não estou em T. Não sou nem mais nem menos eu. Contrariamente à teoria do estádio do espelho lacanianiano, segundo a qual a subjetividade da criança se forma quando esta se reconhece pela primeira vez em sua imagem especular, afirmo que a subjetividade política emerge exatamente quando o sujeito não se reconhece em sua representação. É fundamental não se reconhecer. O desconhecimento, a desidentificação é uma condição de emergência do político como possibilidade de transformação da realidade. A pergunta que Deleuze e Guattari se faziam em *O Anti-Édipo*, em 1972, continua queimando nossa garganta: “Por que as massas desejam o fascismo?”. Não se trata aqui de opor política da representação e política da experimentação, e sim de tomar consciência de que as técnicas de representação política implicam sempre programas de produção somática de subjetividade. Não estou optando pela ação direta frente à representação, e sim por uma micropolítica da desidentificação, um tipo de experimentação que não confia na representação como uma exterioridade que possa oferecer verdade ou felicidade.

A fim de realizar o trabalho terapêutico para a multidão que me fez começar a tomar testosterona e a escrever, preciso agora apenas convencer vocês, todos vocês, de que vocês são como eu, e não o contrário. Não vou dizer a vocês que sou igual a vocês, seu igual, ou que vou pedir que me permitam participar de suas leis, ou que me

reconheçam como parte de sua normalidade social. Mas aspiro, sim, a convencê-los de que, na realidade, vocês são como eu. Tentados pela mesma deriva química. Vocês a levam dentro: vocês se acreditam mulheres cis, mas tomam a pílula; vocês se acreditam homens cis, mas tomam Viagra; são normais, mas tomam Prozac ou Paxil na expectativa de que algo os livre dos seus problemas de decréscimo de vitalidade; vocês usam cortisona, cocaína, álcool, Ritalina e codeína... Vocês, você também, vocês são o monstro que a testosterona desperta em mim.



13. A VIDA ETERNA

Na saída de um seminário sobre Spinoza, durante as onze estações de metrô que separam a estação de Saint-Germain-des-Prés da estação Pyrénées, um discípulo de Toni Negri me conta a história dos amores tóxicos de Félix Guattari e Gilles Deleuze. Não sei se é verdade, mas me parece fácil acreditar nele. Penso em meu amor por v. D., em minha relação com a testosterona. Ele me diz que Félix, depressivo e abstinente, operava como um conector, um filtro desintoxicante entre o vício psicotrópico de suas amantes e o alcoolismo de seu amigo Gilles. O homem cis que me conta a história está indubitavelmente ciumento do inquebrável laço químico entre aquelas mulheres e o pó branco, invejoso da paixão epistolar entre Félix e Gilles. Logo saberei que essa versão dos fatos era verdade só em parte. Em todo caso, o que retenho disso é que o amor e a escritura surgem de uma cibernética enteogênica, de um *feedback* narcótico durante o qual o viciado não é sempre aquele que ingere a substância.¹

Na clínica de La Borde, Guattari buscava formas de terapia política não para tratar indivíduos (modernas ficções que são domínios exclusivos da psicanálise), mas sim os sistemas, as instituições, as configurações de poder. Seu espaço para a experimentação foi a cibernética da sua própria vida amorosa, uma forma de raciocínio segundo

¹ Não encontrei traço algum do caráter tóxico das relações entre Guattari e suas amantes e Guattari e Deleuze. Ver François Dosse, *Gilles Deleuze and Félix Guattari: Intersecting Lives*, trad. Deborah Glassman. Nova York: Columbia University Press, 2010.

a qual o afeto — no curso de uma relação amorosa ou sexual — cria circuitos, desenha novas conexões elétricas em áreas altamente especializadas do neocórtex cerebral e determina, através de associações e imagens mentais, as regiões específicas do prazer e da dor.

O amor é um tipo de mapa de conexões (movimentos, descargas, reflexos, convulsões e tremores) que durante um tempo regula nossa produção de afetos. O funcionamento deste circuito eletrocelular se assemelha às fases tônica e clônica de um ataque epilético, por um lado, e aos espasmos musculares e à tensão do coração, por outro. Transmissão de correntes elétricas de membrana a membrana. Trata-se de um movimento rítmico, a necessariamente regular produção de afetos intensos, e pouco importa que sejam positivos ou negativos. O amor, como sistema protético de informação psicossomática, transforma-nos em animais cibernéticos viciados. O amante é como os gatos de laboratório com os quais o inventor da cibernética, Norbert Wiener, trabalha na Fundação Rockefeller depois da Segunda Guerra Mundial. O cérebro do gato, extirpado sob anestesia local, foi substituído por um microchip eletronicamente conectado a um organismo tecnovivo externo. Nos tempos de Proust, o dispositivo escritura/leitura era o único meio virtual de implantação protética da subjetividade. Depois da bomba atômica e da saturação do corpo, da casa e de toda a cidade pela mídia e pela informação, esses sistemas protéticos se estendem de forma amplificada por meio de redes cibernéticas globais. Estar apaixonado hoje é forçosamente comunicar-se com a totalidade do planeta. Sentir a consciência do planeta.

O amor é sempre uma cibernética do vício. Deixar um vício com alguém, por alguém, fazer desse alguém o objeto

do vício, ou tornar-se viciado de uma terceira substância por alguém. Ela, eu, a testosterona. A testosterona e eu. Ela e eu. Ela ou a testosterona. Ela = a testosterona. Produzir ou consumir testosterona. Prescindir da testosterona por ela. Absorver sua testosterona.

Não me surpreende que tenha sido Guattari quem — entrando mais uma vez em uma cibernética filosófica — tenha levado o anorgásmico Deleuze até os arfares de *O Anti-Édipo*. Como Hanemann, o inventor da homeopatia, e Bateson ou Erickson, experimentadores psicossomáticos de Palo Alto, Deleuze e Guattari são os mestres de uma prática biosófica que poderia receber o nome de homeopatia política ou exorcismo político molecular. Muito além da filosofia.

A filosofia — perambulação, diálogo, técnica de escrita — foi para o mundo grego o que o disparo é para sociedade ocidental pós-fordista. Em um mundo onde a roda e a escritura eram as duas únicas tecnologias básicas, a filosofia era um exercício de produção virtual de subjetividade. A linguagem era suficiente para produzir uma ficção política residual (individual ou coletiva) que não existia antes desse discurso começar. No século XVII, o advento da masturbação técnica — primeiro com seus aparatos mecânicos e depois com os dispositivos elétricos de controle do corpo e de vigilância da alma — inaugura uma nova era da filosofia como uma forma de “abuso de si”. No século XXI, depois da bomba atômica, da guitarra elétrica, da transmissão de ondas telegráficas e telefônicas, da cibernética, do circuito integrado, do contágio viral, do design e da irreparável poluição atmosférica, a filosofia se torna uma forma de ecologia farmacopornográfica.

BRAÇO PELUDO

Ela e eu passamos dois dias trepando quase sem interrupção. O Testogel e o lubrificante se tornaram arquitetura: uma edificação viscosa e brilhante que se derrama sobre nós. É o espírito em seu estado viscoso e aderente. A malha rodoviária do corpo dela alimenta as funções de entrada e saída, na forma de uma parede semilíquida e flexível que se comporta como um todo sequencial. Seu corpo é um clube seletivo. É chamado de *Hardplay space*. O melhor que já provei. Las Vegas celular. A testosterona em gel e o lubrificante impregnam o ar, melhoram-no, jorram pelo meu cabelo. Respiro sua consistência aquosa sem dificuldade; meus pulmões devem ter voltado ao estado anfíbio que possuíam em sua fase fetal. O lubrificante reduz o índice de fricção, reduz o conflito, o estresse, a diferença, afina as paredes do ego. Reduz a individualidade a seu estado mínimo, ali onde a alma se confunde com o meio ambiente.

V. D. edita o clipe de *Mauvaise étoile*. A voz de Patrick Eudeline se enrola ao redor de corpos tatuados de sapatonas e roqueiros, em volta do braço escuro de Daniel Darc e ao redor da tatuagem da relíquia do amor desiludido de Busty e da tatuagem do polvo que devora meninas de Axelle Le Dauphin. V. D. mergulhou no processo alquímico de cortar as imagens e misturá-las com a música. Ela me envia uma mensagem: Posso passar para vê-la. Posso comprar seda OCB para enrolar fumo, caso encontre — e se eu estiver amável o suficiente para isso. Posso aparecer quando quiser. A produtora de cinema está no segundo andar das instalações da rue Saint-Martin. Marco o código de acesso. Passo a primeira porta e bato na segunda. V. D. abre a porta para mim. Ela pintou as unhas, maquiou os olhos. É minha puta. Ela me beija, me segura pela cintura e

me empurra para me fazer atravessar o local. Um escritório de uma produtora de cinema é uma estação de fabricação de masculinidade: tecnologia máxima e mínimo conforto doméstico. Carpete cinza sujo, estantes cheias de cassetes, computadores, monitores, mesas de edição. Ao fundo, em uma disposição que se estende para além do umbral que separa o espaço interno de um lixão público, uma mesa cheia de manchas e latas vazias de cerveja, uma geladeira, uma máquina de café, sacos alternadamente cheios e vazios de batatas fritas. No início, estamos somente v. D., o editor do filme e eu. Aos pouco chegam outros caras. O chefe da produtora, um tipo bacana com barba e cabelo comprido, bonito, mas um tanto largado. Outro cara jovem, que acaba de produzir o último filme de H. P. G. Outro produtor, meio elegante, meio *sexy*, um tanto seguro de seu iminente sucesso. Outro rapaz que trabalha como agente e que vem com a namorada japonesa, unicelular, dócil e ultrafeminina, como uma ameba de alto *design*. E outro cara ambicioso que está preparando seu primeiro filme.

v. D. é um cara entre caras. Ela está em seu elemento. Não precisa de justificativa. Os caras a veneram. É um deles e ao mesmo tempo está acima de todos eles. Como se a possibilidade, aparentemente próxima, mas na realidade remota, de que possam enfiar seus ternos paus na sua boceta, mas sobretudo de que ela lhes enfie pelo cu, a elevasse a um nível superior na hierarquia da masculinidade. O cara meio *sexy* não para de elogiá-la. Ele gosta de *Baise-Moi*, mas *Les chiennes savantes* é realmente seu melhor romance: se encontrasse uma mulher como a Gloria de *Bye Bye Blondie* — diz ele sem saber do que está falando —, imediatamente se apaixonaria por ela. Um dia desses, ele acrescenta, temos que ir beber alguma coisa juntos. Com sua insularidade masculina, nem sequer se dá

conta de que, enquanto conversam, V. D. enfia sua mão por trás de mim, debaixo da calça. V. D. o ignora e, ao mesmo tempo, o amarra com uma corrente invisível, como uma autêntica diva literária que se alimenta da transferência narcisista que absorve de seus fãs.

Todos juntos, já são cinco ou seis caras na sala, fumando, falando do Festival de Cannes, da grana que custa o novo programa de edição Avid, de como H. P. G. é um cara legal, das piscinas de Los Angeles. Um dos caras tira um cassete e diz ao produtor de H. P. G. que ele precisa ver o casting que está fazendo para encontrar a atriz de seu próximo filme. É o mais asqueroso de todos os homens cis que estão na sala; apenas um metro e sessenta, careca, com barba e bigode, com uma voz anasalada e melosa. Ele deixa o roteiro sobre a mesa. O título é um nome árabe de garota. Poderia ser Leila, Farida, Salma, Gamila... Em menos de dez segundos, todos os caras se aglomeram em volta de um dos monitores nos quais começa a passar o cassete. A japonesa vai se sentar em uma das cadeiras do fundo da sala para fumar um cigarro e falar ao telefone, como se um índice tão elevado de testosterona no meio ambiente ameaçasse sua pureza de ameba. É, está claro, um ritual de homens. Estão todos pendurados diante dessas imagens como se estivessem recebendo pedaços inteiros de conhecimento e poder heterossexual. V. D. se levanta e abre lugar entre eles. Eu me ponho também de pé atrás dos caras. Eu vejo bem de onde estou, sou uma cabeça mais alta do que todos eles. Só V. D. está na minha altura. O careca de braços peludos está perturbado. Ele com certeza não esperava que nós — duas minas cis aos seus olhos — víssemos essas imagens. Como o pornô pesado, essas imagens estão reservadas aos galinhos da classe. Na tela, uma garota de dezesseis, quando muito dezoito anos, aparentemente

francesa de traços árabes; ela tem lábios grossos, maçãs do rosto salientes, maquiagem rosa sobre as pálpebras, cabelo preto comprido e encaracolado. Ela está sentada no chão, vestindo uma camiseta preta justa de alcinha; seus jeans de cintura baixa deixam ver uns centímetros de finíssima gordura, esse tipo de gordurinha que aos dezesseis acaba sendo sexy, e tudo isso coroado pelos tênis brancos Puma que está usando. Ela olha para a câmera como que esperando para saber o que é que tem que fazer. Ri estupidamente, como se não soubesse o que fazer diante da câmera. Ouve-se a voz de um cara: "Vamos ver como você faria uma cena de sexo, se você tiver que seduzir o protagonista. Vamos supor que sou eu. Vamos." Ela diz: "Não sei". Sorri novamente. Baixa o olhar, fecha os olhos. Ela coloca as mãos na frente do rosto. "Vamos", diz a voz de novo. "Não sei", repete ela, mas começou a ter uma ideia. Ela levanta o cabelo com os dois braços, abre a boca, fecha-a como que fazendo um "u", morde o lábio inferior, tira a língua e chupa o lábio superior com a ponta e de novo fecha a boca em "u". "Continue, meu bem, muito bom, viu só como você sabe?" O plano se amplia e vemos a garota apoiando as duas mãos no chão, para trás. Então, um braço peludo, grosso e curto entra no quadro da imagem e puxa o decote da camiseta de alcinha, toca um seio da garota e depois o outro. Ninguém fala. Não vemos a cara da garota. Só seu tronco. Depois, de novo a voz rouca: "Venha, me mostra o que você tem aí, vamos ver como você faria uma cena". A garota olha para um lugar fora do enquadramento, como que para se assegurar de que ninguém está olhando. Depois olha diretamente para a lente, chupa de novo os lábios, tirando a língua, mexendo-a de cima para baixo enquanto tira o sutiã. Seu cabelo preenche quase todo o quadro da imagem. "Bom, bom, muito bem, assim", diz

a voz rouca, enquanto o braço peludo volta a entrar no enquadramento da imagem, retira o cabelo para trás para deixar à mostra os seios da garota. Eles são enormes, bio- e um pouco caídos — mas quase nada levando em conta o seu tamanho —, com auréolas grandes e mamilos salientes muito escuros. O braço peludo agora ocupa a metade do quadro. Na parte de cima, a boca da garota, seus ombros nus, seus seios; na parte de baixo, o braço peludo. Pela primeira vez, a garota fica fora do quadro, e podemos ver outros tênis, os jeans da garota no chão, seus tênis Puma, outro jeans filmado de cima. Depois, um movimento brusco da câmera revela uma janela, uma reprodução de *Os girassóis*, de Van Gogh. A seguir, rapidamente, podemos ver a garota de novo, apoiada sobre as costas no chão, nua. Os seios separados caem ligeiramente para os lados, e o braço peludo se agarra ao seu pescoço. Um pau grosso e pequeno atravessa brevemente o quadro para depois desaparecer sob o corpo da garota. Ela está sentada sobre um corpo que parece ser a continuação anatômica do braço peludo. Não vemos sua boceta, nem voltamos a ver o pintinho, nem sabemos se entra ou sai: tudo o que podemos ver são os seus seios se mexendo, um pouco de cabelo, sua cabeça que balança e o braço peludo agarrado ao seu pescoço. Os caras que olham o cassete não perdem um detalhe. Fora do monitor, o mesmo braço avança e rebobina de vez em quando a imagem enquanto diz: “Isso é mais do que suficiente. Vocês fazem uma ideia do resto.” A imagem é passada em movimento rápido: o corpo da garota cavalga cada vez mais depressa, presa a esse braço peludo. O homem aperta *play*, retornando à velocidade normal do vídeo. A garota não tenta simular um orgasmo, mas faz cara de puta, cara de vadia pornô, uma cara que parece ter visto mil vezes e que não tem problema em

imitar. Apertando o botão do *fast-forward* novamente, Braço Peludo explica: "Estão dispostas a qualquer coisa para conseguir um papel, e o pior é que depois me ligam e querem que eu volte a vê-las. Esta é boa atriz, mas não tem nada a ver com o filme. A garota do filme não é assim. É uma garota mais bonita, mais fina, mais pura." A voz dele é a voz da consciência pornô dominante do macho cis do Ocidente. O sujeito dominante é um braço branco peludo e um pintinho sem corpo. Um braço branco que masturba um pau com a ajuda de uma imagem. A garota é ali um simples biodispositivo masturbador, um corpo sobre o qual Braço Peludo não pode saber nada.

O nome Braço Peludo nasce desta imagem. Braço Peludo tem a mesma relação com a condição farmacopornográfica contemporânea que Édipo tem com a imaginação da consciência moderna de Freud no início do século XX. Hoje, para poder iniciar uma terapia política do Ocidente, seria necessário falar do complexo de Braço Peludo. Já não se trata de um desejo proibido pelo pai ou pela mãe. Nenhuma garota cis que vive nos bairros pobres de Paris deseja matar a mãe para trepar com o pai. Com a exclusão racial e social suportada desde o início, qualquer desejo, acima e além das exigências do mercado, de ir para a cama com o velho é altamente improvável. O Complexo de Édipo deixou de ter vigência política. Édipo foi derubado pelo Braço Peludo. O pai e a mãe já estão mortos. Somos os filhos de Hollywood, do pornô, da pílula, dos enlatados televisivos, da internet e do cibercapitalismo. A única coisa que a garota cis árabe deseja é transformar seu corpo em imagem consumível pelo maior número de olhares. Sair da merda. Ter acesso à grana. Tocar a glória numericamente nem que seja por um segundo. Ela deseja transformar-se em mercadoria digital para ser eterna.

Deseja sua pornificação não para produzir prazer (esse prazer não só lhe é indiferente como, além disso, não a agrada), e sim para transformar seu corpo em capital abstrato, em código virtual indestrutível: tornar-se um *e-corpo*. Ela deseja, com repulsa, fazer sexo com Braço Peludo e ao mesmo tempo — com um pouco mais de treinamento — transformar-se em Braço Peludo.

Não posso evitar pensar que o termo Braço Peludo tem as mesmas iniciais do meu nome, B. P. Será que vou me tornar um Braço Peludo se continuar tomando testosterona?

27 CENTÍMETROS

Durante um ano inteiro, muito antes de começar a me aplicar testosterona, você ainda está vivo, A. B. / C. S., nós falamos sobre como e quando vamos começar uma mudança de sexo. Nesse momento, pensamos apenas em mudar de sexo, não de gênero. A. B. pensa em ter uma vagina no lugar de um pau, e eu em ter um pau além de uma vagina. A. B. pensa em como será trepar depois de uma vaginoplastia, e eu penso em modos de fazer dinheiro para poder pagar uma faloplastia — não uma qualquer, mas uma *high-tech*. Vai custar muita grana. Para os dois. A vaginoplastia dele e meu pau *high-tech* custam o mesmo que comprar um apartamento no centro de Paris. Não penso em operar os seios, muito menos em obstruir a vagina. Estudei as diferentes cirurgias disponíveis no mercado médico europeu. A operação mais comum utiliza a pele e o músculo do antebraço e uma veia da perna para construir um tubo-pênis em devir. Há um pênis contido em cada braço; em cada perna há uma veia que poderia ser ereta. Os textos médicos chamam essa operação de técnica “alça de

mala”, influenciados, sem dúvida, pela retórica surrealista. Cirurgia dadaísta.

Um enxerto peniano, com a forma de uma alça, é separado do comprimento do corpo, transformando o corpo em uma mala de viagem. Em primeiro lugar, um retalho de pele é removido do braço e enxertado na área dos quadris. O corpo é agora uma mala com uma alça lateral. Não é ainda completamente masculino, exceto pelo insólito fato de ter um futuro pênis preso aos quadris. Trata-se mais de uma geografia assexual com um pênis germinado. Gosto dessa forma. A seguir, a alça se desloca até alcançar uma de suas extremidades na pelve, abaixo do abdômen. Aqui, a paisagem do corpo começa a se masculinizar discretamente: trata-se agora de um corpo com pênis cuja ponta está irremediavelmente presa ao abdômen. Se a gente lesse esta fotografia médica com os códigos da pornografia sadomasô, diríamos que se trata de um pênis ereto costurado ao estômago. Uma leitura do corpo em termos arquitetônicos nos permitiria interpretar este volume como uma maleta *prêt-à-porter* com um pênis-alça vertical, mas inviável para a penetração. Por último, corta-se a amarra da alça ao abdômen e deixa-se cair o enxerto que agora pende apenas da pelve. Estou descrevendo em detalhes as fotografias e as descrições cirúrgicas de um artigo de Wolf Eicher publicado em 1984.² Comparado com os documentos de Eicher, um filme de Cronenberg é doce como *O Ursinho Pooh*. Ao pé da foto, uma legenda diz: “Todos encontraram seu equilíbrio psíquico graças à operação”. Mas eu não peço estabilidade psíquica: quero apenas o pau do século.

² Wolf Eicher, “La transformation génitale en cas de transsexualisme”, in *Chaiers de Sexologie Clinic*, vol. 10, n^o 56. Paris, 1984. pp. 97-105.

Meço meu antebraço. Exatos 27 centímetros. Um delírio. Já me imagino com um pau de pelo menos 27 centímetros, pensando que será preciso cortar um pouquinho aqui, um pouquinho ali. No pior dos casos, 22 centímetros, se eu perder cinco centímetros por problemas de irrigação sanguínea ou necrose no processo de enxerto. Gozo só de pensar nisso. Além da possibilidade de o enxerto vir a ser rejeitado, quase todas as páginas da internet dedicadas à faloplastia redigidas por garotos trans pós-operados insistem em dois problemas: a perda do prazer e a dificuldade de conseguir uma ereção. Uma das técnicas operatórias contempla a possibilidade de deixar o novo pau vazio para poder enxertar dentro dele, a partir da parte de baixo, junto aos implantes de testículos, uma bomba hidráulica erétil. Não me parece sofisticado. Qualquer um dos meus dildos é mais *sexy* do que esse pau hidráulico. Aparentemente, as instituições médicas e as equipes operatórias estão de acordo sobre uma proibição farmacopornográfica: evitar a produção de qualquer tipo de pau de luxo.

Converso com vários tecnocaras de diferentes grupos de transexuais de Paris e de Barcelona. Eles me mostram seus tecnopaus. Alguns estão incrivelmente bem-feitos, mas são pequenos. A maior parte deles optou pela medioplastia, a reconstrução de um micropau com a glândula do clitóris. Alguns têm implantes de testículos. A maioria decidiu optar por um máximo de prazer guardando seus macroclitóris testosteronados e suas vaginas abertas. Para mim, essa parece a solução ideal. Vou a uma reunião em uma das associações trans de Paris. Eles me convidam a ver um fabricante australiano de próteses que produz pênis de silicone *prêt-à-porter* a um preço acessível. Ele as chama de “próteses sexuais de camuflagem”. Ele traz uma caixa cheia de amostras: grande variedade de cores

de pele, formas, tamanhos. São brancas, pretas, rígidas, semirrígidas, flácidas, circuncisadas e com o prepúcio inteiro. São coladas ao quadril com um gel aderente que permite uma fixação de até quinze dias. “A particularidade destes pênis é que a pele de silicone está recheada com um gel semitenso, o que lhes dá uma consistência ao tato e um peso próximos aos de um pênis natural”, explica o dr. Arienzo. Testosterona em gel, prótese sexual de camuflagem em gel, gel adesivo para fixar o pau no corpo.

Começo a pensar que a característica distintiva do sexo, incluindo o pau, está no gel. O ser não é substância, e sim gel. “Espuma” — e não a megaejaculação planetária que emerge de um biopau heroico, como insinua Sloterdijk — mas muito mais composto sintético do que a consciência deseja, uma rede molecular pegajosa que procura abrir caminho para a vida.³ *Dasein* é uma “fermentação da subjetividade”,⁴ uma subversão viscosa da matéria, obviamente, que não pode emanar de uma vontade de poder, mas que conhece a si mesma somente ao preço da própria transformação monstruosa. Ser sujeito ao preço de se tornar gel.

TAMANHOS

Não é o tamanho dos meus dildos, e sim das minhas calças, o que desata em V. D. uma tentação normativa. São grandes demais, ela diz. Diz que as minhas calças são grandes demais para as minhas pernas, grandes demais para alcançar com suas mãos diretamente o meu clitopau.

³ Peter Sloterdijk, *Sphères*, op. cit., p. 28.

⁴ *Ibid*, p. 26.

A mim, parece difícil acreditar que se trata de uma questão de centímetros, sobretudo porque as mãos dela — sei por tê-las medido com meus dildos — têm 22 centímetros. Na verdade, o problema vem do fato de que ela obviamente não entrou plenamente na estética sapatoná. Mas ela vai se aproximando de mim. Você não tem mais quinze anos, ela diz. Sim, *baby*, tenho exatamente quinze anos. Eles me chamam de “menino pequeno com pau grande”. É exatamente disso que você gosta em mim, não me venha com moral sobre o tamanho das minhas calças. Calças que são grandes o suficiente para usar um dildo ereto dentro.

Anos atrás, minha mãe costumava trabalhar a domicílio para uma casa de confecção de vestidos de noiva. Foi ali que aprendi, com a minha mãe, tudo sobre tamanhos. Sua especialidade era fazer sob medida as peças de roupa íntima que a virgem revelaria diante de seu proprietário na noite de núpcias, logo antes de se transformar em uma honesta dona de casa. Antes de se tornarem feias e frígidas, as jovens noivas tinham a sorte de sentir durante breves minutos as mãos da minha mãe percorrendo recantos de seus corpos nunca antes tocados. Eu acompanhava minha mãe para segurar o giz e lhe passar os alfinetes. Foi assim que aprendi a sutil diferença entre o tamanho e o meio tamanho, e a abrir sutiãs e a cortar calcinhas.

Ela olha para mim. Abre as pernas. Escreve um manifesto com sua vulva. Vem. Suas mãos sobem dos meus pés até meus quadris, verificando se as costuras da minha calça se ajustam ao meu corpo. Estão te sobrando dois tamanhos, diz. E quanto a mim?, me pergunta. Não sei, será preciso ver. Despe-se, afasta-se e dança diante da janela.

SEX PICTURES

Às dez, depois de hesitar durante toda a tarde, eu me aplico uma dose de 50 mg de Testogel. Tiro fotos enquanto trepamos. Seu cabelo sobre meu clitopau. Dando uma chupada no Jimi. Seus olhos azuis, sua boca, o reflexo da lâmpada vermelha sobre seu seio. Uma tatuagem: um coração trancado com cadeado se apoia sobre duas rosas pretas em seu quadril. Outra: uma bomba com um detonador elétrico a ponto de explodir sobre seu braço. Outra: uma fileira de flores pretas rodeando seu seio esquerdo como uma cinta que prendesse a seriedade de seu coração. Imagens e sexo, duas maneiras de prender o tempo na matéria. Pede que eu apague as fotografias da memória da minha câmera digital. Faça ainda mais. Sua mão direita entrando na minha calça: unhas curtas pintadas de vermelho, um anel de caveira com asas de Hells Angels voa sobre seu dedo indicador, três pulseiras de plástico multicoloridas vindas da África que desenham três círculos sobre minha pele como aros olímpicos. Ela pede que eu apague tudo. Me diz: fotos são como tatuagens. Uma imagem inscrita para sempre sobre a pele da realidade. Para ela, cada fotografia leva consigo a possibilidade da magia, do conjuro, do mau-olhado e da influência a distância. Apague-as. Eu lhe mostro a foto de uma de suas tatuagens. Justine, a cadela, dorme sobre o coração preto. Se você encontrar a chave do meu coração, pode tatuá-la em você, ela me diz.

Ela poderia me deixar a qualquer momento. O amor é magia, é mau-olhado, é influência à distância, transmissão tele-endocrinológica. A qualquer momento, ela poderia dizer: *Fui a puta de um trans durante três meses*, como Christine Angot disse que havia sido lésbica durante três meses, citando a ladainha desesperada de Hervé Guibert:

*Tive aids durante três meses. Mais exatamente, acreditei durante três meses que estava condenado por esta doença mortal que chamamos de aids.*⁵ Guibert escrevia isso sabendo que já havia centenas de vermes que teciam um lençol de seda branca para o dia de sua morte. Os vermes entraram pelo seu cu e estenderam um tecido leve em volta de suas entranhas, quase sem fazer barulho. O celeste retrovírus já havia se apaixonado pelo jovem anjo loiro, como ele depois se apaixonou por você.

MORTES MUITO VERGONHOSAS PARA COMPARTILHAR

Acompanho v. d. até a porta da editora Grasset, na rue des Saints-Pères. Ela entrega seu livro terminado. Voltamos para minha casa carregadas de livros e filmes para o fim de semana. Ela ri ao imitar o uivo de Lemmy Kilminster, batendo no peito como um gorila fora de gaiola. Estamos ainda no estado de atordoamento próprio da euforia do escritor que acabou seu livro, quando s. liga. Eric morreu de overdose. Sextoy, Karen, Você, Eric. Um livro = uma morte. Cada nova etapa começa com uma morte. O luto como única alternativa para a melancolia. v. d. me diz que a única coisa que lembra da leitura de Blanchot é que as gerações se constroem sobre seus mortos compartilhados. Ela chora. Eu a acaricio. Sua pele é tão suave quanto a do ventre de Justine.

Como fazer luto de sua morte? Em 1935, o poeta espanhol Miguel Hernández escreve a seu amigo morto Ramón Sijé:

⁵ Hervé Guibert, *To The Friend Who Did Not Save My Life*, trad. Linda Cloverdale. Londres: Serpent's Tail, 1991, p. 1.

"Yo quiero ser llorando el hortelano / de la tierra que ocupas y estercolas, / compañero del alma, tan temprano".⁶ Este livro não basta para fazer luto da sua morte. Eu também quero te tirar da terra, quero beijar sua nobre caveira, quero chupar o osso do seu pau até que você me engravide pelo tubo digestivo, quero explorar seu ânus com meu melhor dildo, quero te fazer regressar às laranjeiras em flor das estradas de Valência em que pela primeira vez falamos de como você havia se masturbado lendo o *Manifesto*.

Vamos juntos no táxi. Enquanto deixamos para trás a Lonja de los Mercaderes, você me diz: "Você cheira bem. Seu livro é o melhor que li em filosofia depois de Sade." Você me diz que esse tipo de experiência te deixa dura. Não sabia que você tinha filmado a viagem a Valência. Haviam nos convidado para um colóquio sobre novas literaturas franco-espanholas. Tudo era cinza e acadêmico, exceto por você e por mim. Vejo o filme que Philippe e Tim montaram pela primeira vez em 22 de outubro, depois da sua morte. Você se filma no seu quarto de hotel, o mesmo hotel onde também estou hospedado. Você tira o pau da calça, coloca sobre a mesinha de cabeceira e o acaricia como se fosse um animal ferido. Você filma os terraços dos vizinhos, a roupa pendurada ao sol, as paredes descascadas, os pátios descoloridos. Você se filma enquanto dá sua conferência. Você está com uma camiseta cáqui de camuflagem do exército espanhol, como se estivesse *queerizando* o uniforme de Franco. Você fala em inglês apesar de eu ter te prevenido que em Valência

6 Miguel Hernández, "Elegía", *The Selected Poems of Miguel Hernández*, ed. Ted Genoways. Chicago: University of Chicago Press, 2001), 29, linhas 1-3. Em tradução literal: "Eu quero ser chorando o hortelão / da terra que você ocupa e aduba, / companheiro de alma, tão cedo."

ninguém vai entender. Você não quer se dirigir a eles em francês. Na realidade, você não quer se dirigir a eles. Você fala para uma espécie futura de euro-aliens-asiáticos bilíngues. Se pudesse, você falaria em japonês ou em um código metalinguístico, matemático ou musical. Você fala de sexo, de drogas, de música techno. Não está muito claro o que tudo isso tem a ver com esse colóquio acadêmico. Em resumo, você tem uma ideia: a maior revolução desde os anos 1970 foi feita pelos gays escutando música, drogando-se e trepando. Você tem medo de falar de literatura, da sua literatura. Você diz que a literatura foi inventada para chorar um amor perdido. Qual é seu amor perdido? Onde estão suas lágrimas? Por quem você chorou? Do que você tem medo? O que está te matando? O que poderia te salvar? Mas você volta ao sexo, à droga, à música techno. Em um momento você fala das lésbicas: diz que nós (e você me inclui entre elas) também somos parte dessa história do sexo, da droga e da música techno; você gira a câmera e me filma. Agora, olho essas imagens que você filmou. Você está morto. Eu me vejo na tela, bem na frente da sua imagem, como um reflexo fantasmagórico. É como se você se dirigisse a nós do além. E eu estou ali, do outro lado do além.

GÊNIO FARMACOPORNOGRÁFICO

Os anos 1990 estão longe. Aqueles foram anos diferentes, próximos como estavam da morte que havia encadeado todos nós a um laço viral que logo foi substituído por uma fita vermelha e por um dominó de dólares e moléculas farmacêuticas à nossa frente, permitindo-nos esquecer a morte enquanto a política ia morrendo.

A política *queer* como você a entendia não era senão uma preparação para a morte: *via mortis*. Política então da morte, sem populismo vitalista: reação frente à biopolítica e paixão pelo corpo decrépito, em processo de decomposição, necrofilia cultural. A política *queer* morreu com aqueles que a iniciaram e que sucumbiram ao retrovírus. Como você. Por isso talvez você tenha tido razão em se suicidar, se é que você se suicidou, apesar dessa conclusão da autópsia segundo a qual o que aconteceu foi que você misturou, sem saber, muitas moléculas sintéticas, como fizeram Jimi Hendrix e Janis Joplin. “Intoxicação medicamentosa” é o que todos disseram, incluindo a sua mãe e os poucos jornais que relataram a sua morte. Você foi vítima de uma overdose de biopolítica, de um coquetel letal de triterapias e antidepressivos, ou você voluntariamente escapou dessas cadeias de capital biotecnológico? Será que você saiu de bom grado desta economia, você se retirou de repente e sozinho deste jogo implacável, para fazer de seu corpo poeira de estrelas, para tirá-lo do mercado da vida, para que de seu corpo fiquem só suas palavras, como moléculas legíveis?

Seu corpo, você também o havia colocado em jogo. Você brincava com a morte. Por isso você se permitia tomar o veneno da escritura. Antes de mim, você já havia tomado tudo. Isso que o governo chama de drogas pesadas, as ilegais, com certeza, e as outras, as drogas pesadas comercializadas pelo governo, tais como a triterapia, e também a testosterona, antes de mim, para ficar de pau duro. Porque isso do *bareback*⁷ não era somente uma

7 Do termo *barebacking*. Literalmente, montar a pelo, sem sela. Prática coletiva e consensual de penetração sem preservativo que aparece nas comunidades gays dos Estados Unidos durante os anos que seguem à

cachorrada política que uns camicases de São Francisco haviam inventado para desbaratar as políticas preventivas anti-aids ou para foder a esquerda moralista do ACT UP: era a única forma de poder meter em alguém durante três bons e breves minutos. Não há quem enfie uma camisinha quando o pau está flácido. Ninguém tem colhão de dizer a verdade, você tinha me dito um dia em um porão da rue Keller enquanto desenhava um pau com o dedo sobre o meu seio. O problema era continuar masturbando-se nos dias de inverno pelos amantes mortos, pelos livros que você não terá tempo de escrever. Continuar se masturbando — por isso o lance dos dildos ia bem, para poder deixar de se preocupar com a ereção, para tê-lo sempre duro, você repetia para mim enquanto enfiava a língua em um dos buracos do nariz e se queixava de que o pessoal do ACT UP queria sua pele, que estavam decididos a arrancá-la e que mais dia menos dia você ia dar a eles o que queriam, a sua pele. E eu não acreditava em você.

PICO CANINO

O fim da inocência não começa com a consciência de que se é mortal nem sequer de que os outros também o são. Começa com a intuição de que matamos para sobreviver. De que somos predadores, carnívoros. Mais ainda, selvagemmente onívoros, devoradores de tudo que é vivo. De que

crise da aids como uma alternativa radical ao controle e à vigilância das práticas sexuais. Hoje, o termo está no centro de uma controvérsia biopolítica em torno da gestão do corpo HIV-positivo e de seus fluidos. Refere-se ainda, na atualidade, a todas as práticas sexuais de penetração sem preservativo, sejam consensuais ou não.

a sobrevivência depende de aprender a matar a beleza que nos rodeia. Ultimamente, a cada dia vejo a morte de um animal. Começa com a baleia que se enfia no Tâmis e morre sem encontrar o caminho para o mar. Depois, vem o cavalo estripado em *Carne*, de Gaspar Noé, o cachorro assassinado a mordidas no filme de Iñárritu, os frangos contaminados pelo vírus H5N1 e enfiados em sacos de cal na Turquia. Em *Santa Sangre*, o filme de Jodorowsky, a menina, como uma variação animal do humano, tem os dois braços cortados e morre afogada em seu próprio banho de sangue. Depois, um elefante se dessangra pela tromba enquanto um povoado inteiro o esquarteja. Não estou preparada para esta violência. Não sei como me defender. Não estou preparada para o amor com V. D. Não estou preparada para T. Sou a baleia, o cavalo, o cachorro, os frangos, o elefante, a menina. A idade adulta começa quando compreendo que ninguém pode fazer nada pela minha felicidade: nem meu pai, nem minha mãe, nem a sociedade, nem o Estado, nem minha namorada, nem uma puta, nem a testosterona. Nesse momento, me viro para Justine e encontro uma solução canina para um problema cósmico.

Aplico-me uma dose antes de me deitar. O Testogel tomado fora de um protocolo de controle de mudança de sexo é, efetivamente, um troço perigoso. O problema não é a dependência. Uma pequena dependência ainda não pode ser chamada de "testomania"... O problema é a gestão da própria identidade: homem, mulher, transexual, transgênero etc. Mais uns dias e a testosterona no meu sangue, graças a alguma lei misteriosa que nenhum livro de farmacologia descreve, se metamorfoseia em algo novo. Eu sei: é o diabo que se mistura com meu sangue.

Nesse domingo, passamos o dia inteiro na cama, V. D., Justine e eu. Dormindo e lendo. Cada vez que ela acorda,

busca meu sexo com a boca. V. D. dorme de sutiã, e eu vestindo um dildo preto 17 x 3 cm. Ela lê o último livro de memórias de Simone, *Tout compte fait*,⁸ e eu *Les chiens*, de Guibert. Simone escreve sobre suas relações com mulheres — primeiro Zaza, Bianca, Violette Leduc; depois, passa a nos dizer que, durante certo tempo, sua amizade com Sylvie LeBon “ganhou um espaço muito importante na sua vida”. Nem uma palavra sobre sexo, claro. Nada sobre seu lesbianismo entrincheirado atrás de sua casta amizade com Sartre. Entretanto, o narrador de Guibert se faz penetrar por cada buraco, come todos os paus que passam, engole todo o esperma. Sublime contaminação. V. D. e eu lemos e trepamos, e é assim que se produz uma comunhão molecular entre o seu livro e o meu. Bianca, que está com uma enorme cinta peniana realista, penetra Violette analmente enquanto ela chupa o clitóris de Simone. Violette gosta de fazer as duas coisas ao mesmo tempo: que lhe enfiem no cu enquanto ela leva uma boceta à boca. E é assim que, pouco a pouco, mas com uma inevitável determinação, em um domingo de 2006, o esperma do quarto de fundos guibertiano se derrama sobre a cabeça de Beauvoir formando um turbante inesperado.

CHAPADO DE T.

Ontem tomei a minha última dose de T. Hoje, começo a notar os efeitos. Não há dúvida. Estou chapada de testo. Uma das primeiras manifestações da testosterona reside

⁸ Simone de Beauvoir, *All Said and Done*, trad. Patrick O'Brian. New York: Paragon House, 1993.

no sentimento de que o interior do meu corpo é uma massa fibrosa e flexível que pode estender-se em qualquer direção do espaço; você poderia chamá-lo de uma convicção orgânica, o sentimento de que essa intencionalidade muscular pode agarrar qualquer objeto, a segurança de que qualquer obstáculo pode ser ultrapassado. Mas, além disso, a pele fica um pouco mais oleosa, há a excitação sexual, o suor. Desejo a maioria dos efeitos da testosterona, mas não suporto meu próprio suor quando estou em T. Um cheiro que não vem de nenhum outro lugar, de nenhum outro corpo, mas que sai da minha pele, que vai diretamente da minha pele através da minha glândula pituitária até meu cérebro. Estou em T. Estou me tornando T.

Hoje, com a última dose de T., penso que as coisas avançam. V. D. me ama; meus projetos se movem; estamos em um trem que nos leva até Londres. São os últimos dias do inverno. Estou louca por ela. Passamos pelo canal da Mancha. Sob a terra. Ela dorme ao meu lado. Acorda e me diz que sonhou que nosso amigo Sextoy nos levava para dar uma volta em seu carro esportivo e que você, G. D., estava com a gente. Tomamos um chá Clipper. Agora sou eu que durmo. Deliciosamente. Enquanto eu durmo, dezenas de emigrantes ilegais se agarram aos chassis dos caminhões de mercadorias para passar a fronteira. Sonho que ao chegar à aduana me prendem por tráfico de testosterona. Quando abrem a minha mala, só encontram duas bolas de haxixe, uns cigarros American Spirit livre de aditivos e dois dildos. Fico dois anos presa. No meu sonho, a prisão me tranquiliza: será como um detox de T.

Somos dois bambis sobre o gelo, diz ela, enquanto caminhamos, horas depois, pelas ruas ainda geladas de Londres.

FILOSOFIA DA DECAPITAÇÃO



Há anos perguntei a um mestre budista jesuíta o que era a filosofia e como eu saberia um dia se estava filosofando. Ele me respondeu contando uma fábula. Um jovem aspirante à filosofia sobe uma montanha, acompanhado de seu velho mestre. Caminham juntos por uma estrada sinuosa e inclinada que margeia a montanha, à beira de um precipício. O mestre prometeu ao discípulo que, antes de chegar ao topo, lhe será oferecida a possibilidade do entendimento e que se abrirá para ele a oportunidade de começar a tarefa da filosofia. Advertiu-lhe que a prova será dura. Mas o discípulo insistiu. A subida é árdua, e o jovem começa a se desesperar. Caminharam durante horas e estão a ponto de chegar ao lugar mais alto quando, de repente, o mestre tira uma faca voadora de sua mochila e a lança ao vazio, sacudindo a mão ligeiramente. A hélice fica pequena enquanto se afasta rumo às nuvens e cresce enquanto volta na direção dos dois homens. O barulho se faz mais intenso, até que a faca vem a cortar, de um único talho implacável, a cabeça do mestre. O sangue salpica a cara do discípulo, que observa a cena, estupefato: a cabeça limpidamente seccionada, os olhos desperpetos, rola por uma das ladeiras da montanha, enquanto o corpo, com os braços ainda agitados, desliza pelo outro lado até o precipício. Sem sequer ter tempo para agir, o discípulo se pergunta se deve correr por um lado da montanha para recolher a cabeça ou pelo outro, para recolher o corpo. Autoseccionar-se a cabeça. Colocar à distância de si seu próprio corpo. Fazer a experiência da separação. Até agora, no Ocidente, acreditamos que o filósofo é uma cabeça pensante (o pressuposto de um homem cis que, supondo que deixava seu corpo de lado, criou um

sistema econômico cujo pau assumiu a posição universal). Mas, na fábula budista, a segunda possibilidade é tão válida quanto a primeira: correr para o lado do corpo e, como Artaud, forçar o corpo a produzir o texto. Duas vias irreconciliáveis: uma cabeça autonomamente datilógrafa, que não precisa de mãos para escrever; ou um corpo decapitado que produz, como que por supuração, uma anotação inteligível. Eis aqui o desafio e a tentação de toda filosofia: correr atrás do corpo ou da cabeça. Mas, e se a resposta fosse o próprio ato do mestre? Se a possibilidade da filosofia residisse não tanto na escolha entre a cabeça ou o corpo, e sim na prática lúcida e intencional da auto-decapitação? Ao começar este livro administrando-me testosterona (em vez de comentando Hegel, Heidegger, Simone de Beauvoir ou Butler), eu quis me decapitar, cortar minha cabeça modelada por um programa cultural de gênero, dissecar parte desse modelo molecular que reside em mim. Este livro é a marca deixada por este corte.

VIDA ETERNA

Agora você está morto e enterrado, decomposto; você foi aberto e, então, fechado novamente; portanto, você esteve vazio por um momento, depois cheio de vermes, trancado para sempre nessa caixa, livre como nunca. E eu tenho que te dizer adeus, te saudar como a um faraó, impossível saber se, entre tanta gente, você vai se dar conta da minha presença. Sua mãe fala. Seria mais exato dizer que ela usa a linguagem contra nós, contra você. Ela não lê nada do que você escreveu, nenhuma frase sua. Ela balbucia as palavras e não nos diz nada do que você significou para nós. Agora você está na sua última morada. Mas

eu gostaria que você estivesse *dans ma chambre*.⁹ Venho para te dizer *adieu*.

Nesse dia, tenho previsto fazer uma oficina *drag king* na Escola de Belas Artes de Bourges. Quando digo aos participantes que não poderei fazer a oficina porque morreu um amigo, queixam-se, pedem para eu ficar. Para eles, tanto faz que estejam te enterrando: o que querem é fazer sua oficina. Mas vou ao seu enterro. Não, não o faço por você, não o faço nem por pena nem por obrigação. Deixo o King Victor encarregado da oficina e pego um trem para Paris. Mais uma vez, é você que guia meus dedos enquanto telefone para V. D. Ela me diz que estará esperando por mim na porta do cemitério de Montparnasse. Não tenho nada que fique bem para um enterro, então venho com uma calça preta e uma camiseta azul neon. Estou vestida como um colegial. Nem sequer pude vir de *drag king*. Ao chegar ao *boulevard* Edgar Quinet, vejo V. D. de longe. Ela se preparou para a ocasião, está vestida como uma senhora da máfia siciliana: um terno com saia preta, uma bolsa anos 1950, casacão preto, sapatos pretos de salto. Eu me aproximo para lhe dar um beijo. Minha pele toca a pele de sua bochecha. Minha boca está apenas um centímetro abaixo de sua boca. Nossos joelhos estão exatamente na mesma altura, nossos sexos estão exatamente na mesma altura, como ela me dirá alguns dias mais tarde. O ar quente que emana de seu corpo desce até mim enquanto esfria. Respiro diretamente um fio de seu hálito enquanto ela me pergunta: "Você está bem?" Ela está rodeada de gente: Axelle, Ann, suas amigas lésbicas. Mas se agarra ao meu braço para seguir o pequeno grupo que veio te dizer adeus.

⁹ *Dans ma chambre* (No meu quarto) é o título de um romance do falecido escritor francês Guillaume Dustan.

Onde estão seus leitores? Onde estão todos os que se masturbaram te lendo? Por que não vieram se masturbar uma última vez com você? Covardes.

O modo como a pele da bolsa se deforma me faz pensar que V. D. leva dentro uma Luger 9 mm.

Ela agarra meu braço e caminha comigo até o buraco em que vão te enfiar. Seu ataúde, último *sling* em que você vai se deixar dar pelo cu por toda a eternidade, desliza na terra. As pessoas avançam sozinhas ou de dois em dois até o montículo de terra que tiraram para poder te enfiar. Agora é você que tomou o lugar antes ocupado por essa terra, e essa terra, fora, está onde você estava antes. V. D. caminha comigo até a beira do montículo. Seu caixão desceu até o fundo, mas ainda seria fácil pular e colocar-se de pé sobre ele, ainda seria possível jogar um machado e fazer um rombo por onde te tirar daí. Mas ninguém se move. As pessoas trouxeram flores, sobretudo rosas brancas, algumas vermelhas, que foram atirando sobre a madeira laqueada. Mas ninguém trouxe um machado, muito menos eu. Nessa mesma manhã, antes que seu corpo seja para sempre coberto de terra e se torne invisível, eu enterrei a fita mini-DV com o título *Dia da sua morte* no parque de pântanos de Bourges. Eu a enfiei em uma caixa de fósforos compridos, sobre a qual escrevi seu nome — seus nomes: William, Guillaume, Dustan, Baranes — duas vezes. Fiz um buraco com as minhas mãos na terra macia e lamacenta que margeia o rio e a enterrei, como fiz a primeira vez em que enterrei um pássaro caído do ninho, ao qual tentei salvar quando tinha seis anos e ao qual afoguei com migalhas de pão molhadas no leite.

Se você ainda estivesse vivo, com certeza nos odiaria, a V. D. e a mim, com um ódio quente e sedoso como um pau que não fica duro, porque você saberia que ela e eu,

juntas, somos a revolução em marcha. Por isso, você faria o luto do seu heroísmo gonádico e nos escolheria como lobas sagradas para levar adiante seu legado aidético. V. D. está de pé junto a mim diante do seu caixão. Ao sentir seu braço direito contra o meu lado esquerdo, percebo, entre a multidão, que ela é minha futura viúva. V. D., a Dama das Letras Negras Francesas, é minha futura viúva. Teu enterro é o nosso casamento. Você, ninguém mais do que você, é o fantasma oficial que selará sob a terra a aliança entre tua morte e nosso amor.

Enquanto nos afastamos do teu corpo, que já começou a fermentar entre as flores de Montparnasse, eu te prometo que viremos tocar nossos seios em cima do seu túmulo, que viremos deixar sobre a lápide as marcas dos nossos fluidos corporais. Como dois lobos em mutação, dormiremos sobre seu túmulo, esquentaremos seus ossos. E, como dois vampiros, viremos saciar sua sede de sexo, sangue e testosterona.

AGRADECIMENTOS

Este projeto não poderia ter se realizado sem o generoso apoio do Prêmio de Ajuda à Escrita e à Pesquisa do Centre National des Arts Plastics da França, assim como de uma bolsa de pesquisa na área dos Estudos Gays, Lésbicos, Queer e Transexuais da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos.

Quero expressar meu agradecimento a Mercedes Casanovas, Lola Cruz, Loida Díez, Ariane Fasquelle e José Pons por sua ajuda nas diversas etapas da edição deste livro. Gostaria de agradecer muito especialmente a Alejandro Jodorowsky por tornar possível que este projeto se transformasse em livro e pelos seus ensinamentos. Também quero agradecer a Del LaGrace Volcano e a King Erik pelas conversas, intercâmbios e práticas que ao longo desses últimos anos motivaram minha escrita e minhas formas de vida. A Stéphanie Heuze e Lydia Lunch *for bringing us together*. Agradeço também a Antonia Baehr, Judith Butler, María José Belbel, Mauro Cabral, Angela Davis, Didier Eribon, Isabelle Ginot, Donna J. Haraway, Francisco J. Hernández Adrián, Pedro Lemebel, Nina Roberts e Rash, Diane Torr, Javier Sáez, Eve K. Sedgwick, Annie Sprinkle, Juan Carlos Southerland, Elisabeth Stephens, King Victor, Linda Williams, Itziar Ziga, os membros do LICT, da Guerrilha Travolaka, do Post Op e do Queer MC, e a todos aqueles que me fizeram avançar graças aos seus ensinamentos durante as sessões da oficina de Tecnologias do Gênero do MACBA, nos diferentes seminários de Artleku em Donostia, a UNIA em Sevilha, o Centro Pompidou, l'École Normale, a Universidade Paris 8, da revista *Multitudes*, ou em encontros, conferências oficinas ou festas do outro lado do Atlântico, da Universidade de Duke até os espaços do MUMS, Centro de Minorias Sexuais de Santiago do Chile, passando pelo centro de produção cultural Emmetrop em Bourges, França.

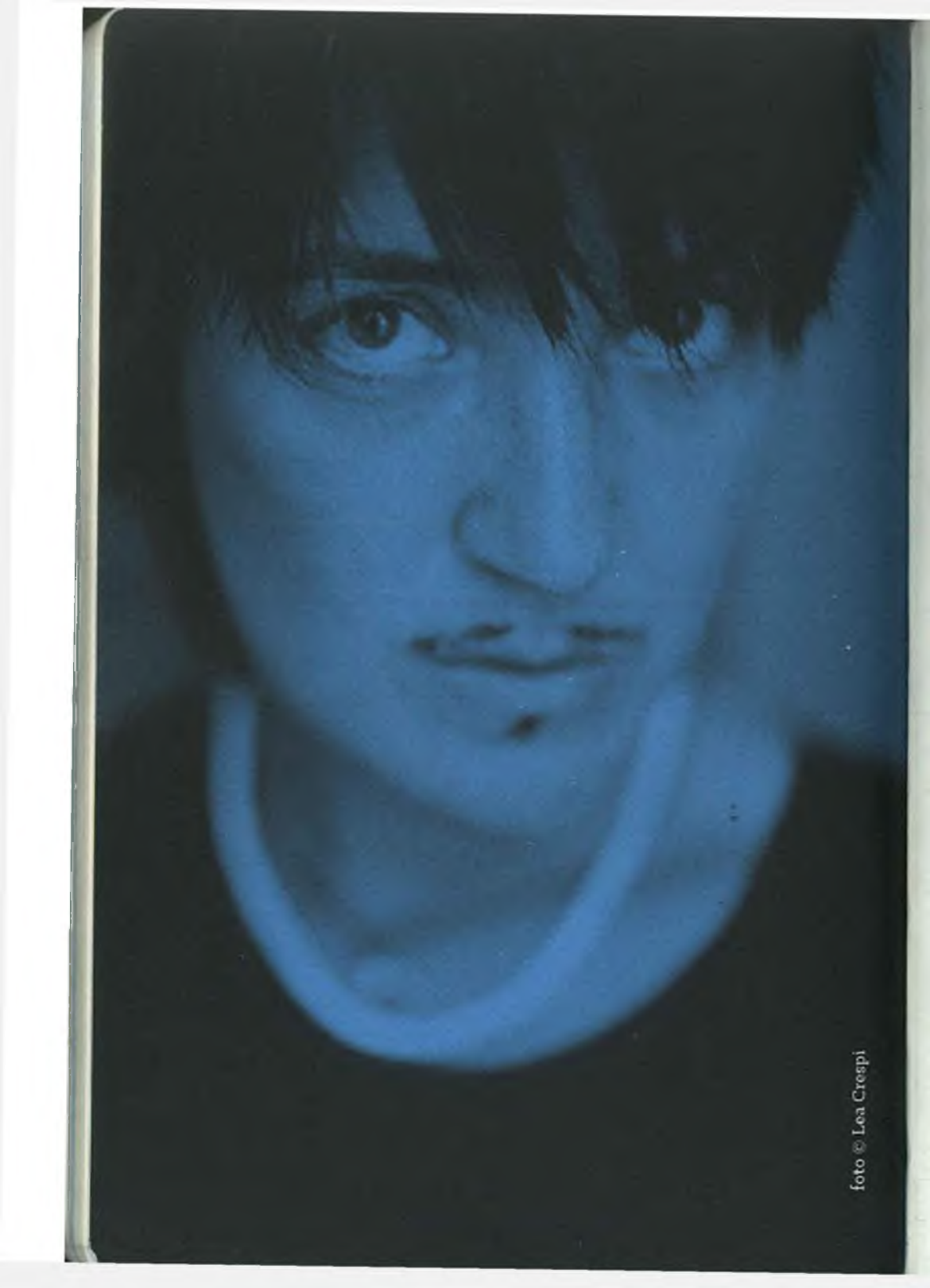


foto © Lea Crespi

PAUL B. PRECIADO, nascido na Espanha como Beatriz Preciado, é um dos fundadores da teoria *queer*. Com sólida formação filosófica, discípulo de autores como Foucault, Deleuze e Derrida, e em vivo debate com Judith Butler, Preciado renovou a perspectiva sobre as dissidências de gênero em suas relações com o capitalismo. Com sua escrita cáustica, é leitura obrigatória para repensar a subjetividade e as novas figuras da sexualidade contemporânea. Formado pela Universidade de Princeton, lecionou sobretudo em Paris, Barcelona e Nova York.

Depois do sucesso de seu *Manifesto Contrassexual* entre nós, e com o lançamento de *Testo Junkie: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica*, o próximo livro do autor pela n-1 edições, já em fase de preparação, é *Pornotopia*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P923 Preciado, Paul B.

Testo Junkie / Paul B. Preciado ; traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. - São Paulo : n-1 edições, 2018.
448 p. ; 13cm x 20cm.

Inclui índice.

ISBN: 978-85-66943-53-5

1. Ciências Políticas: 2. Gênero. I. Ribeiro, Maria Paula Gurgel. II. Título.

2018-343

CDD 305.42

CDU 396

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático

1. Ciências políticas : Gênero 305.42
2. Ciências políticas : Gênero 396

n-1

O livro como imagem do mundo é de toda maneira uma ideia insípida. Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira mais simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$.

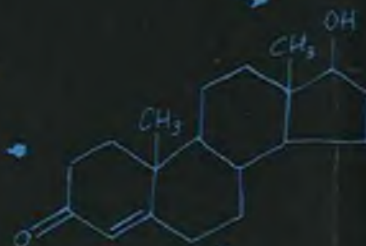
GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI

“Este livro não é uma autobiografia, mas um protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona”.

A bomba atômica, a pílula anticoncepcional, o tráfico de drogas, a invenção da noção de gênero, a transformação do pornô na nova cultura de massas, o trabalho sexual como modelo de todo trabalho na sociedade pós-fordista, o consumo de testosterona... Neste livro, Preciado nos convida a percorrer várias trilhas do regime farmacopornográfico, indissociáveis do capitalismo turbinado, psicotrópico e punk.

Ao descrever o “experimento político que durou 236 dias e noites”, o autor investiga os processos de construção e desconstrução da subjetividade.

O resultado é este ensaio brilhante e provocativo sobre o lugar que ocupa o corpo, o sexo e a sexualidade na sociedade contemporânea. TESTO JUNKIE é nada menos do que uma bomba conceitual.



n-1edicoes.org

ISBN 9788566943535

